da autora de *Se eu ficar* e *Para onde ela foi*

GAYLE FORMAN



eu estive aqui

ARQUEIRO

eu estive aqui



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

GAYLE
FORMAN



eu estive aqui

ARQUEIRO

Título original: *I Was Here*
Copyright © 2015 por Gayle Forman
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Leitura Facil

“Fireflies”, interpretada por Bishop Allen, utilizada com a permissão de Justin Rice e Christian Rudder, cortesia de Superhyper/ASCAP
“Firefly”, interpretada por Heavens to Betsy, utilizada com a permissão de Corin Tucker, cortesia de Red Self Music/ASCAP

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Hermínia Totti e Rafaella Lemos

progeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Blacksheep Design

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F82e

Forman, Gayle
Eu estive aqui [recurso eletrônico] / Gayle Forman [tradução de Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: I was here
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-424-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

15-22289

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Suzy Gonzales

1

Um dia depois de Meg morrer, eu recebi esta mensagem:

> Sinto informar que precisei dar fim à minha própria vida. Estou adiando esta decisão há muito tempo, e ela é minha e de mais ninguém. Sei que isso lhe causará sofrimento, e lamento que seja assim, mas saiba que eu precisava acabar com a minha dor. Não tem nada a ver com você, mas tudo a ver comigo. Não é culpa sua.
>
> Meg

Ela enviou o e-mail para os pais e para mim. A polícia de Tacoma também o recebeu, junto com outra mensagem que os informava em que motel e em que quarto ela estava, que veneno tinha ingerido e pedia que seu corpo fosse manuseado com cuidado. No travesseiro do quarto, havia outro bilhete – instruindo a arrumadeira a chamar a polícia e não tocar no corpo –, além de uma gorjeta de 50 dólares.

Ela programou o horário de envio dos e-mails, assim, quando nós os recebêssemos, já estaria morta havia bastante tempo.

É claro que eu não sabia de nada. Então, quando li o e-mail de minha amiga pela primeira vez na biblioteca pública da nossa cidade, achei que fosse algum tipo de brincadeira. Ou um golpe. Liguei para Meg. Como ela não atendeu, telefonei para os pais dela.

– Vocês receberam o e-mail de Meg?

– Que e-mail?

2

Primeiro tem as cerimônias em memória de Meg. Depois as vigílias. Mais tarde, os círculos de oração. Não é fácil saber o que fazer em cada um deles. Nas vigílias, você segura velas, mas às vezes também faz isso nos círculos de oração. Nas cerimônias, as pessoas conversam, mas o que há para dizer?

Já é ruim o bastante que ela tenha morrido. Por escolha própria. Mas, só por me sujeitar a tudo isso, eu teria sido capaz de matá-la.

– Cody, você está pronta? – pergunta Tricia.

É uma quinta-feira, fim de tarde, e estamos indo para a quinta missa do mês. Desta vez, é uma vigília à luz de velas. Acho.

Saio do quarto. Minha mãe está fechando o zíper do traje que comprou de segunda mão após a morte de Meg. Ela o vem usando como traje de luto, mas tenho certeza que, depois que tudo isto passar, ele vai ser promovido a vestido de festa. Ela fica muito bonita com ele. Como no caso de muita gente na cidade, o luto lhe cai bem.

– Por que ainda não está pronta? – questiona ela.

– Todas as minhas roupas boas estão sujas.

– Que roupas boas?

– Está bem, todas as minhas roupas vagamente fúnebres estão sujas.

– Como se você ligasse para isso.

Nós nos encaramos, emburradas. Quando eu tinha 8 anos, Tricia anunciou que eu já era velha o suficiente para lavar minhas próprias roupas. Eu odeio lavar roupa. Você já deve ter imaginado o resultado.

– Não sei por que precisamos ir a outro evento.

– Porque a cidade precisa digerir o que aconteceu.

– A cidade precisa mesmo é de mais um drama para se distrair.

A nossa cidade tem 15.074 habitantes, de acordo com a placa desbotada da autoestrada. “Quinze mil e setenta e três”, corrigiu Meg quando conseguiu fugir para uma faculdade em Tacoma após receber uma bolsa integral no outono passado. “Quinze mil e setenta e dois depois que você vier para Seattle e nós formos morar juntas.”

Continua em 15.073 agora, e desconfio que vá ficar assim até alguém nascer ou morrer. A maioria das pessoas não sai daqui. Mesmo quando Tammy Henthoff e Matt Parner largaram o marido e a esposa para fugirem juntos – a fofoca mais quente por aqui antes de Meg –, eles foram morar em um trailer nos arredores da cidade.

– Preciso mesmo ir?

Não sei por que me dou o trabalho de perguntar. Tricia é minha mãe, mas não tem esse tipo de autoridade. Sei que preciso ir e sei por quê. Por Joe e Sue.

Eles são os pais de Meg. Ou eram. Ainda me confundo com os tempos verbais. Você deixa de ser pai de alguém quando a pessoa morre? Quando ela escolhe morrer?

Joe e Sue estão arrasados, suas olheiras tão fundas que não vejo como poderão desaparecer um dia. E é por eles que coloco meu vestido menos fedorento e me preparo para cantar. De novo.

Preciosa graça. Que um dia me irritou.

3

Já escrevi uns dez elogios fúnebres para Meg, imaginando todas as coisas que poderia dizer a respeito dela. Como quando nos conhecemos na primeira semana do jardim de infância e ela fez um desenho de nós duas, com nossos nomes e mais algumas palavras que eu não entendi, pois, ao contrário de Meg, ainda não sabia ler nem escrever. “Está escrito ‘melhores amigas’”, explicou ela. E, como todas as coisas que Meg queria ou previa, isso se tornou realidade. Poderia dizer que ainda tenho esse desenho. Que o guardo em uma caixinha de metal que contém todas as minhas coisas mais importantes e que ele está vincado por conta da idade e de tanto ser visto.

Ou poderia falar que Meg sabia coisas sobre as pessoas que elas próprias talvez não soubessem. Como, por exemplo, a quantidade exata de espirros que você dá de uma só vez; parece que existe um padrão para cada um. O meu era três. Scottie e Sue, quatro. Joe, dois. O de Meg era cinco. Ela também se lembrava do que você estava vestindo em cada ocasião especial, em cada Halloween. Era tipo o arquivo da minha história. E a criadora dela também, já que passei quase todos os meus dias de Halloween com Meg, geralmente vestindo alguma fantasia que ela havia criado.

Ou talvez pudesse falar da obsessão de Meg por canções sobre vaga-lumes. Começou no nono ano, quando ela comprou um single em vinil de uma banda chamada Heavens to Betsy. Ela me arrastou para o seu quarto e me colocou para ouvir o disco riscado naquela vitrola antiga que comprara por 1 dólar em um bazar de igreja e consertara sozinha, com a ajuda de alguns vídeos instrutivos do YouTube. *And you will never know how it feels to light up the sky.*

You will never know how it feels to be a firefly. Nós nunca saberemos qual é a sensação de iluminar o céu como um vaga-lume... A voz de Corin Tucker era ao mesmo tempo forte e vulnerável, de um jeito que parecia quase sobre-humano.

Depois de descobrir a Heavens to Betsy, Meg tomou para si a missão de encontrar todas as canções boas sobre vaga-lumes. No melhor estilo Meg, em poucas semanas ela já havia reunido uma lista gigantesca. “Você por acaso já *viu* um vaga-lume?”, perguntei.

Eu sabia que não. Como eu, Meg nunca tinha ido para nenhum lugar a leste das Montanhas Rochosas. “Ainda tenho tempo”, afirmou ela, abrindo os braços, como se quisesse demonstrar quanta vida havia lá fora, à sua espera.

• • •

Joe e Sue pediram que eu falasse na primeira cerimônia, a maior de todas, que deveria ter sido realizada na igreja católica que os Garcias frequentavam havia anos. Porém, o padre Grady, embora fosse amigo da família, era um homem que seguia as regras. Ele disse ao pai e à mãe de Meg que sua filha havia cometido um pecado mortal, portanto sua alma não seria aceita no céu e que seu corpo teria que ir para um cemitério que não fosse católico.

A última parte era ainda um pouco mais complicada. A polícia demorou um bom tempo para liberar o corpo. Aparentemente, o veneno que ela havia usado era raro. Ninguém que conhecesse Meg se surpreendeu com esse dado. Ela nunca usava roupas de marca, sempre escutava bandas das quais ninguém tinha ouvido falar. É claro que encontrara algum veneno obscuro para ingerir.

O caixão sobre o qual todos choraram naquela primeira cerimônia estava vazio e não houve enterro. Entreouvi Xavier, o tio de Meg, dizer à namorada que talvez fosse melhor que nunca houvesse. Ninguém sabia o que escrever na lápide. “Tudo acaba

parecendo uma censura", ponderou ele.

Tentei escrever um elogio fúnebre para aquela missa. Juro. Cheguei a pegar o CD de canções sobre vaga-lumes que Meg gravara para me inspirar. A terceira era "Fireflies", dos Bishop Allen. Acho que nunca tinha prestado atenção na letra, porque, quando a ouvi de verdade, foi como se tivesse recebido um tapa do além: *It says you can still forgive her. And she will forgive you back*.

Mas não sei se ainda posso perdoá-la.

E não sei se ela me perdoou também.

Falei para Joe e Sue que sentia muito, mas que não podia fazer um elogio fúnebre, pois não conseguia pensar em nada para dizer.

Foi a primeira vez que menti para eles.

• • •

A cerimônia de hoje é no Rotary Club, então não é um evento religioso oficial, embora o orador seja uma espécie de reverendo. Não sei de onde eles saem, todos esses oradores que nem conheciam Meg direito. Ao final, Sue me convida para outra recepção em sua casa.

Eu costumava passar tanto tempo na casa de Meg que conseguia adivinhar o humor de Sue pelo cheiro que sentia ao atravessar a porta. Manteiga significava que ela estava fazendo bolo, logo estava melancólica e precisava se animar. Um cheiro picante significava que ela estava feliz, preparando comida mexicana para Joe, embora fizesse mal ao estômago dela. Se fossem pipocas, ela estaria na cama, com as luzes apagadas, sem cozinhar nada, e Meg e Scottie tinham que se virar sozinhos, portanto haveria um rodízio de tira-gostos de micro-ondas. Nesses dias, enquanto subia para cuidar de Sue, Joe comentava, em tom de brincadeira, que nós, crianças, tínhamos sorte de poder comer aquele monte de porcarias. A gente fingia que concordava, mas,

depois do segundo ou terceiro enroladinho de salsicha, normalmente minha vontade era de vomitar.

Conheço tão bem os Garcias que, quando telefonei para eles naquela manhã após receber o e-mail de Meg, eu sabia que, embora fossem onze da manhã de um sábado, Sue ainda estaria na cama, mas não dormindo. Ela dizia que nunca conseguiu reaprender a dormir até tarde depois que os filhos pararam de acordar cedo. E Joe já teria feito o café e aberto o jornal sobre a mesa da cozinha. Scottie estaria vendo desenhos animados. A rotina era uma das muitas coisas que eu adorava na casa de Meg. Era tão diferente da minha, onde o mais cedo que Tricia costumava acordar era ao meio-dia. Mas em certas ocasiões você poderia encontrá-la preparando café da manhã. Em outras, poderia nem estar em casa.

No entanto, agora existe outro tipo de rotina na casa dos Garcias, bem menos convidativa. Mesmo assim, quando Sue me convida para ir até lá, eu vou, por mais que preferisse recusar o convite.

• • •

O grupo de carros parado em frente à casa é menor do que costumava ser nos primeiros dias, quando toda a cidade vinha fazer visitas de condolências com um pirex nas mãos. Era um pouco difícil de aturar todas aquelas travessas de comida acompanhadas de “sinto muito pela sua perda”, pois, em outras partes da cidade, a fofoca corria solta. “Não me surpreende. Aquela garota sempre foi muito maluca”, eu escutara sussurrarem no supermercado. Meg e eu sabíamos que algumas pessoas diziam coisas desse tipo a respeito dela – em nossa cidade, ela era como uma rosa brotando no deserto; confundia os outros –, mas, agora, esses comentários já não pareciam motivo de orgulho.

E Meg não era o único alvo. No bar de Tricia, eu ouvi duas moradoras da cidade soltarem farpas sobre Sue. “Eu saberia se minha filha estivesse pensando em *se matar*”, afirmou a mãe de Carrie Tarkington, que tinha ido para a cama com metade da escola. Eu estava prestes a perguntar se ela sabia *disso*, já que era tão onisciente. Mas então sua amiga acrescentou: “Sue? Você só pode estar de brincadeira! Aquela mulher parece que está no mundo da lua; e isso nos melhores dias.” E eu fiquei pasma com a crueldade delas. “Como vocês se sentiriam se tivessem acabado de perder uma filha, suas vacas?”, explodi. Tricia teve que me levar para casa.

Depois da cerimônia de hoje, Tricia me deixa na casa dos Garcias, pois precisa trabalhar. Eu entro sem bater. Joe e Sue me abraçam forte por um instante a mais do que seria confortável. Sei que minha presença deve servir um pouco de consolo para eles, mas, pelo olhar de Sue, dá para imaginar as perguntas que lhe passam pela cabeça, e sei que todas podem ser resumidas a uma só: *Você sabia?*

Não sei o que seria pior. Se eu tivesse sabido e não contado a eles. Ou a verdade, que é a seguinte: embora Meg fosse minha melhor amiga e eu tivesse lhe contado tudo o que havia para contar a meu respeito, supondo que ela tivesse feito o mesmo, eu não sabia. Não fazia a menor ideia.

Estou adiando esta decisão há muito tempo, ela escreveu em sua mensagem. Há muito tempo? Quanto? Semanas? Meses? Anos? Eu conhecia Meg desde o jardim de infância. Éramos melhores amigas, quase irmãs. Por quanto tempo ela adiou a decisão sem me contar? E o mais importante: por que ela não me contou?

• • •

Depois de ficarmos sentados por dez minutos em um silêncio triste e

respeitoso, Scottie, o irmão de 10 anos de Meg, se aproxima de mim com o cachorro deles – ou melhor, só dele agora –, Samson, em uma coleira.

– Vamos passear? – pergunta ele, tanto para mim quanto para Samson.

Faço que sim com a cabeça e me levanto. Scottie parece ser o único que ainda guarda alguma semelhança com quem era antes, talvez por ser mais jovem – embora não seja tão novo assim e ele e Meg fossem muito próximos. Quando Sue tinha crises de humor e sumia, e Joe também desaparecia para cuidar dela, era Meg quem cuidava de Scottie.

Estamos no fim de abril, mas os pais dele não nos alertam sobre o mau tempo. O vento está forte e gelado. Andamos até o descampado em que todo mundo deixa os cães fazerem cocô, e Scottie solta Samson. Ele sai correndo, eufórico, feliz em sua ignorância canina.

– Como você está, Runtmeyer?

Eu me sinto falsa usando o seu velho apelido para implicar com ele, e já sei como Scottie está. Mas, sem Meg por perto para fazer o papel de mãe, e Sue e Joe perdidos em sua própria dor, alguém precisa pelo menos perguntar.

– Já cheguei à sexta fase no Fiend Finder. Posso jogar quanto quiser agora.

– Essa é uma vantagem – comento, tapando a boca logo em seguida.

Meu humor negro não é para ser compartilhado com o mundo. Mas Scottie solta uma risada amarga, velha demais para a sua idade.

– É. Sei.

Ele para e observa Samson cheirar o traseiro de um collie.

No caminho de volta para casa, Samson puxa a coleira porque sabe que depois do passeio vem a comida.

– Sabe o que eu não entendo? – pergunta Scottie.

Por achar que ainda estávamos falando de videogames, não estou preparada para o que ele diz em seguida:

– Por que ela não me mandou a mensagem também?

– Você tem e-mail? – indago, como se esse tivesse sido o motivo dela.

Ele revira os olhos.

– Tenho 10 anos, não 2. Tenho e-mail desde o terceiro ano. Meg me mandava coisas por e-mail o tempo todo.

– Ah. Bem, ela deve ter preferido poupar você.

Por um instante, os olhos de Scottie me pareceram tão fundos quanto os de Sue e Joe.

– É, ela me poupou muito.

• • •

Quando retornamos, os convidados estão indo embora. Flagro Sue jogando um gratinado de atum no lixo. Ela me olha com uma expressão de culpa. Me aproximo para lhe dar um abraço de despedida, mas ela me detém.

– Você pode ficar? – pergunta com sua voz suave, tão diferente da inquietude da filha. Meg, tão tagarela, podia levar qualquer um a fazer qualquer coisa a qualquer momento.

– Claro.

Ela gesticula para a sala. Joe está sentado no sofá, olhado para o nada; Samson está a seus pés, implorando pela tão esperada janta. Sob a luz mortiça do crepúsculo, olho para Joe. Meg havia puxado ao pai: pele morena e traços mexicanos. Ele parece ter envelhecido mil anos desde o mês passado.

– Cody – fala Joe. Uma palavra. E é suficiente para me fazer chorar.

– Oi, Joe.

– Sue quer conversar com você; nós dois queremos.

Sinto o coração disparar, pois temo que eles enfim me perguntem se eu sabia de alguma coisa. Tive que responder algumas perguntas rápidas à polícia quando tudo aconteceu, mas eram mais sobre como Meg poderia ter arranjado o veneno. Eu não sabia nada sobre isso, apenas que, se Meg quisesse alguma coisa, ela geralmente encontrava uma maneira de obtê-la.

Depois que Meg morreu, pesquisei na internet sobre todos os indícios de um suicídio iminente. Meg não me deu nenhuma de suas coisas preferidas. Ela não falava sobre se matar. Quer dizer, dizia coisas como “Se a Sra. Dobson passar mais um teste, vou dar um tiro na minha cabeça”, mas isso conta?

Sue senta-se ao lado de Joe no sofá puído. Eles se entreolham por uma fração de segundo, como se isso doesse demais. Então se viram para mim.

– O período da Cascades termina mês que vem.

A Cascades é a prestigiosa faculdade particular para a qual Meg ganhou bolsa. O plano era que nós duas nos mudássemos para Seattle depois de terminarmos o ensino médio. Falávamos sobre isso desde o oitavo ano. Nós duas na Universidade de Washington, dividindo um quarto de dormitório durante os primeiros dois anos, e então morando fora do campus pelo restante do curso. Mas Meg conseguiu uma bolsa integral na Cascades, uma proposta muito melhor do que a UW tinha a oferecer. Quanto a mim, fui aceita na UW, mas sem nenhum tipo de bolsa. Tricia deixou bem claro que não iria me ajudar. “Finalmente consegui me livrar das *minhas* dívidas.” Assim, recusei minha admissão na UW e decidi ficar na cidade. Meu plano era cursar a faculdade comunitária durante dois anos e depois pedir transferência para Seattle, a fim de ficar perto de Meg.

Joe e Sue ficam sentados em silêncio. Eu observo Sue cutucar as unhas; as cutículas estão em frangalhos. Enfim, ela levanta a cabeça.

– A faculdade tem sido ótima; eles se ofereceram para juntar as

coisas do quarto dela e enviar tudo para nós, mas não consigo suportar a ideia de pessoas estranhas mexendo nas coisas de Meg.

– Mas e os colegas de república dela?

Cascades era pequena e quase não tinha alojamentos. Meg mora – quer dizer, morava – fora do campus, em uma casa que dividia com outros alunos.

– Ao que parece, simplesmente trancaram o quarto dela e o deixaram do jeito que estava. O aluguel está pago até o final do período, mas agora eles precisam esvaziá-lo e trazer tudo... – A voz dela falha.

– Para casa – conclui Joe.

Demoro alguns instantes para entender o que eles querem, o que estão me pedindo. A princípio, fico aliviada, porque não preciso confessar que não sabia o que Meg estava planejando fazer. Na única vez na vida em que *ela* havia precisado de *mim*, não fui capaz de ajudá-la. Mas, então, sinto o peso do que eles estão me pedindo; é como um tijolo acertando meu estômago. Isso não significa que não o farei. Vou fazer. É claro que sim.

– Vocês querem que eu arrume as coisas dela?

Eles concordam com a cabeça. Eu repito o gesto. É só o que posso fazer.

– Depois que terminarem as suas aulas, é claro – responde Sue.

Oficialmente, minhas aulas terminam mês que vem. Extraoficialmente, no dia em que recebi o e-mail de Meg. Passei a tirar as piores notas. Ou fui reprovada por faltas. A diferença entre as duas coisas não importa muito.

– E se você conseguir uma folga no trabalho – completa Joe.

Ele fala isso em um tom respeitoso, como se eu tivesse um trabalho importante. Eu faço faxina. Como todo mundo na cidade, as pessoas para quem trabalho sabem sobre Meg e foram todas muito simpáticas, me dizendo que poderia me afastar o tempo que eu precisasse. Mas se tem algo de que não preciso é de horas vagas para pensar em Meg.

– Posso ir a qualquer momento. Amanhã mesmo, se quiserem.

– Ela não tinha muita coisa. Você pode levar o carro – comenta Joe.

Joe e Sue têm um carro só, então eles organizam a rotina como uma expedição da Nasa para que Sue possa deixar Joe no trabalho, levar Scottie para a escola, ir para o trabalho e depois pegar todo mundo no final do dia. Nos fins de semana é a mesma coisa, pois precisam fazer as compras e tudo o que não dá tempo para resolver nos dias úteis. Eu não tenho carro. Às vezes, muito de vez em quando, Tricia me deixa usar o dela.

– Por que não vou de ônibus? Ela não tem tanta coisa. Tinha.

Joe e Sue parecem aliviados.

– Nós vamos pagar a sua passagem. Você pode mandar qualquer caixa a mais pelo correio – diz Joe.

– E não precisa trazer tudo de volta. – Sue faz uma pausa. – Só as coisas mais importantes.

Eu aquiesço. Eles ficam tão agradecidos que eu preciso desviar o olhar. A viagem não é nada de mais: vai levar só três dias. Um dia para chegar lá, um dia para arrumar as coisas, um dia para voltar. O tipo de coisa que Meg teria se oferecido para fazer sem que precisassem pedir.

4

Às vezes, leio algum artigo esperançoso sobre como Tacoma está tão elitizada que chega a rivalizar com Seattle. Mas, quando meu ônibus chega ao meio do deserto, a impressão que tenho é de desespero, como se a cidade estivesse se esforçando demais e fracassando. Tipo algumas das amigas de Tricia no bar: mulheres de 50 anos que usam minissaia, salto plataforma e maquiagem, mas não estão enganando ninguém. *Tiazona querendo parecer novinha*, é como os caras da nossa cidade costumam se referir a elas.

Quando Meg foi embora, prometi que a visitaria todos os meses, mas acabei vindo só uma vez, em outubro passado. Comprei uma passagem para Tacoma e, ao chegar a Seattle, dei de cara com Meg à minha espera na rodoviária. A ideia dela era passear por Capitol Hill, jantar em um chinês baratinho em Chinatown e assistir ao show de uma banda em Belltown, de um pessoal que ela conhecia – tudo o que costumávamos falar que iríamos fazer quando fôssemos morar juntas ali. Meg estava empolgadíssima com o plano; eu não sabia se a intenção dela era me convencer a ir de vez para lá ou me oferecer um prêmio de consolação.

De todo modo, foi um fracasso. Na nossa cidade, o tempo estava limpo, mas ali chovia. Outro motivo para não me mudar para Seattle, disse a mim mesma. E nenhum dos lugares que visitamos – os brechós, as lojas de revistas em quadrinhos e os cafés – pareceram tão legais quanto eu tinha imaginado. Pelo menos foi o que eu disse a Meg. “Desculpe”, lamentou-se, não em um tom sarcástico, mas com sinceridade, como se o fato de Seattle ser decepcionante fosse sua culpa.

Mas eu estava mentindo. Seattle era maravilhosa. Mesmo com

aquele clima horrível, eu teria adorado morar aqui. Por outro lado, tenho certeza que iria adorar morar em Nova York, no Taiti ou em milhares de outros lugares que não conhecia.

Acabamos não assistindo ao show, pois falei que estava cansada e preferia não ir. Então, voltamos para a casa em que ela morava em Tacoma. Eu deveria ter ficado o dia seguinte quase inteiro, mas aleguei dor de garganta e peguei um ônibus de volta para casa logo cedo.

Meg me convidou outras vezes, mas eu sempre tinha desculpas: estava muito ocupada ou a passagem de ônibus era cara. As duas coisas eram verdadeiras, embora não fossem toda a verdade.

• • •

Do centro da cidade, você tem que pegar dois ônibus para chegar ao pequeno e bucólico campus da Cascades na zona portuária. Joe me instruiu a ir até o prédio da reitoria para apanhar alguns documentos e uma chave. Embora Meg morasse fora do campus, a universidade era responsável por todos os alojamentos estudantis. Quando explico quem sou, eles percebem imediatamente por que estou aqui. Sei disso por conta dos olhares que recebo. Odeio esse tipo de olhar, que passei a conhecer muito bem: falsa empatia.

– Sentimos muito pela sua perda – lamenta a senhora que me atende. Ela é gorda e usa o tipo de roupa folgada que a faz parecer mais gorda ainda. – Temos um grupo de apoio que faz sessões semanais para todos os afetados pela morte de Megan. Se quiser participar, haverá uma sessão em breve.

Megan? Ninguém a chamava assim, só os avós dela.

A mulher me entrega um folder informativo, uma xerox colorida com uma foto sorridente de Meg que nunca vi antes. Está escrito *Apoio à Vida* na parte de cima, com corações no lugar dos pingos dos “is”.

– Vai ser na segunda à tarde.

– Infelizmente, já não estarei por aqui.

– Ah, que pena. – Ela faz uma pausa. – Tem sido uma experiência muito catártica para a comunidade aqui do campus. Estão todos muito chocados.

Chocado não é bem a palavra. Chocada eu fiquei quando enfim convenci Tricia a me contar quem era o meu pai, apenas para descobrir que, até os meus 9 anos, ele morava a menos de 30 quilômetros de nós. O que aconteceu com Meg é totalmente diferente; é como acordar uma manhã e descobrir que agora você está morando em Marte.

– Vou passar só esta noite aqui.

– Ah, que pena – repete a mulher.

Ela me entrega um molho de chaves, me diz como chegar à casa, pede para eu telefonar se precisar de qualquer coisa e eu saio dali antes que ela me dê um cartão de condolências. Ou pior: um abraço.

Na casa em que Meg morava, bato à porta, mas ninguém atende, portanto entro direto. O interior cheira a cerveja, pizza e maconha. Também tem o odor da amônia de uma caixinha de areia suja. Ouço bandas tocando Phish ou Widespread Panic, o tipo de música hippie ruim que faria Meg querer se matar. Então me dou conta do que estou pensando e lembro que ela fez isso mesmo.

– Quem é você?

Uma garota alta e extremamente bonita está parada na minha frente. Ela veste uma blusa verde estilo *tie-dye* com um símbolo hippie da paz, e me encara com um sorrisinho esnobe.

– Cody. Reynolds. Estou aqui por causa de Meg. Para pegar as coisas dela.

Ela fica tensa. Como se a menção do nome de Meg tivesse cortado totalmente o seu barato. Já odeio essa garota. E, quando ela se apresenta como Tree, meu desejo era que Meg estivesse ali para podermos trocar aquele olhar imperceptível que

desenvolvemos com o passar dos anos para compartilhar nosso desprezo mútuo. Tree? Árvore?

– Você era uma das colegas de república dela? – pergunto.

Quando chegou ali, Meg me mandava longos e-mails sobre as aulas, os professores, o estágio e, às vezes, enviava em anexo desenhos hilários de cada um dos colegas de república, feitos com lápis de carvão, que ela escaneava para mim. Era o tipo de coisa que normalmente eu teria adorado, me deliciando com a arrogância dela, porque era assim que sempre havia sido: Meg e Eu Contra o Mundo. Na nossa cidade, as pessoas nos chamavam de Unha e Carne. Mas, ao ler os e-mails, eu tinha a sensação de que ela estava exagerando de propósito os defeitos daquelas pessoas para que eu me sentisse melhor, e isso só fazia eu me sentir pior ainda. Seja como for, não me lembro de nenhuma Tree.

– Sou amiga de Rich – responde Tree, a hippie nojenta.

Ahh, Richard Locão, como Meg o chamava. Eu o conheci na última vez que estive aqui.

– Vou fazer o que eu vim fazer.

– Então faça – retruca Tree.

Tanta hostilidade é um choque depois de um mês inteiro de pessoas pisando em ovos ao meu redor.

Espero encontrar, em frente à porta de Meg, um daqueles altares que surgiram por toda a cidade; sempre que vejo um deles, minha vontade é destruir as flores e jogar fora as velas.

Mas não é isso que encontro. A capa de um disco está colada à porta. *Feel the Darkness*, do Poison Idea. A imagem é a de um cara com uma arma apontada para a cabeça. *Essa* é a ideia de homenagem dos colegas de república dela?

Respirando fundo, destranco a porta e giro a maçaneta. O lado de dentro também não está como eu esperava. Meg sempre havia sido bagunceira, seu quarto em casa cheio de pilhas vacilantes de livros e CDs, desenhos, coisas que ela começava e deixava pela metade: uma lâmpada que estava tentando reinstalar, um filme em

Super-8 que queria editar. Sue disse que os colegas tinham simplesmente trancado a porta e deixado o quarto como estava, mas parece que alguém esteve aqui. A cama está feita. E a maioria das roupas dela já está dobrada. Há caixas desmontadas debaixo da cama.

Vou levar no máximo duas horas para fazer o que preciso. Se soubesse, teria pegado o carro dos Garcias para ir e voltar no mesmo dia.

Sue e Joe me ofereceram dinheiro para um quarto de hotel, mas não aceitei. Sei como eles vivem apertados e como cada centavo que sobrava ia para a educação de Meg, que, mesmo com uma bolsa integral, ainda tinha vários outros gastos. E a morte dela foi mais uma despesa. Falei que iria dormir aqui. Mas, agora que estou no quarto dela, não consigo deixar de pensar na primeira e única noite que passei nele.

Meg e eu dividíamos camas e sacos de dormir desde pequenas, sem nenhum problema. Mas, na noite da minha visita, não consegui pregar os olhos ao lado de Meg, que dormiu como uma pedra. Ela estava roncando um pouco e eu a cutucava, como se o ronco fosse o que me impedia de dormir. Quando nos levantamos na manhã de domingo, algo de ruim tinha se enraizado no meu peito e eu estava louca por uma briga. Porém, a última coisa que queria fazer era brigar com Meg. Ela não havia feito nada. Era minha melhor amiga. Então, fui embora mais cedo. E não foi por causa de nenhuma dor de garganta.

Voltei para o primeiro andar. A música tinha mudado de Phish para algo um pouco mais animado. The Black Keys, acho. É uma mudança um tanto estranha. Um grupo de pessoas está sentado em um sofá de veludilho roxo, dividindo uma pizza e uma embalagem de doze cervejas. Tree está presente, então passo direto, ignorando todos, bem como o cheiro de pizza que faz meu estômago roncar, pois não comi nada, exceto um bolinho no ônibus.

Lá fora está ficando enevoado. Ando um pouco até chegar a

uma zona com algumas lanchonetes. Sento em uma delas e peço um café. Quando a garçonete me olha com cara feia, peço um menu de café da manhã de 2,99 dólares, que pode ser servido a qualquer hora do dia, supondo que isso me dê o direito de acampar ali pelo resto da noite.

Depois de algumas horas e de quatro ou cinco xícaras de café, ela basicamente me deixa em paz no meu canto. Pego meu livro, desejando ter trazido algum thriller daqueles que você não consegue parar de ler. Mas a Sra. Banks, a bibliotecária da nossa cidade, me viciou em autores da Europa Central nos últimos tempos. Ela entra nessas fases comigo. Tem sido assim desde os meus 12 anos, quando ela me vira lendo um romance de Jackie Collins no bar onde eu às vezes tinha que ficar, durante o trabalho de Tricia. A Sra. Banks me perguntara o que mais eu gostava de ler, e eu mencionara alguns títulos, a maioria edições baratas que Tricia trazia para casa da sala de descanso.

– Você é uma leitora e tanto – comentara a Sra. Banks na ocasião, e me convidara a dar um pulo na biblioteca na semana seguinte.

Quando fui até lá, ela fez meu cadastro para eu ter um cartão e me emprestou exemplares de *Jane Eyre* e *Orgulho e preconceito*.

– Quando terminar, me diga se gostou deles e eu emprestarei alguma outra coisa.

Li os dois em três dias. Gostei mais de *Jane Eyre*, embora tenha odiado o Sr. Rochester e preferisse que ele tivesse morrido no incêndio. A Sra. Banks sorriu quando eu lhe disse isso, então me emprestou *Persuasão* e *O morro dos ventos uivantes*. Daí em diante, passei a ir à biblioteca no mínimo uma vez por semana para ver quais livros ela havia separado para mim. Eu achava incrível que nossa biblioteca minúscula tivesse um acervo tão inesgotável. Levei anos para descobrir que a Sra. Banks vinha pedindo às outras bibliotecas livros que achava que eu iria gostar.

Mas, nesta noite, o contemplativo Milan Kundera que ela me deu

está deixando minhas pálpebras pesadas. Todas as vezes que meus olhos ameaçam se fechar, a garçonete, como se tivesse um radar, vem me reabastecer de café, mesmo que eu nem tenha encostado nele desde a última vez.

Aguento até as cinco da manhã e pago a conta. Deixo uma gorjeta generosa, pois não sei se a garçonete estava sendo antipática ao não me deixar dormir ou se me impedia de ser expulsa daqui. Ando pelo campus até as sete, o horário de abertura da biblioteca, então encontro um canto sossegado e durmo algumas horas.

Quando volto à casa de Meg, um cara e uma garota estão tomando café na varanda.

– E aí? – diz o cara. – Cody, não é?

– É.

– Richard.

– Eu sei, já fomos apresentados antes.

Ele não parece lembrar; devia estar chapado demais.

– Eu sou Alice – fala a garota.

Lembro que Meg mencionou que uma nova colega de república tinha vindo para o período de inverno, substituindo outra garota que havia pedido transferência depois de um semestre.

– Onde você se meteu? – pergunta ele.

– Passei a noite num motel – minto.

– Não no Starline! – exclama Alice, alarmada.

– Ahn? – Demoro alguns segundos para me tocar que o Starline é *o* motel. O motel de Meg. – Não, em outro.

– Quer um café? – indaga Alice.

Tomei tanto café na noite anterior que fiquei com azia. Por mais que esteja sonolenta e exausta, não consigo nem pensar em beber mais e o recuso.

– Quer dar uma cachimbada? – pergunta Richard Locão.

– Richard! – Alice lhe dá um tapa no ombro. – Ela tem todas aquelas *coisas* para arrumar. Não acho que vá querer ficar doidona.

– Acho que ela vai querer, sim.

– Não, obrigada – garanto, mas o sol está conseguindo atravessar com dificuldade a fina camada de nuvens e deixando tudo tão claro que fico zonza.

– Sente aqui. Coma alguma coisa – diz Alice. – Estou aprendendo a fazer pão e acabei de assar uma nova fornada.

– Está menos parecido com tijolo do que o normal – garante Richard.

– Está ótimo. – Alice faz uma pausa. – Se você passar bastante manteiga e mel.

Não quero pão. Não quis conhecer estas pessoas antes e certamente não quero conhecê-las agora. Mas, quando me dou conta, ela já buscou o pão e voltou. Estava meio duro e massudo, mas Alice tinha razão: com manteiga e mel, até que era passável.

Terminei de comer e limpei os farelos do colo.

– Bem, é melhor eu começar. – Fui em direção à porta. – Mas parece que alguém já fez a parte mais pesada. Vocês sabem quem arrumou as coisas dela?

Richard e Alice se entreolharam.

– Foi assim que ela deixou o quarto – conta Alice. – Ela mesma o arrumou.

– A garota quis estar no controle da porra toda até o fim – acrescenta Richard. Ele me olha e faz uma careta. – Desculpe.

– Tudo bem. Vai me poupar trabalho – tranquilizo-o, meu tom de voz tão indiferente que é como se eu estivesse me livrando de um estorvo.

• • •

Demoro umas três horas para arrumar o resto das coisas dela. Deixo de fora blusas e calcinhas furadas; afinal, por que iriam querer isso? Jogo no lixo um monte de revistas de música, que estão

empilhadas em um canto. Não sei bem o que fazer com os lençóis, pois ainda têm o cheiro dela. E não faço ideia se isso terá o mesmo efeito em Sue que está tendo em mim: me lembrar de Meg de uma maneira concreta e visceral – das vezes em que dormimos uma na casa da outra, de quando saíamos para dançar e conversávamos até as três da manhã, ficando um bagaço no dia seguinte, mas também nos sentindo ótimas, porque as conversas eram como transfusões de sangue, momentos que pareciam mais reais, mais esperançosos, e que eram pontinhos de luz na escuridão da vida em uma cidade pequena.

Sinto a tentação de cheirar os lençóis. Se fizer isso, talvez seja suficiente para apagar tudo. Mas você só consegue prender a respiração até certo ponto. Em algum momento, terei que soltar o cheiro dela; então, vai ser como aquelas manhãs, em que acordo e me esqueço antes mesmo de lembrar.

• • •

A agência de correio fica no centro, portanto preciso pegar um táxi para levar as coisas de carro, despachá-las, voltar para pegar as bolsas e estar pronta para apanhar o último ônibus, às sete. No andar de baixo, Alice e Richard estão onde eu os havia deixado. Fico na dúvida se os alunos desta faculdade supostamente prestigiosa estudam em algum momento.

– Quase acabei – falo para eles. – Só preciso fechar as caixas e já vou embora.

– Vou pegar os gatos antes de você ir – oferece-se Richard.

– Que gatos?

– Os dois gatinhos de Meg – diz Alice, entortando a cabeça para o lado. – Ela não falou deles?

Eu me recuso a demonstrar qualquer surpresa. Ou mágoa.

– Não estou sabendo de gato nenhum.

– Ela encontrou dois gatinhos na rua alguns meses atrás. Estavam bem desnutridos e doentes.

– Com uma parada nojenta saindo dos olhos – acrescenta Richard.

– É, eles estavam com alguma infecção na vista. Entre outras doenças. Meg os acolheu. Gastou uma fortuna no veterinário com tratamentos e cuidou deles até ficarem saudáveis. Ela era apaixonada por aqueles gatinhos. – Alice balança a cabeça. – Foi isso que me deixou mais surpresa. Que ela tenha se dado o trabalho de cuidar tão bem desses gatos e então...

– É, bem, Meg era difícil de entender – interrompo, a voz tão azeda que juro que eles devem sentir o cheiro da amargura no ar. – E os gatos não são problema meu.

– Mas alguém tem que tomar conta deles – insiste Alice. – O pessoal da casa vem se encarregando disso, mas é proibido ter animais de estimação aqui e vamos estar todos fora durante o verão. Além do mais, ninguém pode ficar com eles.

Dou de ombros.

– Tenho certeza de que vocês vão encontrar uma saída.

– Você já viu os gatinhos? – Alice dá a volta na casa e começa a ciciar. Logo duas bolinhas de pelo aparecem saltitando na sala. – Este aqui é Grapette. – Ela aponta para o que é quase todo cinza, com uma mancha preta no nariz. – E o outro é Repete.

Grapette e Repete saíram de barco. Grapette caiu na água. Quem se salvou? Xavier, o tio de Meg, nos contou esta piada e nós costumávamos atormentar uma a outra com ela. Repete. Repete. Repete.

Alice coloca um dos gatinhos nos meus braços e ele começa imediatamente a fazer aquela coisa com as patas que os gatos fazem quando querem mamar. Por fim, o bichano desiste e pega no sono, uma bolinha em meu peito. Sinto uma fagulha se acender bem fundo, um eco de um tempo distante, quando ainda não estava tudo congelado aqui dentro.

O gato começa a ronronar: estou ferrada.

– Tem algum abrigo para animais por aqui ou coisa parecida?

– Tem, mas eles abrigam dezenas de gatos e só ficam com eles por três dias antes de, bem, você sabe. – Alice passa o dedo pelo pescoço como se ele fosse uma faca.

Grapette, ou talvez seja Repete, continua ronronando nos meus braços. Não posso levá-los para casa. Tricia teria um ataque. Ela se recusaria a deixá-los entrar e eles seriam comidos por coiotes ou morreriam de frio em um piscar de olhos. Posso perguntar se Sue e Joe querem ficar com eles, mas já vi como Samson corre atrás dos gatos.

– Tem uns abrigos que não matam os bichos em Seattle – intervém Richard. – Vi uma parada da Frente pela Libertação Animal que falava sobre isso.

Eu suspiro.

– Está bem. Vou passar por Seattle na volta e posso deixá-los lá.

Richard dá uma risada.

– Não é tipo deixar roupa na lavanderia. Você não pode simplesmente largar os bichos lá. Tem que marcar um horário para, tipo, preencher um registro ou coisa assim.

– Desde quando você deixa roupa na lavanderia? – pergunta Alice.

Grapette/Repete mia nos meus braços.

– A sua viagem de volta demora quanto tempo? – indaga Alice.

– Sete horas, e ainda tenho que enviar as caixas por correio.

Ela olha para mim e depois para Richard.

– São três agora. Se você for para Seattle deixar os gatos em um abrigo, pode ir embora amanhã cedo.

– Por que *você* não deixa os gatos? Já que tem tudo tão planejado?

– Preciso fazer um trabalho para a minha cadeira de estudos feministas.

– Mas e depois que você terminar?

Ela hesita por um instante.

– Não. Estes gatos eram de Meg. Não me sinto à vontade largando-os em um abrigo.

– Ah, então vai deixar o trabalho sujo para mim? – questiono, irritada.

Sei que não foi Alice quem deixou o trabalho sujo para eu fazer, mas, quando ela se retrai, sinto uma espécie de satisfação cruel.

– Caramba. Eu levo você de carro para Seattle – diz Richard. – Deixamos os gatos no abrigo, depois você pode voltar para cá e sair da cidade assim que acordar amanhã.

Ele parece querer se ver livre de mim tanto quanto eu quero me ver livre dele. Pelo menos o sentimento é recíproco.

5

Os abrigos de animais de Seattle acabam por se mostrar mais difíceis de entrar do que as baladas mais concorridas da cidade. Os primeiros dois estão cheios, e implorar não adianta nada. O terceiro tem vagas, mas exige o preenchimento de um formulário e uma cópia do histórico veterinário dos gatos. Digo à garota *hipster* com piercings e sandálias de couro ecológico que estou saindo da cidade e que os gatos estão no carro. Ela me olha com todo o desprezo do mundo e fala que eu deveria ter pensado nisso antes de ter adotado animais de estimação. Quase dou um tapa na cara dela.

– Quer dar aquela cachimbada agora? – pergunta Richard depois de darmos com a cara na porta pela terceira vez. São oito da noite e todos os abrigos já encerraram o expediente.

– Não.

– Quer ir a alguma balada ou algo assim? Espairecer um pouco? Já que estamos em Seattle.

Estou exausta por causa da noite anterior, não quero estar aqui com Richard e preciso descobrir como vou arranjar o histórico veterinário se amanhã é domingo. Penso em recusar a proposta, mas então Richard diz:

– Podemos ir a um dos lugares alternativos a que a Meg gostava de ir. De vez em quando ela se dignava nos deixar ir junto. – Ele faz uma pausa. – Meg tinha um clã de amigos ali.

Fico momentaneamente chocada com o fato de Richard ter usado “se dignava” e “clã”. Mas a verdade é que quero conhecer esses lugares. Penso na boate a que deveríamos ter ido no fim de semana em que vim visitá-la. Em todas as boates a que deveríamos ter ido em todos os fins de semana em que não vim visitá-la. Sei

quanto Meg adorava estar no meio da cena musical da cidade, embora, depois da minha visita, os e-mails eufóricos dela a respeito disso tivessem começado a minguar até pararem de vez.

– E quanto aos gatinhos? – pergunto.

– Eles vão ficar bem no carro. Está, tipo, 12 graus hoje à noite. Eles têm comida e água.

Richard aponta para Grapette e Repete. Eles tinham miado e chorado a viagem inteira, mas agora estavam enroscados juntinhos e quietos dentro da caixa de transporte.

Vamos até um lugar em frente ao canal em Fremont. Antes de entrarmos, Richard acende um pequeno cachimbo e sopra a fumaça para fora da janela.

– Não quero deixar os gatinhos doidões – brinca ele.

Enquanto pagamos a taxa de consumação, ele me conta que Meg costumava vir bastante aqui. Concordo com a cabeça, como se já soubesse. O lugar está vazio. Cheira a cerveja, água sanitária e desespero. Deixo Richard no bar e vou jogar *pinball* sozinha. Às dez, o salão já começa a encher, e às onze a primeira banda da noite começa a tocar; um som carregado de microfonia, com um vocalista que mais grunhe do que canta.

Depois de algumas canções nada de mais, Richard Locão vem falar comigo.

– Aquele ali é Ben McCallister. – Ele aponta para o guitarrista grunhidor.

– Aham.

Nunca ouvi falar dele. Demora um pouco para a cena de Seattle chegar até o nosso Cu do Judas.

– Meg falou sobre ele para você?

– Não. – É tudo o que digo.

Mas minha vontade é gritar para as pessoas pararem de me perguntar isso. Porque não sei o que Meg me contou e eu ignorei, e o que ela não me contou. Se tem uma coisa que sei é que ela não me contou que estava sofrendo tanto que a única maneira de

acabar com a dor era encomendar uma dose de veneno industrial e mandá-lo goela abaixo.

Richard está falando sobre como Meg era obcecada por esse cara. Não dou muita atenção, pois Meg era obcecada por um monte de guitarristas. Ben McCallister para de tocar e toma um gole de cerveja, segurando o gargalo da garrafa entre dois dedos, a guitarra pendendo do quadril magro como se fosse um membro. Daí ele vira para a plateia, sob as luzes do palco, e eu vejo que seus olhos são de um azul incrível. Ele faz um gesto, como se protegendo os olhos do sol, à procura de alguém na plateia. E isso me dá um estalo.

– Ah, esse deve ser o Herói da Guitarra Amargurado.

– Não tem nada de heroico nesse cara – retruca Richard.

O Herói da Guitarra Amargurado. Eu me lembro de Meg ter escrito sobre ele uma ou duas vezes, o que era curioso, pois ela nunca escrevia sobre cara nenhum. A princípio, parecia que Meg gostava da banda e estava a fim dele, do mesmo jeito que ficava a fim de vários caras – e garotas – que tinham bandas.

Ela me contou sobre a banda do Herói da Guitarra Amargurado, um som inspirado em Sonic Youth/Velvet Underground, misturado com certas angústias modernas. Ou seja, a cara de Meg. Mas ela também tinha escrito sobre os olhos dele, tão azuis que pareciam lentes. Olho para eles agora. São *mesmo* estranhamente azuis.

E então me lembro de uma frase de um de seus e-mails. Meg tinha perguntado: “Você se lembra do conselho que Tricia deu pra gente quando ela começou a trabalhar no bar?”

Tricia adorava dar conselhos, especialmente a ouvintes tão interessados quanto Meg. Mas, de alguma forma, eu soube na mesma hora a que aviso Meg estava se referindo: *Nunca deem para o barman, meninas.* “Por quê? Porque todo mundo faz isso?”, perguntara Meg. Ela adorava a maneira como Tricia falava com a gente, como se fôssemos suas amigas do bar e como se alguma de nós estivesse dando para alguém. “Tem isso também”, respondera Tricia. “Mas, principalmente, porque vocês vão parar de receber

drinques de graça.”

Meg escrevera no e-mail que o mesmo se aplicava a guitarristas amargurados. Me lembro de ter ficado confusa, pois ela não havia mencionado que estava a fim desse cara ou que tinha saído com ele, muito menos dado para ele, coisa que nunca tinha feito, exceto por aquela vez que decidimos que não contava. Se Meg tivesse feito algo tão importante quanto dar para um cara, ela teria me contado. Pretendia perguntar quando ela voltasse para casa. Mas ela acabou nunca voltando.

Então é ele. Esse é o Herói da Guitarra Amargurado. Ele parecia tão mítico, e geralmente dar nome a uma criatura mítica é suficiente para desmitificá-la. Mas saber o nome dele, Ben McCallister, não surte esse efeito.

Assisto ao show com mais atenção agora. Ele faz todas as coisas que os roqueiros fazem, apoiar-se na guitarra e no microfone e então parar de tocar, agarrando o microfone como se fosse o pescoço de uma amante. É tudo encenação. Mas uma encenação bem-feita. Posso imaginar a fila de groupies atrás dele. Só não consigo acreditar que Meg fosse uma delas.

– Nós somos os Scarps. Silverfish vai tocar em seguida – anuncia Ben McCallister no final do *setlist* curto deles.

– Vamos andando? – pergunta Richard.

Mas não quero ir embora. Estou totalmente desperta e furiosa com Ben McCallister, que, como ficou claro para mim agora, fodeu com a minha amiga, em mais de um sentido. Ele por acaso a tratou como uma groupie descartável qualquer? Não percebeu que era com Meg Garcia que estava lidando? Ninguém descarta Meg.

– Ainda não.

Me levanto e vou até o bar, onde Ben McCallister está, bebendo outra cerveja e falando com um bando de gente que elogia seu show, dizendo que foi sensacional. Sigo pisando firme até lá, mas, assim que chego bem atrás dele, tão perto que consigo ver as vértebras do seu pescoço e a tatuagem no seu ombro, fico sem

saber o que dizer.

Mas Ben parece saber exatamente o que dizer para mim, pois, depois de mais alguns segundos de conversa fiada com as outras garotas, ele se vira para me encarar.

– Eu vi você na plateia.

De perto, Ben é muito mais bonito do que qualquer cara tem o direito de ser. Ele tem uma beleza que só posso imaginar que seja irlandesa: cabelo preto, pele que em uma garota teria sido chamada de porcelana, mas em um roqueiro é apenas perfeitamente pálida. Lábios vermelhos e carnudos. E os olhos. Meg tinha razão: parecem lentes de contato.

– Você me viu onde na plateia? – pergunto.

– Ali. – Ele aponta para as mesas no lounge. – Estava procurando um amigo que disse que viria, mas não dá para ver nada com aquelas luzes. – Ele finge que está protegendo os olhos da claridade, como eu o vi fazendo no palco. – Mas então eu vi você... – ele faz uma pequena pausa. – ... como se fosse *você* quem eu estava procurando.

É assim que ele faz? Essa é a cantada dele? Tão ensaiada que ele até inclui aquele gesto de proteger os olhos e procurar alguém na plateia durante o show? Quer dizer, é uma ótima cantada. Porque, se eu estivesse na plateia, então é tipo: *Uau, você estava procurando por mim*. E, se eu não estivesse, bem, você disse uma coisa tão fofa, e que roqueiro sensível você deve ser para acreditar em algo como destino.

Essa foi a cantada que ele usou com Meg? Isso funcionou com *ela*? Estremeço só de pensar em minha amiga caindo nessa conversa mole, mas, por outro lado, Meg estava longe de casa, hipnotizada pelo glitter e inebriada pelo som da guitarra... Quem sabe?

Ele toma meu silêncio por timidez.

– Como você se chama?

Será que meu nome vai lhe soar familiar? Ela falou sobre mim

para ele?

– Cody.

– Cody, Cody, Cody. – Ele experimenta a sonoridade do meu nome. – É um nome de vaqueira – diz, arrastando as palavras. – De onde você é, Vaqueira Cody?

– Do País das Vaqueiras.

Ele abre um sorriso lentamente, como se quisesse poupá-lo.

– Eu gostaria de conhecer o País das Vaqueiras. Quem sabe eu e você não poderíamos cavalgar juntos por lá? – Ele me lança um olhar expressivo, para o caso de eu não ter entendido o duplo sentido.

– Você iria cair do cavalo.

Ah, ele gostou. Acha que estamos flertando, o babaca.

– Ah, iria?

– Sem dúvida. Cavalos sentem cheiro de medo.

Algo no rosto dele fraqueja por um instante.

– O que faz você pensar que eu tenho medo?

– Todo otário da cidade grande tem.

– E por que você acha que eu sou um otário da cidade grande?

– Bem, você está em uma cidade grande. E é um otário, não é?

Uma expressão confusa perpassa o rosto dele. Vejo que ele não sabe bem se meu jeito de flertar é violento, o tipo de garota que seria quente na cama, ainda que um pouco agressiva, ou se nossa conversa se transformou em outra coisa. Mesmo assim, ele reorganiza o rosto para exibir seu sorriso relaxado de aspirante a estrela do rock.

– Com quem exatamente você anda falando, Vaqueira Cody? – Seu tom de voz é suave, mas algo de menos agradável está ali oculto.

– Com quem eu ando falando, Ben McCallister? – sussurro, provocante, do jeito que Tricia faz tão bem, e me inclino para mais perto dele.

Ele também se aproxima. Como se achasse que fôssemos nos

beijar. Como se, na maioria das vezes, fosse *mesmo* tão fácil assim para ele.

– Sabe com quem eu não ando falando muito ultimamente?

– Com quem?

Ele está tão perto que consigo sentir o cheiro de cerveja.

– Meg Garcia. Não tenho falado com Meg Garcia há mais de um mês. E você?

Eu já havia ouvido a expressão *se retrair* antes, mas só quando vejo Ben McCallister se afastar de mim é que entendo o que ela significa de verdade. Porque ele salta para trás como uma cobra se retraindo antes de dar o bote.

– Que merda é essa?

Qualquer flerte que possa ter havido entre nós dois esta noite acabou, e a voz de Ben se transforma em um grunhido de verdade, bem diferente dos grunhidos fingidos do show.

– Meg Garcia – repito. É difícil olhar nos olhos dele agora, mas, neste mês que passou, eu me tornei uma especialista em coisas difíceis. – Conhece?

– Quem é você?

Algo está ardendo nos olhos dele, uma espécie de fúria, que os deixa frios como gelo. Já não parecem mais lentes de contato.

– Ou foi só uma foda para você? Que fodeu com a vida dela, por sinal?

Sinto alguém cutucar o meu ombro: Richard Locão está atrás de mim.

– Preciso acordar cedo amanhã.

– Já acabei por aqui.

Já é quase meia-noite, eu dormi três horas na noite passada, não me lembrei de comer mais nada e estou trêmula. Consigo andar até a saída da boate antes de tropeçar. Richard agarra meu braço, e é então que cometo o erro de me virar para lançar outro olhar fulminante para o convencido, superficial e *poser* Ben McCallister.

Queria não ter feito isso. Porque, quando o olho pela última vez,

ele exibe um esgar que é uma mistura de raiva e culpa. Conheço muito bem essa expressão: eu a vejo todos os dias no espelho.

6

Esta noite, durmo no sofá de veludilho sem ao menos trocar de roupa. Acordo na manhã de domingo com Grapette e Repete dormindo no meu peito e na minha cara. Ou eu tomei o lugar deles no sofá ou eles decidiram que eu sou o lugar deles. Sento-me a tempo de ver o último colega de república de Meg, que tinha passado o fim de semana inteiro desaparecido, largar uma tigela de cereal na pia e sumir pela porta dos fundos.

– Tchau, Harry – despede-se Alice.

Então esse é Harry. Segundo Meg, ele ficava a maior parte do tempo no próprio quarto, com seus vários computadores e potes de *kimchi*.

Alice vai à cozinha e volta com uma xícara de café para mim. Ela anuncia que é orgânico, respeita as regras do comércio justo e é cultivado à sombra no Malaui. Eu assinto, como se meu café precisasse ser algo mais do que quente e cafeinado.

Fico sentada no sofá, observando os gatos baterem de brincadeira um na cara do outro. Uma das orelhas de Repete fica presa virada pelo avesso. Eu a endireito e ele solta um miado. É o som mais desamparado do mundo e, sinto muito, mas não há a menor possibilidade de eu deixar esses dois bichinhos em um abrigo, mesmo que não seja do tipo que mata os animais.

Quando termino o café, saio com o meu telefone para a varanda, onde alguém organizou um monte de garrafas de cerveja vazias na posição de pinos de boliche. Ligo para Tricia. São só dez e meia, mas, por algum milagre, ela atende.

– Como está a cidade grande?

– Grande – respondo. – Olha, o que você acha de eu levar para

casa dois gatinhos?

– O que você acha de arranjar outro lugar para morar?

– Seria temporário. Até eu encontrar um lar para eles.

– Nem pensar, Cody. Já criei você por dezoito anos. Não vou acolher mais nenhuma criatura desamparada.

Tenho vários motivos para me sentir ofendida; um dos principais é a sugestão de que sou uma criatura indefesa paparicada por anos e anos. Eu poderia dizer que me criei sozinha, mas estaria sendo injusta com os Garcias. Quando tive uma infecção na garganta, foi Sue quem notou o pus nas minhas amígdalas e me levou ao pediatra para tomar antibiótico. Quando fiquei menstruada pela primeira vez, foi Sue quem comprou absorventes. Tricia simplesmente indicou os tampões no armário de remédios "para quando chegar a hora", sem parar para pensar como poderia ser aterrorizante para uma menina de 12 anos enfiar qualquer coisa *extragrande, superabsorvente* dentro de si. Quanto às cinquenta horas de aulas práticas que eu precisava para tirar a carteira de motorista, Tricia se ocupou de três delas. Joe cuidou das 47 restantes, passando inúmeras tardes de domingo no carro comigo e com Meg.

– Devo ter que ficar aqui mais alguns dias. Pode me cobrir na Srta. Mason segunda-feira? É uma chance de ganhar 40 dólares.

– Claro.

Tricia não pensa duas vezes ao ouvir falar em dinheiro. Não me pergunta por que vou demorar mais nem quando voltarei para casa.

Em seguida, telefono para os Garcias. Aí é um pouco mais delicado, pois, se eu mencionar os gatinhos, eles se oferecerão para adotá-los, por mais que vá ser um desastre, a julgar pela maneira como Samson se comporta com os gatos. Digo a Sue que vou precisar de mais uns dois dias para acertar algumas pendências que Meg deixou. Ela parece aliviada e não faz mais perguntas. Apenas me fala para levar o tempo que achar necessário. Quando estou prestes a desligar, ela continua:

– E, Cody...

Eu odeio esses *E, Cody*. São como uma pistola sendo engatilhada. Como se eles estivessem prestes a dizer que sabem de tudo.

– Sim?

Longo silêncio do outro lado da linha. Meu coração começa a disparar.

– Obrigada.

• • •

Volto a entrar e pergunto a Alice sobre a melhor maneira de encontrar um lar para os gatinhos. Um bom lar.

– Você poderia publicar um anúncio, mas já ouvi falar que às vezes os animais vão parar em laboratórios de pesquisa.

– Não está ajudando muito.

– Bem, podemos colar uns cartazes. Todo mundo gosta de fotos de gatinhos.

Eu suspiro.

– Está bem. Como acha que devemos fazer isso?

– O jeito mais fácil é tirar uma foto dos bichanos, mandar por e-mail para você mesma, acrescentar um texto, imprimir e... Talvez seja mais simples usar o notebook da Meg; ele já tem uma câmera.

O computador de 800 dólares que os pais lhe deram quando ela entrou para a faculdade. Eles ainda estão pagando as parcelas no cartão.

Subo até o quarto e o encontro em uma das caixas. Ligo o notebook. Ele está protegido por senha, mas digito *Runtmeyer* e a área de trabalho aparece. Levo o computador para o andar de baixo enquanto Alice reúne os dois gatos para fazer uma pose, o que é mais difícil do que você imagina. Por fim, consigo tirar uma foto. Alice diagrama o cartaz em questão de instantes e fazemos uma

cópia de teste com a impressora de Meg.

Estou prestes a desligar o computador, mas então me detenho. O programa de e-mails dela está bem ali, na barra de ferramentas. Sem pensar no que estou fazendo, clico no ícone. No mesmo instante, ele começa a baixar um monte de novos e-mails: lixo, em sua maioria, spams de anônimos que não sabem que ela está morta, embora haja também uma ou outra mensagem no estilo *Meg, sentimos sua falta*, bem como uma dizendo que ela vai apodrecer no inferno porque suicídio é um pecado mortal. Apago essa última.

Fico curiosa para saber qual foi o último e-mail enviado por Meg. Para quem foi? Terá sido o bilhete de suicídio? Enquanto clico na pasta de mensagens enviadas, olho ao meu redor como se alguém estivesse me observando. Não há ninguém, é claro.

Não é o bilhete de suicídio. Ela o escreveu dois dias antes de morrer e, como sabemos agora, programou-o para ser enviado automaticamente um dia após sua morte. Depois, ela ainda escreveu algumas mensagens, inclusive uma para a biblioteca contestando uma multa por atraso na devolução de um livro. Ela sabia que iria morrer e estava preocupada com multas de biblioteca?

Como uma pessoa pode fazer isso? Como pode tomar uma decisão dessas, escrever um e-mail desses e seguir em frente mesmo assim? Se você consegue fazer isso, não pode *continuar* seguindo em frente?

Confiro mais alguns dos seus e-mails enviados. Tem um da semana em que ela morreu, endereçado a Scottie. Diz apenas: *Ei, Runtmeyer, eu te amo. Para sempre*.

Isso foi o adeus dela? Será que ela enviou um adeus para *mim* que eu não vi?

Continuo descendo a barra de rolagem e percebo uma coisa estranha: tem um monte de mensagens enviadas na semana anterior à morte dela, então uma grande lacuna de seis semanas sem nada, e depois os e-mails voltam a aparecer em janeiro.

Estou prestes a fechar o programa e desligar o computador quando vejo algo que Meg enviou para um tal bigbadben@podmail.com poucos dias antes de morrer. Hesito por alguns instantes. Então abro a mensagem.

Não precisa mais se preocupar comigo.

É um tipo diferente de adeus. Apesar da carinha feliz, consigo sentir a mágoa, a rejeição e a derrota, coisas que jamais associei a Meg Garcia.

Acesso a caixa de entrada dela e faço uma busca por e-mails de bigbadben. Eles remontam ao outono; os da primeira leva são quase todos curtos e espirituosos, mensagens de uma linha só em tom de brincadeira. Não consigo ver as respostas aqui, só a parte dele da conversa, porque os e-mails do Ben cortam o que ela havia escrito antes de cada resposta. Os e-mails mais antigos são de depois que Meg o viu tocar pela primeira vez, um monte de mensagens do tipo *Obrigado por assistir ao meu show*, *Obrigado por ser tão gentil mesmo nossa banda sendo tão ruim* – falsa modéstia que até uma criança de 6 anos perceberia. Tem também algumas divulgações de próximos shows.

Então o tom fica mais pessoal e, logo, eles parecem flertar – em uma das mensagens, ele a chama de Mad Meg; em outra, fica falando sobre algo que suponho serem as botas de couro de cobra laranja que ela comprou de segunda mão e não tirava do pé. Em duas delas, ele a chama de louca porque todo mundo sabe que Keith Moon é disparado o melhor baterista do mundo. Tem algumas outras com esse tipo de conversa sobre bandas de rock que Meg poderia passar dias usando como assunto para flertar.

Mas então o tom muda bruscamente. *Tranquilo. Ainda somos amigos*, escreve ele. Consigo sentir o desconforto mesmo agora, a quatro meses de distância e com tantas partes faltando. Vasculho os itens enviados para ver o que Meg escreveu para ele. Procuro nas mensagens mais antigas, mas não consigo encontrar o que motivou os e-mails mais recentes, porque há outra lacuna igual nos e-mails

enviados. Os meses de janeiro e fevereiro quase inteiros estão apagados. Estranho.

Volto aos e-mails de Ben para ela. Um deles diz: *Não se preocupe*. Outro pede que Meg não ligue para ele tão tarde da noite. Outro afirma, de forma já nem tão tranquilizadora, que, sim, eles ainda eram amigos. Em outra mensagem, Ben pergunta se Meg pegou a sua camisa do Mudhoney, porque era do pai dele. E então leio um dos últimos e-mails que ele enviou. Uma frase lacônica, tão cruel que me faz odiar Ben McCallister como se eu tivesse gelo nas veias: *Meg, você precisa me deixar em paz*.

Pois é, ela deixou você em paz.

Ontem, encontrei uma camisa grande, preta, branca e vermelha, dobrada com cuidado. Não a reconheci, logo a coloquei na pilha de roupas para doar. Pego-a agora: está escrito MUDHONEY. A preciosa camisa dele. Nem com isso ele quis que Meg ficasse.

Volto para o notebook e, com fúria nos dedos, escrevo uma nova mensagem a bigbadben pela conta de Meg, com o seguinte Assunto: *Renascida dos mortos*.

É da sua preciosa camisa que estou falando, escrevo. *Há um limite para milagres e ressurreições.*

Não assino a mensagem e, antes que possa pensar melhor, clico ENVIAR. Demoro apenas trinta segundos para me arrepender e lembro por que odeio e-mails. Quando você escreve uma carta, digamos, para o seu pai, pode encher páginas e páginas com todas as coisas que acha superimportantes, porque não sabe onde ele mora. Mesmo que soubesse, ainda precisaria gastar tempo procurando um envelope e um selo e, depois disso tudo, você acaba rasgando a carta. Mas então, um belo dia, você descobre o e-mail dele e está perto de um computador com acesso à internet. Como não tem nenhum impedimento, escreve o que está sentindo e clica para enviar antes de ter uma chance de se convencer do contrário. E daí você espera, e espera, e espera e não recebe resposta alguma. E vê que todas aquelas coisas que achava tão importante

que fossem ditas, na verdade, não eram. Simplesmente não valia a pena dizê-las.

• • •

Alice e eu cobrimos os arredores da faculdade em Tacoma com cartazes de gatinhos para doação. Ela tem a brilhante ideia de colocá-los em volta de uma loja de comidas naturais metida a besta, onde os ricos vão fazer compras. Pegamos o ônibus e, no caminho, ela me diz que o lugar não chega a ser uma Whole Foods, mas que eles devem receber uma loja dessas em breve. Quando comento "Que maneiro", Alice responde "Não é?", sem perceber o sarcasmo, então eu olho pela janela, torcendo para ela calar a boca.

A viagem é em vão, porque o gerente da loja não nos deixa afixar os cartazes do lado de fora, logo nós os entregamos para os clientes endinheirados, com suas ecobags. Todos, sem exceção, nos olham como se estivéssemos oferecendo amostras grátis de crack.

Voltamos mais de cinco horas e até a saltitante Alice está desanimada. Estou furiosa e frustrada. Não consigo acreditar que seja tão difícil arranjar um lar para dois gatinhos e tudo me parece uma espécie de brincadeira cruel, em que Meg é quem ri por último.

A casa cheira a comida, um aroma estranho e desagradável de temperos que não combinam bem: curry, alecrim, alho de mais. Tree está de volta, tomando uma cerveja, sentada no sofá.

– Achei que você tivesse ido embora – diz ela com frieza.

Alice afixa um dos cartazes no quadro de avisos junto à porta, ao lado de um outro grande da vigília de amanhã do grupo de Apoio à Vida. Ela explica que estou tentando encontrar um lar para Grapette e Repete.

Tree faz uma careta.

– O que foi, você tem alguma coisa contra *gatinhos*? – pergunto.

Ela franze o nariz.

– É que esses nomes, Grapette e Repete, são *muito* gays.

– Eu sou bissexual e não gosto desse uso pejorativo da palavra *gay* – retruca Alice. Ela tenta soar irritada, mas, sabe-se lá como, acaba parecendo alegrinha.

– Bem, desculpe. Sei que eles são os gatos da garota morta, mas os nomes ainda são gays.

Tree parece agora menos uma hippie e mais um dos caipiras da nossa cidade. Isso me faz odiá-la menos e mais ao mesmo tempo.

– E quais nomes você sugere?

Sem hesitar, ela diz:

– Tico e Teco. É como os chamo na minha cabeça.

– E você acha Grapette e Repete ruins? – Richard Locão aparece com um avental respingado e uma colher de pau. – Acho que deveríamos chamá-los de Lenny e Steve.

– Esses não são nomes de gatos – intervém Alice.

– Por que não? – insiste Richard, segurando a colher que traz o cheiro estranho da cozinha. – Quer provar?

– O que é? – pergunta Tree.

– Mexido de tudo o que tem na geladeira.

– Por que não acrescenta os gatos? Aí não vamos mais ter que encontrar um lugar para eles morarem.

– Achei que você fosse vegetariana – diz Alice, exasperada.

Richard me convida para comer sua gororoba. Pelo cheiro, é como se os temperos tivessem entrado numa briga em que todos saíram perdendo. Mas esse não é o motivo que me faz recusar. Estou desacostumada a ter companhia. Não sei direito o que aconteceu. Nunca tive grandes amizades, mas costumava ter amigos: da escola, da nossa cidade. Costumava estar o tempo todo na casa dos Garcias. Esse *costumava* parece ser um passado muito distante.

Deixo os colegas de república fazerem sua refeição e vou à cozinha beber alguma coisa. Tinha comprado um litro de Dr. Pepper

mais cedo e guardado na geladeira, mas Richard, em sua ânsia de cozinhar, mudou tudo de lugar, então tenho que desencavá-lo. Lá no fundo, encontro duas latas fechadas de RC Cola. Sinto um nó na garganta, pois a única pessoa que conheci na vida que bebia isso era Meg. Encho um copo com gelo e RC. Depois que eu sair daqui, não quero ter deixado a menor parte dela que seja para trás.

Vou para a varanda com a minha bebida. Mas, quando vejo que lá não está vazio, paro tão de repente que acabo derramando refrigerante na blusa.

Ele está fumando um cigarro, a brasa ardendo ameaçadoramente sob a luz cinzenta e fraca do crepúsculo.

Não sei o que me surpreende mais: que o meu e-mail tenha tido um verdadeiro impacto ou que ele pareça disposto a me matar.

Não lhe dou nenhuma chance. Largo a bebida no parapeito da varanda, dou meia-volta e vou para o andar de cima, tentando me deslocar devagar, agir com calma. Ele veio pela camisa, então é isso que vou buscar. Vou jogá-la na cara dele e mandá-lo sumir daqui.

Ouço o som de cascalho sendo esmagado e os passos dele subindo a escada. Não sei o que fazer, pois, se gritar por ajuda, vou parecer fraca. Mas eu vi o olhar dele. Parece que ele não só recebeu meu e-mail, como meu ódio também, e agora o ódio está voltando para mim.

Entro no quarto de Meg. A camisa de Ben está em cima de uma das pilhas que deixei ali. Ele me seguiu até lá e está parado diante da porta. Atiro a camisa; não quero nenhuma parte dele no mesmo espaço que eu. A camisa bate nele e cai no chão.

– Que porra é essa? – pergunta Ben.

– Que foi? Você não queria sua camisa? Aí está ela.

– Que tipo de pessoa faz uma coisa dessas?

– Do que você está falando? Você disse que queria a sua camisa...

– Ah, corta essa, Cody – interrompe ele. É perturbador ouvi-lo

dizer meu nome. Não *Vaqueira Cody* com aquele grunhido sedutor idiota. Mas simplesmente meu nome, sem rodeios. – Você me enviou um e-mail como se fosse uma garota morta. Foi só por crueldade? Ou você também é meio maluca?

– Você queria sua camisa de volta – repito, mas agora estou assustada, então não pareço tão convencida.

Ele me fuzila com o olhar. Sob a luz pálida do quarto de Meg, os olhos dele assumem uma cor bem diferente. Então me lembro do último e-mail de Meg. *Não precisa mais se preocupar comigo.* E a raiva volta.

– Você não podia deixar que ela ficasse com uma lembrança? Talvez devesse fazer isso, levando em conta o número de garotas que deve comer. Dar uma camisa de brinde. Mas pedir de volta? Isso é falta de educação.

– É óbvio que você não sabe do que está falando.

– Então esclareça para mim.

Há um quê de desespero na minha voz. Porque ele tem razão. Não sei do que estou falando. Talvez se tivesse sabido, se tivesse recebido mais pistas ao longo dos últimos meses, não estaríamos parados aqui.

Ele me encara como se eu fosse algo podre. E não consigo acreditar que estou diante do mesmo galanteador metido a sedutor da noite passada.

– O que aconteceu? Você se cansou dela? É isso que acostuma acontecer entre você e as garotas? É muita falta de imaginação sua, porque, se tivesse se dado o trabalho de conhecê-la, você nunca teria se cansado. Ela era Meg Garcia, e quem é você, Ben McCallister, para dizer a *ela* para deixar *você* em paz?

Minha voz ameaçou falhar, mas consegui resistir. Vou ter tempo para perder o controle depois. Sempre há tempo para perder o controle depois.

A expressão de Ben muda. Cristais de gelo se formam no seu rosto.

– Como você sabe o que escrevi para ela?

– Eu vi seu e-mail: *Meg, você precisa me deixar em paz*.

A mensagem me soou cruel na hora. Mas agora, vindo de mim, soa apenas patética.

O rosto dele é puro ódio.

– Não sei o que é mais repugnante: ler os e-mails de uma garota morta ou mandar um e-mail no lugar dela.

– Você é que é repugnante – rebato, parecendo uma criança.

Ele me encara, balançando a cabeça. E então vai embora, sua preciosa camisa apenas um trapo esquecido no chão.

7

Demoro quase uma hora para me acalmar. E mais uma hora para criar coragem e ligar o notebook de Meg outra vez. Ben tinha razão: eu não sabia exatamente do que estava falando. A maneira como ele disse isso sugeria que *Meg* havia feito algo para merecer que ele fosse tão escroto. Eu conheço Meg. E conheço caras como Ben. Já vi muitos deles sacanearem Tricia ao longo dos anos.

Torno a abrir a caixa de entrada de Meg e acesso a sua pasta de itens enviados, mas tudo o que vejo são mensagens antigas, de novembro: o lado dela do flerte, falando sobre quais músicos compuseram as melhores canções, quem era o melhor baterista, qual banda era mais superestimada ou subestimada. E então, antes do período das festas de fim de ano, a parada brusca. Não é preciso ser um gênio para entender o que aconteceu: eles transaram. E ele descartou Meg.

Mas esse hiato nas mensagens de Meg não faz sentido. Sei que não trocamos muitas durante o inverno, mas tenho certeza que ela me escreveu pelo menos algumas. Acesso meu e-mail para conferir se não estou imaginando coisas. Embora janeiro esteja praticamente vazio, na minha caixa de entrada tenho mensagens de Meg de fevereiro que não aparecem na pasta de itens enviados dela.

Muito estranho. Será que o computador dela pegou algum vírus que apagou várias semanas de mensagens? Ou ela as salvou em outro lugar? Começo a vasculhar os outros programas de Meg, sem saber direito o que estou procurando. Abro o calendário, mas está vazio. Confiro a lixeira, achando que os arquivos deletados podem estar lá. Tem um monte de coisa ali, mas a maior parte é inútil. Vejo

uma pasta sem nome, mas o computador diz que ela não pode ser aberta na lixeira. Arrasto a pasta para a área de trabalho e tento de novo. Desta vez, recebo uma mensagem de que o arquivo está protegido. Fico com medo de ele ter algum vírus que possa destruir o computador dela, então arrasto a pasta de volta para a lixeira.

São nove e meia da noite e não comi nada outra vez. Estou com sede, mas não quero voltar a descer. Tiro a roupa e me deito na cama assombrada de Meg. Agora, os lençóis que ainda cheiram a ela são mais ou menos o que preciso. Sei que, ao dormir aqui, vou misturar meu cheiro ao dela, enfraquecendo o cheiro de Meg, mas, de certa forma, isso não importa. Era assim que costumava ser antes, afinal.

8

Sou acordada na manhã seguinte pelo som de alguém batendo de leve à porta. A luz forte do sol entra pela persiana aberta. Me sento na cama, completamente grogue.

Mais batidas.

– Pode entrar. – Minha voz está rouca.

Alice está parada ali, segurando outra xícara de café, sem dúvida colhido à mão por anões da Nicarágua.

Esfrego os olhos e aceito o café com um resmungo de gratidão.

– Que horas são?

– Meio-dia.

– Meio-dia? Eu dormi... catorze horas?

– Pois é. – Ela olha ao redor do quarto. – Talvez não fosse Meg. Talvez este quarto seja tipo o campo de papoulas de *O mágico de Oz* e tenha um efeito soporífico.

– Como assim?

– Ela dormia à beça. Tipo, o tempo todo. Quando não andava com os "amigos descolados de Seattle" – ela faz aspas com os dedos –, dormia.

– Meg gosta, quer dizer, gostava, de dormir muito. Ela era ligada no 220. Precisava de muitas horas de sono para se recuperar.

Alice não parece convencida.

– Nunca conheci ninguém que dormisse tanto.

– Além do mais, ela teve mononucleose quando estava no ensino médio.

Assim que falo isso, lembro-me de como aquele ano foi horrível. Meg faltou metade das aulas na escola; passou meses inteiros tendo aulas particulares porque não podia sair da cama.

– Mononucleose? – pergunta Alice. – Por que isso a deixaria cansada até hoje?

– Foi um caso muito grave – respondo. Os Garcias nem me deixavam visitá-la para eu não pegar a doença.

– Do jeito que você fala, parece que ela teve câncer. – Alice se senta na beira da cama. – Não sabia disso. Não cheguei a conhecê-la tão bem.

– Você só se mudou para cá há poucos meses.

Ela dá de ombros.

– Conheço os outros. Acho que eles também não a conheceram muito bem. Ela não era muito sociável.

Se Meg gostasse de você, ela gostava mesmo, mas, caso contrário... ela não tinha paciência para gente idiota.

– Você só precisava tentar conhecê-la.

– Eu *tentei* – insiste Alice.

– Não me parece que vocês tenham tentado o suficiente. Quero dizer, não deviam morrer de amores por ela se colocaram aquela capa de disco na porta.

Os olhos de Bambi de Alice se enchem de lágrimas.

– Não foi a gente que colocou aquilo ali. Foi ela. E disseram pra gente não tirar nada do lugar.

Então *Meg* colou a capa na porta. Tenho certeza de que os especialistas em suicídio chamariam *isso* de sinal de alerta, um pedido de ajuda, mas é difícil não ver o senso de humor perverso de Meg naquilo de certa forma. Uma última mensagem irônica.

– Ah. Na verdade, até que faz sentido.

– Faz? É tão mórbido... Mas, como eu disse, não sabia muita coisa sobre ela. A esta altura, já devo ter passado mais tempo com você do que com Meg – observa ela com melancolia.

– Queria dizer que você não perdeu muito, mas seria mentira.

– Me fale sobre ela. Como ela era?

– Como ela era?

Alice assente.

– Ela era... – Abro os braços para dar uma ideia de imensidão, de infinitas possibilidades. Não tenho certeza se isso é uma descrição de Meg ou da maneira que eu sempre me sentia perto dela.

Alice me olha com uma cara de súplica. Então eu lhe conto algumas histórias. De quando Meg e eu arranjamos um emprego temporário como operadoras de telemarketing, o trabalho mais chato do mundo. Para não morrermos de tédio, Meg fazia vozes diferentes para cada ligação. Ela acabou ficando tão boa nisso, e vendendo tão bem o raio do produto, que sempre batia a cota diária e podia ir para casa mais cedo.

Eu falo de quando a biblioteca da nossa cidade sofreu um corte tão grande no orçamento que só podia abrir três dias por semana, o que foi um pesadelo para mim, porque eu praticamente morava lá – sem contar o tempo passado na casa dos Garcias. Meg não era nem de perto uma frequentadora tão assídua quanto eu, mas isso não a impediu de embarcar em uma missão para impedir os encerramentos. Ela deu um jeito de convencer uma banda – na época mais ou menos conhecida, mas agora superfamosa –, com a qual havia feito amizade através do seu blog, a tocar em um concerto beneficente chamado Matem Astros do Rock, Não Livros. Veio gente de toda parte para a nossa cidade e a arrecadação foi de cerca de 12 mil dólares. Como a banda estava começando a ficar famosa, e Meg era uma porta-voz muito atraente, acabamos recebendo atenção da mídia de todo o país e a biblioteca se viu obrigada a *estender* seu horário de funcionamento.

Conto sobre quando Scottie ficou anêmico de tão enjoado que era para comer. Os médicos disseram que ele precisava consumir mais alimentos ricos em ferro, e Sue não sabia o que fazer, pois era impossível convencer o menino a comer coisas saudáveis. Mas Meg sabia que Scottie era obcecado por tratores e encontrou no eBay uma fôrma de comida no formato de um trator. Ela colocava purê de batata, carne e espinafre dentro dela e Scottie comia tudo.

Teve também a vez em que Tricia e eu brigamos feio e eu fugi para encontrar o meu pai, embora Tricia dissesse que ele tinha ido embora anos antes. Cheguei até Moses Lake antes de o meu dinheiro e a minha coragem acabarem, e quando estava prestes a começar a chorar e perder as estribeiras, Meg e Joe apareceram de carro. Eles estavam seguindo o meu ônibus o tempo todo. Mas não conto isso para Alice. Porque esse é o tipo de história que você só compartilha com uma boa amiga. E só tive uma dessas na vida.

– Essa era Meg – concluo. – Ela era capaz de fazer qualquer coisa. De ajudar qualquer pessoa.

Alice fica em silêncio, digerindo o que acabou de ouvir.

– Menos a si mesma.

9

O último Espetáculo Funerário de Megan Luisa Garcia está ocorrendo em um pequeno promontório na área do estuário de Puget. Um guitarrista e um violinista tocam aquela canção de Joan Osborne, “Lumina”. Alguém lê umas palavras de Kahlil Gibran. Não há muita gente, talvez vinte pessoas, e todos estão usando roupas normais. O cara que está conduzindo a cerimônia é do centro de orientação psicológica do campus, mas, por sorte, ele não transforma a coisa toda em um serviço de utilidade pública sobre prevenção do suicídio, apontando os diversos sinais de alerta que todos nós obviamente ignoramos. Ele fala sobre como o desespero cresce em silêncio. Essa é uma das coisas que levam pessoas como Meg a fazer o que fizeram. E, depois de tudo, o desespero que ela deixou para trás deve ser respeitado e sentido, mesmo por aqueles que talvez nem a conhecessem.

Então ele olha para o grupo reunido ali e, embora não nos conheçamos, embora eu esteja sentada em um lugar mais afastado, ao lado de Alice, embora eu tenha aceitado vir à cerimônia a contragosto, só porque me senti mal por ter acusado Alice de ter colado a capa do disco na porta do quarto de Meg, os olhos dele param em mim.

– Sei que muitos de nós ainda estamos tentando entender o que aconteceu. O fato de que não conhecíamos Meg muito bem talvez torne o nosso fardo menos pesado, mas também torna mais difícil processarmos o ocorrido. Fui informado de que hoje temos uma grande amiga sua conosco, Cody, e imagino que ela também esteja lutando contra isso.

Lanço um olhar fulminante para Alice, porque é óbvio que foi ela

quem me entregou, mas ela me encara com toda a calma.

O sujeito lá na frente continua:

– Cody, gostaria de convidá-la a compartilhar qualquer coisa que quiser sobre Meg. Ou dividir conosco como está sendo para você passar por tudo isto.

– Não vou lá para a frente – sussurro para Alice, entre os dentes cerrados.

Ela me fita com os olhos arregalados e inocentes.

– O que você me contou me ajudou muito. Achei que pudesse ajudar outras pessoas também. E a você mesma.

Agora, todos estão olhando para mim. Minha vontade é matar Alice, que está me empurrando para a frente.

– Conte para eles sobre aquela história da biblioteca, sobre como ela ajudou o irmão dela a comer melhor – sussurra Alice.

Mas, quando chego lá na frente, não saem histórias edificantes sobre bibliotecas, bandas de rock ou menininhos enjoados para comer.

– Vocês querem que eu conte algo a respeito de Meg?

É uma pergunta retórica e minha voz é puro sarcasmo, mas todos aqueles cordeiros inocentes assentem, me incentivando.

– Meg era minha melhor amiga e eu achei que nós fôssemos tudo uma para a outra. Achei que contássemos tudo uma para a outra. Mas, no fim das contas, eu não a conhecia nem um pouco. – Sinto o gosto de algo duro e metálico na boca. É horrível, mas eu o saboreio, da mesma maneira que você saboreia o próprio sangue quando tem um dente frouxo. – Não sabia nada da vida dela aqui. Não sabia das aulas dela. Dos seus colegas de república. Não sabia que ela havia adotado dois gatinhos doentes e cuidado deles até ficarem bons, só para deixá-los sem lar depois. Não sabia que ela saía à noite em Seattle e tinha amigos por lá, e se apaixonava por caras que a magoavam. Supostamente, eu era a melhor amiga dela, e não sabia nada disso, porque ela não me contou. Ela não me contou que achava a vida um sofrimento insuportável. Eu não fazia

a menor ideia.

Deixo escapar uma espécie de risada, e sei que, se não tomar cuidado, o que pode vir em seguida é algo que não quero ouvir, que ninguém quer ouvir.

– Como você pode não saber uma coisa dessas sobre a sua melhor amiga? Mesmo que ela não lhe conte, como você pode não saber? Como pode acreditar que alguém é a pessoa mais bonita, incrível e simplesmente a criatura mais mágica que já conheceu, quando, no fim das contas, ela estava sofrendo tanto que precisou beber um veneno que rouba o oxigênio das células até o coração não ter outra escolha senão parar de bater? Então, por favor, não me perguntem sobre Meg. Porque eu não sei merda nenhuma sobre ela.

Alguém arqueja de espanto. Eu olho para a plateia, para todos eles, salpicados de sol. O dia está lindo, cheio da promessa da primavera: céu limpo, nuvens fofas, cheiro adocicado das primeiras flores trazido pela brisa. É injusto que haja dias como este. Que a primavera precise chegar. Parte de mim acha que o inverno deveria continuar este ano.

Vejo que algumas pessoas estão chorando. *Eu* as fiz chorar. Me tornei um veneno. Se me beber, você morre.

– Sinto muito – digo antes de sair correndo.

Deixo para trás o gramado, saindo do parque e indo em direção à avenida principal. Preciso partir. Ir embora de Tacoma. Sair do mundo de Meg.

Ouço passos atrás de mim. Deve ser Alice ou Richard Locão, mas não tenho nada para dizer a eles, então continuo correndo, mas quem quer que seja é mais rápido que eu.

Sinto a mão de alguém no ombro. Viro para trás. Desta vez, os olhos dele têm a cor do céu depois do pôr do sol, quase violeta. Nunca tinha visto os olhos de alguém mudarem de cor, como se estivessem em sintonia com o estado da alma. Se é que ele tem alma.

Olhamos um para o outro por alguns instantes, recuperando o fôlego.

– Posso lhe contar coisas. Se você quiser. – A voz dele tem aquele grunhido de antes, mas também demonstra hesitação.

– Não quero saber *dessas* coisas.

Ele balança a cabeça.

– Não, não isso. Mas posso lhe contar algumas coisas. Se você quiser. Sobre a vida dela aqui.

– Como você saberia? Se ela foi só uma trepada?

Ele faz um gesto com a cabeça, como se quisesse dizer que este não é o lugar.

– Vamos sair daqui e conversar.

– Por que você está aqui, afinal?

– A colega de república dela me deu o panfleto – diz ele, respondendo como ficou sabendo da cerimônia, mas não por que veio.

Ficamos parados.

– Venha. Vamos só conversar – insiste ele.

– Por quê? Você sabe por que ela se matou?

Ele se retrai. Como se sofresse o coice de uma arma. De novo. Como se tivesse sido puxado para trás. Só que, desta vez, a expressão no seu rosto não é de raiva.

– Não.

Andamos um bom pedaço até um McDonald's. De repente, estou faminta, com fome de algo que não seja vegetariano, orgânico ou saudável, mas feito em meio à tristeza cotidiana. Pedimos um trio de Quarteirão e levamos a comida até uma mesa sossegada ao lado do playground vazio.

Comemos em silêncio por algum tempo. Então Ben começa a falar. Ele me conta de quando Meg apareceu na cena das bandas *indie*, logo fazendo amizade com um monte de músicos da região, o que me soa bastante plausível. Conta como foi fácil para ela, uma universitária de 18 anos que veio do cu do mundo no leste de

Washington, chegar e fazer todo mundo comer na sua mão, o que também é bastante plausível. A princípio, Ben sentiu inveja dela, porque, ao chegar ali dois anos atrás, de Bend, Oregon, foi bastante esnobado pela comunidade musical antes de ser aceito. Ele conta das falsas brigas que os dois costumavam ter sobre quem era o melhor baterista: Keith Moon ou John Bonham. Quem era o melhor guitarrista: Jimi Hendrix ou Ry Cooder. Quem compôs as canções mais grudentas de todos os tempos: Nirvana ou Rolling Stones. Ele conta de quando Meg adotou os gatinhos, depois de ouvi-los chorando numa caixa em uma caçamba de lixo perto do abrigo para moradores de rua no centro de Tacoma onde ela trabalhava algumas horas por semana. Meg levou-os ao veterinário e gastou centenas de dólares para eles recuperarem a saúde. Conta como ela pediu doações a alguns dos músicos mais bem-sucedidos da cidade para os tratamentos – mais uma vez, a cara de Meg – e como deu a eles fórmula para bebês com um conta-gotas, pois eram pequenos demais para comer comida de gato. De tudo o que ele me conta, é a imagem de Meg dando comida a dois gatinhos órfãos que me dá vontade de chorar.

Mas não choro.

– Por que você está me contando tudo isso? – Agora é minha voz que parece um grunhido.

O maço de cigarros de Ben está em cima da mesa, mas, em vez de fumar, ele fica acendendo e apagando o isqueiro, a chama sussurrante aparecendo e desaparecendo.

– Parecia que você precisava saber. – A maneira como ele diz isso soa como uma acusação.

– Por que *você* está me contando isso? – repito.

A chama ilumina os olhos de Ben por um instante. E consigo ver outra vez os vários tons de culpa ali. A culpa de Ben, como a minha, é tingida de uma fúria vermelha incandescente, mais quente do que o fogo com que ele está brincando.

– Ela me contou sobre você, sabia? – diz ele.

– Ah, é? Ela não me contou sobre você.

Isso é mentira, claro, mas não vou lhe dar a satisfação de saber que ela inclusive lhe dera um apelido. Até porque, no fim das contas, não era ele o amargurado.

– Ela me contou que, numa das casas em que você fazia faxina, um cara tentou apertar a sua bunda e você deu uma chave de braço tão forte que ele pediu arrego e ainda aumentou o valor da sua hora.

É, isso aconteceu comigo com o Sr. Purdue. Um aumento de 10 dólares por semana. Esse é o preço de uma apalpada indesejada na minha bunda.

– Ela chamava você de Buffy.

Mais do que a história com o Sr. Purdue, é isso que me faz ter certeza de que Meg contou para ele sobre mim. Buffy era como ela me chamava quando achava que eu tinha sido especialmente fodona, como Buffy Summers, a Caça-Vampiros. Meg dizia que era Willow, a parceira com poderes mágicos, mas estava enganada: ela era Buffy *e* Willow, força e magia, tudo em um pacote só. Eu apenas pegava carona no brilho dela.

Não parece justo que ele saiba essas coisas sobre mim; é como se tivesse visto fotos constrangedoras de quando eu era bebê. Como se houvesse tido acesso a detalhes aos quais não tem direito.

– Ela lhe contou bastante coisa para uma garota que você comeu uma vez e descartou.

Ben parece magoado. Excelente ator, esse Ben McCallister.

– Nós éramos amigos.

– Não acho que *amigos* seja a palavra certa.

– Não – insiste ele. – Antes de tudo ir pro cacete, nós éramos amigos.

Os e-mails. As provocações inofensivas. A conversa sobre bandas de rock. A mudança repentina.

– Então o que aconteceu? – pergunto, embora já saiba.

Mesmo assim, fico chocada quando o ouço dizer da maneira como ele diz:

– Nós trepamos.

– Vocês dormiram juntos – corrijo. Porque pelo menos isso eu sei. Sei que Meg, depois do que aconteceu naquela outra vez, não teria transado com ninguém a não ser que gostasse da pessoa. – Meg não treparia com alguém.

– Bem, eu trepei com ela. E, quando você trepa com uma amiga, estraga tudo. – Ele acende o isqueiro e deixa a chama se apagar de novo. – Eu sabia que isso iria acontecer, mas fiz assim mesmo.

Agora que ele está sendo honesto, é ao mesmo tempo repulsivo e magnético, como um acidente de trânsito horrível que você não consegue deixar de esticar o pescoço para ver, mesmo sabendo que vai lhe dar pesadelos depois.

– Por que você fez isso se sabia que iria estragar tudo?

Ele suspira e balança a cabeça.

– Sabe como é, quando você está no clima, e tudo está acontecendo, e você não pensa no dia de amanhã.

Ben me encara, mas a questão é que eu não sei. Pode parecer chocante, mas a verdade é que ainda sou virgem. Quando você é criada para ser "lixo branco", faz tudo o que pode para não cair na armadilha de engravidar. A maioria das vezes, parece inevitável de qualquer maneira. Mesmo assim, eu não precisava colocar mais um prego no meu caixão dando para algum mané da minha cidade.

Fico calada, olhando para o playground vazio.

– Só transamos uma vez, mas foi o suficiente. Depois disso, foi tudo por água abaixo.

– Quando?

– Não sei. Por volta do feriado de Ação de Graças. Por quê?

Faz sentido. O e-mail dela sobre "dar para o barman" foi logo antes do feriado. Mas e os gatinhos? Ela os encontrou após o recesso de inverno. E a história do Sr. Purdue apertando minha bunda aconteceu em fevereiro, algumas semanas antes de ela morrer.

– Mas, se vocês se desentenderam há tanto tempo, como sabe

todas essas coisas recentes? Sobre os gatos? Sobre mim?

– Achei que você tivesse lido os e-mails.

– Só alguns.

Ele faz uma careta.

– Então você não leu todas as coisas que ela escreveu para mim?

– Não. E um monte de e-mails dela sumiu, tipo, entre janeiro e a semana antes de ela morrer.

Ben parece confuso.

– Você tem algum computador aqui?

– Podemos usar o de Meg. No quarto dela.

Ele fica calado, como se estivesse pensando no assunto. Então, amassa as embalagens vazias do nosso lanche.

– Vamos lá.

• • •

De volta ao quarto de Meg, Ben abre seu e-mail, faz uma busca pelo nome dela e uma tela inteira de mensagens aparece. Ele sai da cadeira e eu me sento em seu lugar. Repete vem saltitando pela porta aberta para arranhar as caixas de papelão.

Começo pelo início, pelos e-mails em que eles ainda estão flertando, todas aquelas mensagens sobre Keith Moon e Rolling Stones. Olho para Ben.

– Continue lendo – instrui ele.

Eu obedeço. Os flertes ficam mais intensos. Os e-mails, mais longos. E então eles transam. É um divisor de águas. Depois disso, os e-mails de Ben ficam mais distantes e Meg parece meio desesperada. As mensagens dela ficam simplesmente esquisitas. Talvez se tivessem sido escritas para mim, não teriam parecido tão esquisitas assim. Mas são para Ben, um cara com quem transou uma vez. Ela escreveu páginas e páginas a respeito de si mesma,

tudo sobre a vida dela, os gatos, eu; parece um diário muito detalhado. Quanto mais ele tentava afastá-la, mais ela escrevia. Mas não de um jeito totalmente sem noção. Estava claro que Meg sabia que aquilo tudo era estranho, porque terminava várias mensagens – que podiam chegar a oito ou dez páginas – precisando de algum tipo de reafirmação: *Ainda somos amigos, não é?* Como se estivesse pedindo permissão para continuar a lhe contar tudo aquilo. Fico constrangida ao ler as mensagens, e não só por mim, mas por ela também. É *por isso* que ela apagou as mensagens enviadas?

Ela continuou a enviar esses e-mails para Ben mais ou menos de dois em dois dias, durante várias semanas, e é impossível ler todos, não só por serem muito longos, mas porque estão me dando um nó no estômago. Meg faz referência a mensagens de texto que enviou e telefonemas que deu para ele. Quando pergunto a Ben com que frequência ela fazia isso, ele não me responde. E, então, vejo um dos seus últimos e-mails para ela: *Arranje outra pessoa com quem conversar.* E, logo depois desse e-mail: *Você precisa me deixar em paz*. Me lembro do último e-mail que Meg lhe enviou: *Não precisa mais se preocupar comigo.*

Preciso parar. Ben agora está olhando para mim com uma expressão que eu não gosto. Prefiro o babaca arrogante e afetado de algumas noites atrás. Porque quero odiar Ben McCallister. Não quero que ele me olhe com cara de coitado. Não quero que ele pareça vulnerável, quase carente, como se quisesse algum tipo de reafirmação. E com certeza não quero que ele tenha uma atitude generosa, como se oferecer para ficar com os gatinhos. E é o que ele faz.

Fico apenas olhando para ele. Como se perguntasse: *Quem é você?*

– Posso deixá-los com a minha mãe na próxima vez que for a Bend. A casa dela é praticamente um zoológico de qualquer maneira, então ela não vai se importar com mais dois gatos de rua.

– E até lá?

– Eu moro numa casa em Seattle. Tem um quintal, e o pessoal que mora comigo é vegano, defensores dos direitos dos animais, logo não podem se recusar, ou correm o risco de parecer hipócritas.

– Por que você faria isso?

Não sei por que estou questionando os motivos dele. Preciso encontrar um lar para os gatos; Ben é a única pessoa disposta a aceitá-los. Eu deveria calar a boca.

– Achei que tinha acabado de explicar. – O grunhido está de volta à sua voz, o que é um alívio.

Mas, pela maneira como Ben olha para tudo no quarto, menos para mim, acho que ele sabe que não explicou o porquê, não exatamente. E, pela maneira como estou olhando para tudo no quarto, menos para ele, sei que não preciso que ele explique.

• • •

Na manhã seguinte, Ben passa para pegar os gatos quanto estou terminando de fechar as últimas caixas com fita adesiva. Coloco Grapette e Repete na caixa de transporte, junto todos os brinquedos dos bichanos e os entrego a ele.

– Para onde você está indo? – pergunta Ben.

– Para o correio, e depois para a rodoviária.

– Posso dar uma carona.

– Não precisa. Vou chamar um táxi.

Um dos gatos mia.

– Não seja boba: você teria que pagar dois táxis.

Fico com medo de Ben retirar sua oferta de adotar os gatos, e de ser esse o motivo para me oferecer carona, mas ele já começou a colocar as bolsas no porta-malas e os gatos na traseira. O carro está imundo, cheio de latinhas de Red Bull vazias, cheirando a cigarro. Um casaquinho com lantejoulas está embolado no banco de

trás.

Harry Kang, o morador misterioso da república, nos ajuda a colocar as caixas no carro. Embora não tenhamos trocado duas palavras durante toda a minha estadia ali, ele agarra minha mão e pede:

– Por favor, diga à família de Meg que minha família tem orado por eles todos os dias. – Ele me encara fixamente por mais alguns instantes. – Vou pedir para eles orarem por você também.

E, ainda que as pessoas estejam me dizendo esse tipo de merda o tempo todo desde que Meg morreu, as palavras inesperadas de Harry me dão um nó na garganta.

Grapette e Repete miam durante todo o trajeto até o correio, e Ben fica com eles, esperando no carro, enquanto eu despacho as caixas. Então, ele me leva até a rodoviária a tempo de pegar o ônibus de uma da tarde. Chegarei em casa na hora da janta. Não que vá ter alguma janta à minha espera.

Os gatos continuam a miar o tempo todo e, pelo cheiro, quando chegamos à rodoviária, um deles já fez xixi. A essa altura, estou convencida de que ele vai me dizer que mudou de ideia, que se ofereceu para adotá-los só para se vingar do meu e-mail sobre a camisa.

Mas Ben não faz isso. Abro a porta do carro e ele apenas diz baixinho:

– Se cuida, Cody.

De repente, sinto vontade de levar os gatos comigo. A ideia de voltar para casa sozinha me deixa arrasada. Por mais que queira ficar a quilômetros de distância de Ben McCallister, agora que estou fazendo exatamente isso, percebo o alívio que é dividir este fardo com alguém.

– Obrigada. Você também. Tenha uma vida boa.

Não é bem isso que quero dizer; acabo soando petulante. Mas talvez isso seja o melhor que você pode desejar para alguém.

10

O ônibus fica parado nas montanhas por causa de um pneu furado, então eu perco minha conexão em Ellensburg e só chego em casa depois da meia-noite. Durmo até as oito da manhã, vou limpar a casa dos Thomas e, à noite, levo as duas bolsas até a casa do Garcias.

Toco a campainha, algo que raramente fazia antes, e Scottie é quem atende. Quando ele abre a porta, pergunto como estão as coisas, mas não há necessidade, pois sinto o cheiro de manteiga.

– Cupcakes – diz ele.

– Que delícia! – exclamo, tentando parecer alegre.

– Nunca pensei que fosse dizer isto, mas adoraria comer brócolis agora.

Joe e Sue hesitam ao me ver, como se, em vez das roupas e livros de Meg, eu tivesse trazido ela própria. Então, eles se aproximam, me agradecem, Sue começa a chorar baixinho e isso é simplesmente demais para mim. Sei que eles me amam. Sue sempre falou que me ama como se eu fosse uma filha, mas é diferente agora que ela não tem mais uma filha de verdade.

Me viro para Scottie. Se isso é difícil para mim, é pior ainda para ele. Como se eu fosse um Papai Noel trazendo presentes, anuncio:

– Vamos ver o que temos aqui?

Mas ninguém quer ver. Pego o notebook dela, que trouxe separado na mochila. Estendo-o para Joe e Sue. Eles se entreolham, então balançam a cabeça.

– Nós conversamos, e queremos que você fique com ele – revela Joe.

– Eu? – Sei quanto este computador foi caro. – Não. Não posso

aceitar.

– Por favor, é o nosso desejo – pede Sue.

– E quanto a Scottie?

– Scottie tem 10 anos – responde Joe. – Já temos um computador para nós três. Ainda falta muito tempo para ele ter o próprio notebook.

A expressão de Sue fraqueja, como se ela já não acreditasse muito nisso, mas depois se recompõe e completa:

– E você vai precisar dele quando for para a faculdade.

Concordo com a cabeça e todos fingimos que isso vai acontecer.

– É demais para mim – insisto.

– Cody, apenas aceite – diz Joe, em um tom quase ríspido.

É então que entendo que o computador não é bem um presente. Talvez o fato de eu o aceitar é que seja.

• • •

Antes de eu ir embora, Sue me dá uma dúzia de cupcakes para eu levar. A cobertura deles é rosa e dourada, cores que contam uma história cheia de ternura e alegria. Até a comida mente.

Scottie leva Samson para passear e se junta a mim quando já estou a meio caminho de casa.

– Desculpe pelo computador, Runtmeyer.

– Tudo bem. Posso jogar DS.

– Você pode ir lá em casa e me ensinar a jogar um de seus jogos.

Ele me olha com uma expressão séria.

– Ok. Mas você não pode me deixar ganhar. Parece que as pessoas estão me deixando ganhar só porque sou o irmão da garota morta.

– E eu sou a melhor amiga da garota morta. Então estamos na mesma. O que me dá a liberdade de fazer picadinho de você.

É a primeira vez em séculos que vejo Scottie sorrir.

• • •

Quando chego em casa, Tricia está esquentando um prato de comida congelada de micro-ondas.

– Vai querer também?

É o máximo que posso esperar do seu instinto maternal.

Sentamos juntas para comer frango xadrez e eu lhe mostro o notebook. Tricia passa a mão pelo computador, impressionada, e me pergunto se ela está ressentida porque os Garcias me deram outra coisa que ela não pode dar. Isso e todos os jantares, as viagens para acampar em família, tudo que eles me ofereceram enquanto ela estava trabalhando no bar ou saindo com um dos namorados.

– Sempre quis saber mexer em um desses negócios – diz ela.

Eu balanço a cabeça.

– Não acredito que você ainda não saiba usar um computador.

Ela dá de ombros.

– Cheguei até aqui, não cheguei? E sei mandar torpedos. Raymond me ensinou.

Não pergunto quem é Raymond. Não preciso saber quem é o rolo mais recente dela. Tricia nunca se dá o trabalho de trazê-los para casa ou de me apresentar a eles, a não ser que nos encontremos por acaso. É até melhor assim. De qualquer maneira, ela geralmente leva um pé na bunda antes que eu possa decorar os nomes.

Acabamos de comer. Tricia não quer nenhum dos cupcakes de Sue porque eles engordam, e eu tampouco, então ela vai buscar dois picolés com baixo teor de gordura no congelador.

– Que história foi aquela de gatos? – pergunta ela.

– Ahn?

– Você me perguntou se poderíamos ter gatos. Está tentando substituir Meg por um animal de estimação ou coisa parecida?

Quase engasgo com o picolé.

– Não.

Por pouco não lhe conto a história, porque quero falar com alguém sobre os gatos de Meg, sobre a vida dela por lá, da qual eu não sabia nada. Mas tenho certeza que os Garcias também não sabiam. E esta é uma cidade pequena: se eu contar a Tricia sobre os gatos, ela sem dúvida vai passar adiante a novidade, até acabar chegando aos ouvidos de Joe e Sue.

– Eram só dois gatinhos que precisavam de um lar.

Ela balança a cabeça.

– Você não pode dar um lar para toda criatura perdida que encontra por aí.

Ela diz isso como se a toda hora tivesse alguém batendo à nossa porta em busca de um lugar confortável, seco e quente para dormir, quando, na verdade, é o contrário.

11

Um conselheiro acadêmico da faculdade comunitária me deixou uma mensagem, dizendo que eles estão cientes das minhas “circunstâncias atenuantes” e que poderia me receber para encontrarmos uma maneira de reavaliar minha situação. Madison, uma garota que fez a maioria das aulas comigo na escola, também me liga e deixa outra mensagem perguntando se estou bem.

Não retorno nenhuma das duas ligações. Volto ao trabalho e pego mais algumas faxinas, seis por semana agora, ganhando um bom dinheiro. O notebook da Meg fica na minha mesa com os livros da escola, todos juntando poeira. Até que, uma bela tarde, a campainha toca. Dou de cara com Scottie na varanda; Samson está amarrado ao parapeito.

– Vim aceitar sua oferta de fazer picadinho de mim.

– Entre.

Nós ligamos o computador.

– O que vamos jogar? – pergunto.

– Pensei em começarmos com Soldier of Solitude.

– O que é isso?

– Aqui, deixe eu mostrar. – Ele abre o navegador. – Humm. – Fuça mais um pouco. – Não aparece nenhuma rede. Talvez a gente precise reiniciar o roteador.

– Não tem roteador nenhum, Scottie. Não temos internet.

Ele me encara, então olha ao redor como se estivesse lembrando quem eu sou, quem é Tricia.

– Ah, tudo bem. Podemos jogar o que tiver no seu computador. – Ele puxa o notebook para junto de si. – Quais jogos você tem?

– Não sei se Meg tinha algum jogo.

Scottie e eu nos entreolhamos e quase sorrimos. Meg odiava videogames. Achava que eles sugavam neurônios valiosos. E, como era de se esperar, não há nada no computador, exceto os jogos que já vêm instalados.

– Podemos jogar paciência – sugiro.

– Paciência não dá para dois jogadores.

Sinto que o decepcionei. Começo a fechar o notebook. Mas então Scottie o segura aberto.

– Foi desse computador que ela mandou a mensagem?

Scottie tem 10 anos. Tenho certeza que não é saudável para ele falar sobre esse tipo de assunto. Não comigo. Fecho o computador.

– Cody, ninguém me conta nada.

A voz dele é puro lamento. Lembro-me do adeus que Meg enviou para ele, também deste computador.

– É, foi deste computador que ela enviou a mensagem.

– Posso ver?

– Scottie...

– Eu sei que todo mundo quer proteger minha inocência e tudo o mais, mas minha irmã tomou veneno. É meio tarde demais para isso.

Eu suspiro. Tenho uma cópia impressa do bilhete de suicídio guardada em uma caixa debaixo da cama, mas sei que não é isso que ele quer ver. Sei que ele já viu, leu ou ouviu falar da mensagem. Mas Scottie quer ver de onde ela veio. Abro a pasta de itens enviados. Mostro a mensagem. Ele estreita os olhos para lê-la.

– Você nunca achou estranho ela dizer que a decisão era dela “e de mais ninguém”?

Balanço a cabeça. Não tinha achado.

– É que, quando nós éramos apanhados fazendo alguma coisa que não devíamos juntos, e ela queria evitar que eu levasse a culpa, era isso que falava aos nossos pais: “Scottie não teve nada a ver com isso. A decisão foi minha e de mais ninguém.” Era assim que ela falava para me proteger.

Me lembro de todas as vezes em que Meg convenceu Scottie a participar de algum de seus planos mirabolantes e depois teve que livrar a pele dele. Ela sempre sofria as consequências no lugar do irmão. Na maioria das vezes, merecidamente. Ainda não entendo direito o que ele quer dizer, então este menino de 10 anos precisa falar com todas as letras:

– É quase como se ela estivesse protegendo alguém.

12

Depois que Scottie vai embora, dou mais uma olhada nos e-mails de Meg. Ainda não consigo entender todas aquelas mensagens apagadas. Por que ela apagaria apenas os e-mails enviados, mas não os da caixa de entrada? Ou ela também deletou e-mails de lá e eu simplesmente não sei o que procurar? Por que aquelas seis semanas? E o que mais ela apagou? Existe alguma maneira de recuperar as mensagens antigas? Ou elas sumiram para sempre? Não faço ideia. Não conheço ninguém que entenda disso.

Mas então me lembro de Harry Kang, o colega de república de Meg, que estuda computação. Procuro o pedaço de papel em que Alice anotou seu telefone. Ela não atende, logo deixo um recado, dizendo que quero falar com Harry.

Na manhã seguinte, sou acordada às 7h45 pelo toque do meu telefone.

– Alô – atendo com a voz engrolada.

– Aqui é Harry Kang.

Eu me sento na cama.

– Ah, Harry, olá, aqui é a Cody.

– Eu sei. Eu que liguei para você.

– Certo. Obrigada. Olha, não sei se você pode me ajudar, mas tenho um computador aqui e queria recuperar alguns e-mails que foram apagados.

– Você está me ligando porque o seu computador deu pau?

– O computador não é meu. É da Meg. Estou querendo recuperar arquivos que acho que ela tentou deletar.

Ele fica quieto, como se estivesse pensando no assunto.

– Que tipo de arquivos?

Falo com ele sobre os e-mails enviados que sumiram e como estou tentando recuperá-los, assim como qualquer mensagem que possa ter sido deletada.

– Talvez dê para fazer isso usando um programa de recuperação de dados. Mas, se Meg queria que esses arquivos fossem apagados, acho que é melhor respeitar a privacidade dela.

– Eu sei. Mas tem algo no bilhete de suicídio dela que me faz pensar que ela talvez não tenha agido sozinha, e agora esse monte de e-mails faltando. Parece haver algo de errado.

Alguns instantes de silêncio do outro lado da linha.

– Está querendo dizer que ela pode ter sido coagida por alguém?

Como você coage alguém a tomar veneno?

– Não sei o que quero dizer. É por isso que pretendo encontrar aqueles e-mails. Não sei se estão em uma pasta que encontrei na lixeira do computador. Não consigo abri-la.

– O que acontece quando você tenta?

– Espera aí.

Ligo o notebook e arrasto o arquivo da lixeira. Clico nele para abrir e recebo a mensagem de que ele está protegido. Digo isso a Harry.

– Tente o seguinte. – Ele me fala um monte de comandos complicados. Nada funciona. – Humm. – Ele me pede para tentar mais alguns comandos, mas sem sucesso. – Parece uma encriptação bastante sofisticada. Quem quer que tenha programado isso, sabia o que estava fazendo.

– Então a pasta está inacessível para sempre?

Harry dá uma risada.

– Não. Isso não existe. Se eu estivesse com o computador aqui, provavelmente conseguiria desencriptar para você. Pode mandar a máquina para cá, se quiser, mas é melhor se apressar, porque meu período acaba em duas semanas.

Levo o computador à farmácia, que tem um guichê do correio nos fundos. Troy Boggins, que era de um ano à minha frente no ensino médio, está trabalhando como atendente.

– Ei, Cody, onde você tem se escondido?

– Não tenho me escondido. Tenho trabalhado.

– Ah, sei – fala ele, arrastando as palavras. – E onde tem trabalhado ultimamente?

Fazer faxinas não é nenhum motivo para se envergonhar. É um trabalho honesto e consigo ganhar um bom dinheiro, provavelmente mais do que Troy. Mas Troy não passou quatro anos falando que, no minuto em que a tinta secasse em seu diploma, daria o fora daqui. Bem, eu também não fiz isso. Meg fez, mas, como a maioria dos planos dela, esse também se tornou o meu plano. Então Meg foi embora e eu fiquei.

Como não respondo, Troy me diz que vai custar 40 dólares para enviar o computador e outros 40 dólares para ele ser mandado de volta.

– Se quiser seguro, fica mais caro.

Oitenta pratas? Esse é o preço da passagem de ônibus. O fim de semana está chegando e tenho dinheiro por causa dos trabalhos extras. Resolvo levar eu mesma o computador para Tacoma. Desse jeito, terei a resposta mais rápido.

Digo a Troy que mudei de ideia.

– Sem problema.

Eu me viro para ir embora e Troy pergunta:

– Quer sair um dia desses? Tomar uma cerveja?

Se fosse quinze ou vinte anos mais velho, Troy Boggins seria o tipo de cara com quem Tricia sairia. Ele nunca prestou a mínima atenção em mim na escola. Eu deveria ficar lisonjeada com esse interesse repentino, mas só acho assustador. Como se, sem Meg do

meu lado, ficasse claro o que eu sou. O que eu sempre fui.

• • •

Quando falo para Tricia que vou passar o fim de semana em Tacoma, ela me olha esquisito. Não que possa me impedir. Tenho 18 anos e, mesmo que não tivesse, ela nunca foi esse tipo de mãe.

– Conheceu algum cara por lá?

– O quê? Não! É por causa das coisas da Meg. Por que você achou isso?

Ela estreita os olhos e dá uma fungada, como se tentasse sentir o cheiro de alguma coisa em mim. Então, me dá 20 dólares para a viagem.

Mando uma mensagem para Alice informando que vou aparecer, perguntando se posso dormir lá, e ela responde com um monte de pontos de exclamação, como se fôssemos amigas ou coisa parecida. Diz que vai passar o sábado quase inteiro no estágio, mas que podemos sair juntas no domingo. Também aviso a Harry, e ele comenta que está ansioso para dar uma olhada no computador.

• • •

Chego tarde, mas o sofá está arrumado para mim. Durmo ali mesmo. Pela manhã, Harry e eu vamos para o seu quarto, que tem, tipo, cinco computadores, todos ligados e zumbindo. Ligamos o de Meg. Ele abre primeiro o programa de e-mails.

– Não sei se vamos conseguir recuperar os e-mails apagados – fala ele depois de fuçar um pouco. – O gerenciador de e-mails dela está configurado para usar IMAP, logo, assim que as mensagens são apagadas aqui, elas também são deletadas do servidor.

Faço um meneio de cabeça, como se tivesse entendido.

Ele clica no arquivo protegido.

– Ela provavelmente queria apagar isto também, mas por algum motivo a encriptação foi corrompida e isso evitou que o computador deletasse o arquivo.

– Como assim?

– Você encontrou isso na lixeira, não foi?

Eu assinto.

– Ela deve ter tentado esvaziá-la, mas olhe...

Ele abre o menu e seleciona “Esvaziar lixeira”.

– Não! – grito.

Ele levanta a mão para eu ficar quieta. Algumas das coisas são apagadas, mas então uma mensagem de erro diz: “A operação não pode ser concluída porque o item ‘Pasta sem nome’ está sendo utilizado.”

– Coloquei algumas pastas de teste no lixo para vermos se conseguiríamos apagá-las, mas não a pasta protegida. Não se preocupe, já a copiei para o meu computador. Eu diria que ela tentou deletar esta pasta, mas não conseguiu.

– Ah.

– Seja o que for, é algo que ela não queria que as pessoas vissem. Tem certeza que quer fazer isto?

Balanço a cabeça: não tenho certeza nenhuma.

– A questão aqui não é o que *eu* quero.

– Tudo bem. Tenho um compromisso agora à tarde, mas vou mexer nisto antes de sair e quando voltar para casa. Vai dar um pouco de trabalho.

Estou prestes a me desculpar, mas vejo o prazer nos olhos de Harry, como se eu tivesse lhe dado o maior quebra-cabeça do mundo. Então, apenas lhe agradeço.

Ele meneia a cabeça.

– Como estão os gatos?

– Não sei. Aquele tal de Ben ficou com eles.

– Ele mora em Seattle, não mora?

Eu dou de ombros. Acho que foi isso que ele disse.

– Se quiser ver como eles estão, meu grupo da igreja vai lá hoje à tarde para pintar um centro de apoio à juventude. Podemos dar uma carona para você.

– Eles são gatinhos, Harry, não bebês. E nem devem estar lá. Ele disse que os deixaria na casa da mãe. – Se bem que, pela maneira como Ben falou, não parecia que visitava a mãe toda semana. – Enfim, eles já não são problema meu.

Ele levanta as mãos.

– Foi mal. Você parecia bem apegada a eles. Meg era.

– Não sou a Meg.

– Ok. Deixe eu trabalhar nisto aqui.

• • •

A manhã demora a passar. Alice e Richard Locão não estão em casa e Harry não saiu do quarto, então fico sentada na varanda da frente, observando a chuva cair. Em um canto, vejo um dos ratinhos recheados de *catnip* que os gatos podiam passar horas atacando. É como se ele estivesse olhando para mim.

– Ah, tá bom.

Pego o telefone e mando uma mensagem para Ben: *Como estão os gatos?*

Ele responde imediatamente: *No quintal. Tentando pegar a chuva.*

Ele envia uma foto deles brincando em um quintal.

Bom passatempo pra gatos de Seattle.

Melhor que correr atrás do próprio rabo.

Vc entende bem de correr atrás de rabos, né?

Rá! Onde vc tá?

Tacoma.

A próxima mensagem demora a chegar: *Quer ver como eles estão? Eles crescem muito rápido.*

Não entendo muito bem por que sinto o estômago se revirar um pouco; só sei que a ideia de ver Ben McCallister provoca em mim tanto repulsa quanto atração. Antes que eu possa pensar muito no assunto, respondo: *Ok*.

Três segundos depois: *Precisa de uma carona?*

Já tenho uma.

Ele me envia o endereço e pede para eu mandar uma mensagem quando estiver a caminho.

• • •

A van com o grupo da igreja de Harry que vai para Seattle está cheia e fico um pouco chocada ao ver que Richard está espremido lá no fundo.

– E aí, Cody?

– E aí, Richard? Não imaginava que você fosse...

– Cristão? – Ele ri. – Estou indo só cheirar a tinta. Meu bagulho acabou todinho.

Uma das garotas no banco do meio joga um rolo de tinta nele.

– Cale a boca, Richard. Você só fala merda.

Cristãos filantropos que xingam e fumam maconha. É cada uma...

Ela se vira para mim.

– O pai dele é pastor em Boise. Você vai à igreja?

– Só porque as cerimônias fúnebres costumam ser nelas.

Ela, Richard e Harry se entreolham. Embora eu duvide que ela já tenha ido a Cascades, é óbvio que sabe do que – e de quem – estou falando.

Alguém coloca Sufjan Stevens para tocar nas alturas, então Richard, Harry e o restante da van vai cantando junto durante todo o caminho até os arredores de Seattle. Envio uma mensagem para avisar que estou perto.

Repete acabou de usar a caixinha de areia, responde ele. *Vou deixar pra você.*

Eu me permito sorrir.

– Cuidado – alerta Richard.

Já estamos descendo a rampa que sai da autoestrada e ele está vindo da fileira de trás.

– Diz o cara que está andando em um veículo em movimento.

Ele se espreme para sentar ao meu lado.

– Eu sei como esses caras são. Vi como ele era com Meg: charmoso por fora, mas um puta babaca por dentro.

O mais louco e terrível de tudo é que, por um segundo, eu quase defendo Ben. Mas, então, me controlo e fico pasma, porque Richard tem razão. Ben é um escroto. Ele comeu Meg e a jogou fora e, agora que ela morreu, está arrependido e tentando ser bonzinho comigo para compensar.

Não sei o que estou fazendo aqui, em Tacoma, arrancando as casquinhas de uma ferida que precisa sarar. Ou o que estou fazendo em Seattle, descendo em frente a um bangalô decrépito em Lower Queen Anne. Mas é como se eu estivesse sendo levada por um impulso mais forte do que eu, pois, antes de ter a chance de mudar de ideia, de dizer àquele bando de carolas que vou passar a tarde com eles e ajudar a pintar o centro de apoio, Harry me diz que eles estarão de volta lá pelas cinco, Richard me encara com uma expressão que só posso descrever como paternal, embora eu seja a última pessoa no mundo que saberia como seria isso, e a van vai embora.

Fico parada diante da casa de paredes azuis desbotadas, com latas de cerveja e guimbas espalhadas na frente. Tento trazer à tona um pouco daquela raiva, daquele ódio por Ben, para ver se isso me impulsiona a entrar ali.

A porta é entreaberta e um pequeno borrão cinzento sai lá de dentro. Fico observando-o passar. Grapette. Ben tem razão: ele cresceu.

Então a porta se escancara e Ben sai correndo atrás descalço, com os cabelos molhados.

– Merda!

– Que foi?

– Nós não os deixamos vir aqui para a frente. – Ele se enfia debaixo de uma moita e volta trazendo Grapette pelo pescoço. – Muito trânsito.

– Ah.

Ben estende o gato agora obediente para eu o pegar. Quando beijo sua cabecinha peluda, ele me arranha bem debaixo da orelha direita.

– Ai!

– Ele é um pouco violento.

– Estou vendo.

Devolvo o gato para Ben.

– Vamos entrar.

Ele abre a porta de casa. O piso de madeira está gasto, mas há prateleiras de madeira novas e bonitas por toda parte, cheias de livros, discos de vinil e velas tremeluzentes. Ben acende uma luz e se inclina para perto de mim. Por um instante, acho que ele vai me beijar ou coisa parecida, e cerro os punhos. Mas ele afasta meu cabelo e olha para o meu pescoço.

– Ele te arranhou feio.

Encosto o dedo no arranhão, que está começando a inchar.

– Não é nada.

– Você devia passar uma água oxigenada.

– Estou bem.

Ele balança a cabeça.

– Os gatos acabaram de usar a caixinha de areia. Você pode pegar a doença da arranhadura do gato.

– Isso nem existe. Você ouviu demais aquela música “Cat Scratch Fever”.

– Claro que existe. Faz suas glândulas incharem.

– Como sabe tanto sobre gatos?

– Nós tínhamos um monte quando eu era pequeno. Minha mãe não acreditava em castração ou esterilização. Para bichos de estimação ou para humanos.

Eu o sigo até um banheiro rosa no estilo dos anos 1960, que está úmido por causa do banho que ele acabou de tomar. Ben remexe num armário de remédios e tira um frasco de água oxigenada lá de dentro. Umedece um lenço com um pouco e volta a se inclinar para perto de mim.

Eu pego o lenço.

– Posso fazer isso sozinha.

O arranhão fica esbranquiçado e espumante e arde por um instante, mas logo está melhor. Então, ficamos os dois parados no banheiro quente, úmido e pequeno.

Eu saio e Ben me segue, mostrando a casa: a mobília da sala que não combina, a coleção de instrumentos musicais no porão. Também exibe o quarto dele: um futon preto, paredes pretas, um violão encostado no canto e as mesmas prateleiras bonitas da sala. Não chego a atravessar a porta.

Como a chuva parou, Ben me conduz por uma escada comprida que dá no quintal dos fundos. Ele gesticula ao redor.

– É aqui que eles passam a maior parte do tempo.

– Quem? – Então me lembro por que estou aqui. – Ah, os gatos.

– Na verdade, preciso dizer que...

– Você os castrou?

– Meg cuidou disso. – Ele parece constrangido ao dizer o nome dela, mas depois se recompõe. – Mas, na verdade, Repete é menina. Achei que fossem irmãos.

– Eles devem ser da mesma ninhada. De qualquer forma, ainda funciona.

– O que funciona?

– A piada. – Ben me olha com uma expressão confusa, então eu explico: – Grapette e Repete saíram de barco. Grapette caiu na

água. Quem se salvou?

– Rep... – Ele se interrompe. – Ah, entendi. – Ben coça a cabeça e pensa por um instante. – Só que ela se enganou quanto aos nomes, porque não foi a garota que se salvou.

E aí está o verdadeiro motivo que me trouxe aqui. Não foi para ver os gatinhos. Ficamos os dois parados em meio à tarde abafada. Depois de um tempo, ele se senta nos degraus e acende um cigarro. Oferece um para mim. Eu recuso, pois não fumo, então lembro de uma música da década de 1980 que eu e Meg descobrimos numa das velhas fitas cassetes de Sue:

– *Don't drink. Don't smoke.*

– *What do you do?* – Ele completa a música.

"O que você faz?"... Levo a sério a pergunta e, após me sentar ao lado dele, respondo:

– Boa pergunta. O que *você* faz?

– Uns bicos de construção, marcenaria. E uns shows.

– É verdade. Os Scarps.

– Isso. Fizemos um show ontem à noite e vai ter outro hoje.

– Rodada dupla.

– Tipo isso. Por que não vai ao de hoje? Vai ser em Belltown.

– Estou ficando em Tacoma.

– Posso lhe dar uma carona de volta, provavelmente não hoje à noite, mas amanhã. Você pode dormir aqui.

Ele está falando sério? Eu o olho com cara de nojo e ele meio que dá de ombros.

– Ou não. – Ben dá uma tragada no cigarro. – O que veio fazer aqui, afinal?

– Visitar os gatos? – digo eu, na defensiva. – Você me convidou, lembra? – Depois que eu mandei uma mensagem para ele. Por que eu fiz isso?

– Não, quero dizer aqui na região. Em Tacoma.

Explico a ele sobre o computador de Meg, os arquivos apagados, a pasta protegida e Harry, o mago dos computadores.

Uma expressão estranha cruza o rosto dele.

– Não acho que seja uma boa ideia ler os e-mails dela.

– Por quê? Você tem algo a esconder?

– Mesmo que tivesse, você já leu os meus e-mails.

– É. Foi assim que entrei nesta história.

Ele gira o cigarro entre os dedos.

– Mas aqueles e-mails eram meus. Foram escritos para mim. O direito de mostrá-los ou não a você era meu. Não acho que você deva ficar se metendo em assuntos pessoais como esse.

– Depois que você morre, deixa de ser uma pessoa, então a questão do que é pessoal ou não se torna discutível.

Ben parece desconfortável.

– O que exatamente você está procurando?

– Não sei direito. Mas algo me cheira mal.

– Como assim? Como se ela tivesse sido, o quê, assassinada?

– Não sei o que estou pensando. Mas tem algo de estranho nisso tudo, de suspeito. Em primeiro lugar, o fato de que Meg não era suicida. Tenho pensado muito nisso. Ainda que eu não soubesse o que estava acontecendo quando ela se mudou para cá, eu a conheci a vida inteira. E, em todos esses anos, ela nunca pensou nem falou no assunto. Então aconteceu alguma outra coisa. Algo que a empurrou da beira do precipício.

– Algo que a empurrou da beira do precipício – repete Ben. Ele balança a cabeça e acende outro cigarro com a guimba do anterior.
– O que exatamente?

– Não sei. Mas tinha uma frase no bilhete de suicídio dela, sobre a decisão ter sido apenas dela e de mais ninguém. Ora, de quem *mais* poderia ser?

Ben parece cansado. Ele fica quieto por um bom tempo.

– Talvez ela tenha escrito aquilo para isentar você.

Eu olho nos olhos dele por mais tempo do que seria confortável.

– Bem, ela não conseguiu.

• • •

Começa a chover outra vez, então Ben e eu voltamos para dentro. Ele prepara burritos com feijão preto e uma mistura de *tempeh* que está na geladeira, depois me mostra onde esconde um pote de plástico com queijo e rala um bocado para colocar em cima. Após a refeição, já passamos uma hora inteira juntos, sendo que o pessoal só vai voltar às cinco e o tempo se estende à nossa frente como um longo bocejo. Ben sugere dar uma volta em Seattle, para ver o Obelisco Espacial ou algo assim, mas está frio demais lá fora e não estou com vontade de ir a lugar algum.

– O que você quer fazer? – pergunta ele.

Há uma pequena TV na sala. De repente, a ideia de fazer algo normal é muito convidativa. Nada de participar de cerimônias fúnebres ou investigar computadores, mas apenas passar a tarde inteira em frente à TV; o tipo de coisa que tem parecido inadequada desde que Meg morreu.

– Podemos ver TV – sugiro.

Ben parece surpreso, mas liga a televisão e me dá o controle remoto. Assistimos a uma reprise do *The Daily Show* enquanto os gatos se aninham ao nosso lado. O telefone de Ben não para de vibrar e tocar, recebendo mensagens e chamadas. Quando ele vai até outro cômodo para atender algumas delas, ouço-o falar: *Acabei me enrolando aqui, se der a gente se vê amanhã à noite.* Escuto também uma conversa constrangedoramente longa em que ele explica várias vezes para uma garota que só pode ser burra chamada Bethany por que não pode ir à casa dela. Ben repete o tempo todo que talvez ela possa vir aqui. Fala sério, Bethany, se liga. Até eu consigo perceber a falta de convicção dele.

Quando Ben volta ao sofá, já troquei para a MTV, que está passando uma maratona de *Grávida aos 16*. Ben nunca viu o programa, então explico a premissa. Ele balança a cabeça.

– Sei muito bem como é isso.

– É, aposto que sim.

O telefone dele volta a tocar. Outra mensagem.

– Se quiser um pouco de privacidade, posso ir embora.

– Sim, na verdade eu queria um pouco de privacidade.

Quando estou prestes a arrumar minhas coisas e esperar as próximas horas em um café, ele desliga o telefone.

Ficamos assistindo ao programa. Depois de alguns episódios, Ben entra no clima, gritando com a TV como Meg e eu costumávamos fazer.

– Belo argumento para o controle de natalidade obrigatório – comenta ele.

– Você já engravidou alguma garota?

Ben arregala os olhos. O azul deles parece faiscante agora, ou talvez seja apenas o reflexo do brilho da TV.

– Essa é uma pergunta pessoal.

– Parece que já passamos dessa fase, não acha?

– Passei um susto uma vez, no ensino médio, mas foi um alarme falso. A partir daí, aprendi a lição. Eu sempre uso camisinha, ao contrário desses imbecis. – Ele aponta para a TV. – Às vezes penso que eu deveria fazer vasectomia, como Grapette e Repete.

– Como Grapette. Repete é menina: no caso dela tiraram os ovários ou coisa parecida.

– Está bem, como Grapette.

– Você não quer ter filhos. Um dia?

– Sei que deveria. Mas, quando penso no futuro, não consigo imaginar isso.

– Viver rápido e morrer jovem.

Todo mundo romantiza essa ideia, mas eu a odeio. Vi uma foto do corpo de Meg no relatório da polícia. Não há absolutamente nada de romântico em morrer jovem.

– Não, não é que eu me veja morto ou coisa parecida. É só que não me vejo... com esse tipo de ligação.

– Não sei, não. Você parece ter várias *ligações*. – Aponto para o telefone dele.

– Suponho que sim.

– Você *supõe*? Bem, vamos *supor*. Veio alguma garota aqui na noite passada?

As orelhas dele ficam vermelhas, e isso responde à pergunta.

– Vai vir outra hoje?

– Depende...

– Do quê?

– Se você vai resolver passar a noite aqui ou não.

– Que merda é essa, Ben? Você é viciado nisso ou coisa parecida? Não consegue se controlar?

Ele levanta as mãos, como se estivesse se rendendo.

– Calma, Cody. Quer dizer, se você dormir no sofá, por exemplo, vai *passar a noite* aqui.

– Ben, vou deixar isto bem claro, para que não haja mal-entendidos: eu nunca vou dormir com você ou perto de você.

– Vou riscá-la da lista, então.

– Que deve ser longa, imagino.

Ele tem a decência de parecer constrangido.

Vemos mais um pouco de TV.

– Posso perguntar uma coisa?

– Se eu disser que não, isso vai impedir você? – responde ele.

– Por que você faz isso? Quero dizer, eu entendo por que os homens querem fazer sexo. Entendo que eles tenham tesão o tempo todo. Mas por que uma garota diferente toda noite?

– Não é uma garota diferente toda noite.

– Acredito que não esteja muito longe disso.

Ben apanha o maço e fica brincando com um cigarro apagado. Vejo que ele quer acendê-lo, mas deve ser proibido fumar dentro da casa. Passado algum tempo, ele guarda o cigarro de volta no maço.

– É a maneira como fui criado.

– Como assim?

– É que... se tornar um homem não é uma coisa que acontece instintivamente...

– Ah, faça-me o favor. Eu não conheci meu pai, e minha mãe está longe de ser um exemplo, mas eu não os culpo pelos meus problemas. Então, qual é a sua história, Ben, você não teve pai? Ah, que peninha.

Ele olha para mim, o rosto endurecido: o Ben de cima do palco, o Ben daquela primeira vez no quarto de Meg.

– Ah, eu *tive* um pai. Com quem você acha que eu aprendi?

• • •

Às quatro e meia, Harry me envia uma mensagem dizendo que estão acabando e estarão aqui daqui a pouco. Começo a arrumar minhas coisas e vou esperar do lado de fora com Ben.

– Vou voltar a te ver? – pergunta ele. Fico sem fôlego. Não sei direito o motivo. – Porque, se não, preciso lhe dizer uma coisa.

– Ahn, está bem. – Então é por isso que ele quis que eu viesse. Não para ver os gatinhos. Mas para fazer sua confissão. – Pode falar.

Ele dá uma longa tragada e, em seguida, não solta quase nenhuma fumaça. É como se todas aquelas substâncias tóxicas ficassem dentro dele.

– Ela chorou. Depois que nós transamos. Ela chorou. Em um instante ela estava bem, e no outro estava chorando.

– Ela estava bêbada? Tipo, caindo de bêbada?

– Você quer saber se eu me aproveitei dela enquanto ela estava desmaiada? Meu Deus, Cody, não sou tão escroto assim.

– Você ficaria surpreso com a quantidade de homens que fazem isso.

Então eu conto para ele. Sobre a primeira vez de Meg. Aquela festa, quando a gente estava no segundo ano. Ela havia tomado um

monte de *shots* de Jägermeister e estava ficando com Clint Randhurst. As coisas foram longe demais, rápido demais. E, embora ela não tivesse dito exatamente que não, com certeza não disse que sim. Para piorar ainda mais, é bem provável que Clint tenha lhe passado mononucleose. Porque foi logo após essa festa que ela ficou doente.

Depois de Clint, Meg jurou que só voltaria a fazer *aquilo* com alguém de que gostasse de verdade. E é por isso que sei que ela gostava de Ben, por mais que talvez não devesse ter gostado do que aconteceu.

– Então não foi por sua causa que ela chorou. Ou, se tiver sido, foi um choro de alegria, ou talvez de alívio. É óbvio que ela *gostava* de você. Talvez tenha sido *por isso* que chorou.

Eu lhe conto isso para tirar o fardo dos ombros dele ou talvez para me livrar do meu; Meg sempre insistira que eu nunca contasse a ninguém sobre Clint. Mas, na verdade, Ben parece mais magoado. Ele balança a cabeça, olha para baixo e não diz nada.

Quando a Van dos Carolas chega, Richard Locão vê Ben cabisbaixo e olha para mim.

– O que ele fez agora?

– Nada – respondo, entrando na van.

– Se você encontrar mais alguma coisa no computador dela, pode me dizer? – pergunta Ben.

– Ok.

Depois que eu entro, ele fecha a porta e bate duas vezes nela. E então nós pegamos a estrada.

13

Harry passa a noite inteira no computador. E a manhã do dia seguinte. Quando acordo, cedo, a luz do quarto dele está acesa e não me parece que ele tenha ido dormir.

– Estou quase lá – avisa ele, os olhos brilhando de entusiasmo. – Esta encriptação é muito incomum. Foi a própria Meg quem fez a programação?

Dou de ombros.

– Se foi, então lamento ainda mais a morte dela. – Ele balança a cabeça. – Poderíamos ter nos divertido muito juntos com essas coisas de *geek*.

Sorrio educadamente.

– Você nunca conhece as pessoas de verdade, não é? – comenta ele.

Não. Não conhece.

• • •

Alice acorda algumas horas depois e vem correndo me abraçar como se fôssemos melhores amigas.

– Onde você *se meteu* ontem? – pergunta ela.

– Não tinha ninguém aqui. Fui a Seattle com o pessoal.

– Fiquei esperando, mas, como você não voltou, acabei indo para o cinema. Mas não importa. Você está aqui agora. Vou fazer umas torradas pra gente! Com pão caseiro.

Acompanho-a até a cozinha. Ela tenta cortar o pão, mas em vão. Sugiro tomarmos café da manhã na rua.

Voltamos à lanchonete onde passei a noite algumas semanas

atrás. Alice fica contrariada, porque os ovos não são de galinhas caipiras, mas eu me dou por satisfeita, pois o menu especial de café da manhã é barato. Alice fala sem parar sobre o período acadêmico, a iminência das provas finais, as férias de verão em Eugene – ela diz que, se o tempo estiver bom, é como viver nos jardins do Éden; há até pessoas nuas em alguns círculos. Sou convidada a visitá-la antes de ela ir a Montana para um emprego de verão. Abro um sorriso forçado. Não sei o que mais posso fazer, pois ela está agindo como se fôssemos amigas. Apenas temos uma conhecida em comum, que, aliás, não está mais entre nós.

– Por que você foi a Seattle ontem? – pergunta ela depois de um tempo.

– Para ver os gatinhos.

– E Ben McCallister?

– É, ele estava lá também.

Os olhos dela faíscam.

– Ele é gato, não é?

– Acho que sim.

– Você acha? Ele e Meg tinham um caso, né?

Penso na descrição grosseira de Ben sobre o que aconteceu. *Eu trepei com ela*, disse ele, tão cheio de desprezo, por Meg, por si mesmo e pelo que eles fizeram, que eu me pergunto por que ele se deu o trabalho.

– Eu não chegaria a chamar de “caso”.

– Bem, eu não ligaria nem um pouco se fosse comigo.

Alice era tão doce, tão jovem, tão inocente... O que aconteceria com ela depois que fosse usada e abusada por Ben? Não é bonito de imaginar.

– Ligaria, sim.

Assim que terminamos de tomar o café, recebo uma mensagem de Harry: *Consegui*.

Pago por nós duas e voltamos rapidamente para a casa. Harry está à nossa espera na varanda, com o computador de Meg no colo.

– Olhe só.

Eu olho.

Tem um documento aberto na tela. Um papel timbrado com um cabeçalho que contém alguns números e o nome “Hi-Watt Industrial Cleaning Company” – uma empresa de serviços de limpeza industrial.

– O que é isso?

– É uma licença comercial.

– Por que ela teria isso no computador?

– Você precisa de uma licença para comprar isto aqui.

Ele clica em outra janela. É uma lista de agentes químicos letais, onde obtê-los, como obtê-los, os efeitos fisiológicos esperados e a “taxa de sucesso” de cada um. O veneno que Meg usou está nessa lista. Ele tem uma das taxas de sucesso mais altas.

Começo a sentir um embrulho no estômago.

– Tem mais – continua Harry.

Ele abre outro documento, que parece mais uma lista de tarefas, como a ementa de uma disciplina. Mas, quando olho melhor, vejo que os itens na coluna esquerda são uma espécie de cronograma para a morte. Encomendar veneno. Escolher uma data. Limpar cache do navegador/e-mail. Programar o bilhete para ser enviado com atraso.

– Ai, meu Deus...

– Cody – diz Harry, com um tom de alerta na voz. – Tem mais.

Ele abre um arquivo simples do Word. Em um tom quase alegre, o texto parabeniza o leitor por ter dado *o mais corajoso e decisivo passo de autodeterminação de todos*. E então prossegue: *Não temos controle sobre o nosso nascimento e geralmente temos pouco controle sobre a nossa morte. O suicídio é a única exceção. É preciso ter coragem para escolher esse caminho. O suicídio pode ser um rito de passagem sagrado.* Em seguida, o texto passa a listar, de forma doentia, detalhes específicos sobre os melhores lugares e horários, e como ocultar seus planos de parentes e

amigos. Chega até a oferecer dicas quanto ao que escrever no bilhete de suicídio. Meg usou trechos inteiros do bilhete de exemplo em sua mensagem.

Debruço-me sobre o peitoril da varanda e vomito em um arbusto de hortênsias silvestres. Alice está chorando e Harry parece estar ligeiramente em pânico, como se não soubesse o que fazer com nenhuma de nós duas.

– Quem faria uma coisa dessas? – consigo falar, ofegante.

Harry dá de ombros.

– Pesquisei mais um pouco, joguei alguns dos conselhos do texto no Google, e parece que existe um monte de “grupos de apoio para suicidas”.

– Grupos de apoio? – pergunta Alice, confusa.

– Para incentivar as pessoas a se matarem – respondo.

Harry assente.

– Eles costumavam ser mais ativos, mas agora restam apenas alguns on-line. O que talvez explique por que é tudo tão sigiloso. Este material parece vir de um grupo específico, chamado Solução Final. Lindo nome. – Ele balança a cabeça, meio enojado. – Quem criou estes arquivos claramente não queria que eles fossem descobertos. – Harry sorri, então se lembra que não deveria. – A ironia é que, se ela tivesse deixado os arquivos desprotegidos e os tivesse deletado, eles não estariam mais no disco rígido.

– Como pode ter certeza de que é este tal grupo Solução Final? – indaga Alice.

– Meg limpou o histórico do navegador, mas não esvaziou o cache. – Ele olha para mim, e depois para o computador. – O site deles estava lá.

14

Enquanto eu estava fora, Tricia alardeou para metade da cidade que eu tinha voltado a Tacoma, logo Joe e Sue ficaram sabendo. Eles me telefonam, me convidam para jantar e, quando chego à casa deles, me pegam de surpresa, perguntando por que fiz aquilo.

– Eu saí correndo da última vez e quis conferir se não tinha deixado nada para trás.

– Ah, Cody, não precisava ter feito isso... – diz Sue. Ela balança a cabeça e me serve uma porção daqueles macarrões que você cozinha no próprio saco; parece algo que Tricia faria. – Você é tão boa conosco...

Meu segredo – o segredo de Meg – parece queimar dentro de mim. Eu não queria que *fosse* um segredo. Durante toda a viagem de volta para casa, me perguntei se deveria ou não contar a eles. Faria alguma diferença? Apenas lhes causaria mais dor? A única decisão a que consegui chegar foi a de evitar os Garcias depois que voltasse. E então, três dias se passaram e a decisão parece ter sido tomada à minha revelia.

Sue retira os pratos. Olha para o meu, mas não comenta que comi pouco. Percebo que ela também só brincou com a comida.

– Vai dormir aqui hoje? – pergunta Sue. – Joe enfim conseguiu entrar no quarto dela.

O quarto de Meg, no qual, segundo Scottie, ninguém tinha entrado desde que ela morreu. Scottie apenas espiou lá dentro algumas vezes e tudo continuava exatamente como era antes, como se Meg estivesse prestes a voltar para casa. Eu conseguia visualizá-lo perfeitamente: a mesa bagunçada, cheia de cabos e pistolas de solda. O quadro de cortiça com a colagem de capas de

discos antigos, desenhos a carvão e fotos. A parede de pichações, como chamávamos a que ficava de frente para a janela, que costumava ter um papel de parede horroroso, com motivos florais. Até o dia em que Meg se sentiu inspirada a arrancá-lo e pichou o reboco que havia por baixo com suas citações e letras de música favoritas. Sue ficou furiosa, primeiro porque ela estava vandalizando a propriedade, e depois porque os membros da igreja deles, que tinham vindo para um jantar informal, acharam que algumas das coisas que Meg havia escrito eram sacrilégio. “Você sabe como são as pessoas, Joe”, Meg ouviu Sue dizendo. Mas Joe defendeu Meg. Quem se importava com aquelas fofocas? Se a parede era uma boa válvula de escape para Meg, qual era o problema? Eles poderiam pintar a parede depois que ela fosse para a faculdade. Mas nunca fizeram isso. Agora, duvido que façam algum dia.

– Encontramos algumas coisas suas – avisa Joe. – E outras coisas de Meg que talvez você queira.

– Outra hora eu vejo. Tenho que acordar cedo amanhã para trabalhar.

É assim que funciona com as mentiras? A primeira é difícil, a segunda é mais fácil, até que saem da sua boca com mais facilidade do que as verdades – talvez porque sejam mais fáceis do que elas.

Vou embora por conta própria. Mas, antes de a porta se fechar, Scottie aparece com Samson na coleira.

– Vamos passear?

– Estou com pressa – retruco.

– Não tem problema. Samson gosta de correr, não gosta, garoto?

Saio andando a passos rápidos e Scottie não tem dificuldade em acompanhar meu ritmo, pois tem 10 anos e pernas longas. Samson nos acompanha, saltitante, cheirando tudo, em busca de lugares para fazer xixi.

Quando chegamos ao final do quarteirão, ele me pergunta por que voltei para Tacoma.

– Já disse: quis conferir se não havia deixado nada para trás.

Não sei se é mais difícil mentir para crianças ou se os detectores de conversa fiada deles são mais eficientes, mas, seja como for, Scottie me olha com uma cara de ceticismo que me corta o coração.

– Por que você foi de verdade?

– Scottie, podemos não ter essa conversa?

– Só quero saber por que você foi. Você encontrou alguma coisa, né?

Scottie é alto e magro e tem os cabelos louros de Sue, embora eles estejam começando a escurecer. Sei que ele acha que sua inocência foi completamente destruída, mas ele só tem 10 anos. Não foi. E, mesmo que tivesse sido, ele ainda tem tempo para recuperá-la. Mas não se eu lhe contar o que descobri. Que ela fingiu ser compradora de uma empresa de serviços de limpeza industrial para encomendar um detergente que deveria ser usado em artigos de tapeçaria pesados. Que ela teve todo esse trabalho extra porque era assim que Meg fazia as coisas, mas também porque estava tão determinada a morrer que precisava do produto químico com a menor margem de erro possível. Que ela planejou tudo meticulosamente, como se aquilo fosse apenas mais um show para o qual queria ter acesso aos camarins: *Primeiro, vamos tentar os promoters, então, se não der certo, a estação de rádio; se nada disso der certo, podemos sempre pedir que alguns de nossos contatos em comum falem com a banda pra gente.* Os planos dela davam certo. Sempre.

Meg pode não ter enviado o bilhete de suicídio para Scottie, mas lhe mandou uma mensagem de despedida dizendo que o amava. Acho que era isso que ela queria lhe deixar. Se eu contar a ele o que descobri, vou destruir isso, e talvez destruí-lo também. E já perdi um membro da família Garcia este ano. Balanço a cabeça.

– Não tinha nada para encontrar, Scottie, nada além de sujeira no carpete.

E então eu o deixo ali. Na esquina. No escuro.

15

Quando decidi não ir para a Universidade de Washington e continuar na cidade para fazer a faculdade comunitária da região, Tricia exigiu que eu arranjasse um emprego. O Dairy Queen estava contratando, então preenchi uma ficha de candidatura e a entreguei à gerente da lanchonete, que nada mais era que Tammy Henthoff.

– Você é amiga da filha dos Garcias, não é? – perguntou ela, estreitando os olhos para ler a minha ficha.

– Meg? Sim. Ela é minha melhor amiga. Está fazendo faculdade em Tacoma agora, conseguiu uma bolsa integral. – Eu estava muito orgulhosa dela.

– Aham.

Tammy não ficou impressionada. Ou talvez estivesse apenas na defensiva. Desde que havia fugido com Matt Parner, as pessoas da cidade não lhe eram nada simpáticas. Ela perdera o emprego na concessionária de veículos em que o marido costumava trabalhar e eu ouvira dizer que Melissa, a ex-mulher de Matt, tinha criado o hábito de parar o carro em frente ao DQ com todas as suas amigas para gritar insultos contra ela. Não que Tammy não merecesse. Mas Matt manteve o emprego na oficina Jiffy Lube e ninguém parava de carro ali para gritar *sua puta*.

Enquanto Tammy me entrevistava, um grupo de alunos do ensino médio entrou na lanchonete. Todo mundo se encontrava no DQ, e foi então que percebi que, se ficasse com o emprego, precisaria servir hambúrgueres para gente que eu havia passado os últimos quatro anos não exatamente esnobando, mas quase isso. Meg conhecia *todo mundo* na cidade e, sem dúvida, tinha admiradores, mas não era próxima de tantas pessoas assim. Tinha

a família dela, o pessoal que conhecia pela internet e eu. No ensino médio, os professores começaram a nos chamar de Unha e Carne, e o apelido pegou, logo todos os tipos de pessoas nos chamavam assim. Éramos conhecidas como uma dupla. Até Tammy Henthoff, que se formara havia sete anos, sabia de nós. Trabalhar ali significaria ser bombardeada todos os dias: *Você não é amiga de Meg?* E depois: *Então por que ainda está aqui na cidade?*

Por volta da mesma época, a gerente noturna do restaurante onde Tricia trabalhava perguntou se ela conhecia alguém de confiança que pudesse limpar a sua casa. Tricia quis saber se eu estava interessada – quase como um desafio, pelo jeito; ela sabia quanto eu detestava fazer faxina. Mas você pode ser boa em algo que odeia. Logo, aquele trabalho se transformou em dois, quatro e agora seis.

Poucas semanas atrás, recebi um telefonema me oferecendo um emprego como vigilante no Pioneer Park. Sue conhecia a mulher que administrava o departamento municipal de parques e de alguma forma, em meio a tudo o que aconteceu, ainda conseguiu me indicar, e eu fui chamada para uma entrevista.

Era um bom trabalho, não pagava mal e tinha até benefícios. No dia da entrevista com o superintendente, quando cheguei ao parque, vi a nave espacial.

O Pioneer Park era onde Meg e eu tínhamos aprendido a andar de bicicleta. Onde tínhamos corrido em meio aos irrigadores sonhando com a piscina que a prefeitura às vezes falava que iria colocar ali (o que nunca aconteceu; nada acontece por aqui). Era um lugar em que podíamos ficar sozinhas e conversar além da casa dela, da minha casa, da escola ou do DQ.

A cápsula no topo da nave espacial era como o nosso clube secreto mágico. Sempre que subíamos a escada bamba até o nariz em forma de cone, éramos as únicas pessoas ali, embora fosse óbvio, por conta das mudanças constantes nas pichações, que outras pessoas também usavam o lugar.

Ler as pichações em voz alta era um dos nossos passatempos favoritos. Corações de casais já separados havia muito tempo, e letras de canções que ninguém mais lembrava. Sempre havia coisas novas riscadas em cima das antigas, embora uma frase, a preferida de Meg, continuasse gravada no metal: *Eu estive aqui*. Ela adorava isso. “O que mais você pode dizer, não é mesmo?”, perguntava. Ela havia escrito a mesma frase em sua parede de pichações e vivia ameaçando tatuá-la um dia, quando superasse seu medo de agulhas.

Aquele lugar, uma verdadeira armadilha mortal, deveria ter sido condenado anos antes, mas nunca foi. Era o ponto mais alto da cidade e, em dias claros, dava para enxergar por quilômetros de distância. Meg costumava dizer que dava para ver o futuro lá longe.

Dei meia-volta e fui embora. Nem me dei o trabalho de telefonar para cancelar a entrevista.

Portanto, continuo limpando casas. Talvez seja melhor assim. Banheiros são anônimos. Não têm histórias para contar, nenhuma recriminação para jogar na sua cara. É só limpar a merda e dar descarga.

Na verdade, desde que voltei desta última ida a Tacoma, tenho estado ansiosa por trabalho. Esfregar, fazer tarefas repetitivas, ver-se diante de uma pia imunda, atacá-la com alvejante, lã de aço e, depois de um tempo, deixá-la brilhando... Os antes e depois da vida real nunca são tão simples assim.

Hoje, limpo duas casas, uma atrás da outra, colocando roupa para lavar, passando fronhas a ferro e lavando o piso quadriculado de uma das cozinhas com água e rodo. O piso é de linóleo, não de cerâmica de verdade. Mas, se é assim que a Sra. Chandler quer que ele seja lavado, quem sou eu para discutir?

Ao longo dos dias, quando não estou trabalhando, transfiro meu fervor pela limpeza para a pequena casa em que eu e Tricia moramos, levando água sanitária e uma escova de dentes velha para o banheiro e dando conta dos rejuntes do boxe, que tinham se

tornado pretos com o tempo graças à umidade. Tricia fica tão chocada ao ver os azulejos passarem de acinzentados para branco e azul que nem sequer faz um de seus comentário sarcásticos.

Me mantenho freneticamente ocupada e a casa fica mais limpa do que jamais esteve desde que nos mudamos para cá. Sento na cama e organizo meus ganhos pelo valor das notas: ganhei 240 dólares só nesta semana. Preciso dar 100 a Tricia para cobrir minha parte das contas, mas isso me deixa com um excedente considerável e nada em que gastá-lo. Teoricamente, estou juntando dinheiro para me mudar para Seattle. Aprendi na aula de física que o universo está se expandindo em uma razão de mais ou menos 70 quilômetros por segundo, mas não parece, quando você está parada no mesmo lugar.

Guardo o dinheiro na caixa de metal que mantenho embaixo da cama. Não corro o risco de deixar dinheiro dando sopa para Tricia. A casa está silenciosa e abafada, mais claustrofóbica do que o normal. Calço minhas sandálias de dedo e vou andando para a cidade. Em frente ao Dairy Queen, vejo um monte de gente com quem estudei reunida nos bancos debaixo dos choupos, inclusive Troy Boggins. Eles acenam e eu aceno de volta, mas não me convidam a sentar com eles e eu não finjo estar interessada em fazer isso.

Em vez disso, vou para a biblioteca. Agora que Meg morreu e a casa dela não é mais meu segundo lar, este é o meu santuário. Além disso, tem ar-condicionado.

A Sra. Banks está sentada ao balcão de informações e me chama com um aceno.

– Cody, por onde você andou? Eu estava prestes a devolver estes livros aqui. – Ela apanha uma pilha de livros presos por um elástico. São mais autores da Europa Central: *A guerra das salamandras*, de Karel Čapek, *Uma solidão ruidosa*, de Bohumil Hrabal, uma coletânea de contos de Kafka.

– Obrigada.

Realmente estou sem livros para ler, mas, assim que entro no ambiente refrigerado da biblioteca, percebo que não é para isso que estou aqui.

Vou até os computadores de pesquisa. Digito *Solução Final* e *suicídio* na caixa de busca. Os resultados são quase todos sobre Hitler ou relacionados a neonazistas. Mas uma das páginas parece promissora. Clico no link, só que ela não carrega. Tento os outros sites da pesquisa, mas eles também não abrem.

– Tem alguma coisa de errado com os computadores? – pergunto à Sra. Banks.

– Acho que não. Por quê?

– As páginas não estão carregando.

– Cody, você está acessando sites de pornografia?

Ela está brincando, mas fico vermelha assim mesmo.

– É para um projeto de pesquisa.

– Sobre o quê?

– Grupos neonazistas.

Outra mentira. Ela sai da minha boca com toda a naturalidade do mundo.

– Ahh, então está explicado. Posso remover os filtros para você, se quiser.

– Não – falo no mesmo instante. Ninguém pode saber disso. Então me lembro que tenho um computador. E a biblioteca tem wi-fi livre. – Quero dizer, preciso ir embora. Mas pode ser amanhã?

– Quando quiser, Cody. Confio em você.

• • •

No dia seguinte, levo o computador de Meg para a biblioteca. Antes de eu começar, a Sra. Banks me mostra como contornar os filtros de pesquisa. Então, começo a trabalhar. O tal site Solução Final não é bem um site, mas um portal de entrada. Você precisa clicar em um

botão afirmando que tem mais de 18 anos. Sou redirecionada para um sumário com vários tópicos. Clico nos títulos para abrir as mensagens. Muitas são spam. Várias outras são desabafos. Vou passando algumas páginas e parece ser uma perda de tempo. Então, vejo uma linha de assunto: *E quanto à minha mulher?*

A postagem é de um cara que diz querer se matar, mas se questiona como seria para a mulher, que ele ama: *Não iria arruinar a vida dela?*

Há uma série de respostas logo abaixo. A opinião predominante é que a mulher dele provavelmente ficará aliviada, que ela também deve estar sofrendo e que, ao se matar, ele vai acabar com a agonia dos dois. *Mulheres costumam se recuperar melhor desse tipo de coisa*, escreve alguém. *Ela provavelmente vai se casar de novo daqui a alguns anos e estará muito melhor sem você.*

Quem *são* essas pessoas? Era com *essa* gente que Meg estava falando?

Releio as respostas. O tom é tão casual que é como se estivessem dando conselhos sobre como consertar um carburador. Fico tensa e sinto o estômago embrulhar. Não sei se essas pessoas tiveram algo a ver com Meg. Não sei se o autor da postagem pretendia mesmo se matar ou se chegou a tanto. Mas de uma coisa eu sei: não é tão simples “se recuperar” desse tipo de coisa.

16

Depois que descubro o fórum do Solução Final, passo o máximo de tempo possível vasculhando os arquivos do site.

É difícil conseguir internet em nosso Cu do Judas, então faço quase toda a minha pesquisa na biblioteca. Mesmo depois da intervenção de Meg, o local possui um horário de funcionamento limitado, e a maior parte dele coincide com o meu trabalho. Se tivéssemos internet em casa, eu poderia fazer muito mais, mas, quando levanto a hipótese para Tricia, e até me ofereço para pagar, ela faz pouco do assunto:

– Por que iríamos querer isso?

Antes, eu teria ido à casa dos Garcias e usado o computador deles. Mas já não me sinto à vontade para fazer isso, mesmo se não fosse para investigar o suicídio de Meg. Então, só me resta a biblioteca.

– Está gostando dos tchecos? – pergunta a Sra. Banks para mim certa tarde.

Fico confusa por alguns instantes, depois me lembro dos livros que peguei emprestados. Nem cheguei a abri-los.

– São interessantes – minto.

Geralmente, leio dois ou três livros por semana e tenho comentários muito específicos sobre a trama ou os personagens para dividir com ela.

– Quer que eu os renove para você?

– Seria ótimo. Obrigada.

Viro de volta para o computador.

– Ainda trabalhando naquele projeto de pesquisa?

– Pois é.

– Posso ajudar em alguma coisa? – Ela se inclina para dar uma olhada na tela.

– Não! – falo um pouco alto demais enquanto me apresso a minimizar a janela.

A Sra. Banks parece surpresa.

– Desculpe. Você tem andando tão concentrada nisso, achei que precisasse de ajuda.

– Obrigada. Mas não precisa. Acho que não sei bem o que estou procurando.

Esta parte é verdade. A cada dia que passa, mais postagens são publicadas. Alguns pedem incentivo ou conselhos sobre como fazer um nó de forca, outros querem apenas ajudar companheiros ou amigos que sofrem de doenças terminais a morrerem com dignidade. E tem ainda os textos indignados totalmente aleatórios sobre Israel, o preço do combustível ou os ganhadores do *American Idol*. Eles usam toda uma linguagem própria, abreviaturas para diferentes métodos, gírias, como *pegar o ônibus*, que é como as pessoas ali se referem a se matar.

A Sra. Banks aquiesce.

– Eu já trabalhei como pesquisadora. Quando você está lidando com um tópico difícil, o truque é se concentrar em um tema. Você precisa focar em algo específico em vez de fazer uma busca generalizada. Então, talvez você possa buscar um determinado elemento do movimento neonazista.

– Pode ser. Obrigada.

Depois que a Sra. Banks se afasta, reflito sobre o que ela disse. Os arquivos do site têm uma função de pesquisa, mas, quando a usei para procurar o tipo de veneno que Meg tomou, o motel em que ela se hospedou, a Universidade de Cascades ou qualquer outra coisa específica do caso dela, não obtive nenhum resultado.

Mas, ao olhar para as mensagens, vejo que todos precisam usar algum tipo de ID do usuário. Obviamente, Meg não usaria Meg. Então, tento outras coisas. *Runtmeyer*. Mas nada aparece. Luisa, o

nome do meio dela. Nada. Digito os nomes das suas bandas preferidas. As garotas roqueiras que ela queria ser. Nada. Estou prestes a desistir quando tento *Firefly* – "vaga-lume".

Uma tela cheia de mensagens aparece. Algumas delas contêm referências a vaga-lumes. E pelo menos uma dúzia de nomes de usuário que são variações de *Firefly*. Parece ser um *nickname* popular; talvez porque vaga-lumes têm uma vida muito curta.

E é justamente quando estou pensando sobre a ligação entre vaga-lumes e suicidas que vejo: Firefly1021. 10/21. Vinte e um de outubro. O aniversário de Scottie. Com os dedos trêmulos, clico na mensagem mais antiga, do começo deste ano. A linha de assunto diz: *Passos incertos*.

> Tenho pensado nisso há muito tempo, e não sei se estou preparada, mas pelo menos estou preparada para admitir que venho pensando no assunto. Por mais que eu goste de me ver como Buffy – fodona, destemida –, não sei se sou destemida o suficiente para fazer isso. Será que alguém é?

Deve ser assim que arqueólogos se sentem quando desencavam civilizações escondidas. Ou como aquele cara se sentiu ao encontrar os destroços naufragados do *Titanic*. Quando você sabe que algo está perdido, mas o encontra assim mesmo.

Porque, olhem, aqui está Meg.

Corro os olhos pelas respostas. Há mais de dez. São muito calorosas, dando-lhe as boas-vindas ao grupo, parabenizando-a pela coragem de admitir o que está sentindo, dizendo-lhe que a sua vida pertence somente a ela e que Meg tem o direto de fazer o que bem entender. E é muito estranho, porque, embora eu saiba o motivo para essas pessoas lhe darem os parabéns, a primeira coisa que sinto é orgulho. Porque essas pessoas conheceram a minha Meg; estão vendo como ela é incrível.

Continuo lendo. Várias mensagens parecem ter sido escritas por

pirralhos do sexto ano, cheias de erros ortográficos e gramaticais. Mas uma das mais antigas se destaca. É de um usuário chamado All_BS.

> Passos incertos? Isso existe? Lao-Tsé certa vez disse: “Uma viagem de mil léguas começa com o primeiro passo.” Ele também afirmou que “vida e morte são um só fio, uma só linha vista de lados diferentes”. Você deu o primeiro passo, não em direção à morte, mas em direção a outra maneira de viver sua vida. Isso, por si só, é a definição de destemor.

17

Depois de ler essa resposta ao e-mail de Meg, saí correndo da biblioteca como a covarde que sou, jurando nunca mais visitar aquele fórum. Levei apenas dois dias para quebrar a promessa. E não o fiz por nenhum tipo de bravura, mas pelo mesmo motivo que me levou a ceder e dormir nos lençóis dela em Tacoma. Para estar mais perto de Meg. Todas as vezes que leio um de seus posts, por mais que sejam sobre a morte, é como se ela estivesse viva.

Firefly1021
Da frigideira para o fogo

Se tem uma coisa que funde a minha cabeça é o seguinte: a vida após a morte. E se houver mesmo uma vida após a morte, e ela for tão ruim quanto a vida de agora? E se eu escapar do sofrimento desta vida só para acabar em um lugar pior? Eu imagino a morte como uma escapatória, uma libertação da dor. Mas minha família é católica, acredita piamente no inferno e, embora eu não acredite na mesma versão que eles, com demônios, danação eterna e tudo o mais, e se for apenas igual a isto aqui?

FIg_3: O inferno é uma invenção cristã para manter você na linha. Não caia nessa. Se você está sofrendo, faça o que precisa fazer para acabar com o sofrimento. Os animais arrancam as próprias patas com os dentes. Humanos são mais desenvolvidos e têm métodos diferentes.

Sassafrants: O inferno são os outros.

Trashtalker: Se a vida após a morte for uma bosta, você se mata de

novo.

All_BS: Você se lembra de ter sofrido antes de nascer? Se lembra de algum tormento antes de ter vindo para este mundo? Às vezes uma dor é tolerável até ser tocada, até cutucarmos a ferida. O mesmo se aplica ao sofrimento desta vida; ele é trazido à tona pelo tumulto da existência. “Não é a morte ou a dor que deve ser temida, mas o medo da dor ou da morte”, escreveu Epiteto. Não tenha medo. Não se apavore. A dor irá embora e você estará livre.

All_BS. O usuário que a havia chamado de destemida antes. Que escreve frases elaboradas e cita filósofos do passado. Que, de um jeito um tanto pervertido, diz coisas que *fazem sentido*.

Releio a última mensagem dele e uma voz grita dentro da minha cabeça: *Pare de falar com ela. Deixe a minha amiga em paz.*

Como se isto ainda estivesse acontecendo. Como se já não fosse tarde demais.

Firefly1021
Tomar medicamentos ou não tomar medicamentos?

Uma amiga me disse para ir ao centro de saúde do campus, pois eles podiam me arranjar alguns medicamentos, então conversei com uma enfermeira de lá. Não contei a ela tudo o que estava acontecendo, não sobre as coisas de que tenho comentado aqui. Mas, quando a enfermeira começou a falar sobre os efeitos dos primeiros anos de faculdade longe de casa, era como se ela estivesse recitando os mesmos clichês de sempre. Ela me deu alguns panfletos e amostras grátis e marcou uma consulta para eu voltar daqui a duas semanas, mas acho que não vou. Sempre acreditei que é melhor ser odiada do que ignorada. Talvez, da mesma forma, seja melhor sentir isto do que não sentir nada.

Uma coisa são mensagens digitadas no limbo, mas parece que

ela estava falando com alguém no mundo real também. Alguém que não era eu. O ciúme que sinto ferver dentro de mim me enche de vergonha. É muito patético. Como se eu estivesse brincando de cabo de guerra, mas ninguém estivesse segurando a outra ponta da corda.

Corro os olhos pelas respostas. Algumas pessoas alertam Meg, dizendo que os antidepressivos fazem parte de um plano para controlar a mente das pessoas desenvolvido pela indústria farmacêutica. Outros falam que tomá-los vai entorpecer a mente dela. Há também quem comente que o ser humano sempre usou substâncias alteradoras de consciência e que os antidepressivos são apenas a versão mais recente delas.

E então chego à seguinte resposta:

> **All_BS:** Uma coisa é usar uma substância natural como o peiote para obter uma experiência de expansão de consciência, outra bem diferente é permitir que um bando de robôs em jalecos de laboratório manipule a química cerebral com tanta precisão a ponto de conseguir controlar pensamentos e sentimentos. Você já leu *Admirável mundo novo?* Esses novos medicamentos milagrosos são como a droga chamada Soma, um narcótico produzido pelo governo para apagar qualquer tipo de individualidade e divergência. Firefly, sentir seus próprios sentimentos é um ato de bravura.

Ah, Meg teria adorado isso. Sentir seus próprios sentimentos é um ato de bravura, mesmo que seus sentimentos estejam dizendo para você morrer.

E, mais uma vez, não consigo deixar de me perguntar: por que ela não veio a *mim*? Por que não foi a *mim* que pediu ajuda?

Será que eu ignorei alguma coisa nos e-mails dela? Abro meu e-mail para conferir as mensagens que ela me enviou em janeiro, no mês em que publicou essa postagem no fórum. Mas não trocamos nenhuma mensagem durante o mês inteiro.

Não foi exatamente uma briga. Foi silencioso demais para isso. Meg estava passando a maior parte do recesso de inverno em Tacoma por causa do estágio, então só voltaria para casa por dez dias entre o Natal e o Ano-Novo. Eu estava ansiosa por revê-la, mas, no último minuto, ela disse que precisaria ir para o sul do Oregon visitar a família de Joe, então nem voltaria para casa. Normalmente, eu teria sido convidada para passar as festas de fim de ano com eles no Oregon. Mas não fui. Bem, pelo menos não até a véspera de Ano-Novo, quando Meg me telefonou implorando para que eu fosse encontrá-la.

– Você precisa me salvar das festas de fim de ano – disse ela, exasperada. – Meus pais estão me deixando louca.

– Sério? – respondi. – Porque eu passei o dia de Natal comendo um prato de peru de 8 dólares em uma lanchonete com Tricia e foi uma experiência *mágica*.

Antes, teríamos rido disso – como se minha vida patética com Tricia pertencesse a alguma outra pessoa –, mas não foi o que aconteceu, então não teve graça.

– Ai – lamentou Meg. – Sinto muito.

Eu estava pedindo que ela sentisse pena de mim, mas, ainda assim, fiquei com mais raiva. Disse que precisava trabalhar e nós desligamos. Então, na virada do ano, nem nos telefonamos. Depois disso, passamos um tempo sem nos comunicar. Eu não sabia como quebrar o gelo porque não tínhamos exatamente brigado. Quando o Sr. Purdue apertou minha bunda (algo para contar, enfim), aproveitei a chance e mandei um e-mail para ela como se nada tivesse acontecido.

Vou descendo de volta até setembro, o mês em que Meg foi para a faculdade. Leio os primeiros e-mails que ela me enviou de lá, as longas descrições de seus colegas de república, com os desenhos escaneados, tão típicas de Meg. Me lembro de como li essas mensagens inúmeras vezes, por mais que para mim fossem como um soco no estômago. Eu sentia muita saudade dela, e queria ter

podido estar lá, ter concretizado nossos planos. Mas nunca lhe falei isso.

Aliás, não lhe falei muitas coisas. E ela me falou menos coisas ainda.

Firefly1021
Culpa

Não consigo parar de pensar na minha família; nem tanto nos meus pais, mas no meu irmão mais novo. Como ele vai lidar com isso?

All_BS: James Baldwin escreveu que “A liberdade não é algo que você possa receber de alguém. A liberdade deve ser conquistada, e as pessoas são tão livres quanto desejam ser”. Você precisa decidir se está disposta a conquistar sua liberdade e se, ao fazer isso, estará involuntariamente libertando outras pessoas também. Quem sabe quais caminhos sua decisão poderá abrir para o seu irmão? Pode ser que, uma vez livre da sua sombra, livre para se tornar ele mesmo, seu irmão possa alcançar um potencial que talvez não alcançaria de outra forma.

Firefly1021: All_BS, você é tão perspicaz que chega a ser bizarro. Sempre achei que meu irmão tem sido limitado, por mim, pela minha mãe. Ele seria uma pessoa diferente se eu estivesse morta. Mas isso não é o tipo de coisa que você possa dizer.

All_BS: Mas agora mesmo estamos dizendo.

Firefly1021: É, estamos. É por isso que adoro este fórum. Nada é proibido. Podemos falar sobre tudo. Até sobre as coisas que são indizíveis.

All_BS: Sim. Há tantos tabus na nossa cultura, a começar pela morte. Não é assim em outras culturas que a veem como parte de um ciclo ininterrupto: nascimento, vida, morte. Da mesma forma, outras culturas

encaram o suicídio como uma escolha de vida honrada e corajosa. Nas palavras do samurai Yamamoto Tsunetomo: “O caminho do guerreiro é a morte. Isso significa simplesmente que, sempre que a escolha seja entre a vida e a morte, ele deve escolher a segunda. Nada mais que isso. Não devemos nos iludir, mas ter determinação.” Eu acredito que você tem uma guerreira dentro de você, Firefly.

Firfley1021: Uma guerreira? Duvido que consiga manejar uma espada.

All_BS: A espada não é importante. O espírito, sim. Você precisa entrar em contato com a sua força.

Firefly1021: Como? Como entro em contato com a minha força? Como fazer algo que exige tanta coragem?

All_BS: Você precisa encaixar a coragem em seu devido lugar.

Firefly1021: “Encaixar a coragem em seu devido lugar”... Gostei disso! Você sempre diz as coisas mais inspiradoras. Eu poderia conversar com você o dia inteiro.

All_BS: Não posso levar o crédito por essa frase. É de Shakespeare. Mas podemos ter uma comunicação mais imediata e particular. Crie um novo endereço de e-mail e publique o endereço aqui. Eu vou lhe mandar um e-mail com as instruções e seguimos a partir daí.

Sinto o gosto amargo do ciúme outra vez. Não sei se é porque noto a intimidade entre Meg e All_BS. Ou se é porque, ao listar as pessoas com que se preocupava em deixar para trás, ela mencionou seus pais, seu irmão, mas não eu.

18

Arranjo outra cliente. A Sra. Driggs. Ela me mostra a casa e nós duas fingimos que eu nunca estive lá antes. É curioso como, quando começa a fingir, você percebe quanto todo mundo está fingindo também.

A casa não é grande – três quartos, estilo casa de fazenda – e já parece bastante limpa, pois ela mora sozinha. O marido dela a abandonou, morreu, divorciou-se dela ou talvez nunca tenha existido. Na última vez em que estive ali, eram apenas ela e o filho, Jeremy, que, como todos na cidade sabem, está cumprindo três anos na penitenciária de Coyote Ridge por posse de drogas. Ele foi preso há um ano, mas a Sra. Driggs me mostra o quarto dele e pede para eu trocar os lençóis da cama uma vez por semana e passar o aspirador no carpete.

O quarto de Jeremy não mudou quase nada desde a última vez que estive ali com Meg: os pôsteres de reggae, as tapeçarias psicodélicas. Meg ouvira falar que Jeremy tinha uma cobra e ficou obcecada pela ideia de vê-la comer. Então, embora ele estivesse no último ano do ensino médio e nós duas, no primeiro, ela o convenceu a nos convidar a ir até lá.

O grande viveiro, com sua floresta tropical exuberante dentro, não está mais lá. Nem a cobra, Hendrix. Que fim terá levado? Será que morreu? Ou a Sr. Driggs se livrou dela depois que Jeremy foi condenado?

Quando a Sra. Driggs me mostra o quarto do filho, sinto um embrulho no estômago, da mesma forma que senti quatro anos atrás, no momento em que Jeremy tirou um rato de um saco e o jogou no viveiro de Hendrix. Eu não esperava que o rato fosse

parecer tanto um bichinho de estimação – tão rosado e branco que era quase translúcido. Pela maneira como ele ficou imóvel, exceto por seu focinho trêmulo, dava para perceber que sabia o que o destino lhe reservava. A cobra, enroscada em um canto, também não se movia, sem deixar transparecer que o almoço tinha chegado. Durante um tempo, os dois apenas ficaram assim. Então, Hendrix entrou em ação com um salto e, com um só movimento fluido, estrangulou o rato. Depois de matá-lo, pôs-se a desarticular lentamente as mandíbulas e começou a engoli-lo inteiro. Não consegui continuar assistindo e fui esperar na cozinha. A Sra. Driggs estava ali, vendo as contas. “Terrível, não?”, comentou. Achei que estivesse se referindo às contas a pagar, mas então percebi que estava falando da cobra.

Meg falou que dava para ver o volume do rato no corpo da cobra e que, quando ela voltou no dia seguinte, ainda estava lá, só que menor. Ela ficou fascinada com aquilo tudo e voltou algumas vezes para ver Hendrix comer. Eu, não. Uma vez tinha sido suficiente para mim.

• • •

Umas três semanas depois daquele dia que passamos juntos em Seattle, recebo um telefonema de Ben.

– Você não escreve, não telefona – diz ele em tom de brincadeira. – Não se importa com os gatinhos?

– Eles estão bem? – pergunto, com medo de Ben estar me ligando porque eles foram esmagados por um caminhão ou coisa parecida.

– Estão ótimos. O pessoal que mora comigo está cuidando deles.

– E você, não? – Ouço muito barulho ao fundo, pessoas falando, copos retinindo. – Onde você está?

– Missoula. A baixista do Fifteen Seconds of Juliet quebrou o braço, então fomos chamados para ser a banda de abertura do Shug durante a miniturnê deles. E você, o que anda fazendo?

O que eu ando fazendo? Limpando a casa dos outros e apodrecendo na minha enquanto leio e releio os posts entre Meg e All_BS, tentando descobrir para onde ir a partir dali. Depois daquela última troca de mensagens, a comunicação diminui, deixando bem claro que os dois resolveram continuar a conversa em outro lugar. Mas onde? Não achei nada no computador de Meg. Encontrei o novo endereço de e-mail que All_BS a instruiu a criar no fórum, mas, quando escrevi para ele, a mensagem voltou. Pedi para Harry dar uma olhada. Ele falou que a conta foi ativada e desativada em um espaço de três dias, então Meg provavelmente a criou só para All_BS lhe mostrar como se comunicar diretamente com ele.

"Parece que eles estavam sendo cautelosos", escreveu Harry. "E você também deveria ser." *Cautelosos.* Talvez isso explique todos aqueles e-mails apagados. Meg estava discretamente cobrindo seu rastro.

Também não consigo parar de pensar sobre o tal amigo que lhe disse para tomar medicamentos. Quem era essa pessoa? Algum tipo de confidente? Caso fosse, será que Meg também falou com ele sobre os usuários do Solução Final?

Perguntei para Alice se *ela* teria sugerido que Meg tomasse medicamentos, mas Alice respondeu que não. Também não tinha visto nenhum indício de que Meg estivesse tomando remédios controlados. Alice perguntou a Richard Locão, que me ligou e disse que não sabia de nada, mas que eu devia tentar falar com alguns dos amigos dela de Seattle. Eu já havia pensado em Ben e, agora, torno a pensar nele como o confidente de Meg. Mas não a ponto de telefonar para ele.

– O mesmo de sempre – respondo.

– O que vai fazer amanhã à noite?

– Nada. Não sei. Por quê?

– Você mora perto de Spokane, não é?

– Perto é relativo por aqui. A uns 160 quilômetros.

– Ah. Achei que fosse mais perto.

– Não. Por quê?

– Vamos tocar em Spokane amanhã à noite. Último show antes de voltarmos para casa. Achei que você fosse querer ir.

Abro a pasta que criei com *prints* das mensagens de Meg no fórum. Tenho lido e relido essas postagens sem parar e não estou nem um pouco mais perto de descobrir quem é esse tal All_BS. Suspeito que seja um cara mais velho. Mas é apenas um palpite. Talvez Ben possa ser minha conexão com esse amigo misterioso. Talvez ele seja o amigo misterioso.

Não quero ver Ben. Ou talvez não *queira* querer ver Ben. Mas preciso vê-lo, então aceito o convite.

• • •

A viagem para Spokane é cara e um porre, porque o último ônibus de volta é muito cedo e não quero passar a noite por lá. Pergunto a Tricia se posso usar o carro.

– Não. Vou ganhar uma grana preta hoje. – Ela imita um caça-níqueis, com direito ao som das moedas caindo. – Quer vir?

Tricia adora jogar, talvez porque seja a única área na sua vida em que ela tem alguma sorte. Quando eu era mais nova, fui arrastada algumas vezes para o cassino de Wenatchee com ela.

– Não, obrigada.

Pego o ônibus para Spokane, pensando em falar com Ben e ir embora antes do show se conseguir uma carona de volta para esta noite. Durante a viagem de ida, fico o tempo todo ou nervosa, ou enjoada, mas esse é o meu estado normal nos últimos dias. Passar tanto tempo tentando encontrar Meg e All_BS me deixou numa ansiedade constante. Não tenho comido nem dormido direito e perdi

tanto peso que Tricia diz que pareço uma supermodelo.

É uma curta caminhada da rodoviária no centro da cidade até o restaurante de *tacos* onde Ben marcou comigo. O clima está quente, seco e poeirento; este ano o inverno pulou direto para o verão sem passar pela primavera, o que me parece adequado. De extremo a extremo, sem tempo para transições suaves.

Ben já está no restaurante quase vazio, em uma cabine reservada nos fundos. Ele se levanta com um salto quando eu entro, parecendo ao mesmo tempo cansado, provavelmente por estar na estrada, e feliz, talvez pelo mesmo motivo.

Ficamos os dois parados por alguns instantes, sem saber o que fazer. Depois dessa breve pausa constrangedora, eu digo:

– Vamos sentar?

– Sim, claro.

Tem uma embalagem de seis cervejas em cima da mesa.

– O esquema aqui é trazer sua própria bebida – explica Ben. – Quer uma?

Pego uma cerveja. A garçonete traz um cesto de batatas fritas e um pouco de molho. Apanho algumas e descubro que consigo comê-las. Ben e eu bebemos nossas cervejas e conversamos um pouco sobre nada em especial. Ele me conta sobre a turnê, sobre as vezes em que dormiu no chão, sobre como teve que dividir uma escova de dentes com o baterista porque perdeu a sua própria. Eu digo a ele que isso é nojento. Você pode comprar escovas de dentes em qualquer loja de conveniência. Mas ele responde que não renderia uma história tão interessante e eu lembro que, com Ben McCallister, é tudo encenação.

Falamos sobre os gatos e ele me mostra as fotos que tem deles no telefone, uma quantidade mais ou menos ridícula de fotos de gatinhos para um homem. Nossa comida chega e conversamos sobre mais trivialidades, até que, depois de um tempo, começa a ficar claro que estou evitando o assunto sobre o qual deveria estar falando. O motivo que me trouxe até aqui.

Respiro fundo.

– Então, encontrei algumas coisas.

Ben me encara. Aqueles olhos outra vez. Preciso desviar o olhar.

– Que coisas?

– No computador de Meg. E não só lá.

Começo falando sobre os arquivos que Harry conseguiu resgatar. Eu trouxe as mensagens que Meg escreveu para All_BS e pretendia mostrá-las para Ben, mas não tenho a chance, pois ele parte para a ofensiva:

– Achei que você tinha dito que iria me contar se encontrasse alguma coisa.

– Estou contando agora.

– É, mas só porque eu telefonei para você. E se eu não tivesse telefonado?

– Desculpe. Achei que não fazia muito sentido.

Não quero dizer nada em especial com isso, mas ele se recosta no banco e vejo que ficou puto da vida.

– A Vaqueira Cody cavalga sozinha, ahn? – diz ele, com aquele grunhido.

– Não costumava ser assim – retruco, afastando o prato, sem apetite outra vez. – Essa é a razão de eu estar fazendo tudo isto.

Ele fica calado por alguns instantes.

– Desculpe. Eu sei.

Pressiono os dedos contra os olhos até tudo ficar preto.

– Olha, é o seguinte: Meg falou sobre ter conversado com alguém que lhe disse para ir ao centro de saúde do campus arranjar antidepressivos. Achei que ela pudesse estar se referindo a você.

Ele bufa.

– Tá, sei.

– Como assim “tá, sei”? Ela mandou todos aqueles e-mails para você.

– Não tinha nada sobre antidepressivos neles. – Ele abre outra lata de cerveja. – Você leu as mensagens. São como um fluxo de

consciência. Ela não estava escrevendo exatamente para mim; apenas queria colocar aquilo tudo para fora.

– É, imagino que sim...

– E eu falei para ela me deixar em paz, Cody. Esqueceu? – Ele brinca com o maço de cigarros. – Não foi comigo. Deve ter sido com um dos colegas de república dela.

– Não foi com Alice nem com Richard e, segundo eles, com ninguém de Cascades. Embora possa ter sido, não sei quem ela conhecia por lá. Mas Richard acha mais provável que tenha sido com algum dos amigos dela de Seattle.

Ben dá de ombros.

– Pode ser. Mas não comigo. Aliás, por que isso é tão importante agora?

Porque, se ela se abriu com alguém sobre os medicamentos, pode ter falado também sobre All_BS e o fórum. Mas não conto a Ben sobre o Solução Final. Tenho medo de ele ficar irritado outra vez, embora não tenha o menor direito.

– Preciso de respostas – falo, sem entrar em detalhes.

– Não pode simplesmente perguntar no centro de saúde?

– Não. Tem a questão da confidencialidade médico-paciente.

– É, mas a paciente está morta. – Ben fica quieto, como se isso fosse novidade para mim.

– Mesmo assim, eles não querem falar. Já tentei.

– Talvez os pais dela possam tentar.

Balanço a cabeça.

– Por que não?

– Porque eles não sabem.

– Você não contou a eles?

Não. Não contei a eles sobre nada disso. O segredo parece maior do que nunca, quase como um tumor. Não há a menor hipótese de eu contar aos Garcias agora. Seria devastador. Mas penso que, se eu descobrir mais sobre esse All_BS, o suficiente para fazer algo que possa realmente ajudar, então poderei contar. E

poderei olhá-los nos olhos. Já faz algumas semanas que não vou à casa deles. Sue já me deixou várias mensagens de voz me convidando para jantar, mas a simples ideia de estar no mesmo ambiente que eles...

– Não posso – digo, pousando a cabeça na mesa.

Ben estende a mão para tocar a minha, um gesto ao mesmo tempo inesperado e supreendentemente reconfortante.

– Tudo bem. Nós podemos ir às boates de Seattle. Descobrir se ela falou com alguém.

– *Nós?* – A palavra é um alívio.

Ben assente.

– Vamos voltar amanhã de manhã. Você pode aproveitar a carona. Aí damos uma volta pelas boates. Vai ser sábado à noite, todo mundo vai estar na rua. Podemos fazer perguntas. Dar outra olhada nos e-mails dela. Encontrar algumas respostas.

• • •

Durante o show daquela noite, observo Ben com atenção. A banda é boa – não excelente, mas boa. Ben faz o seu truque, com aqueles vocais grunhidos, guturais, safados, e vejo como ele é carismático. Vejo as garotas na plateia entrando na onda dele, e perdoo um pouco Meg por isso. Seria mesmo difícil de resistir.

Em um determinado momento, Ben protege os olhos e olha para além das luzes do palco, como fez da primeira vez que o vi tocar. Mas, desta vez, tenho a nítida impressão de que está realmente procurando por mim.

19

Depois do show, vamos para a casa de alguém. Divido um quarto com uma universitária cheia de piercings chamada Lorraine, que é muito simpática, apesar de não parar de falar sobre os caras da banda. Ben e os outros Scarps deitam no sofá ou em sacos de dormir no porão. Na manhã seguinte, todos comemos *bagels* catados no lixo e nos arrumamos para sair.

– Prepare-se – diz Ben.

– Para quê?

– Para o fedor. Oito noites de viagem. É capaz de você pegar micose na virilha só de sentar na van.

O restante da banda olha para mim com desconfiança. Será que sabem que eu sou a amiga da garota morta que Ben comeu?

Sento em um banco improvisado com tábuas de madeira empilhadas em cima de dois amplificadores. Ben senta do meu lado. Pegamos a interestadual e os garotos começam a discutir sobre que música ouvir. Ninguém dirige uma palavra a mim. Quando paramos para encher o tanque e os outros saem para comprar o estoque de porcarias para a viagem, pergunto a Ben qual é o problema.

– Estou quebrando o acordo.

– Que acordo?

– Nada de garotas na van.

– Ah.

– Mas você não é uma garota. – Ele parece constrangido. – Não daquele tipo, pelo menos.

– E que tipo de garota eu sou?

Ben balança a cabeça.

– Ainda não sei direito. Uma espécie que ninguém tinha

descoberto ainda.

Adormeço perto de Moses Lake e acordo com um sobressalto, apoiada em Ben, meus ouvidos desentupindo enquanto descemos o Snoqualmie Pass.

– Credo, desculpe.

– Tudo bem. – Ele abre um pequeno sorriso.

– Eu babei?

– Nunca vou contar.

Ben continua sorrindo.

– Qual é a graça?

– É só que você quebrou sua promessa, de nunca dormir perto de mim.

Eu me afasto dele bruscamente.

– Quebrei essa promessa ontem à noite, quando dormi debaixo do mesmo teto que você. Ponto para você, Ben. Aproveite, porque é o único que vai ganhar comigo.

Os olhos dele faíscam e, por um instante, o Ben em sua versão babaca volta a aparecer. Fico até feliz em tê-lo de volta. Mas, então, ele se retrai um pouco, balbuciando alguma coisa.

– O que você disse?

– Não precisa ser grossa.

– Ah, desculpe. Magoei você? – Minha voz é puro sarcasmo e, não sei por quê, de repente fico furiosa.

Ben se afasta mais um pouco e fico surpresa ao perceber que talvez tenha mesmo ferido os sentimentos dele.

– Olha, desculpe... Estou cansada e meio tensa com tudo isso.

– Tudo bem.

– Não quis ser escrota.

Ele torna a sorrir.

– O que foi agora?

– Não costumo ver garotas se chamando de escrotas.

– Posso também me chamar de vaca...

– Pare – diz Ben, me cortando. – Eu odeio essa palavra.

– Sério? Muitos caras parecem achar que é sinônimo de mulher.

– Pois é. Meu pai era um desses. Chamava minha mãe assim. O tempo todo.

– Que merda.

– A merda era ela suportar isso.

Por mais defeitos que Tricia tenha – e são muitos –, ela mantém qualquer drama com seus namorados longe de mim. Os homens nunca passam a noite em casa; ela é que passa a noite na casa deles. Se a agridem verbalmente, pelo menos eu não preciso ouvir.

– Por que ela suportava? Sua mãe? – pergunto.

Ben dá de ombros.

– Ela engravidou do meu irmão aos 17 anos e casou com meu pai. Aos 23, já tinha mais três filhos, então meio que não tinha como fugir. Enquanto isso, ele não parava em casa, sempre na farra. Teve mais dois filhos com uma amante; era um segredo, entre aspas. Todo mundo sabia. Inclusive minha mãe. Mas ela continuava casada com ele. Eles só se divorciaram quando a amante do meu pai ameaçou entrar na justiça para obter uma pensão. Era mais barato e mais fácil largar minha mãe e casar com a amante. Ele sabia que mamãe não era do tipo que entraria na justiça.

– Que horror!

– E ainda piorou. Mamãe finalmente estava livre do desgraçado e estávamos todos mais velhos, um pouco mais independentes. Tudo parecia estar correndo bem. Então, o que ela fez? Engravidou de novo.

– Quantos vocês são?

– Minha mãe teve cinco filhos, quatro com meu pai, um com o babaca atual. E meu pai tem mais dois, que eu saiba, mas tenho certeza que ele teve outros. Para ele, a mulher é que tem a responsabilidade de se prevenir.

– Vocês são tipo A Família Sol-Lá-Si-Dó em versão caipira.

– Eu sei. – Ele dá uma risada. – Só que nunca tivemos uma empregada como a... Como era mesmo o nome dela?

– Alice.

– Alice. – Ele sorri. – A nossa teria que ter um nome de pobre tosco, tipo Tiffani.

– Ou Cody.

Ben fica perplexo. Lembro a ele que faço faxinas para ganhar dinheiro.

Ele chega a ficar vermelho.

– Desculpe, não me lembrava. Não falei por mal.

– Ah, por favor, agora já é tarde – retruco, sorridente; ele também abre um sorriso.

– E então, qual é a sua história? – pergunta Ben.

– Minha história? Você quer dizer da minha família?

Ele ergue as sobrancelhas, como se tivesse colocado tudo para fora e agora fosse a minha vez.

– Não tem muito para contar. É tipo a sua história, só que ao contrário. Somos só eu e minha mãe, Tricia. Sem pai.

– Eles se separaram?

– Nunca estiveram juntos. Ela o chama de doador de esperma, embora não seja o caso, é óbvio, porque isso significaria que Tricia queria engravidar.

Tricia sempre se manteve estranhamente reservada a respeito do meu pai e, ao longo dos anos, passei a suspeitar que ele seja casado. Às vezes o imagino em uma boa casa, com bons filhos e uma boa esposa, e por um lado sinto muita raiva dele por isso, mas por outro até consigo entender. É uma boa vida. Se eu estivesse no lugar dele, também não iria querer que alguém como eu aparecesse para ferrar com tudo isso.

– Tricia acha que me criou sozinha – prossigo –, mas, na verdade, eu fui criada pelos Garcias.

– A família de Meg?

– Isso mesmo. Eles são como uma família de verdade. Mamãe, papai, dois filhos. – Paro de falar para me corrigir, mas então olho para Ben e vejo que não há necessidade. – Jantares em família.

Jogar Palavras Cruzadas. Esse tipo de coisa. Às vezes acho que, se não tivesse conhecido Meg, eu nunca saberia como é uma família normal.

Fico calada. Porque me lembrar de todas aquelas vezes na casa dos Garcias, vendo filmes no sofá puído deles, inventando peças de teatro e forçando Scottie a atuar nelas, ficando acordados até tarde diante da fogueira quando saíamos para acampar – tudo isso me enche de ternura. *Mas.* Sempre há um *mas*.

Ben está me encarando, como se esperasse que eu continuasse.

– Mas, se é isso que acontece com famílias normais, que esperança pode haver para o resto de nós? – pergunto.

Ele balança a cabeça. Como se também não soubesse a resposta.

20

Chegamos à casa de Ben e ele desfaz as malas; depois, passamos meia hora iluminando as paredes com uma lanterna e vendo Grapette e Repete perseguirem o foco de luz. Provavelmente é a coisa mais divertida dos últimos meses.

Ben faz uma lista das casas noturnas às quais Meg costumava ir com mais frequência. Nenhuma delas abre antes das onze, mas ficam em atividade até as quatro da madrugada. Tomamos algumas doses de *espresso* no café mais próximo antes de entrarmos no carro dele e irmos para a cidade.

Vamos primeiro ao clube em Fremont onde conheci Ben. Ele me apresenta a um grupo de garotas descoladas com vestidos bonitos e sapatos bacanas: a galera de Meg. São todas cerca de dez anos mais velhas, mas isso não seria empecilho para ela. Quando Ben explica quem eu sou, uma das mulheres me dá um abraço espontâneo. Então, me segura com os braços esticados e diz:

– Vai passar. Sei que parece que não, mas vai, sim.

Percebo que ela também passou pela mesma coisa, que também foi deixada para trás, e isso faz com que eu me sinta menos sozinha.

Nenhuma dessas mulheres sabia que Meg tinha ido ao centro de saúde; a maioria não tinha sequer conhecimento de que ela estava na faculdade. Se Meg não lhes contou nem isso, o mais provável é que não tenha contado sobre o Solução Final. Não toco no assunto.

Vamos a outro lugar. Mal passamos pelo leão de chácara e uma garota de cabelos louros repicados se joga nos braços de Ben.

– Onde você se meteu? – ela exige saber. – Já mandei, tipo, umas cem mensagens para você.

Ben não retribui o abraço, só meio que afaga o ombro dela, sem jeito. Depois de um instante, ela recua alguns passos, fazendo um biquinho fingido. Então me vê.

– Oi, Clem – diz Ben. Ele parece cansado. – Eu estava em turnê.

– Ah, sei. Em turnê. É assim que você chama isso agora? – questiona ela, ainda olhando para mim.

– Oi. Eu sou a Cody.

– Cody é amiga de Meg – explica Ben. – Você conheceu a Meg Garcia?

Clem se vira para Ben.

– Fala sério. Você resolveu, tipo, pegar as meninas em que deu um pé na bunda e organizar uma irmandade para elas? Será que a gente devia, tipo, combinar de se vestir igual?

Ela revira os olhos e faz um biquinho de verdade agora. Então bufa de desprezo antes de se afastar, puta da vida, mostrando o dedo do meio para Ben.

– Desculpe por isso – lamenta-se Ben, olhando para os próprios sapatos.

– Por que está pedindo desculpas?

– Ela e eu… Foi um tempão atrás… – começa a falar, mas eu abano as mãos para ele parar.

– Você não me deve explicação nenhuma.

Ele abre a boca para dizer mais alguma coisa, mas então vê um cara com óculos de armação grossa e o topete mais elaborado que eu já vi. Ele está com uma garota de franja curta e batom vermelho-vivo.

– Aquele é o Hidecki. Ele conhecia bem a Meg.

Ben faz as devidas apresentações e nós conversamos um pouco, mas nem Hidecki nem a garota que está com ele sabem nada da questão do centro de saúde. Depois de um tempo, não tenho mais perguntas, então Hidecki indaga sobre os gatos.

A garota que está com ele me conta que Hidecki doou 100 dólares para o fundo de reabilitação deles.

– É por isso que está tão interessado – explica ela.

– Cem dólares – repito. – Você deve gostar mesmo de gatos.

– Eu gostava da *Meg* – corrige ele. – Além disso, ela me fez economizar uma grana quando consertou meu amplificador.

– Ela consertou seu amplificador?

Ele assente.

– Trocou o potenciômetro de volume e me mostrou como fazer. A princípio, não levei muita fé, mas ela sabia usar uma pistola de solda.

– É, sabia. E os gatos estão ótimos. Ben os adotou, na verdade.

– Ben? – Ele o olha com uma expressão que eu não chamaria de amigável.

– Sim. Tem até fotos deles no telefone. Por que não mostra para ele, Ben?

– Outra hora – responde Ben, lacônico. – É melhor a gente tentar outros lugares.

Nós vamos até outras casas noturnas. Sou apresentada a um monte de pessoas que conheciam Meg, que sentem falta dela. Mas ninguém sabe do centro de saúde. Consigo alguns nomes e e-mails de outros amigos dela. Às quatro da manhã, não temos nenhuma pista concreta, mas um monte de contatos para continuar tentando. Estou tão cansada que minhas pernas parecem que vão ceder. Os olhos de Ben estão mais vermelhos que os de Richard Locão depois de umas cachimbadas. Sugiro dar a noite por encerrada.

Quando voltamos para a casa dele, Ben me conduz até o seu quarto. Eu paro em frente à porta, como se lá dentro fosse radioativo. Ele olha para mim.

– Pode dormir aqui. Eu durmo no sofá.

– Não precisa. Eu fico no sofá.

– É mais confortável aqui. E silencioso.

Eu faço uma careta.

– Desculpe, Ben, mas os seus lençóis devem ter o DNA de metade da população feminina de Seattle.

– Também não é assim, Cody.

– *Sério?* – pergunto, sarcástica.

– Clem foi há um… Ah, esqueça. Vou trocar os lençóis para você.

– Eu durmo no sofá sem problema.

– Cody, já falei que vou trocar os malditos lençóis.

Não posso culpá-lo por ficar com raiva. São cinco da madrugada e ele acabou de voltar de oito noites dormindo no chão ou na van da turnê. Mesmo assim, ele faz a cama, afofando os travesseiros e dobrando a parte de cima do edredom para que pareça mais convidativo.

Eu me acomodo nos travesseiros. Os gatos sobem correndo e se aninham na parte de baixo da cama, o cantinho de dormir deles, imagino.

Ouço Ben escovar os dentes e, então, as tábuas do assoalho rangerem. Ele para diante da porta. Por um instante, tenho medo de que vá entrar; por um instante, tenho medo de querer que ele faça isso. Mas ele fica apenas parado ali.

– Boa noite, Cody.

– Boa noite, Ben.

• • •

Durmo até o meio-dia e acordo descansada, sem as dores no corpo que eu achava que não iriam passar nunca. Quando chego à cozinha, Ben já está acordado, tomando café e conversando com seus colegas de casa, a quem me apresenta. Ele está comendo uma tigela de granola e me oferece um pouco.

– Posso pegar eu mesma – respondo.

Pego uma tigela no secador de pratos e acho a granola no armário; é estranho eu estar agindo como se já fosse de casa.

Ben sorri para mim, como se também percebesse essa

novidade, e então continua falando com o resto do pessoal sobre a turnê. Eles são gente boa, não os roqueiros típicos que eu imaginava: alguns são estudantes, outros têm emprego. Um dos caras cresceu em uma cidade que fica a uns 30 quilômetros da minha. Nós reclamamos sobre o estado lastimável do leste de Washington, que parece congelado no tempo, e nos perguntamos por que, depois que você passa de Cascades, na direção leste, as pessoas começam a falar com um sotaque sulista.

O dia está ensolarado e o monte Rainier controla a incidência dos raios de sol sobre a cidade. Em dias como este é fácil esquecer o que acontece aqui no outono e no inverno. Depois do café da manhã, Ben e eu descemos os degraus que levam ao quintal. Em um dos cantos, percebo uma pilha alta de madeira coberta com uma lona.

– O que é aquilo? – pergunto.

Ele dá de ombros.

– Só uma coisa que eu faço na minha imensa quantidade de tempo livre.

Puxo a lona. Ela esconde algumas prateleiras em estágio inicial, bem cortadas, como as que estão nas paredes da casa.

– Você fez isso? – pergunto.

Ele torna a encolher os ombros.

– São muito boas – elogio.

– Não precisa parecer tão chocada.

– Não diria chocada, mas ligeiramente surpresa.

Sentamos nos degraus de madeira e observamos Grapette e Repete correrem atrás de folhas e se engalfinharem.

– Eles parecem estar se divertindo – comenta Ben.

– Como? Brigando?

– Apenas existindo.

– Talvez, na minha próxima vida, eu devesse voltar como um gato.

Ele me olha de esguelha.

– Ou como um peixinho dourado. Algum bicho idiota.

– Ei – fala ele, fingindo tomar as dores de Grapette e Repete.

– Olhe como é fácil para eles. De que adianta a nossa inteligência se ela só serve para nos deixar malucos? Quero dizer, animais não cometem suicídio.

Ele observa os gatos, que agora estão empenhados em disputar um graveto.

– Não temos como afirmar isso. Animais podem não tomar veneno, mas talvez parem de comer e se separem do bando, sabendo que vão virar o jantar de outro bicho se fizerem isso.

– Pode ser. – Aponto para os gatos. – Mesmo assim, eu gostaria de ser feliz assim outra vez. Estou começando a duvidar se já fui um dia. Você já?

Ben faz que sim com a cabeça.

– Quando eu era pequeno. Depois que meu pai foi embora, antes de a minha mãe arranjar outro cara e engravidar da minha irmãzinha. Eu e meus irmãos costumávamos sair em explorações. Íamos nadar no rio ou construir fortes na floresta atrás de onde morávamos. Era como ser Tom Sawyer.

Encaro Ben, tentando imaginá-lo criança e livre.

– Por que está me olhando assim? Acha que eu nunca li *As aventuras de Tom Sawyer*?

Dou uma risada. É um som estranho.

– Eu também li *As aventuras de Huckleberry Finn*. Sou um intelectual.

– Não sei se você é intelectual, mas sei que é inteligente. Meg não teria paciência para você se não fosse. Mesmo sendo tão bonito. – Sinto que estou ficando vermelha e olho para o outro lado.

– Você também é bonita, Cody Reynolds.

Volto a encará-lo e, por um instante, me esqueço de tudo. Então lembro que não posso esquecer.

– Preciso lhe contar outra coisa.

O olhar de Ben muda, como um semáforo passando de verde

para amarelo.

– Encontrei outras coisas de Meg. Coisas que ela postou em um grupo de apoio para suicidas.

Ben entorta a cabeça.

– Não é esse tipo de grupo.

O olhar dele muda novamente, de amarelo para vermelho. *Pare.* Mas não consigo parar.

– Acho que você devia ler. Eu trouxe as mensagens impressas. Estão no seu quarto, com as minhas coisas.

Subo de volta com Ben, em silêncio absoluto, o calor do dia substituído por um frio repentino, embora o sol ainda esteja bem forte. Pego o maço grosso de papéis.

– É melhor você começar do início.

Fico observando enquanto ele lê. É como assistir a uma avalanche. Primeiro, os deslizamentos de neve, depois uma onda maciça, até que o rosto inteiro de Ben desmorona. Vendo o seu semblante, volto a sentir aquele mal-estar, agora multiplicado por cem.

Quando larga a última página, ele olha para mim; a expressão em seu rosto é terrível. Vejo fúria, culpa, coisas com as quais consigo lidar, pois estou acostumada a elas, mas também medo e pavor, e é como se bombas estivessem explodindo no meu estômago.

– Puta que pariu!

– Pois é – digo. – Ele teve uma parcela de culpa. Pela morte dela.

Mas Ben não responde. Em vez disso, pega o próprio laptop e o traz até o futon. Abre sua caixa de entrada e vai para os e-mails de Meg. Desce a barra de rolagem até achar o que estava procurando. A mensagem foi escrita duas semanas antes de ela morrer.

– Leia – diz ele, a voz em frangalhos.

Ele aponta para o meio da tela.

> Não tenho ido muito a Seattle ultimamente, como você deve ter notado, e devo admitir que, a princípio, foi porque estava me sentindo meio para baixo e constrangida sobre o que aconteceu entre nós. Ainda não acredito que agi daquele jeito. Mas já não me sinto assim. Você se lembra de quando falou, algum tempo atrás, que eu deveria encontrar outra pessoa para conversar? Eu encontrei. Um monte de gente. Pessoas incrivelmente inteligentes, que têm uma maneira muito subversiva de olhar para as coisas, e você sabe como isso sempre me encantou, ir contra a corrente. Acho que é por isso que sempre me senti tão atraída por música, bandas e coisas do tipo, mas a rebeldia não é exclusividade de vocês. Existem muitos outros caminhos. Tantas maneiras de viver, de definir o que viver significa para você e mais ninguém. Nossa forma de pensar é tão limitada, e uma vez que você entende isso, uma vez que decide não se conformar com essas limitações artificiais, tudo é possível e você se sente muito livre. Enfim, é isso que venho aprendendo com essa nova comunidade. E eles estão me ajudando de verdade. Não tenho dúvidas de que as pessoas ficarão surpresas com o rumo que vou tomar, mas assim é a vida no mundo do punk rock, não é? Bem, preciso ir andando. Preciso pegar o ônibus.

Termino de ler e levanto a cabeça. Ben está agachado na beirada do futon.

– Ela estava tentando me contar. Sobre essa merda desse grupo suicida. Ela estava tentando me contar.

– Você não tinha como saber.

– Ela estava tentando me contar – repete Ben. – Em *todos* esses e-mails. Ela estava tentando me contar. E eu falei para ela me deixar em paz.

Ben dá um murro na parede. O reboco racha. Ele dá outro murro e os nós dos dedos começam a sangrar.

– Ben! Pare com isso! – Eu salto até o lado da cama em que ele está e seguro o seu punho antes de ele socar a parede uma terceira vez. – Pare! Não é culpa sua. Não é culpa sua. Não é culpa sua.

Repito as palavras que desejava que alguém tivesse dito para mim, e de repente estamos nos beijando. Sinto o gosto da agonia e da carência dele, das lágrimas dele e das minhas lágrimas.

– *Cody* – sussurra ele. E é a ternura em sua voz que me faz voltar à realidade com um sobressalto.

Eu pulo da cama. Cubro os lábios com a mão. Enfio a blusa dentro da calça.

– Preciso ir embora.

– Cody.

– Preciso ir para casa *agora*. Tenho que trabalhar amanhã cedo.

– Cody – implora Ben.

Mas já estou fora do quarto, batendo a porta antes de ele ter a chance de dizer meu nome mais uma vez.

21

Tricia está de bom humor. No fim de semana em que perdi feio em Seattle, ela ganhou uma bolada no cassino. Então, mesmo depois de pagar comida, hotel e gasolina, ela volta para casa 200 dólares mais rica. À noite, durante o jantar, ela abre as notas de 20 em forma de leque e diz que deveríamos fazer alguma extravagância. Para Tricia, isso geralmente significa comprar algo caro e inútil que ela vê na televisão, como uma máquina de fazer sorvete que vai usar duas vezes e depois vai virar um depósito para mais tralha.

– O que você acha que devíamos comprar? – pergunta ela.

– Um pacote de um ano de internet.

– Por que você não para de falar nisso?

Fico calada.

– Ah, então *tem* um cara na jogada. – Ela abre um sorriso malicioso. – Eu sempre soube. Não vá ficar grávida!

Se tem uma coisa que Tricia fez questão de enfiar na minha cabeça ao longo dos anos é que eu não devia cometer o mesmo erro que ela.

– Você já foi a Tacoma, o quê, três vezes? E agora quer ter internet para entrar em salas de bate-papo e fazer sei lá o quê. Não me diga que não tem um cara.

Depois do beijo, Ben tentou me acalmar, mas eu peguei minhas coisas, comecei a andar em direção à rodoviária e ele se viu forçado a me dar uma carona. No carro, ele disse:

– Está tudo bem, Cody.

– Como você pode dizer isso? Não sei se ela pode nos ver. Se ela está no céu ou no inferno nos observando. Mas, se estiver, está enojada. Você sabe disso, não sabe?

Ele deu de ombros.

– Talvez. Quem sabe?

– *Eu* sei. E, de qualquer forma, não faz diferença, porque *eu* estou enojada.

Ben não fala mais nada depois disso. Na rodoviária, peço para ele me encaminhar todos aqueles longos e-mails que Meg lhe enviou e, então, nunca mais entrar em contato comigo.

– Não tem cara nenhum – digo a Tricia.

– Se você diz...

No fim das contas, ela compra um braseiro ornamental.

• • •

Eu li todos os posts escritos por All_BS que consegui encontrar. Ele não publica muita coisa. Mas é o suficiente para deixar claro que está ali, prestando atenção. E quanto ao *nickname*? O que ele quer dizer? Será que é uma abreviação para “All Bullshit”? Como se quisesse dizer que aquele fórum era uma enganação? Ou que a vida é que era?

• • •

Um dia, voltando para casa da biblioteca, vejo Sue saindo com o carro do estacionamento do restaurante fast-food que serve frango frito. Meu impulso é me agachar para que ela não me veja.

– Precisa de carona? – pergunta ela, parando o carro do meu lado.

Olho para dentro do veículo. Não vejo Joe nem Scottie, apenas uma sacola grande, já empapada de gordura. Sue passa o frango para o banco de trás e abre a porta para mim.

– Para onde você está indo? – indaga ela, como se tivéssemos muitas opções.

– Para casa – respondo, o que é verdade. – Tricia está me esperando – acrescento, o que é mentira, mas tenho medo de Sue me convidar para a casa dela. Não conseguiria aguentar isso, especialmente agora, com a pasta cheia de mensagens impressas do Solução Final.

– Você anda sumida ultimamente. Deixei algumas mensagens de voz.

– Desculpe. Tenho estado ocupada.

– Não se preocupe. Queremos que você siga com a sua vida.

– É o que estou fazendo – afirmo. A mentira sai da minha boca com tanta facilidade que é quase como se fosse verdade.

– Que bom. Fico feliz.

Sue olha para a pasta e eu começo a suar frio. Temo que vá perguntar sobre ela, mas, por fim, não fala nada. O silêncio se adensa, abrindo um abismo entre nós duas, ondulando como o calor que sobe do asfalto vazio.

A cidade é pequena, logo em cinco minutos estamos em casa. Fico aliviada ao ver o carro de Tricia na entrada, pois ele serve de álibi para a minha história.

– Venha jantar conosco algum dia na semana que vem, se quiser – diz Sue. Ela olha para a sacola no banco de trás; o cheiro de frango frito já tomou conta do carro. – Se você vier, posso fazer aquele chili de que gosta. Estou voltando a cozinhar aos poucos.

– Seria ótimo.

Abro a porta e, ao fechá-la, vejo de relance o rosto de Sue no retrovisor e percebo que somos duas mentirosas agora.

• • •

No dia seguinte, limpo a casa da Sra. Driggs. É uma das minhas faxinas mais fáceis, pois tudo ali está sempre impecável. Desfaço a cama dela, e os lençóis cheiram a uma senhora de idade, embora a

Sra. Driggs não seja nem dez anos mais velha do que Tricia. Esfrego a banheira, aciono a autolimpeza do forno, passo o limpa-vidros nas janelas. Deixo o quarto de Jeremy por último. A atmosfera é meio fantasmagórica e me dá calafrios passar o aspirador naquele carpete ainda com as marcas da faxina da semana passada.

Passo o aspirador no canto em que ficava o viveiro de Hendrix. Algo faz barulho no motor. Desligo o aparelho, agacho-me para ver o que entrou ali e encontro um grampo de cabelo, do tipo que a Sra. Driggs usa para prender o coque. Então ela assombra este quarto vazio, esta casa vazia. Devia arranjar um bicho de estimação, talvez alguns gatos. Muito melhor do que uma cobra, embora gatos também comam ratos. Mesmo assim, não seria um jogo tão desleal quanto Jeremy dando de comer a Hendrix – a vítima e o vencedor predeterminados. Pobre ratinho.

Estou sentada ali com o grampo de cabelo na mão quando tenho um estalo. Já sei como encontrar All_BS. Ele é a cobra. Para apanhá-lo, preciso ser o rato.

22

O que torna uma pessoa apetitosa para alguém como All_BS? Por que ele escolheu ajudar Meg em vez de, digamos, Sassafrants ou o cara que vivia perguntando sobre veneno de rato? E como posso fazê-lo achar que sou uma dessas pessoas?

Volto a analisar os posts dele, em busca de um padrão. Ele responde mais a garotas do que a garotos – em especial a garotas inteligentes. Nunca responde aos semianalfabetos ou aos reclamões. Também parece se interessar por iniciantes, pessoas que estão apenas começando a pensar em “pegar o ônibus”. Gosta de filosofia (as postagens dele são cheias de citações) e parece atraído por usuários cujos posts também sejam filosóficos. Não é de espantar que tenha se sentido atraído por Meg.

O primeiro passo é óbvio: preciso postar no fórum. Um alô, como o de Meg. Algo que me apresente ao grupo, anuncie a intenção de me matar, mas como um questionamento. Se eu estiver muito segura, já pensando em comprar veneno de rato, não vou parecer um rato.

Levo vários dias para bolar algo e, então, travo na hora de criar um *nickname*. Tudo em que consigo pensar está relacionado a Meg e não sei quanto ela contou sobre si mesma para ele; não quero me entregar. Olho para a pilha de livros da biblioteca com o prazo de devolução vencido e decido usá-los como inspiração.

Kafkiana
Tiro no escuro

Já faz um tempo que venho pensando em pegar o ônibus. Acho que

> estou pronta para comprar minha passagem. Só preciso de um pouco de incentivo. Estou preocupada com minha família e com a possibilidade de fracassar e, para ser sincera, de não fracassar. Reflexões inteligentes serão bem-vindas.

Assim que publico o post, eu me arrependo. Soa falso, não se parece com nada que eu escreveria e muito menos com as palavras de um suicida. Tenho certeza de que todos no fórum vão me denunciar como uma fraude. Mas, no dia seguinte, recebo várias respostas. Como no caso de Meg, a maioria é simpática e encorajadora (*Seja bem-vinda! Parabéns!*), o que é bizarramente gratificante. Só que All_BS não está entre os que responderam. Posso ter enganado algumas pessoas. Mas não a que estou procurando.

Troco o *nickname*, penso no post de Meg sobre Scottie e volto a tentar:

> **CR0308**
> Quem deixamos para trás
>
> Há meses venho pensando seriamente em me matar, mas o que me impede é a minha mãe. Somos só nós duas, e fico pensando em como seria para ela se eu morresse. Eu posso suportar isso? Aliás, eu preciso suportar?

Este post também me cheira a conversa fiada. Não é totalmente verdade dizer que Tricia não me *queria*, porque, afinal, ela *ficou* comigo. Me parece mais que Tricia não queria ter filhos. Que tipo de mãe iria querer que sua filha a chamasse pelo primeiro nome porque se acha jovem demais para ser chamada de “mamãe”? Sei que Tricia provavelmente se sentiria mal se eu me matasse, mas também sei que ela está louca para se livrar de mim. Inclusive me diz isso com bastante frequência.

Recebo um monte de respostas, algumas me dizendo que, sim,

fazer isso com uma mãe solteira é uma puta sacanagem. Que talvez eu devesse esperar ela se casar de novo, ou coisa parecida. Isso me faz rir. Tricia não pode se casar *de novo* se ela nunca casou. E, como os relacionamentos dela têm um prazo de validade de cerca de três meses, não consigo imaginar que isso aconteça.

Não recebo nada de All_BS. Tenho a estranha sensação de que, se continuar mentindo, não terei resposta dele. O que é meio que um beco sem saída, pois como posso fazer isso sem mentir?

Escolho um novo *nickname*, algo vagamente relacionado a Meg – Grapette e Repete –, mas ambíguo o suficiente para não ser exclusivo dela. Em vez de tentar encarnar Meg, tento encarnar a mim mesma.

> **Repete**
> A verdade
>
> Perdi alguém recentemente. Uma pessoa tão importante que é como se parte de mim mesma tivesse morrido. E agora não sei mais ser como antes. Ela era o meu sol, e então meu sol se apagou. Imagine só se o Sol se apagasse de verdade. Talvez ainda restasse vida sobre a Terra, mas você iria continuar querendo viver aqui? Será que eu quero continuar vivendo aqui?

No dia seguinte, recebo um monte de respostas, embora nenhuma seja de All_BS. Algumas são explicações científicas estranhas sobre como é improvável que o Sol realmente se apague. Outras são mais solidárias com a minha perda. Outras sugerem que, se eu morrer, me reencontrarei com a pessoa que perdi. Elas falam com tanta convicção que é como se os usuários do Solução Final tivessem visitado a morte, feito anotações e voltado para dar notícias. Isso me faz lembrar que, para muitas dessas pessoas, isso é uma forma de diversão.

Mas estou começando a entender o encanto deste fórum. Ontem, quando cliquei no botão POSTAR, senti um alívio enorme. Por

mais que tudo isso seja um embuste, pela primeira vez em muito tempo estou dizendo a verdade.

• • •

Alguns dias depois, estou trabalhando na casa dos Thomas, tentando descobrir como fazer All_BS dar as caras. Imersa em pensamentos, limpando o quarto de Mindy Thomas, nem ouço ela entrar. Se tivesse ouvido, teria saído, fingindo que já ia limpar a garagem ou coisa parecida.

– E aí, Cody? – me chama Mindy com uma voz cantarolada. – Como vai você?

– Tudo ótimo! – respondo com todo o entusiasmo que consigo reunir enquanto seguro um espanador.

Mindy vem acompanhada pelo seu séquito, todas elas garotas um ano mais novas do que eu que não vejo muito desde que me formei. Sharon Devonne acena para mim. Ela era uma das acólitas de Meg: a adorava, costumava segui-la como se ali estivesse uma estrela de cinema. Meg fingia ficar irritada com isso, mas eu sabia que achava Sharon um doce, especialmente por ela ser tão legal com Scottie, que era apaixonado por sua monitora de colônia de férias.

– E aí, Cody? – cumprimenta ela, tímida.

– E aí, Sharon? Como está indo o último ano?

– Quase acabando.

– Tem algum plano para depois de se formar?

– Dormir.

– Pode crer. Fiquei sabendo que…

– Sabem de uma coisa? – diz Mindy, interrompendo a conversa e batendo palmas. – Tive uma ótima ideia. Cody devia vir à festa. É no fim de semana que vem. Meus pais vão estar fora da cidade, vai ser demais.

Antes que eu consiga inventar uma desculpa, Mindy continua:

– Perfeito. Você pode ir à festa e fazer a limpeza depois.

Mindy vai embora rindo.

Eu fico parada, arrasada demais para falar qualquer coisa. Mindy Thomas? Nós costumávamos fazer aula de dança juntas. Ela sempre usava todas as roupas perfeitas: collants, polainas, sapatilhas, tudo combinando. Tricia não tinha nem como pagar as aulas – a professora, amiga dela, me deixava fazê-las de graça –, então eu simplesmente me vestia com o que conseguia juntar: collants rasgados, uma camisa regata, polainas de cores diferentes que encontrara em um brechó. Um dia, Mindy chegou vestida igual a mim. Achei que ela estava me zoando, mas, quando contei para Tricia, ela riu.

– A pirralha está copiando você.

Eu tinha minhas dúvidas quanto a isso. Mas de uma coisa eu tenho certeza: um ano atrás, Mindy Thomas jamais teria falado comigo do jeito que acabou de falar.

Sharon fica mais um pouco depois que as outras garotas vão embora.

– Não ligue para a babaquice dela – fala ela baixinho. – Você devia vir à festa.

– Obrigada, Sharon.

Levanto o espanador para mostrar que preciso voltar ao trabalho. Ela hesita, como se quisesse me contar mais alguma coisa, mas Mindy chama e ela se apressa a sair também.

• • •

Mais tarde, na biblioteca, não consigo parar de pensar em Sharon, na maneira como ela costumava idolatrar Meg. Por mais que fosse um tanto excêntrica para a cidade, Meg tinha seus admiradores. Tinha aquele algo mais. As pessoas, pelo menos as inteligentes, se

sentiam atraídas: gente da escola, músicos que ela conhecia pela internet, All_BS – todos eles chegaram a Meg de uma forma ou de outra.

O que tenho que fazer para atrair All_BS? Não tenho o que Meg costumava ter. As pessoas sempre nos chamavam de Unha e Carne, mas não era bem assim. Havia Meg. E havia eu, que me mantinha atada a ela.

Não posso mais fazer isso. Se quiser encontrar All_BS, preciso ser apenas eu. Respiro fundo. E começo a digitar.

> **Repete**
> Repete
>
> Não sou uma dessas pessoas que passa muito tempo pensando na morte ou imaginando como ela seria ou sonhando com ela ou desejando morrer. Pelo menos não achava que fosse. Mas, neste último ano, aconteceram tantas merdas na minha vida que começo a me questionar se eu tenho mesmo uma vida ou se o que eu achava que era minha vida é na verdade uma ilusão, ou talvez um delírio. Porque, para mim, isso não parece vida. Está mais para sobrevivência, como se fosse o máximo a que eu pudesse aspirar. Não sou tão velha assim, mas já me sinto cansada. Até levantar da cama todas as manhãs parece um sacrifício enorme. É como se eu estivesse suportando a vida, em vez de me sentir feliz, realizada com ela. Não vejo o sentido. Se alguém me dissesse que eu poderia voltar atrás e desfazer meu nascimento, eu faria isso. Sinceramente.
>
> Isso é o mesmo que querer morrer? E, se for, o que significa?

23

Uma bela noite, estou sentada diante do computador, olhando para todas as mensagens que postei no fórum do Solução Final e para todas as respostas que recebi. Agora já são páginas em excesso para imprimir sem despertar suspeitas na Sra. Banks, então comecei a salvar tudo como arquivo no HD.

A porta do meu quarto se abre. Fecho o computador na mesma hora.

– Já ouviu falar em bater? – pergunto a Tricia.

– Quando *eu* estiver morando na *sua* casa, vou pensar no assunto.

Estou prestes a mencionar que pago aluguel e que, portanto, a casa é minha também, mas então penso na caixa cheia de dinheiro escondida debaixo da minha cama e decido que não é uma boa ideia trazer o assunto da grana para a conversa.

Ela dá um tapinha no meu computador, que está quente.

– Eu li que o aumento dos casos de câncer está relacionado ao tempo que as pessoas passam olhando para telas de computador o dia inteiro.

– Tudo dá câncer – retruco. – O *sol* dá câncer.

– Li que, com computadores, é muito pior. Toda essa radiação. Não é saudável.

– Onde você leu isso? Em um dos vários periódicos científicos que assina?

Ela ignora a alfinetada e se senta na beirada da cama.

– O que *você* anda lendo ultimamente?

– Eu?

– É, você. Que vivia com o nariz enfiado em um livro, e agora eu

só vejo em frente a esse computador.

Quando devolvi a última leva de livros que a Sra. Banks pedira emprestado para mim, fingi que tinha lido todos, quando, na verdade, não terminara nenhum deles. Eu costumava ler à noite em casa, mas agora não consigo parar de olhar para a quantidade cada vez maior de arquivos sobre Meg, que escondi em uma pasta falsa chamada Faculdade. Ainda não obtive resposta de All_BS e continuo lendo todas as mensagens, tentando descobrir o que fazer em seguida.

Tricia gesticula para o computador.

– O que tem de tão interessante aí dentro, afinal? É algum outro mundo?

– Não é outro mundo. É só um monte de uns e zeros; programação de computadores não passa disso. – Mas não é verdade: All_BS está em algum lugar ali, e Meg também.

Tricia fica calada. Ela corre os olhos pelo meu quarto, pelas minhas paredes, pelas fotos coladas com fita adesiva de mim e Meg em shows; de mim e dos Garcias acampando no monte Saint Gelens; de mim e Meg no dia da formatura ano passado – ela radiante, eu com um sorriso afetado. Também há retratos meus com Tricia, mas não tantos se comparados aos que estou com os Garcias.

– Vocês duas eram como o dia e a noite – comenta Tricia, olhando para a foto de formatura.

– Não somos *tão* diferentes assim. Ou melhor, não éramos.

Meg tinha olhos castanho-escuros, enquanto os meus são de um castanho mais acinzentado, mas essa era a maior diferença entre nós duas. Nossos cabelos são castanhos e, embora Meg tivesse a pele cor de café de Joe, no verão minha pele morena fica tão escura que costumávamos dizer que eu poderia passar por filha de Joe. Só que eu não era filha dele e agora essa insistência em nossa semelhança me deixa constrangida. Será que essa era apenas mais uma tentativa minha de me manter atada a Meg?

– Não estou falando da aparência – explica Tricia. – Estou falando da personalidade. Você não tem nada a ver com ela.

Não respondo.

– Graças a Deus – acrescenta Tricia.

– Isso não é uma coisa muito bonita de se dizer.

Tricia continua a olhar para a foto de formatura.

– Meg tinha tudo. Toda aquela inteligência. Uma bolsa de estudos para uma boa faculdade. Tinha até esse computador caro que você não consegue largar. – Ela volta a me encarar. – Você só tinha a mim. E é inteligente, não me entenda mal, mas não como Meg. Ficou limitada a uma porcaria de faculdade comunitária e agora, pelo que estou vendo, nem isso foi para a frente.

Eu amarro um fio solto da colcha em volta do dedo até ele latejar. Obrigada, Tricia, por resumir com tanta precisão a minha inferioridade.

– Mas, mesmo com tudo contra, você se manteve firme – diz Tricia, continuando o massacre. – Não desistiu daquele maldito curso de dança que Tawny Phillips deixou você fazer de graça, nem depois de torcer o tornozelo.

– Eu não podia desistir. Tinha aquele grande solo no espetáculo de dança, *All That Jazz* – lembrei a Tricia.

Eu havia me esquecido disso. Mindy Thomas ficou furiosa quando eu consegui aquela vaga tão cobiçada. Desconfio que Tricia também não se lembre. Ela não pôde ir ao espetáculo. Precisava trabalhar. Os Garcias foram.

– Isso mesmo – prossegue Tricia. – E, na escola, você odiava matemática, mas continuou se esforçando até o final, e passou até naquele raio de trigonástica.

– Trigonometria – corrijo.

Ela faz um gesto no ar, como se não fizesse diferença.

– Você foi até o final e passou até *naquilo* porque queria ir para a faculdade. O que quero dizer é: você nunca desistiu, nem na dança, nem na matemática, nem em nada, e talvez tivesse mais motivos

para isso. Você tinha um monte de pedras nas mãos, então resolveu limpá-las, deixá-las bonitas e fez um colar. Meg ganhou um colar de joias e se enforcou com ele.

Eu sei que deveria defender Meg. É da minha melhor amiga que estamos falando. E Tricia entendeu tudo errado. Ela não sabe a história inteira. Provavelmente tem inveja dos Garcias por eles serem a família que ela nunca foi.

Mas não defendo Meg. Posso não ser filha de Joe. Mas nunca me senti tão filha de Tricia quanto agora.

24

No dia seguinte, recebo uma mensagem de All_BS. Ela diz apenas: *Quem você perdeu?*

Levo alguns instantes para perceber que ele – a esta altura, tenho quase certeza de que é um homem – está se referindo a um post mais antigo. O que significa que ele vem me observando. Passo uma hora pensando no que escrever, em qual história vai ser mais eficiente, e então volto ao ponto de partida: a história verdadeira.

> **Repete:** A minha melhor metade.

Passados vinte minutos, ele torna a responder:

> **All_BS:** “Não há nada mais desejável do que se livrar de uma aflição, mas não há nada mais assustador do que perder algo que nos serve de muleta.” – James Baldwin

> **Repete:** O que você quer dizer com isso?

A biblioteca fecha antes da resposta, o que me faz passar a noite pensando na citação. Levo o computador para a casa dos Chandlers no dia seguinte e descubro que a rede sem fio deles não tem senha. Me escondo no banheiro e confiro o fórum para ver se há alguma resposta de All_BS.

> **All_BS:** Talvez a sua melhor metade, como você a chama, não passasse de uma muleta. Pode ser aterrorizante, depois de tanto tempo usando uma muleta, se ver sem ela. Talvez agora você esteja

enfrentando esse processo de ajuste.

E é isso. Nada sobre eu me matar ou a vida ser o problema. Apenas uma sugestão de que Meg era minha muleta.

E o mais assustador é que ele tem razão. Meg me sustentava. Sem ela, não consigo me manter em pé.

Repete: Então você está dizendo que é temporário, que eu não deveria pensar em pegar o ônibus porque estou apenas sofrendo por conta da minha perda?

Ouço a Sra. Chandler no quarto ao lado. Pressiono o botão POSTAR rapidamente e escondo o laptop em um canto. Passo o resto da manhã preocupada, achando que talvez o tenha afugentado. Naquela tarde, praticamente corro à biblioteca e fico aliviada ao encontrar uma resposta à minha espera.

All_BS: Não estou falando nada disso.

Repete: Então do que você está falando?

Ele ainda deve estar on-line, pois a resposta é imediata.

All_BS: Do que VOCÊ está falando?

Penso bastante antes de responder.

Repete: Não sei do que estou falando. Não sei o que estou fazendo. É por isso que estou perguntando para você.

All_BS: Sim. É por isso que você está perguntando para mim.

25

Em meados de junho, recebo uma ligação de Alice. Não falava com ela desde a última vez que fiquei em sua casa em Tacoma, mas, quando atendo o telefone, ela começa a tagarelar como se conversássemos todos os dias.

– Eu estava olhando no mapa, você está no leste de Washington, não é? – pergunta ela depois de me atualizar a respeito de coisas que não me interessam. – Entre Spokane e Yakima?

Spokane e Yakima são separadas por centenas de quilômetros. Engraçado como as pessoas acham que ficam a um cuspe de distância. Mas não a corrijo.

– É, mais ou menos.

– Legal! Estou trabalhando como monitora em Mountain Bound. Ficarei nos arredores de Missoula e parece que a I-90 passa pela sua área.

– Não é longe daqui.

– Perfeito! São, tipo, sete horas de Eugene até Spokane, ou seja qual for a sua cidade. Um dia de viagem. E então posso estar em Missoula no dia seguinte.

Preciso de alguns instantes para entender do que ela está falando.

– Você quer ficar na minha casa?

– Se não tiver problema.

Quase nunca recebemos visitas. Mesmo Meg só dormiu aqui algumas poucas vezes. Já estou tentando descobrir como explicar Alice para Tricia. Onde instalá-la. Tricia e Raymond ainda parecem estar juntos, a julgar pela quantidade de noites que ela não tem

passado em casa. Talvez ela durma na casa dele na noite em que Alice estiver aqui, mas, se eu pedir, aí sim que isso não vai acontecer.

– Quando você vem?

– Depois de amanhã. Me dê seu endereço.

Então não tenho escolha. À noite, digo à Tricia que chamei alguém para dormir aqui em casa.

– Seu namorado? – pergunta ela, em tom de acusação.

– Não existe namorado nenhum.

No mesmo momento, penso em Ben e fico com raiva por ter pensado nele, mas alego a mim mesma que ele tinha sido o motivo da última pergunta de Tricia sobre o assunto.

– Então com quem você tem conversado no computador?

– Não tenho conversado com ninguém. Não posso fazer isso, porque não temos internet.

– Rá! Mas você quer ter. E agora está ficando vermelha. Está escondendo alguma coisa.

Desta vez, ela tem razão. Mas não sobre eu ter namorado. All_BS e eu deixamos de conversar através das mensagens no fórum e passamos a usar um programa de bate-papo anônimo com frequência. Nossas conversas, no entanto, são irritantemente limitadas pelos horários da biblioteca.

Para minha decepção, elas não são sobre suicídio. Pelo menos não especificamente. Falamos sobre generalidades e às vezes me esqueço com quem estou conversando. Semana passada, comentei que estava ficando gripada e ele me enviou uma receita de chá de gengibre com suco de maçã. Quando deu certo, brinquei sobre a ironia de ele ter curado meu resfriado. “Bom saber que alguém se importa”, escrevi. Quando ele me perguntou o que eu queria dizer com isso, comecei a digitar uma mensagem sobre Tricia, então me dei conta do que estava fazendo e a apaguei.

Precisava tomar mais cuidado e não responder às mensagens dele espontaneamente ou iria estragar tudo. Agora, quando estou

na biblioteca, salvo as mensagens dele em meu arquivo da Meg e, quando estou em casa, redijo as respostas, enviando-as da próxima vez que estiver on-line. É um sistema frustrante e trabalhoso, mas a demora me obriga a ser cautelosa.

– Quem vai ficar aqui é a Alice – conto a Tricia. – A gente se conheceu em Tacoma. Ela está indo para Montana e precisa de um lugar para dormir.

Pronto: a verdade, ou parte dela. Uma das coisas que aprendi ao lidar com All_BS é que, quanto mais perto você chega da verdade, mais fácil é mentir.

– Ela nunca ouviu falar de motéis? – pergunta Tricia.

– Eu vou dormir no sofá; ela pode ficar no meu quarto.

Tricia suspira.

– Não. Pode dormir na minha cama. Vou passar a noite com Raymond.

Eu concordo como se isso nunca tivesse me passado pela cabeça.

• • •

Na noite seguinte, às seis em ponto, Alice chega, buzinando enquanto desce a rua, como se liderasse uma parada do Dia da Independência. Alguns vizinhos saem de casa para ver que comoção é aquela, e Alice acena para eles, sorrindo.

– Então é aqui que você mora?

Eu aquiesço.

– Não é o que esperava. É tão… pequena. – Ela se interrompe. – Não a sua casa. A sua casa é grande. Quero dizer, a cidade.

Minha casa é uma estrutura de blocos de cimento com dois quartos minúsculos. Se fosse pequena, já seria um avanço.

Agora ela está constrangida.

– Não falei por mal. É só que você parece cosmopolita. Pensei

que tivesse crescido em um lugar diferente.

– Não. Foi aqui mesmo.

Nós entramos. Levo Alice até o meu quarto. Eu troquei os lençóis para ela. Alice se deixa cair de costas na cama, observando os panfletos de bandas na minha parede, todas as fotos minhas e de Meg.

– Então foi aqui que Meg cresceu também?

Torno a concordar com a cabeça.

– Há quanto tempo vocês se conheciam?

– Bastante tempo.

Tem uma foto nossa em um rodeio, de quando talvez estivéssemos no quinto ano. A fase dentuça.

– Esta é você? – pergunta Alice, se aproximando para enxergar melhor.

Eu deveria ter tirado tudo aquilo.

– É.

– Vocês devem ter muita história juntas.

Penso no Dairy Queen. Na nave espacial. Na casa dos Garcias.

– Não exatamente.

Ficamos caladas por algum tempo. Então Alice anuncia que vai me levar para jantar fora.

– Não aceito “não” como resposta!

– Tudo bem. Aonde você quer ir?

– Quais são nossas opções?

– Os mesmos restaurantes fast-food de sempre. Um bar e grill em que minha mãe trabalha, mas, acredite, você não vai querer ir lá. Uma lanchonete. Uns dois restaurantes mexicanos.

– Os mexicanos são bons?

Joe sempre dizia que a comida de Sue era melhor que a da sua mãe, e muito melhor que a de qualquer um dos restaurantes da cidade. Era muito raro irmos a algum deles.

– Não são nada de mais.

– Passei por um Dairy Queen quando estava chegando.

Poderíamos ir lá.

Visualizo o DQ, Tammy Henthoff, os frequentadores de sempre.

– Vamos de comida mexicana.

Seguimos para o Casa Mexicana, com seus reservados vermelhos e pinturas em veludo de toureiros. Nosso garçom é um cara chamado Bill, com quem Tricia costumava sair, o tipo de coisa que acontece o tempo todo em nosso Cu de Judas. Pedimos a comida, e então Alice pede uma *margarita* de morango com um *shot* de tequila. Bill pede a identidade e ela a entrega.

– Um sem álcool para você, Cody? – diz ele com um sorriso malicioso.

Eu odeio esta cidade. Não posso nem fazer um pedido em um restaurante sem que haja toda uma história por trás.

– Só um Dr. Pepper.

– Você tem 21? – pergunto a Alice depois que Bill vai embora.

– Não, mas Priscilla Watkins, sim. – Ela me mostra sua identidade falsa.

Fico impressionada: não achava que Alice fosse capaz disso.

Enquanto esperamos nossas bebidas, a família Thomas entra no restaurante. A Sra. Thomas dá uma espécie de aceno; Mindy, que parece estar discutindo com a irmã sobre alisamento de cabelo, me ignora. Balanço a cabeça.

– O que foi? – pergunta Alice.

Como você explica um Cu do Judas como o nosso para alguém que descreve sua cidade natal como o Paraíso?

Bill volta com as bebidas. Assim que ele dá as costas, pego o *shot* de Alice e o bebo.

– Peça outro.

Continuamos bebendo. Alice vai ficando sentimental. Ela começa a falar sobre Meg. Alto. Sobre como ela queria tê-la conhecido melhor. Sobre como está feliz por ter me conhecido. Em certo nível, percebo que ela está dizendo gentilezas, mas Mindy Thomas está a dois reservados de distância e eu quero que Alice cale a boca.

Quando a comida chega, Alice começa a devorar o prato.

– Humm. Que delícia! Não temos nenhum restaurante mexicano que preste em Eugene.

– Ah, é? – digo, tirando com o garfo uma crosta de queijo da minha enchilada. Ela descasca como pele queimada de sol. Empurro-a de lado e experimento o arroz.

– Então, você tem falado com Ben McCallister? – pergunta Alice do nada.

O interior do restaurante é escuro, portanto ela não consegue ver meu rosto ficar vermelho.

– Não.

– Nem uma vez?

– Por que deveria?

– Não sei. Parecia haver uma… fagulha entre vocês dois.

Uma chama voraz originou-se de uma ínfima fagulha. Quando começamos a conversar, All_BS citou esse verso para mim. Segundo ele, era de Dante. Imagino que estivesse tentando explicar como reflexões simples poderiam levar a ideias revolucionárias. Era a sua maneira de me encorajar e eu precisei me lembrar de não me sentir encorajada por isso, pois a ideia capaz de revolucionar minha vida que ele estava vendendo era a ideia de acabar com ela.

– Não houve fagulha nenhuma – retruco, afastando o prato.

– Talvez seja melhor assim.

– Por quê? – Ouço a hostilidade em minha própria voz.

– Para começar, Meg era doidinha por ele.

– Achei que você tinha dito que não sabia nada a respeito dela.

– E não sabia. Mas ela falava sobre Ben. E nos convidava para ir aos shows da banda dele. Então, só podia ser.

– O fato de Meg ter convidado vocês para um show não significa que estava a fim de Ben, mas apenas que estava sendo ela própria.

Alice fica calada por alguns instantes, sugando o que restava do seu drinque do fundo do copo.

– Ah, isso me faz lembrar: você chegou a descobrir com quem

Meg falou sobre antidepressivos?

– Não.

– Acho que sei com quem foi.

– Você acha? – Isso já não me importa, pois o motivo de encontrar essa pessoa era chegar a All_BS, e eu já cheguei a ele.

– Não tenho certeza, mas acho que foi Tree.

– Tree? Até parece!

– Acho que foi, sim – diz Alice, soando magoada.

– Está na cara que você não sabe merda nenhuma sobre Meg.

– Sim, parece que já deixamos isso bem claro – fala Alice, na defensiva. – Mas ainda acho que foi com ela.

Não. Meg teria odiado Tree, e Tree não parecia morrer de amores por Meg.

– Não ela – balbucio.

De repente, me sinto cansada e meus membros já não parecem estar totalmente sob controle. Eu me lembro, tarde demais, por que não gosto de ficar bêbada.

– Tudo bem, tudo bem – diz Alice, balançando as mãos no ar. – Mas ela falou algo que me fez pensar nisso. Não me lembro o quê agora. Mas você devia ligar para ela.

• • •

Na manhã seguinte, Alice se prepara para partir rumo ao seu verão de incríveis aventuras enquanto eu me preparo para limpar latrinas. Estou de ressaca menos por conta da tequila e mais pelo lado de mim que ela trouxe à tona. Por que eu não fui mais simpática com Alice, se ela foi um doce comigo o tempo todo? Quando, na verdade, gosto dela? Sei que devo lhe dizer algo, mas, antes de conseguir encontrar as palavras, ela buzina e desaparece rua afora.

Continuo acenando até ela dobrar a esquina. E, enquanto observo outra pessoa ir embora daqui para outro lugar melhor,

entendo perfeitamente por que não fui mais simpática.

• • •

Os Purdues estão de férias, então, no dia seguinte à partida de Alice, tenho um dia de folga. Vou direto para a biblioteca, mais cedo que o normal. O silêncio reconfortante dali foi engolido por risadas e gritinhos de crianças pequenas: é hora da roda de leitura.

Enquanto me encaminho para as mesas dos fundos, vejo Alexis Bray no círculo, de mãos dadas com sua filhinha. Não consigo me lembrar do nome da garota, embora ela tenha ido com Alexis a quase todas as missas de Meg, sentando-se comportada no colo da mãe. Em uma das recepções, Alexis me perguntou se eu queria tomar um café algum dia. Eu disse que lhe telefonaria, mas nunca fiz isso. Não sabia bem por que ela queria me encontrar. Ela era quatro anos mais velha do que eu e Meg, e eu não sabia muita coisa a seu respeito, exceto que costumava sair com Jeremy Driggs, ainda que ele não fosse o pai da garotinha. Pelo que diziam, o pai era um cara que estava no Exército.

Alexis acena para mim agora, assim como a Sra. Banks, que gesticula para eu me sentar em um dos terminais de consulta mais afastados, onde está mais silencioso. Embora não muito. A bibliotecária assistente está lendo uma história sobre um coelho que vive dizendo à mãe as várias maneiras como pretende fugir de casa, mas, obviamente, se o coelho fosse mesmo fazer isso, não contaria nada. Quando você leva a sério uma coisa dessas, não revela a ninguém.

Uma das crianças se afasta do círculo e vai até onde estou sentada. As fraldas dela vão até os joelhos e noto uma mancha grande do que parecem ser ervilhas, mas pode ser algo muito mais nojento, na frente da sua camisa do desenho animado *Carros*. Sinto nojo. Crianças são como parasitas. Imagino que Tricia tenha

pensado o mesmo de mim. Pergunto-me se Meg também.

A bibliotecária passa para outro livro, algo sobre balões que estão desaparecendo, o que soa ainda mais idiota. Talvez seja por isso que meu amiguinho de fraldas todo sujo não parece interessado em voltar à roda de leitura; ele apenas me encara com seus olhos pidões.

Tento desviar o olhar, mas não é nada fácil quando alguém olha fixamente para você. O esforço de não encarar o garotinho faz meu estômago se revirar como o tambor de uma máquina de lavar roupas. *Gira. Gira. Gira.* Vejo Alice nas montanhas em Montana, cercada por um bando de outras pessoas tão alegres quanto ela. *Gira. Gira. Gira.* Vejo Hendrix engolindo o rato. *Gira. Gira. Gira.* Vejo Meg diante do computador, digitando o bilhete de suicídio que seria enviado com atraso. *Gira. Gira. Gira*. Vejo a mim mesma, sentada nesta mesma biblioteca, abrindo seu bilhete de suicídio: *Sinto informar que…*

O garotinho continua do meu lado, suas mãozinhas imundas e grudentas a poucos centímetros do teclado.

– Nem *pense* em chegar mais perto – digo, fitando-o com o olhar mais zangado possível, para o caso de minha voz não ter soado ameaçadora o suficiente.

Ele faz um beicinho antes de começar a chorar. A mãe vem correndo, pedindo desculpas, o que significa que ela provavelmente não sabe o que eu disse, mas Alexis me olha com uma expressão estranha, o que significa que ela provavelmente sabe.

Então é isto que eu me tornei: uma pessoa que entra em conflito com crianças de colo.

Volto minha atenção para o computador, descendo a barra de rolagem pelas palavras de All_BS: *Uma chama voraz originou-se de uma ínfima fagulha*. *Encaixe a coragem em seu devido lugar.* O garotinho agora choraminga na segurança do colo da mãe. Sinto vergonha, mas isso me traz certa clareza: posso criar pequenos conflitos ou enfrentar o maior de todos.

É hora de encaixar minha coragem em seu devido lugar. Ou morrer tentando.

Envio duas mensagens, uma atrás da outra. A primeira é para Harry Kang, perguntando de que tipo de informação preciso para rastrear alguém, porque toda essa história de me tornar amiga de All_BS é inútil se eu não conseguir descobrir quem ele é.

A segunda é para o próprio:

Estou pronta. Quero dar os próximos passos. Você pode me ajudar?

Assim que envio a segunda mensagem, minha raiva, minha angústia e minha autocomiseração desaparecem, deixando apenas serenidade e uma determinação inabalável. Pergunto-me se foi assim que Meg se sentiu.

O garotinho parou de chorar e agora está olhando para mim com uma expressão ressentida, o rosto manchado de lágrimas. Abro um sorriso para ele.

26

All_BS não demora muito para responder à minha mensagem, embora não faça isso da maneira que eu esperava: enviando para mim os arquivos que suponho que ele tenha enviado à Meg. Em vez disso, recebo uma citação de Martin Luther King Jr.: *"Ter fé significa dar o primeiro passo quando você não consegue ver todos os degraus da escada."* E ele acrescenta: *Você já deu o primeiro passo ao tomar sua decisão*. Em seguida, vejo um link que abre uma espécie de diretório com diversas opções: comprimidos, venenos, armas de fogo, asfixia, estrangulamento, afogamento, monóxido de carbono, saltar de lugares altos, enforcamento. Quando você clica em cada um deles, há uma lista detalhada – detalhada *mesmo* – dos prós e contras, bem como estatísticas apresentando as taxas de sucesso de cada método. É um documento parecido com o que encontrei pela primeira vez encriptado na lixeira do computador de Meg, mas não exatamente o mesmo.

Ao longo da semana, recebo mais mensagens:

> "Quando percebe que nada é permanente, você não busca se agarrar a nada. Quando não teme a morte, nada mais é inalcançável." – Lao-Tsé

> Você sabe o que isso significa? Livrar-se do medo? A morte não é um fim, mas um começo. Não consigo deixar de pensar no nome que você escolheu usar: Repete. Suponho que não seja por acaso. Você deve perceber que repetir é exatamente o que está fazendo. É a mesma coisa. Só quando estamos dispostos a fazer algo corajoso, algo de diferente, nossa vida pode realmente mudar.

Ele está orgulhoso de mim, dá para perceber. O que me faz sentir orgulho de mim mesma. Sei que não deveria. Mas não consigo evitar.

Continuo esperando que ele me envie instruções específicas. Passei horas analisando a lista de compras dos suicidas, então, mesmo sem querer, meio que planejei como faria – ou melhor, me imaginei fazendo da mesma forma que Meg fez. Obtendo a licença comercial falsa. Encomendando o veneno. Mandando que ele fosse entregue em uma caixa postal. Escrevendo um testamento. Arrumando meu quarto. Indo ao banco para sacar uma nota de 50 dólares para a gorjeta da arrumadeira. Escrevendo o e-mail. Programando a data de envio. Fazendo check-in no motel.

A informação nos sites que All_BS me passou é tão detalhada que sei qual seria a sensação de ingerir o veneno. A queimação na garganta, depois no estômago; o formigamento nos pés que indicaria que estava começando a fazer efeito; então as cólicas, seguidas pelo frio que marcaria o início do processo de cianose.

A esta altura, já imaginei isso tantas vezes, primeiro com Meg, e agora comigo, que é como sempre costumava ser antes, quando eu não conseguia nos diferenciar uma da outra – quando eu não queria fazer isso.

Então, quero que All_BS me pergunte se eu pensei em algum método, porque, se fizer isso, eu poderei lhe dizer, e acho que ele ficará satisfeito com a resposta.

Mas ele não pergunta.

Portanto, continuo apenas planejando.

• • •

Certa tarde, estou me preparando para tomar banho depois do trabalho e, enquanto reviro o armário de remédios em busca de uma gilete nova, vejo um dos frascos enormes de Tylenol que Tricia

costuma comprar na farmácia. Graças à minha pesquisa, sei que Tylenol é uma forma terrivelmente dolorosa, mas barata, de se matar. Desligo o chuveiro. Vou para o meu quarto. Espalho os tabletes brancos na minha colcha. Eu deveria tomar quantos? Quantos eu consigo engolir de uma só vez? Como impedir que acabe vomitando tudo?

Olhando para os comprimidos, parece muito fácil. Algo que eu poderia fazer. Agora mesmo. Engolir um monte de remédios. Saltar de um viaduto. Encontrar a arma carregada de alguém. *Você não quer morrer*, preciso me lembrar. *Mas, se quisesse*, responde uma vozinha, *pense só como seria simples...*

A campainha toca, me dando um susto, e eu coro no mesmo instante. Devolvo rapidamente os comprimidos ao frasco e torno a guardá-lo no armário. A campainha toca outra vez.

É Scottie, segurando Samsom pela coleira e chutando algumas folhas secas que se acumularam debaixo do capacho. Ele olha para a minha camisa amarrotada, que está com um cheiro azedo.

– Você estava dormindo? – pergunta ele.

– Não.

Não tenho dormido muito ultimamente, e isso me faz ficar o tempo todo com cara de quem acabou de acordar. Ainda estou um pouco abalada por conta do Tylenol, então, quando Scottie me pergunta se eu quero sair para dar um passeio com ele e Samson, quase pulo para fora de casa.

Saímos andando sob a luz do crepúsculo. Estou agitada agora, uma máquina de puxar assunto. Pergunto a Scottie sobre a escola, mas ele me recorda que estamos no recesso de verão. Pergunto o que está fazendo este verão e ele me lembra que vai para a colônia de férias. Eu deveria saber disso, pois é o que ele faz todos os anos, como Meg quando era mais nova. Eu costumava implorar a Tricia que me enviasse para lá também, mas ela dizia que se recusava a gastar dinheiro com uma colônia de férias se estava livre durante o dia, então meus verões se resumiam a contar as horas

até os Garcias chegarem em casa.

Scottie continua andando e eu continuo fazendo perguntas inúteis. Quando não consigo pensar em mais nenhuma, quase pergunto se ele tem uma piada nova no estilo “Toc, toc, quem é?”. Ele e Meg costumavam inventar as mais absurdas e sem sentido de todas – *Toc, toc. Quem é? É o final. Final do quê? Da piada* – e eles riam e riam até alguém acabar chorando ou peidando. Quando eu balançava a cabeça e os chamava de porcos, eles diziam que eu não tinha o gene do humor idiota. Eu sabia que estavam só brincando, mas, assim mesmo, ficava um pouco sentida.

Fico sem assunto. A esta altura, já demos a volta na cidade e Samson já fez dois cocôs, que Scottie catou mecanicamente com sacos plásticos.

– Você está procurando? – pergunta ele.

– Procurando o quê?

– Pela pessoa. Do bilhete. Que ajudou minha irmã.

Não sei por que estou tão surpresa que Scottie saiba disso. Tinha sido ele o primeiro a compreender.

Minha expressão deve entregar alguma coisa, pois ele meneia um pouco a cabeça, como se tivesse entendido.

– Que bom – diz, enfim.

Na esquina da sua rua, ele solta Samson da coleira.

– Pega ele – pede Scottie. Ele parece estar falando com o cão, mas percebo que, na verdade, é comigo.

Quando chego em casa, tiro o Tylenol do armário de remédios, jogo os comprimidos na privada e enterro o frasco no lixo. Alguns dias depois, quando Tricia fica menstruada e sai procurando o remédio enlouquecidamente, eu me faço de idiota.

27

Quanto volto à biblioteca, a porta de entrada está trancada. O que é estranho. Sei os horários de funcionamento de cor. Fechada aos domingos e segundas. Aberta às terças das 13h às 18h. Confiro o celular. Terça, 15h30. Sacudo a porta e então, frustrada, dou um chute nela.

Volto no dia seguinte, em que a biblioteca deveria estar aberta o dia todo, mas deparo com a mesma situação. Desta vez, a Sra. Banks está lá dentro. Bato à porta.

– O que está havendo? – pergunto, quando ela a destranca.

– Houve um pequeno incêndio por causa de uma pane elétrica no fim de semana. Ficaremos sem energia no prédio até refazer a fiação. Há anos alertamos sobre o estado das instalações elétricas. – Ela balança a cabeça e dá um suspiro. – Mas, com os cortes no orçamento…

– O que eu vou fazer? – questiono, desesperada.

A biblioteca tem sido minha tábua de salvação, minha única forma de contato com All_BS. Já faz quatro dias que não nos comunicamos e estou na fissura.

A Sra. Banks sorri.

– Não se preocupe. Já pensei nisso. – Ela volta a entrar e retorna com uma sacola de compras cheia de livros. – Pode ficar com eles até reabrirmos. Não deve demorar mais do que uma ou duas semanas. Estou emprestando esses para você por fora, por assim dizer – diz a Sra. Banks com uma piscadela. – No esquema da palavra de honra. Mas confio em você.

Volto a ter acesso à internet apenas na sexta, na casa da Sra. Chandler. Mas ela está lá, então não posso roubar o sinal às escondidas. Estou desesperada por notícias de All_BS, o suficiente para explicar à Sra. Chandler sobre o incêndio na biblioteca e perguntar se posso ficar depois do trabalho para usar a conexão. Ela me olha fixamente por um bom tempo.

– Você não tem internet em casa? – pergunta por fim.

Eu balanço a cabeça, constrangida.

– Claro. Use quando quiser.

Quando faço o login, estou tensa e ansiosa. E se All_BS tiver perdido o interesse? Mas então vejo a quantidade de mensagens não lidas que tenho dele. O silêncio conspirou a meu favor. Acostumado a ter notícias minhas quase todos os dias, exceto aos domingos e às segundas, All_BS está claramente preocupado por eu ter passado quase uma semana sem responder a nenhuma de suas mensagens. O tom das mensagens é de aflição crescente. Não consigo dizer se o problema seria eu ter me matado sem lhe dizer – ou eu ter mudado de ideia.

Tricia sempre diz que os homens desejam mais uma garota quando acham que não vão conquistá-la.

Garanto a ele que foi só um problema de acesso à internet. Mas então penso no rosto preocupado da Sra. Chandler e tenho uma ideia.

Acho que vou ficar um bom tempo sem acesso regular à internet, digito, exagerando os problemas elétricos da biblioteca. *E não sei como vou fazer isso sem a sua ajuda. Já escolhi meu trajeto, mas, se não pegar o ônibus logo, corro o risco de perdê-lo. Não há nenhuma outra maneira de nos comunicarmos? Como por telefone?*

A resposta dele parece levar uma hora para chegar, mas a espera é de apenas cinco minutos.

Não acho que seja uma boa ideia, escreve ele.

Eu me obrigo a esperar dez minutos para responder. *Não vejo outra saída*, respondo. E então digito meu número de celular. *Ligue*

para mim se puder.

• • •

O telefone não toca. E, sem internet, também não podemos trocar e-mails. Por mais que me custe admitir, sinto falta das nossas conversas. E isso significa que sinto falta dele.

O trabalho me entedia. Não importa quanto eu esfregue e limpe, as casas continuam parecendo sujas para mim. Certa manhã, chego à casa dos Purdues e vejo o carro do Sr. Purdue na entrada. Minha vontade é sair correndo dali, mas para onde posso fugir? Crio coragem e abro a porta com a chave que a Sra. Purdue esconde para mim debaixo da pedra falsa.

Estou na cozinha, pegando os materiais de limpeza de debaixo da pia, quando o Sr. Purdue aparece.

– Avisei no trabalho que estou doente – ele me informa, respondendo a uma pergunta que não fiz.

– Espero que melhore logo.

– Ah, eu estou bem. Tirei o dia mais para cuidar da saúde mental.

Vou andando para o banheiro sem responder. Fecho a porta, por mais que isso vá intensificar o cheiro dos produtos químicos. Estou agachada sobre a banheira com um frasco de desinfetante quando ouço a porta se abrir atrás de mim. Os Purdues têm dois banheiros; não há necessidade de ele usar este. Espero o Sr. Purdue dar meia-volta e ir embora, mas não é o que acontece. Ele se aproxima. Está descalço e consigo ouvir o som dos dedos dos pés contra o piso de azulejos.

Levanto e me viro, o frasco ainda na mão, o dedo ainda no gatilho do borrifador. Ele dá mais um passo na minha direção. A distância entre nós já é desnecessariamente pequena, e então ele dá outro passo.

Seguro o frasco na altura do rosto dele e aperto o gatilho sem força, soltando um pequeno borrifo de alerta.

– Me dê um motivo – ameaço. – Só um.

Tento soar durona, mas, aos meus ouvidos, pareço estar quase implorando.

Ele sai andando de costas do banheiro, os braços levantados, rendendo-se. Quando ouço o cantar dos pneus do carro dele, minha raiva já passou. Mas, ao contrário da última vez que ele se meteu comigo, não me sinto triunfante, como se fosse Buffy, a Caça-Vampiros. Já o alertei antes, mas ele simplesmente me pagou 10 pratas a mais e voltou para tirar mais uma casquinha.

• • •

A noite é deprimente. Tricia saiu com Raymond e os nossos vizinhos estão dando uma festa. Ainda sinto o cheiro de água sanitária, mesmo depois de tomar banho, mas é como se fosse a depravação do Sr. Purdue que eu não consigo lavar.

Não aguento mais olhar para as mensagens do Solução Final, então tento me obrigar a fazer algo diferente. Folheio alguns dos livros da biblioteca, mas as palavras se misturam nas páginas. Ligo o computador de Meg para jogar paciência, mas acabo abrindo a caixa de entrada dela outra vez. Fico olhando pela centésima vez para a lacuna de e-mails, como se as mensagens apagadas pudessem se materializar num passe de mágica e responder a todas as minhas perguntas. Volto a ler os e-mails que ela escreveu para Ben. Leio também as respostas dele.

Você precisa me deixar em paz. Como isso havia me deixado furiosa... Mas é difícil sentir raiva agora. Pois eu não tinha dito a ela a mesma coisa, só que sem palavras?

Ela estava irritada comigo? Por eu estar perto demais? Por ter me afastado? Por não ter passado o Natal no Oregon? Abro o e-

mail que ela escreveu para mim depois de eu ter quebrado semanas de silêncio para lhe contar que o Sr. Purdue havia apertado minha bunda. *Rá! Aquele velho tarado. Como eu queria ter visto isso! Sei que você sempre será forte; você sempre será minha Buffy*, escreveu ela.

Pego o telefone. As mensagens de texto de Ben continuam na memória, terminando bruscamente depois que eu lhe disse para não falar mais comigo. Meu dedo paira sobre o botão de chamada. Me imagino conversando com ele, contando-lhe sobre o que o Sr. Purdue fez hoje, contando-lhe *tudo* o que aconteceu durante as últimas semanas.

Só quando ouço o primeiro toque é que me dou conta de que apertei o botão. Ao escutar o segundo, lembro-me de quantas vezes o telefone dele tocou quando estávamos sentados vendo TV juntos. Imagino que meu telefonema interrompa o momento que ele está passando com alguma garota agora. Com uma sensação repentina e brusca de repulsa, percebo que me permiti virar *esse tipo* de garota. Desligo antes do terceiro toque.

Há também uma mensagem de Alice com o número de Tree na memória do meu celular. *Ligue para ela*, insistiu Alice. Não fiz isso, pois o único motivo de encontrar o amigo misterioso era encontrar All_BS. Mas agora a amargura sarcástica de Tree parece combinar com meu estado de espírito.

A hippie “paz e amor” mais rabugenta do mundo atende:

– Que foi?

– É Tree quem está falando? – pergunto, embora a tenha reconhecido.

– Quem quer saber?

– É Cody. – Faço uma pausa. – Amiga da Meg.

O silêncio que paira do outro lado da linha não é amigável. Não parece que ela vá falar. Então, continuo.

– Eu, ahn, estive com Alice algumas semanas atrás.

– Parabéns.

A boa e velha Tree. Pelo menos ela não é volúvel.

– Ela mencionou que Meg talvez tenha se aberto com você e dito que estava tomando antidepressivos ou coisa parecida.

– Se aberto comigo? – Isso é dito com algo entre uma risada e um latido. – Por que ela faria isso? Não exatamente fazíamos as unhas juntas.

A imagem é tão bizarra que quase me faz sorrir.

– É, não me parecia provável, mas Alice comentou que você disse algo a respeito. Mas não conseguia se lembrar o quê.

– Ela nunca se abriu comigo. Mas alguém deveria ter enfiado um frasco inteiro de antidepressivos pela sua goela abaixo. Ela obviamente estava precisando.

Meu quase sorriso desaparece.

– Do que você está falando?

– Nunca conheci ninguém que passasse tanto tempo na cama. Exceto minha mãe durante as crises depressivas.

– Sua mãe?

– Ela é bipolar. Não sei se Meg era. Nunca a vi no estágio da mania, mas a vi deprimida. E, acredite, eu *sei* como é.

Estou prestes a contar a Tree sobre a mononucleose, sobre quanto Meg ficava cansada às vezes desde então, sobre como ela só dormia o suficiente para cinco pessoas porque gastava sozinha a energia de dez. *Ela precisa de um tempo para se recuperar*, dizia às vezes Sue, fechando a porta do quarto de Meg e me mandando embora.

Então Tree diz:

– Além do mais, pessoas saudáveis não falam daquele jeito sobre suicídio.

Sinto os pelos da nuca se arrepiarem.

– *O quê?*

– Fizemos uma aula de literatura feminista juntas, e uma noite eu, ela e algumas outras garotas estávamos em um café, estudando em uma mesa, e Meg começou a perguntar para cada uma de nós

como escolheríamos nos matar. Estávamos lendo Virginia Woolf, então a princípio achei que fosse por isso. Todas demos respostas não muito convictas: um tiro, comprimidos, pular de uma ponte... Mas não Meg. Ela foi muito específica: “Eu tomaria veneno; faria isso em um quarto de motel e deixaria uma boa gorjeta para a arrumadeira.”

Ficamos caladas. Pois, é claro, foi exatamente isso que Meg fez.

– Quando ela disse isso, falei que ela devia parar de resmungar e ir ao centro de saúde do campus e pedir um pouco de Prozac.

Uma amiga me disse para ir ao centro de saúde do campus, pois eles podiam me arranjar alguns medicamentos.

– Então *foi* você – sussurro.

Consigo ouvir a surpresa dela do outro lado da linha.

– Eu?

– Ela falou que uma amiga lhe disse para ir ao centro de saúde do campus, e eu falei com dezenas de pessoas e ninguém sequer tocara no assunto, ninguém havia pensado em sugerir isso. Exceto você.

– Nós não éramos amigas.

– Bem, *nós* éramos. Éramos melhores amigas e eu não só não sugeri isso, como nem me passou pela cabeça.

– Então nós duas a deixamos na mão – diz Tree.

Há muita raiva em sua voz. E é só então que entendo. A animosidade. É Meg. São os tentáculos do suicídio dela se espalhando, afetando pessoas que mal a conheceram.

– Desculpe – fala Tree baixinho.

– Ela deu ouvidos a você. Foi ao centro de saúde do campus e pediu medicamentos.

– Então o que aconteceu? Eles não fizeram efeito?

– Até onde sei, você precisa tomá-los para fazerem efeito.

– Então ela não os tomou?

– Alguém a convenceu do contrário.

– Por que alguém faria uma coisa dessas? Foram os

medicamentos que salvaram a vida da minha mãe.

Penso em todas as coisas que li no fórum, sobre os medicamentos entorpecerem a alma. Mas não foi por isso. Foi porque alguém convenceu Meg de que não valia a pena salvar a própria vida. De que a morte era uma opção melhor. Foi porque, no fim das contas, quando deveria ter sido eu sussurrando em seu ouvido, dizendo-lhe quanto ela era incrível, como sua vida era e podia voltar a ser maravilhosa, quem estava sussurrando era All_BS.

Tree tinha razão ao dizer que Meg foi deixada na mão. Mas não foi ela quem fez isso. Fui eu. Eu deixei Meg na mão em vida. Mas não a deixarei na mão na morte.

28

No dia seguinte, enquanto passo o aspirador na casa da Sra. Driggs, sinto o telefone vibrar no bolso. Reconheço o código de área 206, mas a ligação já caiu na caixa postal. Alguns segundos depois, ele apita para me avisar que recebi uma mensagem.

Olho para o telefone na palma da minha mão, o motor do aspirador de pó zumbindo. Por que ele retornou a ligação? Ele sabe que fui eu quem telefonou? Não sei nem se ele gravou meu número, e a mensagem que tenho na caixa postal agora é genérica, para o caso de All_BS ligar.

Seja lá o que ele tenha a dizer – *quem é?* ou qualquer outra coisa –, não quero ouvir. Estou prestes a apagar o correio de voz, mas hesito. Neste exato momento, o telefone volta a tocar e sinto-me aliviada e envergonhada na mesma medida.

– Oi – digo, o coração aos pulos.

Um breve silêncio do outro lado da linha.

– Repete?

O aspirador de pó continua ligado e demoro alguns instantes para entender que não é Ben. Olho o identificador de chamadas. Desta vez não vejo o código de área 206. O número está bloqueado.

– Repete? – insiste a voz, e só então entendo que não estão me pedindo para repetir nada.

– Sim.

– Você sabe quem está falando?

– Sei.

– Que barulho é esse?

– Estou no trabalho.

Ele dá uma risadinha.

– Eu também.

A voz dele não é como eu esperava. É alegre, quase reconfortante. Como se já nos conhecêssemos.

O aspirador de pó continua a zumbir. Eu o desligo.

– Pronto. Melhor assim?

– Melhor. – Ele torna a rir. – Quem me dera fosse tão fácil desligar o barulho no meu trabalho. Mas encontrei um canto sossegado. Desculpe a demora.

Presto atenção aos sons que ouço ao fundo. Escuto um barulho clangoroso e eletrônico. Caixas registradoras?

– É preciso escolher os riscos e reduzi-los.

– Sim – respondo.

– Por falar em riscos e escolhas, você já tomou a sua?

– Já.

– É muito corajoso da sua parte.

– Estou com medo – desembucho.

A verdade sem rodeios. All_BS é quem consegue tirá-la de mim. O que não deixa de ser irônico.

– Sabe o que George Patton disse? – continua ele. – “Todos os homens inteligentes sentem medo. Quanto mais inteligentes são, mais medo sentem.” O mesmo se aplica a mulheres, diria eu.

Fico calada.

– Já se decidiu por um método?

– Já, eu vou...

– Não – ele me interrompe. – Essa é uma decisão pessoal.

– Ah. Desculpe.

Fico não apenas decepcionada, mas arrasada. O que mais quero é contar a ele.

– Está com todas as pendências em ordem?

Pendências em ordem. Essa é a expressão que um dos sites que ele me indicou usava, com todas as instruções sobre como redigir o bilhete, criar um testamento juridicamente vinculativo.

– Sim, estou – respondo, atordoada.

– Lembre-se, o oposto da bravura não é a covardia, mas o conformismo. Você está enfrentando o conformismo ao escolher o seu próprio caminho.

Meg deve ter adorado esse argumento, caso All_BS o tenha usado com ela. Tudo o que ela fazia era uma forma de enfrentar o conformismo, e levou isso às últimas consequências.

– Agora, como tudo na vida, é uma questão de levar até o fim. Encaixe a sua coragem…

– ... em seu devido lugar – termino a frase sem pensar.

Silêncio do outro lado da linha. Sinto que ele está ponderando algo. Cometi um erro.

Então, ouço uma comoção à medida que o ambiente em que ele está fica mais ruidoso. Bipes eletrônicos e moedas. É o barulho de caça-níqueis, um monte deles. Um som que reconheço dos cassinos que Tricia frequenta.

– A porta estava trancada – ouço-o falar com rispidez, a voz diferente agora.

– Desculpe, Smith. O trinco está quebrado há semanas.

Ouço o som de uma porta batendo e o barulho torna a desaparecer.

– É melhor encerrarmos esta ligação – diz ele, formal. – Desejo boa sorte para você.

– Espere.

Quero que ele me envie as coisas que encontrei no lixo do computador de Meg: os documentos encriptados, a lista de coisas a fazer, mais evidências, mais provas para enquadrá-lo.

Mas ele já desligou.

29

À noite, telefono para Harry Kang.

– Harry? Aqui é Cody.

– Cody… Oi…

Ouço uma buzina e uma cacofonia de pessoas falando.

– Onde você está?

– Na Coreia, visitando minha avó. Espere um instante.

Ouço o som do telefone dele mudando de posição e o toque eletrônico de uma campainha. Em seguida, a ligação fica menos barulhenta.

– Pronto. Entrei numa casa de chá. Seul é uma loucura. Pode falar.

– Acho que consegui informação suficiente. Ou pelo menos o máximo que vou poder conseguir.

As palavras de despedida de All_BS ecoam nos meus ouvidos. *Desejo boa sorte para você*. Como se estivéssemos falando da minha formatura. Ou como se ele soubesse que nunca mais voltaríamos a nos falar depois disso.

– O que você tem?

– O que sei com certeza é o seguinte... quer dizer, não tenho *certeza* de nada. Mas estou bastante convencida de que ele está em algum lugar da Costa Oeste. Ele sempre parece estar jantando na mesma hora que eu, ou coisas do tipo.

– Isso restringe a busca para algumas centenas de milhares de pessoas.

– Tenho mais. Desconfio que ele trabalhe em um cassino. Ou seja, um cassino na Costa Oeste. Las Vegas?

– Que tem uma população de quantas pessoas, um milhão? Se

é que ele está lá. Também poderia estar em qualquer lugar de Nevada. O jogo é legalizado em todo o estado.

– Ou poderia trabalhar em um cassino localizado em qualquer reserva indígena, onde eles são permitidos por lei – acrescento.

– Exatamente. O que mais conseguiu descobrir?

– O sobrenome dele talvez seja Smith. Ouvi alguém chamá-lo assim.

– É sempre útil ter um nome, mesmo sendo o nome mais inútil possível. – Ele faz uma pausa. – Mais alguma coisa?

– Não. Ele desligou depressa.

– Desligou? Ele telefonou para você?

– Telefonou.

– De um fixo ou de um celular?

– Não sei. O número estava bloqueado. Mas ele estava no trabalho, então imagino que tenha sido do celular.

– Para o seu celular ou para o fixo?

– Celular. Eu estava no trabalho e nós mandamos cortar nosso fixo.

– Quando?

– Quando mandamos cortar nosso fixo?

– Não, Cody. Quando ele ligou para você?

– Hoje mais cedo.

– Sério?

– Sério. Por quê, isso é ruim?

– É um descuido.

– Então é ruim para ele, mas bom para nós?

– Talvez. – Por sua voz, dá para imaginar que Harry está sorrindo. – Você precisa me dar acesso irrestrito à sua conta de celular.

– Tudo bem.

– E me mande por e-mail tudo o que tiver sobre esse tal de Smith. Nomes de usuário. Todas as contas que ele usou para se comunicar com você. Qualquer coisa que tiver. Qualquer rastro

eletrônico.

Vou fazer isso, mesmo que precise ficar parada em frente à casa da Sra. Chandler para pegar o wi-fi dela. Embora a Sra. Banks tenha dito que a biblioteca irá reabrir nos próximos dias.

– Beleza.

– E entenda que eu precisarei fazer algumas coisas não exatamente legais.

– Por uma boa causa – lembro a ele.

– Com certeza. Estou quase enlouquecendo na casa da minha avó, então vai ser bom ter um projeto. Entro em contato assim que descobrir alguma coisa.

• • •

À tarde, paro em frente à casa vazia dos Chandlers, roubando o sinal deles, e envio tudo para Harry. No dia seguinte, a biblioteca é reaberta. Vou até lá com o laptop e confiro o serviço de mensagens anônimas que eu e All_BS usávamos, mas não há nada. Dou uma olhada nos fóruns do Solução Final, mas também não encontro nenhum post dele. Estou convencida de que ele não voltará mais a entrar em contato comigo. Mas talvez não faça diferença. Talvez eu tenha deixado de ser o rato para me tornar a cobra.

• • •

Três dias depois, Harry me liga.

– Não foi fácil – diz ele. Parece estar vibrando de empolgação.

– Você o encontrou?

Harry não responde. Em vez disso, me conta uma história longa e complexa sobre como All_BS usou o Skype para fazer algum tipo de ligação VoIP, não por um telefone, mas por um tablet. Números de telefone são difíceis de rastrear, mas o usuário de um aplicativo,

nem tanto.

– É assim que até mesmo os melhores criminosos são apanhados – conclui ele. – Eles são cautelosos... até o momento em que deixam de ser.

– Então você o encontrou? – insisto.

– Como eu disse, não foi fácil. O tablet está registrado no nome de um cara chamado Allen DeForrest.

– E esse cara é ele?

– Acho que não. Quando investiguei mais a fundo, descobri que o tal DeForrest é muito ativo nas redes sociais. Tem perfis no Facebook e no Instagram, com um monte de fotos e atualizações de status. Suponho que o nosso alvo seja mais discreto. Mas eu tinha um pressentimento. Então vasculhei melhor a vida desse DeForrest e descobri onde ele trabalhava. Ele é um *pit boss* no cassino Continental.

– O que é um *pit boss*?

– É tipo um gerente encarregado das mesas de apostas. Mas você não está entendendo, Cody: ele trabalha em um cassino. Seu palpite estava certo! E não é em Las Vegas, mas em Laughlin, Nevada, que é como uma Las Vegas dos pobres.

– Mas você não acha que é esse DeForrest.

– Sim. E continuo não achando. Para começo de conversa, pensei que o nosso cara, com todos aqueles métodos sofisticados de encriptação, seria cuidadoso o suficiente para não usar o próprio aparelho. Além do mais, estávamos procurando um Smith, certo? Então invadi os registros de funcionários do Continental e procurei pelo sobrenome Smith. Como você deve imaginar, havia um monte deles. Mas só alguns B. Smith.

– B?

– All_*BS*.

– Achei que isso significasse *all bullshit*, como se ele quisesse dizer que era tudo enganação.

– Eu também. E pode até ser. Mas esse tipo de gente que faz

coisas ruins em segredo às vezes ainda quer se vangloriar de alguma forma. Então me perguntei se BS não seriam as iniciais dele, especialmente depois que descobrimos que o sobrenome dele é Smith. – Harry faz uma pausa. – Então fui conferir. Apenas três B. Smith trabalham no cassino. Bernadette. Becky. – Ele torna a ficar quieto. – E Bradford.

Os pelos da minha nuca ficam em pé.

– Bradford?

– Bradford Smith. Cinquenta e dois anos. Funcionário do Continental. E tem mais. Vasculhei o histórico *dele* na internet e descobri que ele paga por um pacote de internet banda larga *premium*, mas, ao contrário do tal DeForrest, deixa muito pouco rastro on-line. Ele se encaixa no perfil.

– Então é *ele*?

– É provável.

– Como podemos ter certeza?

– Você reconheceria a voz dele?

Nosso primeiro e único telefonema. Breve, mas gravado em minha memória.

– Acho que sim.

– Ótimo. Consegui o número do celular dele. Podemos telefonar usando uma linha protegida e colocar você para ouvir a conversa. Se cairmos na caixa postal, você poderá ouvir a mensagem que ele tiver gravado. Se ele atender, vou fingir que sou um operador de telemarketing e você fica quieta. De qualquer maneira, vai ser sua chance de confirmar se a voz é a dele.

– Isso é tudo que vamos precisar fazer?

– Sim. Desligue que eu vou ligar de volta e colocar você na chamada.

– Agora? Ele não vai desconfiar?

– Quem desconfiaria de um operador de telemarketing?

– Bem pensado.

– Ok. Precisamos vender algo que ninguém vá querer comprar,

mas o quê? – pergunta Harry.

– Por acaso, eu já trabalhei como operadora de telemarketing. Ninguém nunca queria seguros de vida suplementares, e me parece estranhamente apropriado tentar vender um para ele. – Digo a Harry o que ele deve falar.

– Está bem. Já ligo de volta para fazermos isso.

Quando Harry torna a ligar, já ouço os toques.

– Shh. – faz ele para mim.

– Alô. – A pessoa atende de forma rude.

– Aqui é da agência de seguros Good Faith – começa a falar Harry com uma voz suave, como se fizesse isso o dia inteiro. – Estou ligando para lhe informar que baixamos drasticamente os preços dos nossos seguros em Laughlin. Queremos lhe oferecer a oportunidade de reavaliar o seu seguro de vida atual, sem qualquer obrigação. Se ainda não possui um seguro de vida, teremos o maior prazer em discutir as nossas opções para esse investimento fundamental para o seu futuro.

– Já disse a vocês que não estou interessado – retruca Smith, desligando em seguida.

Durante alguns instantes, formamos um triângulo de silêncio: eu, Harry Kang e a voz de All_BS que ainda paira no ar.

30

Estou novamente na biblioteca para fazer uma pesquisa, mas desta vez é simples. Preciso apenas saber como chegar a Laughlin. A parte mais difícil já passou.

Mal consigo acreditar. Passei semanas à procura de All_BS, e às vezes era como se eu estivesse perseguindo um fantasma. Mas agora o encontrei. Tenho um endereço. Na noite passada, Harry me telefonou com todas as informações de contato de All_BS, ou melhor, Bradford Smith.

– Você é muito foda, Harry Kang, um gênio!

– Gênio tudo bem, eu aceito, muito foda aí já não sei – disse ele, e deu para imaginá-lo sorrindo outra vez.

– Obrigada, Harry. Muito obrigada.

– Não. Eu é que agradeço – respondeu ele baixinho. – Foi divertido. Mas também me fez bem. Como se eu tivesse tido a chance de fazer algo por Meg. – Ele fez uma pausa. – Você vai à polícia agora?

– Ainda não decidi. Estava pensando em ir até lá eu mesma primeiro.

Harry ficou calado e depois alertou:

– Tome cuidado, Cody. Parece uma coisa abstrata quando você está lidando com as pessoas on-line, mas elas ainda são pessoas. E algumas delas não são nada boas, o tipo de gente de quem você quer distância.

Às vezes, mesmo a distância, elas conseguem fazer mal a você, pensei.

– Vou tomar cuidado – prometi. – Obrigada mais uma vez.

– Como eu disse, foi um prazer. Não é tão difícil assim rastrear

uma pessoa.

– Sério?

Harry riu.

– Talvez não para mim.

E foi então que tive a outra ideia.

– Se eu pedir, você acha que consegue rastrear mais uma?

• • •

São trinta horas de viagem até Laughlin, é preciso trocar de ônibus três vezes e eu gastaria 300 dólares para ir e voltar. Tenho o dinheiro e posso tirar os dias de folga se precisar. Mas, quando penso nas sessenta horas sozinha nos ônibus, começo a sentir um embrulho no estômago e a escuridão finca suas garras em mim. Não vou conseguir ir sozinha, tendo como companhia apenas Bradford e Meg.

Faço uma lista mental das pessoas que poderia pedir que fossem comigo. Não há ninguém da cidade. Jamais pediria a Tricia, e os Garcias estão obviamente fora de cogitação. Meus amigos da escola, que nunca foram tão próximos assim, se afastaram de vez. Quem mais? Sharon Devonne?

Talvez o pessoal de Cascades. Só que Alice ainda está trabalhando em Mountain Bound. Harry estará na Coreia até meados de agosto. Só resta Richard Locão. Não é a pior ideia do mundo. Ele voltou para passar o verão em Boise, que fica no caminho. Eu poderia pegar um ônibus para lá e depois iríamos de carro.

Há ainda outra pessoa. Mas, assim que penso nela, entendo que, na verdade, não há. Porque, de certo modo, ela estará tão envolvida nisso tudo quanto eu.

A mensagem de voz continua no meu celular. Nunca a ouvi, mas também não a apaguei. Decido ouvi-la agora. Tudo o que diz é o

seguinte: “Cody, o que você quer de mim?”

Palavras podem ter vários significados. Essa pergunta pode ser feita em um tom de irritação, incômodo, culpa ou resignação.

Torno a ouvi-la. Desta vez, me permito ouvir o grunhido familiar de medo, preocupação e ternura.

Cody, o que você quer de mim?

Então eu lhe digo.

31

Ben se oferece para me apanhar em casa, mas não quero que ele venha aqui. Combinamos de nos encontrar no sábado em Yakima, ao meio-dia, em frente à rodoviária. Então, ligo para Richard Locão.

– Cody, quanto tempo! O que você manda?

– Você tem algum compromisso para sábado à noite?

– Está me chamando para sair? – provoca ele.

– Na verdade, ia perguntar se posso dormir com você – provoco de volta, então explico que vou botar o pé na estrada e preciso de um lugar para ficar no sábado em Boise.

– Sempre há lugar para mais um na casa dos Zellers. Mas aviso logo: se vier passar a noite de sábado, é capaz de o reverendo querer que você faça as coisas à moda de Jerry no domingo.

– Está bem – respondo, sem saber direito o que ele quer dizer com “à moda de Jerry”, mas imagino que seja alguma referência a Jerry Garcia, o líder e vocalista do Grateful Dead. – Só tem um problema.

– E não tem sempre?

– Vou estar com Ben McCallister.

Ouço Richard respirar fundo. Ou de desânimo ou porque está dando uma “bongada”.

– Quer dizer que você e ele, vocês estão...

– Não, não! Não é nada disso. Eu não falava com ele havia mais de um mês. Ben está só me ajudando.

– Sei, ajudando. Imagino como.

– Não é o que você está pensando. É sobre Meg.

– Ah. – A voz de Richard fica séria.

– Então, você pode nos receber? Vamos sair por volta do meio-

dia, logo devemos chegar lá pelas seis ou sete.

– Ou até antes. O limite de velocidade na I-84 é 120 por hora, mas todo mundo anda a 130. Vocês vão chegar rápido.

– Quer dizer que não tem problema dormirmos aí?

– A manjedoura do reverendo Jerry está sempre de portas abertas – brinca Richard. – Estamos habituados a ter almas perdidas acampadas aqui. Para você, talvez eu possa até garantir um sofá.

– O chão está ótimo.

– Desde que não seja no mesmo chão do McCallister.

• • •

Espero até sexta-feira para dizer a Tricia que estou indo. Já cancelei minhas faxinas de segunda e terça, calculando que estarei de volta, no mais tardar, terça à noite. Não sei por que estou tão nervosa em abordar o assunto com ela.

Tricia olha firme para mim, ressabiada.

– Para onde você está indo?

Tricia não costuma me regular. Mas, se eu contar a ela, a notícia vai chegar aos Garcias e não quero que eles saibam de nada até eu ter algo de concreto, algo de útil. Além do mais, se eu contar, receio que até ela, que nunca se mete na minha vida, não me deixe ir.

– Tacoma – respondo.

– Outra vez?

– Alice me convidou.

– Achei que ela estivesse em Montana.

Eu deveria ter aprendido a lição depois de tanto lidar com All_BS. A maneira mais segura de mentir é se manter o mais perto possível da verdade.

– E está. Mas vai voltar para casa para o fim de semana – explico, na esperança de que Tricia não lembre que Alice é de

Eugene.

Tricia volta a me encarar firme.

– Estarei de volta na segunda, terça no máximo – acrescento.

– Precisa que eu pegue alguma de suas faxinas?

Balanço a cabeça. Algumas sujeiras podem esperar.

• • •

Não consigo pregar os olhos na noite de sexta. Então, na manhã de sábado, faço uma mala pequena – contendo minha caixinha de dinheiro, que agora tem 560 dólares, meu notebook e meus mapas – e pego o primeiro ônibus para Yakima. Chego às nove e meia e fico plantada em uma cafeteria deprimente perto da rodoviária, os mapas abertos à minha frente. São cerca de 1.600 quilômetros daqui até Laughlin, em um trajeto que descreve um triângulo para atravessar o Oregon e outro para atravessar Idaho, antes de descer pelo leste de Nevada.

A garçonete não para de encher minha caneca com café e eu não paro de bebê-lo, embora ele esteja fazendo miséria no meu estômago e nos meus nervos. Durante as últimas 24 horas, não fiz nada além de questionar minha decisão de telefonar para Ben.

Ouço o sino da porta da cafeteria tocar. Levanto a cabeça, distraída, e fico surpresa ao ver que é ele. São só dez e meia da manhã e tínhamos marcado para daqui a uma hora e meia. Como é uma viagem de duas a três horas a partir de Seattle, Ben deve ter saído ao raiar do dia ou corrido na estrada como o diabo – ou as duas coisas.

Meu primeiro impulso é me afundar na cadeira, ganhar um pouco mais de tempo. Mas estou prestes a passar dois dias presa em um carro com ele, logo deixo de covardia. Pigarreio e digo:

– E aí, Ben?

O rosto dele fica confuso por um instante, então ele corre os

olhos à sua volta até me ver sentada no reservado, os mapas espalhados sobre a mesa. Parece ao mesmo tempo aflito e aliviado, e mais uma vez o semblante dele é como um espelho, refletindo meus sentimentos, pois é exatamente isso que está se passando comigo.

Ele se senta de frente para mim.

– Você chegou cedo – diz Ben.

– Você também. – Deslizo meu café na direção dele. – Quer? Ela acabou de encher de novo. Está fresco; quer dizer, fresco na caneca.

Ben segura a caneca de café, preto e sem açúcar, do jeito que ele gosta, como me lembro agora. Eu me ponho a observá-lo. Seus olhos estão cor de violeta esta manhã, quase como hematomas; combinam com o tom arroxeado da pele debaixo deles.

– Não consegui dormir – fala ele.

– Você não foi o único.

Ele meneia a cabeça.

– Então, qual é o plano?

– Chegar a Boise ainda hoje. Podemos dormir na casa de Richard Locão, quer dizer, Richard Zeller. O colega de república de Meg, lembra dele?

– Lembro.

– Ele disse que podemos ficar lá, na casa dos pais dele. A não ser que prefira dormir em outro lugar. – Ele provavelmente tem muitos lugares onde ficar, um monte de camas cativas espalhadas por aí.

– Vou para onde você for.

Uma frase simples que me aquece como um cobertor.

– Vai me dizer o que estamos fazendo? – pergunta ele.

No telefonema, eu disse que tinha encontrado uma pessoa relacionada à morte de Meg e que precisava de alguém para me acompanhar quando fosse falar com ela. Não contei mais nada além disso. Imaginei que ele não precisasse, ou não quisesse, saber o

que acontecera ao longo das últimas semanas em que ficamos ausentes um da vida do outro. Mas, agora que ele está perguntando, não sei se devo contar. Harry me enviou alguns e-mails sobre garotas que foram encontrar caras que conheceram pela internet e as coisas terríveis que aconteceram com elas. Fiquei grata pela preocupação, mas não parecia ser o meu caso. Essas eram histórias de garotas com ideias românticas, que caíam nas garras de pervertidos. Comigo e Bradford era diferente.

Mas e se Ben não vir a coisa da mesma forma? E se ele amarelar depois que eu contar tudo? E se ele se recusar a me levar?

Como não respondo de imediato, Ben questiona:

– Tem algo que eu não deva saber ou coisa parecida?

– Não. É só que... – Balanço a cabeça. – É uma longa viagem.

– Como assim?

– Vamos ter tempo. Eu vou lhe contar. Mais tarde. Prometo. – Faço uma pausa. – Como estão as crianças?

– Trouxe fotos.

Imagino que Ben vá me mostrar imagens no celular, mas ele saca um desses envelopes de fotos reveladas e o desliza para mim por cima dos mapas. Quando o abro, deparo com alguns retratos: Grapette e Repete perseguindo um pedaço de linha, lambendo um a cara do outro, dormindo juntinhos na ponta da cama de Ben.

– Eles estão enormes!

Ben assente.

– Adolescentes. Grapette trouxe um camundongo morto para casa. Tenho certeza de que é só o começo. Daqui a pouco vão trazer vários tipos de bichos.

– Pássaros. Ratazanas.

– E, então, gambás, depois pôneis. Quando se trata desses dois aí, não duvido nada.

Dou uma risada. Parece a primeira vez em séculos. Devolvo as fotos.

Ben balança a cabeça.

– São para você.

– Ah. Obrigada! Quer comer alguma coisa? Antes de irmos?

– Só entrei aqui para fazer hora enquanto esperava você.

– E cá estou eu.

– Exatamente.

O silêncio estranho que vem em seguida é um mau presságio para os dois dias juntos que ainda temos pela frente.

– Vamos andando? – pergunto.

– Tudo bem. Mas fique sabendo que o acendedor de cigarros, que eu uso para ligar o iPod, está dando problema, então as opções de música não são as melhores.

– Vou sobreviver.

– E tem outra coisa, menos importante para mim, mas talvez nem tanto para você: o ar-condicionado está quebrado, portanto nossa viagem pelo deserto de Nevada em julho será bem interessante.

– Podemos parar nos postos de gasolina, nos encharcar de água e deixar as janelas abertas. É o que Meg e eu costumávamos fazer.

Então eu fico calada. Tudo me faz voltar a Meg. Cada pedacinho da minha história, parece.

– Combinado – diz Ben.

Saímos da cafeteria. Ele abre o carro. Está limpíssimo em comparação com a última vez que entrei nele.

– Quer que eu dirija primeiro? – pergunto. – Ou você não deixa garotas dirigirem o seu carro?

– Não tenho o hábito de deixar ninguém dirigir o meu carro. – Ele me olha de soslaio. – Mas, por outro lado, você não é uma garota.

– Ah, entendi. Você já categorizou a minha espécie?

– Ainda não. – Ele joga as chaves para mim. – Mas pode dirigir.

• • •

Assim que pegamos a interestadual, eu relaxo. Tirei a carteira aos 16, mas é tão raro eu dirigir para onde quer que seja que me esqueci como é libertador ter apenas a estrada à sua frente, os cabelos ao vento. Com as janelas baixadas e o rádio ligado, fica barulhento demais para conversar, o que é bom. Ben não pode me perguntar sobre Bradford e os acontecimentos do mês passado nem mencionar o beijo.

Nos arredores de Baker City, paramos para almoçar em um lugar que Ben conhece. Não levo muita fé na ideia de um restaurante chinês no leste do Oregon, reino dos caipiras, mas Ben diz que os *gyoza* de lá são os melhores que já comeu. Parece que ele é um frequentador assíduo. É óbvio que a garçonete novinha já o conhece. Ela não para de inventar desculpas para vir à mesa encher nossas xícaras de chá e falar com ele, até a mãe dela sair da cozinha para enxotá-la.

– Uau! Você conhece todo mundo ao longo da I-84?

– Só nos restaurantes chineses. Incluindo os da I-5.

Gesticulo em direção à garçonete, que está sorrindo para ele.

– Ela é uma fã de quando você veio tocar por aqui com uma de suas bandas?

Ben me olha feio.

– Nunca estive aqui com banda nenhuma. Comi uma vez neste restaurante com Bethany, minha irmã mais nova.

O nome não me é estranho. Então lembro que ela é uma das garotas com que Ben falou ao telefone naquela primeira vez que fui vê-lo em Seattle.

– Bethany é sua irmã mais nova?

– É. Ela estava tendo problemas em casa. Na época, eu estava em Portland, então resolvi bancar o herói e voltei com a intenção de buscá-la e pegarmos a estrada juntos. Minha ideia era ir com ela para Utah. Até Zion, que eu sempre quis conhecer. – Ele bebe um gole de chá. – O carro quebrou aqui. Uma lata-velha de um Pontiac.

– O que aconteceu com a viagem de vocês? Foram de carona?

– Não. Bethany tinha só 11 anos. – Ben balança a cabeça. – Tive que telefonar para o padrasto dela vir apanhá-la, e esperamos aqui. Ele ficou tão puto comigo que se recusou a me dar uma carona de volta para Bend. Não tinha nada de importante rolando em Portland, então acabei pegando carona até Seattle. Foi assim que fui parar lá.

– Ah. – Não é bem a típica história de uma estrela do rock perseguindo seu sonho. – Onde ela está agora? Bethany.

O olhar de Ben fica vazio.

– Ainda está lá.

Não sei exatamente onde é “lá”, mas, pela maneira como ele fala, percebo que não é um lugar bom para estar.

– Vamos terminar aqui e voltar para a estrada – sugere ele. – Com comida chinesa, vamos estar com fome de novo daqui a uma hora.

– Rá. Faltam só umas duas horas para chegarmos a Boise. Além do mais, Richard mandou uma mensagem dizendo que eles vão fazer um churrasco hoje à noite.

Ben se anima.

– Churrasco? Com carne de verdade? Nada de tofu?

Pergunto a Richard se vai haver tofu no churrasco e ele responde com um emoticon vomitando.

– Pode ficar tranquilo – digo a Ben.

Enchemos o tanque e Ben assume o volante. Só quando entramos no carro e voltamos para a interestadual é que percebo que Ben não fumou depois do almoço. Na verdade, ele não fumou durante todo esse tempo de viagem.

– Se não estiver fumando por minha causa, não se preocupe – digo a ele, mas noto que o carro não cheira a cinzeiro como antes.

Ben sorri, um pouco constrangido. Ele levanta a manga da camisa para me mostrar um adesivo cor de pele.

– Eu parei.

– Quando?

– Algumas semanas atrás.

– Por quê?

– Um motivo além do fato de cigarros matarem e custarem uma nota?

– Sim.

Ben lança um brevíssimo olhar para mim antes de voltar sua atenção para a estrada novamente.

– Vai ver eu precisava de uma mudança.

• • •

Às seis da tarde estamos chegando a Boise, os raios de sol inclinados do entardecer tingindo de vermelho as colinas que cercam a cidade. Pego as instruções que Richard me mandou por e-mail e vou conduzindo Ben através do centro da cidade e da área militar até uma rua bonita, ladeada de árvores, com casas amplas em estilo rancho. Paramos em frente a uma delas, que tem uma buganvília laranja de copa frondosa e uma van branca grande na entrada.

– Chegamos – informo a Ben.

Quando batemos à porta, eu me repreendo. Devia ter trazido algo, algum tipo de presente ou coisa parecida. É o mínimo que se espera de uma visita. Agora é tarde demais.

Ninguém atende. Tocamos a campainha. Ainda nenhuma resposta. Tem gente em casa. Ouvimos os sons de uma TV e de vozes vindo lá de dentro. Tornamos a bater. Nada. Estou prestes a mandar uma mensagem para Richard quando Ben abre a porta e coloca a cabeça para dentro.

– Ô de casa!

Uma garotinha vem pulando, com um sorriso aberto, exibindo um lábio leporino ou algo similar, que costuma aparecer em campanhas de doação.

– Talvez seja a casa errada – sussurro.

Mas então a garotinha grita:

– *Uichard, feus amigos chegauam!*

Cinco segundos depois, Richard aparece, pega a garota no colo e nos convida a entrar.

– Esta aqui é Ceci – diz ele, fazendo cócegas nas axilas da menina, que solta gritinhos de alegria.

Richard aponta para a sala, onde três outras crianças estão sentadas em pufes e almofadas, vendo um filme.

– Aqueles são Jack, Pedro e Tally.

– Olá – cumprimento.

– Ei – diz Ben. – *Toy Story*?

– O três – responde Pedro.

Ben assente.

– Quem são eles? – sussurro para Richard enquanto ele larga Ceci de volta no chão.

– Família 2.0.

– Ahn?

– Eles são minha leva mais recente de irmãos e irmãs. Meu irmão mais velho, Gary, está lá atrás, e minha irmã Lisa está em Uganda no momento, trabalhando com órfãos ou algo extremamente nobre desse tipo.

Ele abre a porta de vidro de correr que conduz ao pátio. E só então cumprimenta Ben, com cautela.

– Rich – responde Ben. – Obrigado por nos receber.

– Estou recebendo Cody. Você só veio junto.

Lá fora, dois homens discutem diante da grelha, enquanto uma mulher com shorts cortados e uma blusinha regata bonita está de pé dentro da piscina infantil, olhando perplexa para eles.

– Avisem quando quiserem que eu traga o milho para as galinhas aí – reclama ela com os homens, e então nos vê. – Jerry, os amigos de Richard chegaram. – Ela sai da piscina e vem se apresentar para nós. – Eu sou a Sylvia. Você deve ser Cody. E você, Ben.

– Muito obrigada por nos receber – agradeço.

– E por nos convidar para o churrasco – completa Ben, olhando para a grelha com avidez.

– Só teremos churrasco se esses dois cabritos monteses conseguirem parar de discutir qual madeira devem usar – avisa Sylvia.

– Papai! – chama Richard.

O pai de Richard é muito alto, tanto que chega a ser encurvado, como se tivesse passado a vida baixando a cabeça para ouvir as pessoas.

– Olá – diz ele com uma voz suave. – Obrigado por se juntarem a nós esta noite.

– Espero que não estejamos incomodando.

Sylvia ri.

– Como você pode ver, a expressão *casa cheia* é relativa por aqui.

– Nós achamos que a meta de papai é ter doze filhos no total, assim ele terá seu próprio grupo de discípulos – comenta Gary, o irmão de Richard.

– A palavra *discípulo* pressupõe algum tipo de disciplina, de disposição para seguir as palavras de um pai, o que está muito longe de acontecer aqui – brinca o pai de Richard. Ele olha para mim e para Ben. – Vamos comer costeletas hoje à noite. Os meninos e eu estamos discordando sobre qual madeira usar para prepará-las: nogueira ou algarobeira. Talvez vocês possam nos ajudar a decidir.

– As duas são boas... – começo a falar.

– Algarobeira – diz Ben, convicto.

Richard e o irmão dele batem os punhos, comemorando.

– Essa é a coisa mais inteligente que já ouvi de você – diz Richard para Ben.

– Richard! – exclama Sylvia, ralhando com o filho.

– Algarobeira, então – conclui Jerry, levantando as mãos em um

gesto bem-humorado de rendição. – A comida vai sair daqui a umas duas horas. Richard, por que você não leva seus convidados cansados de viagem lá para dentro e oferece uma bebida?

Richard ergue as sobrancelhas.

– Um refrigerante gelado – acrescenta o pai.

– Tem limonada também – lembra Sylvia.

– Os monstrinhos beberam tudo – avisa Richard.

– Então esprema mais alguns. Temos toneladas de limões.

– Se a vida lhe der limões... – começa a falar Richard, mas lança um breve olhar para mim e se detém. Como se achasse errado fazer essa piada na minha frente.

Não entendo bem por que logo agora ele decidiu ficar tímido comigo. Então, termino para ele:

– Faça uma limonada.

• • •

O jantar sai tarde e é caótico e delicioso. Dez de nós espremidos em volta de uma mesa de piquenique debaixo do céu limpo de Idaho. Ben come tantas costeletas que até Richard fica impressionado, e quando ele explica que vive com um grupo de veganos, Sylvia ainda prepara alguns cachorros-quentes na grelha para completar. Eu me pergunto como este cara magrelo consegue enfiar tudo aquilo na barriga. Mas ele consegue. Depois, mais dois cachorros-quentes e wafer com sorvete de sobremesa. Já passa das nove quando Sylvia e Jerry dão início à tarefa hercúlea de dar banho e colocar na cama todos os pequenos, que estão elétricos. Gary sai para encontrar uns amigos. Richard joga um pouco de lenha na fossa de fogueira no fundo do quintal e pega algumas cervejas escondido na garagem.

Pela janela, vejo o pai de Richard com um livro de gravuras aberto, lendo para as crianças, que estão deitadas em beliches. Ouço o barulho de Sylvia lavando a louça. Cruzo olhares com Ben

do outro lado do fogo tremeluzente e posso jurar que estamos pensando a mesma coisa: *como algumas pessoas têm sorte*.

Sou tomada por uma onda repentina e dolorosa de nostalgia. *Sinto falta disso*. Mas como posso sentir falta de algo que nunca tive de verdade? Recebi tudo isso de segunda mão através de Meg. Como basicamente todo o resto na minha vida.

O fogo estala. Richard termina sua cerveja e a esconde nos arbustos.

– Querem mais uma? – pergunta.

Ben balança a cabeça.

– Melhor não. Temos uma longa viagem pela frente amanhã.

Ele olha para mim. Concordo.

– Então, para onde vocês estão indo exatamente? – indaga Richard a Ben.

Ben me encara, fazendo a mesma pergunta em silêncio. Ainda não lhe contei a história toda.

– Laughlin, Nevada.

– Isso você já disse – responde Richard.

Ele vai ao freezer pegar outra cerveja e duas latinhas de Dr. Pepper, uma para mim e outra para Ben. Sinto um aperto no coração, o que é ridículo: fiquei comovida por ele lembrar qual é o meu refrigerante preferido?

– Acho que minha pergunta é: “Por que Laughlin?”

Fico calada. Ben também.

– Que foi? É um segredo ou coisa parecida? – questiona Richard.

Ben olha para mim.

– Pelo jeito, sim.

– Espere aí, *você* também não sabe? – pergunta Richard.

– Eu só vim junto – retruca Ben.

Eles se fuzilam com os olhos por um instante, e então me encaram. Lá dentro, Jerry e as crianças estão fazendo suas orações, pedindo que uma longa lista de pessoas seja abençoada.

– Isso fica entre a gente – falo, apontando para mim mesma, Richard e Ben.

– Um círculo sagrado – brinca Richard. – Ou um triângulo. Um *ménage à silence*.

Olho feio para Richard, que fica todo solene e promete não contar a ninguém.

– Vocês lembram quando fui a Tacoma para Harry me ajudar com uma coisa no computador?

Richard aquiesce.

– Nós encontramos um arquivo encriptado no computador de Meg e acabamos descobrindo que eram instruções enviadas por um grupo de apoio para suicidas, do tipo que incentiva sua decisão de tirar a própria vida. Eu investiguei mais a fundo e encontrei as postagens dela nos fóruns de discussão desse grupo. Tinha um cara que era tipo o mentor dela. Ele a encorajou até o fim.

– Que sinistro – comenta Richard.

– Pois é.

– Não consigo acreditar que Meg caiu nessa.

– Eu sei – concordo, mas sem muita convicção. Porque, agora que conheço Bradford, *consigo* acreditar. – Então, encontrei esse cara, e agora estou indo falar com ele.

– Você está *o quê*?! – exclama Ben.

– Estou indo falar com ele – repito, mas com bem menos firmeza.

– Achei que você precisasse falar com alguém que soubesse sobre a morte dela, como os amigos dela de Seattle – diz Ben, fechando a cara para mim como se eu tivesse violado algum tipo de pacto.

Respiro fundo para não levantar a voz.

– Estou indo falar com a pessoa que *causou* a morte dela.

– Só que foi *ela* quem causou a própria morte – intervém Richard. – Essa é a definição de suicídio.

Richard e eu trocamos olhares fulminantes.

– Bradford fez com que ela se matasse.

– Logo, falar com ele é uma ideia brilhante! – vocifera Ben, furioso.

– Você sabia que eu estava procurando por ele – disparo de volta.

– Eu não sabia de merda nenhuma, Cody. Porque, nas últimas seis semanas, você se recusou a falar comigo.

– Estou falando com você *agora*. Passei as últimas seis semanas tentando fazer esse cara sair da toca.

– E como você fez isso? – pergunta Richard, alternando o olhar entre mim e Ben.

– Harry me ajudou, mas eu fiz quase tudo sozinha. Fingi que estava pensando em me suicidar. Sabe, como se eu fosse um camundongo apetitoso e ele, a cobra faminta.

– Puta que pariu, Cody! – torna a exclamar Ben. – Você é louca?

– Como Meg, você quer dizer?

Isso o faz ficar quieto.

– Como uma pessoa faz isso? Finge que é suicida? – indaga Richard. – Só sei o contrário: suicidas fingindo que está tudo bem.

Eu poderia desconversar. Dizer que menti, que inventei tudo. Mas resolvo contar a verdade:

– Eu encontrei aquela parte dentro de mim que estava cansada de viver – sussurro. – E a coloquei para fora. – Olho para baixo, incapaz de encarar o espanto, a raiva e a repulsa deles. – Imagino que isso faça de mim uma louca.

Dou uma olhadela para Ben, mas ele está olhando fixamente para o fogo.

– Nada disso – comenta Richard. – Todo mundo já passou por isso. Todo mundo tem seus dias ruins. Todo mundo imagina como seria. Mas sabe por que meu pai diz que suicídio é pecado?

Ele aponta com o polegar em direção à casa, onde Jerry agora está ajudando Sylvia com o restante da louça.

– Porque é o mesmo que assassinato. Porque só Deus pode

escolher quando é a nossa hora de partir. Porque roubar uma vida é como roubar de Deus – digo, repetindo todas as coisas terríveis que as pessoas disseram a respeito de Meg.

Richard balança a cabeça.

– Não. Porque é como matar a esperança. Esse é o pecado. Qualquer coisa que mate a esperança é pecaminosa.

Tento digerir isso por alguns instantes.

– Mas então, o que você espera conseguir com isso? Agora que encontrou esse cara? – pergunta Ben em um tom estranhamente formal.

– Ele precisa ser responsabilizado de alguma forma, como cúmplice, sei lá.

– Então fale com a polícia – sugere Ben.

– Não é tão simples.

– Você contou isso para a família de Meg?

– Você não está entendendo.

– Nada disso vai trazê-la de volta – afirma Richard. – Você sabe disso, não sabe?

Sim, eu sei disso. Mas o objetivo ainda é nebuloso. Só que não posso falar com a polícia nem com a família de Meg. Preciso fazer isso – fazer *alguma coisa* – sozinha. Por Meg.

E por mim.

32

Acordo na manhã seguinte com a coalização internacional de crianças dos Zellers pulando em cima do sofá. Me levanto e me arrumo. Estou ajudando Sylvia a preparar waffles quando Ben vem arrastando os pés e esfregando os olhos.

– Vamos tomar o café na estrada? – pergunto.

– Vocês já estão indo? – indaga Sylvia.

Invento desculpas e digo que não queremos abusar da hospitalidade dela, mas Sylvia diz que não estamos dando trabalho algum.

– E hoje é domingo.

– O culto começa às dez – fala Richard, aparecendo com um jeans que parece limpo e uma blusa sem referências a drogas. – Vocês não podem ficar? O reverendo vai ficar chateado se forem embora.

Olho para Ben, que não fala comigo desde ontem à noite. Ele dá de ombros, transferindo a decisão para mim. Encaro Richard e Sylvia e percebo que não importa que eu não tenha trazido um presente. *Isso* é o que importa.

Baixo os olhos para meus shorts cortados e minha camisa regata.

– É melhor eu me trocar.

– Fique à vontade – diz Sylvia. – Mas nossa congregação não tem restrição alguma quanto ao vestuário.

Saímos em caravana às nove e meia, Richard no carro comigo e com Ben, o resto da família na van, que tem um daqueles adesivos com o logotipo *Coexist*, símbolo do movimento que defende a coexistência pacífica entre as crenças.

Em frente à igreja, as crianças da família Zeller são apanhadas por diferentes membros da congregação enquanto Sylvia e Jerry se dedicam à função de cumprimentar todos ao redor. Richard aproveita para entrar despercebido na igreja comigo e com Ben.

Nós nos sentamos nos bancos, que estão ligeiramente desgastados; o ar cheira um pouco a óleo de cozinha. É uma das igrejas mais simples em que eu já estive, e estive em muitas nesse ano que passou. Antes disso, eu mal frequentava igrejas – devo ter ido apenas à primeira comunhão de Meg e a uma ou outra missa do galo. Tricia em geral trabalha nos sábados à noite, logo os domingos são reservados para a adoração do travesseiro.

O culto é diferente de qualquer outro que eu tenha visto. Não há coro. Em vez disso, várias pessoas se levantam, cantam, tocam violão ou piano, e qualquer um pode participar. Algumas das canções são religiosas, outras não. Ben fica feliz quando um cara barbudo toca uma balada chamada “I Feel Like Going Home”. Ele se inclina para perto de mim e me diz que quem a compôs foi Charlie Rich, um de seus artistas favoritos. É a primeira coisa normal que ele diz para mim desde nossa discussão na noite passada. Interpreto isso como uma oferta de paz.

– É linda – comento.

Jerry praticamente não intervém durante a maior parte da cerimônia, permitindo que um rapaz mais novo, que é o líder do ministério da juventude, se encarregue dos procedimentos. Então, quando a cantoria acaba e os anúncios se encerram, ele se levanta do lugar em que estava sentado tranquilamente, sobe ao púlpito e começa a falar com uma voz ao mesmo tempo serena e imponente.

– Algumas semanas atrás, Ceci ficou doente. Pegou aquela virose que andou circulando pela cidade e estava letárgica, com febre. Sei que muitos de vocês passaram por isso. – Um burburinho se espalha pela congregação. – Pedro não teve aula nesse dia, então precisou ir conosco ao hospital. Ceci não gosta de consultórios médicos, talvez por já ter estado em tantos deles, por

isso estava agitada, chorando. Quanto mais esperávamos, pior ficava a situação. E tivemos que esperar bastante. Uma hora se passou. Depois, uma hora e meia. Ceci, que não parava de chorar, vomitou. Basicamente em cima de mim.

Risadinhas compreensivas por parte da congregação.

– Até hoje não sei se foi por conta do vírus ou do transtorno por ter que ir ao médico. Não faz diferença. Mas uma mãe que estava sentada com a filha na sala de espera ficou visivelmente incomodada diante da bagunça que Ceci fez. E me repreendeu por estar expondo todas as outras crianças a ela. Até certo ponto, eu entendi. Nenhum de nós quer que nossos filhos fiquem doentes. Mas, como pai, fiquei furioso. Me imaginei dizendo coisas muito pouco cristãs para aquela mulher. Afinal, era justamente por Ceci estar doente que estávamos ali, no consultório do pediatra, e aquela mãe não se comportava de maneira cristã. As enfermeiras estavam ocupadas demais para nos ajudar, e o máximo que fizeram foi oferecer algumas toalhas e antissépticos. Enquanto isso, Ceci não parava de chorar.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

– Depois de algum tempo, consegui limpá-la e ela dormiu. Pedro estava entretido com um quebra-cabeça que encontrou e, como eu tinha alguns segundos de folga, peguei uma revista para ler. Abri em uma página qualquer. Era um artigo sobre o perdão. Mas não era uma publicação religiosa. Era uma revista médica e o artigo falava sobre um estudo que analisara os benefícios do perdão para a saúde. Pelo que li, o perdão é capaz de reduzir a pressão arterial, diminuir a ansiedade e amenizar a depressão. Foi então que compreendi que não havia chegado àquele artigo por acaso. Enquanto o lia, pensei em Colossenses 3:13: *Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou.* E eu perdoei todas as pessoas naquela sala de espera: a mulher, por ter sido tão rude; as enfermeiras, por estarem ocupadas demais para nos ajudar; o

médico, por nos deixar esperando; até mesmo Ceci, por sua histeria. Quando fiz isso, fui lembrado do motivo pelo qual Deus quer que exerçamos o perdão. Não é só porque é a chave para um mundo melhor, mas também por conta do que ele faz *conosco*. O perdão é o presente de Deus para *nós*. Jesus nos perdoou. Ele perdoou nossos pecados. Esse foi o presente dele. Ao permitir que perdoemos uns aos outros, nos possibilitou receber esse amor divino. O artigo tinha razão. O perdão é um remédio milagroso. Ele é o remédio milagroso de Deus.

Jerry prossegue, citando mais trechos das Escrituras sobre o perdão. Mas, a esta altura, já estou com a pulga atrás da orelha. Na noite passada, fui para a cama primeiro, deixando Ben e Richard sozinhos em volta do fogo. Aqueles dois mal se aguentam, então imaginei que tivessem ido dormir logo depois. Mas agora, enquanto o pai de Richard continua a falar, vejo que não foi bem assim. Alguém bateu com a língua nos dentes. Círculo sagrado é uma ova.

– Depois da nossa consulta – continua Jerry –, eu estava na recepção acertando as contas quando topei com a mãe contrariada outra vez. Eu já não sentia rancor algum contra ela. Não tive que me esforçar para perdoá-la. Aconteceu naturalmente. Eu lhe disse que esperava que sua filhinha estivesse se sentindo melhor. Ela se virou para me olhar. Só então pude ver quanto estava cansada, como muitos de nós, pais, sempre estamos. “Ela vai ficar bem”, foi a resposta. “O médico disse que está sarando.” Olhei para a garotinha e notei um pequeno corte, vermelho, ainda aberto, no seu queixo. Tornei a olhar para a mãe e vi algo muito mais profundo ali: uma angústia que não estava nem perto de sarar tão bem quanto o corte. Queria perguntar o que havia acontecido, mas Pedro e Ceci estavam me puxando para irmos embora e, além do mais, não era da minha conta. Mas suponho que a mulher estivesse precisando se abrir, pois me contou que, algumas semanas antes, na pressa de sair de casa pela manhã, dera um puxão na filha que se demorava junto às flores. Distraída pela dança das abelhas, a garotinha batera

de cara no portão e se cortara. “Ela sempre vai carregar essa cicatriz”, disse a mãe com uma voz agoniada. Foi então que entendi a raiva que ela sentia, e quem ela ainda não havia perdoado.

Jerry fez uma nova pausa, então continuou:

– “É verdade, mas só se você a carregar também”, foi o que respondi. Ela me encarou, e eu sabia que o que estava lhe pedindo para fazer, o que Deus nos pede para fazer, o que estou pedindo para *todos* vocês fazerem não é fácil. Deixar nossas feridas cicatrizarem. Perdoar. E, às vezes, o mais difícil de tudo: perdoar a nós mesmos. Mas, se não fizermos isso, estaremos desperdiçando uma das maiores dádivas de Deus para nós: o seu remédio milagroso.

Quando o sermão termina, Richard se vira para mim, quase sorrindo. Ele parece muito orgulhoso. Do seu pai, de si mesmo, de ter orquestrado esse anúncio de utilidade pública.

– O que você achou?

Não respondo. Apenas saio dali, abrindo caminho pelas pessoas.

– Qual é o problema? – pergunta Ben.

O problema é que Richard Zeller e o pai dele não fazem a menor ideia do que estão falando. Não sabem daquelas manhãs em que a raiva é a única coisa, a *única*, que faz você conseguir suportar o dia. Se tirarem isso de mim, eu fico totalmente vulnerável: em carne viva e sangrando, e aí mesmo é que não terei a menor chance.

Caminho até a entrada, me segurando para não chorar de raiva. Richard está logo atrás de mim.

– Não estava aguentando mais o reverendo? – diz ele em tom de brincadeira, mas noto a preocupação em seus olhos.

– Você contou a ele. Disse que não iria contar a ninguém e contou a ele. Você mentiu.

– Só voltei a ver meu pai no café da manhã, e você estava junto.

– Então como ele poderia saber? Como poderia ter um sermão tão perfeito esperando por mim?

Richard olha de volta para o santuário, onde a cantoria recomeçou.

– Só para constar, Cody, meu pai prepara os sermões dele com semanas de antecedência; não sai improvisando de uma hora para outra. Além disso, você não é a única que carrega um peso nas costas e tem merdas que precisam ser perdoadas, mas se, como o reverendo disse, a revista abriu na página certa...

– Você está *chapado*? – interrompo-o.

Ele ri.

– Não contei ao reverendo sobre a sua viagem. Se quiser saber a verdade, tive que convencer McCallister a não desistir. Você tem mais colhões do que ele, o que não me surpreende. – A cantoria acaba. Richard meneia a cabeça em direção ao púlpito. – Venha. Está quase acabando... Por favor.

Sigo Richard de volta para o nosso banco justamente quando Jerry está dando as bênçãos para a congregação, para os doentes e aflitos, para os que estão se casando, esperando bebês. Logo no final, ele diz:

– E que Deus abençoe e guie Cody e Ben. Que eles encontrem não só o que estão buscando, mas aquilo de que precisam.

Torno a olhar para Richard. Ainda não estou convencida de que ele tenha falado a verdade. Mas agora a traição, se é que ela existiu, parece menos importante do que a bênção.

33

Quando saímos da igreja, Ben joga as chaves para mim, como se soubesse que preciso dirigir. Em Twin Falls, saímos da interestadual para pegar a Rodovia 93. Ben começa a bocejar, os olhos pesados. Ele dormiu no chão do quarto de Richard e Gary e diz que, como Richard roncava e Gary falava dormindo, não conseguiu ter muito descanso.

– Por que não tira um cochilo? – sugiro.

Ele balança a cabeça.

– Vai contra o código.

– Que código?

– O código das turnês. Sempre deve haver alguém acordado além do motorista.

– Isso faz sentido quando tem um monte de gente, mas aqui somos só você e eu, e você está cansado.

Ele me encara, pensando no assunto.

– Olha – prossigo –, podemos criar um novo código.

Ele continua a me encarar. Mas então desiste. Vira de cara para a janela e adormece, e continua assim pelas próximas três horas.

Há algo de acalentador em vê-lo dormir. Talvez seja o sol, ou minha imaginação, mas o tom arroxeado debaixo dos olhos de Ben parece sumir um pouco. Ele dorme até a rodovia chegar ao fim e eu parar em um posto de gasolina para encher o tanque. Dentro do posto, há um grande mapa com um círculo vermelho apontando nossa localização: cruzamento da Rodovia 93 com a Interestadual 80. Para chegar a Laughlin, precisamos seguir na direção leste pela 80, para então pegarmos a Interestadual 15 na direção sul perto de Salt Lake City. Mas, se fôssemos para o oeste, a interestadual nos

levaria para a Califórnia, passando logo acima do lago Tahoe.

Depois que Harry me passou o endereço, fiquei horas olhando para o lago. Embora a cidade em que ele morava não fosse no lago, era perto dele. O lago parecia muito bonito, a água bem límpida e azul.

– Qual é a distância até Truckee, Califórnia, a partir daqui? – pergunto ao sujeito atrás do balcão de atendimento.

Ele dá de ombros, mas um caminhoneiro com um boné da Peterbilt me diz que são quase 500 quilômetros.

– E sabe qual é a distância de Truckee para Laughlin, Nevada? Quer dizer, é um desvio muito grande?

O caminhoneiro coça a barba.

– Você deve acrescentar outros 500 quilômetros à viagem. Fica a uns 800, 950 quilômetros de Truckee, e a uns 800 quilômetros daqui. Seja como for, você ainda tem muito chão pela frente.

Agradeço ao caminhoneiro, compro 40 dólares de gasolina, um mapa da Califórnia, dois burritos e um litro de Dr. Pepper. Então volto ao carro, onde Ben está procurando seus óculos escuros.

– Acha que conseguiremos chegar a Laughlin hoje à noite? – pergunta ele.

– Só se forçássemos a barra. Saímos muito tarde, então não chegaríamos lá antes da meia-noite.

Começo a encher o tanque. Ben sai do carro e se põe a limpar as janelas.

– Dá para fazer. Agora já coloquei o sono em dia. Quanto eu dormi?

– Uns 400 quilômetros.

– Então podemos chegar hoje à noite. Deixe que eu assumo o volante.

Paro de apertar o gatilho. A bomba fica em silêncio.

– Que foi? – pergunta Ben. Ele olha para o mapa da Califórnia em minha outra mão. – Você mudou de ideia?

Balanço a cabeça. Não, eu não mudei de ideia. Ainda preciso

fazer isto. Terminar o que comecei. Mas estamos perto. Quero dizer, nem *tão* perto. Ainda faltam 500 quilômetros. E esse talvez nem seja o endereço correto ou o atual. Harry disse que ele se mudou bastante. Mas 500 quilômetros é o mais perto que eu estive em muito tempo.

– Quando você precisa estar de volta? – pergunto.

Ben tira uma mariposa do para-brisa e dá de ombros.

– Acho que vou querer fazer um desvio.

– Um desvio? Por onde?

– Truckee. Fica na Califórnia, perto de Reno.

– O que tem em Truckee?

Se alguém pode entender, esse alguém é Ben.

– O meu pai.

34

Às dez da noite, estamos nas alturas das montanhas de Sierra Nevada, presos atrás de trailers e caminhonetes que carregam enormes barcos a motor. Ben está dirigindo há seis horas sem parar. O carro precisa de mais gasolina e nós temos que arranjar um lugar para dormir, mas eu quero seguir em frente, chegar ao nosso destino.

– É melhor pararmos logo, em vez de mais tarde – opina Ben.

– Mas ainda não chegamos.

– Truckee fica bem perto do lago Tahoe. Estamos no verão. Todos os hotéis vão estar lotados. É melhor pararmos em Reno. Além do mais, se ficarmos em um hotel-cassino, vai ser mais barato.

– Ah, entendi.

Hotéis. Na noite passada, não precisei me preocupar com isso.

O centro de Reno é espalhafatoso, com todos os grandes cassinos e letreiros anunciando bandas que faziam sucesso na época de Tricia. Depois que o atravessamos, começa a ficar deprimente: motéis decrépitos fazendo propaganda de caça-níqueis e cafés da manhã de 3,99 dólares com bife incluído.

Escolhemos um dos motéis de terceira categoria.

– Quanto é o quarto? – pergunta Ben.

O sujeito remelento atrás do balcão me faz pensar no Sr. Purdue.

– Sessenta dólares. Check-out às onze da manhã.

– Eu lhe dou 80 pratas por dois quartos e nós saímos às nove.

Bato com as notas de 20 sobre o balcão. O homem olha para os meus peitos. Ben fecha a cara. O homem pega as notas com suas mãos de aranha e arrasta duas chaves para nós.

Ben saca a carteira e faz menção de me dar dinheiro, mas eu o recuso com um gesto.

– É por minha conta.

Voltamos para o carro em silêncio, o motor ainda estalando por conta da longa viagem de hoje. A de amanhã será mais longa ainda. Pego a mochila e aponto para o meu quarto, que fica do lado oposto ao dele.

– Nos encontramos amanhã no carro às nove.

– Amanhã é segunda-feira. Talvez seja melhor mais cedo. Caso ele saia para trabalhar. Você não vai querer perder um dia inteiro.

Não tinha pensado nisso. Perdi a noção do tempo. Já estamos há dois dias na estrada.

– Oito? – sugiro.

– Sete. Truckee ainda fica a meia hora daqui.

– Tudo bem. Sete.

Quando chego ao quarto, cogito tomar um banho de banheira, mas então vejo quanto ela está imunda, com um anel de pele morta, e me contento com uma ducha, a água caindo em filetes fracos. Saio do chuveiro, seco-me com toalhas de papel e corro os olhos pelo quarto.

A morte é o derradeiro rito de passagem, e pode ser um ritual muito sagrado. Às vezes, para que ele se torne pessoal, é preciso torná-lo anônimo. Esse é o conselho que encontrei nos arquivos encriptados de Meg. Será que o próprio Bradford escreveu isso? Parece algo que ele diria. Torno a olhar ao redor. Meg se matou em um lugar exatamente deste tipo.

Imagino todo o processo: trancar a porta, pendurar o aviso de NÃO PERTURBE, deixar o bilhete e a gorjeta para a arrumadeira. Ir ao banheiro para misturar o veneno, o ventilador ligado para outros hóspedes não serem alertados por conta do cheiro.

Me sento na cama. Visualizo Meg esperando o veneno fazer efeito. Ela se deitou imediatamente ou esperou o formigamento começar? Vomitou? Estava com medo? Aliviada? Chegou a haver

um momento em que ela soube que já não tinha volta?

Me deito na colcha áspera e imagino os últimos minutos de Meg. A queimação, o formigamento, a dormência. Ouço a voz de Bradford sussurrando palavras de incentivo. *Nós nascemos sozinhos e morremos sozinhos*. Começo a ver manchas pretas; começo a sentir que está acontecendo. Acontecendo de verdade.

Mas eu não quero! Me sento com as costas eretas na cama e coloco a mão no peito, o coração batendo forte, como se protestasse contra os meus pensamentos. *Não está acontecendo*, digo a mim mesma. *Você não tomou veneno*. *Você* ***nunca*** *tomaria veneno*.

Com as mãos trêmulas, pego o celular. Ben atende no mesmo instante.

– Você está bem?

Assim que ele pergunta, eu fico. Se não bem, pelo menos melhor. O pânico diminui. Não sou Meg pegando o último ônibus, uma voz anônima sussurrando em meu ouvido. Estou viva. E não estou sozinha.

– Você está bem? – repete ele.

E é uma voz de verdade. Concreta. Se eu precisasse que estivesse bem aqui do meu lado, ele estaria.

– Estou – respondo.

Ben fica calado do outro lado da linha e eu apenas continuo ali, ouvindo a presença dele, reconfortada por ela, pelo som da sua respiração. Ficamos assim por mais algum tempo, até eu estar calma o suficiente para dormir.

35

Encontro Ben no carro às sete com uma caixa de rosquinhas e dois cafés.

– Viramos policiais agora? – pergunta ele.

– Pensando bem, estamos meio de tocaia.

Ben ergue um pedaço de papel.

– Já coloquei gasolina. E consegui informações sobre como chegar à casa do seu pai em Truckee.

Pai. Casa do meu pai. É um conceito que não faz sentido para mim. Como ir de carro até a lua.

– Obrigada.

Ele estende o papel e, por um instante, hesito. Harry disse que meu pai morou em seis endereços diferentes ao longo dos últimos dez anos. Ao ouvir isso, tive um mau pressentimento, embora não soubesse dizer se era por medo de não conseguir encontrá-lo ou por medo de encontrá-lo.

Pego o papel da mão de Ben.

– Quer assumir o volante? – pergunta ele.

Balanço a cabeça. Estou nervosa demais para dirigir.

Ben parece entender isso, porque, assim que pegamos a estrada, começa a falar sem parar, me contando como foi crescer em Bend, a meca do snowboarding, mas nunca ter dinheiro para praticar o esporte, de modo que ele e seus irmãos faziam as maiores loucuras, como adaptar seus skates e descer as montanhas cobertas de neve com eles.

– Meu irmão mais velho, Jamie, quebrou os dois cotovelos uma vez.

– Ai!

– Bend é bastante parecido com Truckee. Com esse hippies caipiras, que adoram fazer coisas ao ar livre.

Concordo com a cabeça.

– Pronto, já saímos da rodovia. Vá me dando as instruções.

Alguns minutos depois, paramos em frente a uma casa de madeira caindo aos pedaços. O quintal da frente está entulhado de lixo, com um cortador de grama enferrujado, um monte de brinquedos de plástico, um sofá com o estofo para fora.

– É aqui?

– Este é o endereço que Harry me deu.

– Você quer entrar?

Olho para o quintal imundo. Esta não é casa respeitável do homem respeitável com uma família respeitável que pintei para mim mesma. Talvez as informações de Harry estejam desatualizadas.

– Ou podemos simplesmente esperar aqui – completa Ben. – Ver quem sai de lá.

Sim. Isso. Concordo.

Paramos o carro do outro lado da rua. Ben bebe seu café e come seis rosquinhas. Fico observando a casa acordar. Luzes se acendem. Persianas são levantadas. Por fim, cerca de uma hora depois, a porta da frente é aberta e uma garota sai. Ela é mais nova que eu; deve ter uns 14 anos e parece emburrada enquanto pega sem muito ânimo alguma porcaria do quintal. Logo em seguida, a porta torna a abrir e um garotinho de camisa e fralda sai engatinhando. A menina apanha o garotinho. Continuo olhando, confusa. A garota é filha dele? O bebê também? Ou o bebê é da garota? Será que estamos na casa errada?

– Quer que eu bata à porta? – oferece-se Ben.

– E vai dizer o quê?

– Sei lá... que sou um vendedor?

– E está vendendo...?

– Qualquer coisa. TV a cabo. Maquiagem. A palavra de Deus.

– Você precisa de roupas melhores para ser agente de vendas

do Todo-Poderoso.

Enquanto pensamos no que fazer, um ronco de motor vai ficando cada vez mais alto até parecer uma explosão, o som característico de uma Harley-Davidson. Ela para bem ao nosso lado e nós nos afundamos nos bancos do carro. A moto continua em frente e entra no quintal, onde ronca mais algumas vezes, fazendo o bebê gritar de medo. A garota pega o bebê e começa a berrar contra quem quer que esteja em cima da moto. A pessoa desliga o motor barulhento e tira o capacete. É um homem. Ele está de costas para nós, então não consigo enxergar seu rosto, mas vejo o ódio estampado na face da garota. A porta da frente é escancarada e uma mulher de cabelos pretos curtos sai, um cigarro em uma das mãos e um copo de bebê na outra. Ela apaga o cigarro, apanha o bebê e começa a discutir com o motoqueiro.

Fico assistindo a tudo isso como se fosse um filme. O motoqueiro e a mulher continuam discutindo. Ela lhe entrega o bebê, que começa a berrar, então ele o devolve à garota. A mulher diz algo, ele dá um tapa no banco da moto e se vira, olhando bem na minha direção, mas sem me ver de fato. Só que eu o vejo. Seus cabelos, do mesmo tom de castanho que os meus; seus olhos, amendoados e castanho-acinzentados, iguais aos meus; sua pele, cor de oliva, idêntica à minha.

Idêntica.

Mais gritos. A adolescente larga o bebê no chão e vai embora pisando firme, aos prantos. O bebê também começa a chorar. A mulher apanha o neném e o carrega para dentro, batendo a porta atrás de si. O homem entra na garagem, também batendo a porta.

Ben olha primeiro para mim, depois para a casa e então de volta para mim. Balança a cabeça.

– Que foi? – pergunto.

– É estranho.

– O quê?

Ben olha outra vez para a casa, e para mim de novo.

– Ele parece com você, mas poderia ser meu pai.

Fico calada.

– Você está bem? – indaga ele depois de um tempo.

Faço que sim com a cabeça.

– Quer ir até lá? Ou voltar mais tarde, quando talvez eles estejam mais calmos?

Quando eu era pequena, gostava de imaginar meu pai como um homem de negócios, um piloto, um dentista, alguém diferente. Mas ele não é nada diferente. É exatamente como eu sabia que seria. Eu não deveria estar surpresa. Tricia sempre o chamou de doador de esperma. Ele deve ter sido um caso de uma noite do qual eu fui o resultado acidental. Nunca houve nenhum motivo extraordinário para ele me visitar, responder meu e-mail ou mesmo enviar um cartão de feliz aniversário que fosse. Aposto que ele nem sabe quando é o meu aniversário. Por que saberia? Para isso, minha existência precisaria ter alguma importância para ele.

– Vamos embora – digo a Ben.

– Tem certeza? Ele está bem ali.

– Vamos embora – repito, ríspida.

Ben não fala mais nada; apenas dá meia-volta e nós partimos.

36

Assim que voltamos à rodovia, é como se alguém tivesse sugado a Cody de dentro de mim. Ben fica me encarando o tempo todo com uma expressão preocupada, mas eu evito encará-lo. Evito o próprio Ben. Faço uma bola com o meu suéter, improvisando um travesseiro que apoio contra a janela. Algum tempo depois, adormeço.

Quando acordo, algumas horas mais tarde, o ar frio das montanhas da Sierra Nevada foi abafado pelo calor seco do deserto. Quase consigo esquecer que fizemos aquele desvio.

Estou meio zonza por causa do calor e sinto um gosto metálico na boca, bem como os restos secos do que suponho ser baba nos meus lábios. Ben está me observando. Embora eu tenha gostado de vê-lo dormir, me sinto exposta ao estar do outro lado.

– Onde estamos? – pergunto.

– Literalmente no meio do nada. Passamos por um lugar chamado Hawthorne algum tempo atrás, mas, fora isso, nada. Não tenho visto nem carros na estrada. O lado positivo é que dá para correr feito um louco por aqui.

Olho para o painel. Ben está indo a quase 145 quilômetros por hora. A estrada vazia e reta se estende à nossa frente e oscila com miragens, pequenos oásis de água no deserto que não existem de verdade. Assim que alcançamos um, ele desaparece no asfalto e surge outro no horizonte.

– A esta velocidade, devemos chegar a Vegas às cinco e Laughlin às sete – avisa Ben.

– Ah.

– Você está bem?

– Quer parar de me perguntar isso? – Pego a garrafa de Dr.

Pepper, que já está morna. – Ah, que nojo.

– Quando vir uma loja de conveniência, é só gritar.

Ben parece irritado, porém, ao olhar para mim, sua expressão se abranda. Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas então parece reconsiderar e continua calado.

Eu suspiro.

– O que foi?

– Não é você; é ele.

Ainda estou me sentindo meio nua diante de Ben, logo dou uma resposta atravessada.

– Isso é algo que você costuma dizer antes de dar um pé na bunda das suas garotas? “Não é você; sou eu.”

Ben se vira para mim, então volta a olhar para a estrada.

– Posso vir a dizer, se algum dia chegar a esse ponto – diz ele, frio como gelo. – Eu estava falando do seu pai.

Não respondo. Não quero falar sobre o meu pai, ou o que quer que fosse aquele homem.

– Ele é um merda – continua Ben. – E não tem nada a ver com você.

Permaneço calada.

– Quero dizer, eu posso não saber nada sobre o que você está passando, mas isso é algo que minha mãe sempre me disse sobre o meu pai. Que não era eu. Era ele. E eu nunca acreditei. Sempre achei que ela estivesse falando só para me agradar. Porque só podia ser culpa minha. Mas, depois de ver aquele desgraçado, e você, acho que estou começando a mudar de ideia.

– Como assim? – pergunto.

Ben não desvia os olhos da estrada, como se precisasse de toda a sua concentração para seguir pela rodovia plana e reta.

– Quando o seu pai é um sacana desde o início, e não dá para ser mais desde o início se ele nega a sua existência, não é porque *você* fez algo de errado. É porque *ele* fez. – Ele diz isso às pressas, cuspindo as palavras, então acrescenta: – E talvez não seja da

minha conta, mas estou esperando para falar isso desde, sei lá, 460 quilômetros atrás.

Olho para Ben. E novamente fico espantada. Como podemos sentir tantas coisas parecidas e ser tão diferentes?

– Você achava que era culpa sua, em relação ao seu pai?

Ben não fala nada, apenas concorda com a cabeça.

– Por quê?

– Eu era uma criança sensível. Um bebê chorão. Sempre correndo para a mamãe. Ele odiava isso. Me dizia que eu precisava criar colhões. Então eu tentei. Tentei virar macho. Ser como ele. – Ben faz uma careta. – Mas, ainda assim, ele mal conseguia olhar na minha cara.

Não sei o que dizer, portanto apenas digo a Ben que sinto muito.

Ele solta o volante por alguns instantes e ergue as mãos no ar, como se dissesse “O que se pode fazer?”.

Preciso resistir ao impulso de afagar o rosto de Ben. Não consigo imaginar como seria isso, ter um pai cuja ideia de masculinidade era o que Ben descrevera. Passar a vida ao mesmo tempo imitando e tentando fugir disso. Penso em Tricia. Em como ela foi ausente, em sua interminável sucessão de casos de três meses. Em como ela se recusou a me colocar em contato com meu pai. Em como basicamente abdicou da sua função, deixando os Garcias me criarem em seu lugar. Essas coisas sempre me magoaram, mas agora me pergunto se não deveria agradecer a ela por ter sido assim.

• • •

O tráfego fica mais pesado em Las Vegas, e então de repente estamos em uma cidade enorme, o que é desnorteante e estranho. Uma hora depois, estamos no meio do nada outra vez. Mais uma hora e estamos em Laughlin.

Laughlin é uma estranha espécie de híbrido: em parte, cidade abandonada no meio do deserto, mas com vários desses hotéis imensos fincados na parte central, arranha-céus às margens do rio Colorado. Atravessamos a área deprimente do centro da cidade até uma parte ocupada por motéis-cassinos mais modestos, parando em um chamado Wagon Wheel Sleep ’n’ Slots, que anuncia quartos por 45 dólares a noite.

Entramos e tocamos a sineta. Uma mulher simpática com o cabelo trançado pergunta em que pode nos ajudar.

– Você tem dois quartos? – indaga Ben.

O dinheiro está minguando mais rápido do que eu esperava. Penso no ataque de pânico que tive no último quarto de hotel, na voz reconfortante de Ben do outro lado da linha. No que ele me contou mais cedo no carro.

– Pode ser um quarto com duas camas – afirmo.

Pago pelo quarto e nós vamos pegar as coisas no carro. Estava tão limpo quando saímos e agora está entulhado de detritos de viagem. Tento limpá-lo um pouco enquanto Ben carrega nossas mochilas até o quarto.

Quando chego lá em cima, ele está folheando alguns papéis.

– Eles têm um menu próprio. Quer sair para comer alguma coisa? Ou pedir uma pizza?

Me lembro da nossa tarde alguns meses atrás: burritos, TV, o sofá.

– Vamos de pizza.

– *Pepperoni*? Calabresa? As duas?

Dou uma risada.

– Ou uma ou outra.

Ben pega o menu e, meia hora depois, uma pizza, pãezinhos de alho e latas de Pepsi e Dr. Pepper aparecem na nossa porta. Espalhamos tudo sobre uma toalha em uma das camas e nos sentamos de pernas cruzadas, como em um piquenique.

– Meu Deus, como é bom estar fora daquele carro – comento.

– Pois é. Às vezes, quando estamos em turnê, minha bunda continua tremendo dias depois.

– Pena que este não é um daqueles motéis com camas vibratórias, assim você poderia continuar sentindo a magia.

– Nunca estive em um desses, para dizer a verdade – fala Ben.

– É, eu também não. Na real, não fiquei em muitos motéis.

A verdade é que posso contar nos dedos as noites que passei em um quarto de hotel ou motel. Tricia não era de fazer viagens de férias. A maioria foi com os Garcias e geralmente íamos acampar ou ficávamos nas casas de parentes deles.

– Então você não teve muitas oportunidades de dividir um quarto de motel com um cara antes? – pergunta Ben, a voz suave, enquanto analisa com muito mais atenção do que o normal sua fatia de pizza.

– Nenhuma.

– Quer dizer que nunca dividiu um quarto antes? Com um cara? – Ele parece estranhamente acanhado.

– Nunca dividi *nada* com um cara antes.

Ben me encara, como se tentasse determinar o que exatamente eu estou dizendo. Deixo que meu olhar responda à pergunta. Os olhos dele, de um azul límpido, como uma piscina vazia ao ar livre, se arregalam de espanto.

– Nada?

– Nada.

– Nem mesmo... uma pizza?

– Ah, já comi pizzas com outros caras antes. Mas nunca *dividi* uma. Tem uma grande diferença.

– Tem?

Faço que sim com a cabeça.

– Então, e agora? – pergunto.

– E agora o quê?

– O que lhe parece?

Ben franze a testa, confuso, como se não tivesse certeza se

ainda estamos falando da pizza. Ele olha para os restos mortais dela.

– Parece que você comeu duas fatias e eu, quatro, e que não gosta tanto de *pepperoni* quanto eu.

Concordo, olhando para a pilha gordurosa de *pepperoni* que tirei das minhas fatias.

– E que tudo isso está acontecendo em um quarto de motel em que estamos os dois sentados – continua ele.

Torno a assentir. Por um instante, lembro que jurei nunca mais dormir debaixo do mesmo teto que Ben. Talvez ele também se lembre disso. Obviamente, estou quebrando a promessa esta noite, embora, para dizer a verdade, já a tenha quebrado em espírito um bom tempo atrás. E nada disso parece ter mais importância.

– Então, o que isso significa? – pergunta ele.

Por mais que tente soar causal, Ben parece ansioso, e muito jovem.

– Significa que estou dividindo isto tudo com você.

Isso é tudo que estou disposta a lhe dar, embora, na realidade, pareça muito. Nesse momento, algo que eu disse ontem quando tentava convencê-lo a dormir no carro me volta à mente: *Podemos criar um novo código*.

Talvez seja isso que estamos fazendo agora.

37

Na manhã seguinte, ao acordar, o quarto está todo escuro, exceto pelos filetes de sol brilhantes que atravessam, enviesados, as frestas das persianas. São dez e meia. Eu apaguei por volta da meia-noite.

Ben continua dormindo na outra cama, e está uma fofura, todo enroscado em um dos travesseiros. Reservo alguns minutos para me espreguiçar, permitindo que meus músculos liberem a tensão de 24 horas seguidas no carro.

– Ei – me chama Ben, a voz ainda grogue de sono. – Que horas são?

– Dez e meia.

– Está pronta para hoje?

A caixa de pizza continua em cima da penteadeira. Parece uma loucura que ontem à noite – em outro quarto que Bradford poderia ter recomendado, bem no quintal dele – eu tenha conseguido esquecer por que vim até aqui. Mas agora não há como esquecer. Não há como negar. Me sinto constantemente indecisa, o estômago embrulhado. Não estou pronta. Nunca estarei pronta.

– Estou – respondo.

Ele me encara por um bom tempo e me observa enquanto tira seu adesivo de nicotina e coloca outro no lugar.

– Você não precisa fazer isso – diz Ben. – Eu não ficaria chateado se decidíssemos voltar atrás agora.

É muita gentileza dele falar isso. Mas já abortamos uma missão. Aquela não tinha importância. Mas esta, sim. Balanço a cabeça.

– Qual é seu plano de ataque? – pergunta ele depois de vestir a camisa.

– Eu tinha pensado em ficar de tocaia na frente da casa dele o dia inteiro, como fizemos... – Não termino de falar. Ben já entendeu.

– Mas você disse que ele trabalhava em um dos cassinos. Eles não fazem turnos normais. Ele pode trabalhar de madrugada.

Não tinha pensado nisso.

– Pode ser que esperemos muito tempo.

Ben olha para mim por alguns instantes.

– Qual é o nome do lugar onde ele trabalha?

– É no Continental.

Nós passamos por lá ontem à noite. Senti calafrios, em pleno calor da tarde, diante da ideia de estar tão perto. Se Bradford exercia um efeito tão grande sobre mim através do computador, com todos aqueles quilômetros e identidades falsas que nos separavam, o que faria comigo pessoalmente?

Ben abre a lista telefônica e a folheia.

– O que você está fazendo? – pergunto, mas ele me ignora e disca um número.

Quando alguém atende, começa a falar com uma espécie de sotaque caipira:

– Meu amigo Brad Smith trabalha aí. Não quero incomodá-lo, mas acabei me trancando fora de casa e ele tem as minhas chaves sobressalentes. Pode me dizer a que horas ele trabalha hoje para eu poder passar aí e pegá-las?

Silêncio na linha por alguns instantes enquanto Ben é colocado na espera. Ele olha para mim e dá uma piscadela. A voz retorna ao telefone.

– Ah. Tudo bem. Claro. Você sabe a que horas ele sai? Posso passar neste horário e pegar as chaves com ele. – Mais silêncio. – Às cinco? Ótimo. Vou ter que me virar até lá. Obrigado. Pode deixar. Você também.

Ben desliga.

– O turno dele termina às cinco da tarde.

– Cinco da tarde – repito.

– Então, supondo que ele vá direto para casa, cinco e meia ou seis.

– Que ótimo detetive você é – digo, sorrindo.

Ben não sorri. Está muito sério agora.

– Acho melhor irmos mais cedo até a casa dele, daí você faz o que tem que fazer.

– O que eu tenho que fazer?

– Você sabe o que vai fazer, não sabe?

– É claro que sei.

Passei as longas horas de viagem tentando elaborar o que exatamente vou dizer a ele. Como falas em uma peça de teatro. Mais mentiras. Fingir que sou Meg. Fingir que sou suicida. Fingir que sou forte o suficiente para fazer isto.

– Ok, então temos... – ele olha para o relógio – ... seis horas. O que você quer fazer neste meio-tempo?

Vomitar. Fugir correndo. Me esconder.

– Não sei. O que tem para fazer aqui?

– Poderíamos ficar na piscina, mas, na noite passada, botei a mão na água e estava quente feito mijo.

– Pena que deixei meu maiô em casa.

– Poderíamos ir para um daqueles bufês de 1,99 em que você pode comer quanto aguentar.

– Aposto que você aguentaria bastante.

– E seria capaz de matar por um café gelado. Deve estar, tipo, uns 38 graus. Eles devem gelar outras bebidas além de cerveja. Podemos tomar café da manhã no cassino e depois fazer algumas apostas.

– Já estou apostando alto demais nesta viagem; além disso, não tenho dinheiro de sobra. O que eu queria mesmo é me distrair. Ir ao cinema ou coisa parecida.

– Fechado: bufê e depois um filme. Temos um encontro marcado. – Ele se detém, chegando até a ficar um pouco vermelho. – Quer dizer, não exatamente, você sabe.

– Sim, Ben. Eu sei.

• • •

Não encontramos café gelado, mas um bufê, onde Ben come uma quantidade absurda de ovos, bacon, salsichas e vários outros tipos de carne processada, como se quisesse compensar o estilo de vida vegano que tem em casa. Eu consigo comer meio waffle. Depois, encontramos um cinema e assistimos a um daqueles filmes ridículos em que máquinas se tornam humanas. É a parte três ou quatro de uma franquia que nunca vi antes, mas não me importo. Dividimos um balde de pipoca, bufando de desgosto com a trama horrível, e passo minutos inteiros sem pensar no que estou fazendo hoje. Quando o filme acaba, já são quase três horas.

Volto ao motel para trocar de roupa. Não sei bem por quê, mas trouxe uma das minhas roupas mais bonitas, que por acaso é o conjunto de saia e blusa sem manga que usei em uma das várias cerimônias em homenagem a Meg. Ben e eu pagamos por mais uma noite no Wagon Wheel, decidindo, em vez de partir hoje à noite, levantar ao raiar do dia e encarar toda a viagem de volta para casa de uma vez só, nos revezando no volante, estilo turnê de banda de rock.

Na recepção, conseguimos informações sobre como chegar à casa de Bradford. Ele fica a apenas uns 800 metros de distância daqui.

– Vamos andando – sugiro.

Temos tempo de sobra e estou nervosa demais para ficar sentada esperando, então caminhamos pelas ruas poeirentas até encontrarmos um prédio desbotado de sol cercado por grama morta, com uma piscina de cimento rachado.

Mas estamos adiantados. Ainda são cinco da tarde.

– Seria melhor não ficarmos aqui em frente – digo.

Então, voltamos um pouco até uma loja de bebidas a alguns quarteirões de distância.

– A que horas você quer que a gente entre? – pergunta Ben.

– *Eu* deveria entrar às cinco e meia.

– E a que horas *eu* devo entrar?

– Acho que isso é algo que preciso fazer sozinha.

Ben estreita os olhos.

– Discordo plenamente.

– Obrigada pela preocupação, mas acho que devo falar a sós com ele.

– Você quer que eu fique escondido nos arbustos? – Ele não parece muito satisfeito com essa opção.

– Bradford é cauteloso. Se suspeitar que eu trouxe outra pessoa, não falará comigo de jeito nenhum. – Não que eu não esteja com medo dele, mas preciso ir sozinha. – Quero que espere por mim aqui.

– Aqui? – questiona Ben, incrédulo.

– Aqui – insisto, em tom de súplica.

– Então minha função foi só trazer você de carro, é isso?

– Você sabe que isso não é verdade.

– Então *por que* estou aqui?

Porque eu preciso de você. Essa é a verdade. E é quase tão assustadora quanto o que me aguarda mais à frente na rua. Mas não é isso que respondo:

– Porque você também está envolvido nisso até o pescoço.

Ele se retrai.

– Então é por isso? – A voz dele soa dura, fria, cheia de raiva, como no dia em que veio buscar sua camisa. – Nesse caso, não vou deixar você encontrar esse cara nem fodendo. Já tenho a morte de Meg na minha consciência. Não vou acrescentar a sua à pilha.

– Ele não vai me matar.

– Por que não? Ele matou Meg. Não é isso que você vem dizendo desde o início?

– Sim, mas não nesse sentido. Ele não vai sacar uma faca para me atacar ou algo do tipo.

– Como você pode saber? Como pode saber que ele não tem um arsenal de escopetas? Como pode saber que esse negócio dos suicídios não é uma espécie de projeto paralelo? Que ele não tem uma dúzia de corpos enterrados no quintal dos fundos?

Porque Bradford Smith usa um tipo de arma diferente e deixa que você faça o trabalho sujo por conta própria.

– Eu apenas sei – falo baixinho.

– Você sabe o quê, Cody? Não sabe merda nenhuma.

Eu não sei merda nenhuma? Olho para Ben e penso: *Quem é você para dizer isso? Eu sei de onde você veio também. Nós somos farinha do mesmo saco, Ben McCallister.* Estou com raiva agora. Mas isso é bom. Melhor sentir raiva do que medo.

– Espere por mim aqui.

– Nem pensar. Você quer ser como a sua amiga e andar direto para uma armadilha? Ouça o que eu digo: não faça isso. Esse cara é perigoso, e encontrá-lo é uma péssima ideia. Não alertei Meg, mas estou alertando você. Essa é a diferença entre nós dois: eu *aprendo* com os meus erros.

– Ben, daria para encher um livro inteiro com as diferenças entre nós dois.

Não sei dizer ao certo como essas palavras podem ser tão prazerosas e falsas ao mesmo tempo.

Ben me encara, balança a cabeça e, por fim, se afasta.

• • •

Não tenho tempo de pensar no fato de Ben ter me abandonado, algo que vinha esperando desde o início. Agora somos só eu e Bradford, como deveria ser.

Ele mora no Bloco J de um condomínio de aparência totalmente

ordinária. Porta branca. Cortinas romanas nas janelas. Não consigo ver lá dentro. No bloco ao lado, um casal está no pátio, tomando cerveja. Eles nem olham para mim, mas é tranquilizador saber que estão ali.

Toco a campainha.

O homem que atende à porta tem barba e cabelos brancos. Ele está usando um short e uma camisa com estampa havaiana larga sobre a barriga saliente. Traz um copo grande e suado na mão, cheio até a borda, o gelo ainda não derretido. Não sei se estou aliviada ou desiludida. Porque este não pode ser ele. Este cara parece um Papai Noel largadão.

Mas então ele pergunta:

– Em que posso ajudá-la?

É aquela voz: suave, cautelosa, familiar.

Demoro alguns segundos para conseguir responder:

– Gostaria de falar com Bradford Smith.

Consigo ver algo – desconfiança, sagacidade – atravessar seu rosto.

– O que veio fazer aqui?

O que vim fazer aqui? Eu tinha inventado uma história para ele, só para conseguir entrar. Mas ela some da minha cabeça e não consigo pensar em nada além de cuspir a verdade. Ele sempre teve esse efeito sobre mim, essa pessoa para quem venho mentindo há tanto tempo.

– Estou procurando você.

Ele estreita os olhos.

– Desculpe, mas nós nos conhecemos?

Meu coração está tão acelerado, batendo tão forte, que eu poderia jurar que ele consegue vê-lo através da minha blusa.

– Meu nome é Cody. Mas você me conhece melhor como Repete.

Ele fica calado.

– Preciso *repetir*?

– Não – diz ele com calma. – Já entendi. Você não deveria estar aqui.

Ele começa a fechar a porta. E tudo em que consigo pensar é: *Eu o convidei a me ajudar a morrer e você está fechando a porta na minha cara.* Isso faz minha raiva se acender. Ótimo. Preciso dela agora.

Coloco o pé entre a porta e o batente.

– Ah, não. Eu estou bem onde deveria estar. Porque eu também conhecia uma garota chamada Meg Garcia. Você talvez a conheça como Firefly. Sabia que o verdadeiro nome dela era Meg? Que a melhor amiga dela se chamava Cody? Que tinha uma mãe? Um pai? Um irmão? – O discurso que ensaiei durante a longa viagem começa a me voltar à mente.

Agora que mostrei as cartas, imagino que ele vá bater a porta de vez, mas, na verdade, ele sai do apartamento. Um dos vizinhos que estava tomando cerveja joga a garrafa vazia em uma lata de lixo; ela faz barulho e se quebra. Bradford lança um olhar para os vizinhos, avaliando-os, os lábios franzidos. Olha para mim e abre a porta.

– Talvez seja melhor você entrar.

Por meio segundo, penso em Ben falando em armas, corpos enterrados. Mas entro assim mesmo.

O apartamento é espartano, mais organizado do que qualquer uma das casas em que faço faxina – e isso *depois* da faxina. Minhas pernas estão tremendo. Se eu me sentar, ele vai ver meus joelhos batendo; por outro lado, se ficar de pé, eles podem acabar cedendo. Opto por um meio-termo e me recosto contra o sofá de lã escocesa.

– Você a conhecia? – pergunta ele.

O rosto dele assume uma expressão estranha. Não é nem um pouco sinistra. Na verdade, Bradford parece quase entusiasmado. Então, percebo que ele não sabe dos detalhes sórdidos – e *quer* saber. Não digo nada. Recuso-me a lhe dar essa satisfação.

– Então ela fez mesmo – fala Bradford.

Disso ele sabe agora, é claro. Minha vinda revelou que sim. Eu

lhe dei satisfação de qualquer maneira.

– Por sua causa. Você a matou.

– Como posso tê-la matado? Nunca a conheci. Não sabia sequer o nome dela até este exato momento.

– Você não a matou com as próprias mãos, mas fez isso... fez isso do jeito mais covarde. Como foi mesmo que você disse? “O oposto da bravura não é a covardia, mas o conformismo.” – Faço aspas no ar com os dedos. Esta parte eu também já havia planejado. – Eu diria que o oposto da bravura é você!

Pareço muito corajosa ao dizer isso. Nenhum sinal da bunda-mole que sou de verdade, prestes a desabar no chão com minhas pernas de gelatina.

A boca de Bradford se contorce, como se ele tivesse provado algo amargo. Mas então se recompõe, abrindo um sorriso dois pontos abaixo do que seria benevolente. Meu ouvido começa a zumbir e me ponho a suar em partes do corpo em que isso não costuma acontecer.

Ele me encara, correndo o polegar pelos próprios dedos. Suas unhas são bem cuidadas e aparadas, muito melhores do que as minhas, que estão estragadas de tanto esfregar pias e privadas.

– Você perdeu a sua melhor metade – diz ele. – Foi isso que escreveu. Era ela. Meg. A sua “melhor metade”. Agora está tentando se redimir, pois ela deixou você de fora da decisão.

Ele me pegou. Como sempre. Mesmo quando ainda estávamos trocando mensagens no fórum, Bradford conseguia ver além do que eu mostrava. De uma só tacada, revela a ingenuidade do meu plano de “apanhá-lo”. Perco a pouca força que me restava nas pernas e me afundo no sofá.

– Vá se foder! – xingo, pois qualquer roteiro que eu possa ter inventado é inútil a esta altura.

Bradford prossegue em sua voz quase delicada:

– Mas talvez você não queira dizer que ela era sua melhor metade. Talvez ela fosse a sua *outra* metade. – Ele toma um gole de

sua bebida. – Às vezes, conhecemos pessoas com as quais estabelecemos uma relação tão simbiótica que é como se fôssemos uma pessoa só, com uma só mente, um só destino.

Ele está falando comigo da mesma maneira que falava nos fóruns, fazendo rodeios, por isso demoro alguns instantes para entender o que está sugerindo.

– Você está dizendo que eu quero morrer, como Meg?

– Estou apenas repetindo suas palavras.

– Não! Você está colocando palavras na minha boca. Você *quer* que eu morra. Como quis que Meg morresse.

– Como eu "quis" que Meg morresse? – pergunta ele, agora fazendo aspas no ar também.

– Deixe-me ver: você disse a ela como arranjar o veneno. Como escrever um bilhete de suicídio. Como esconder seus planos da família. Como alertar a polícia. Como apagar e-mails incriminatórios. Disse a ela para não tomar antidepressivos, para não continuar vivendo.

– Nunca falei nada disso para ninguém.

– Você falou *tudo* isso para ela. Falou para *mim*!

– Cody... É Cody, não é? O que *exatamente* eu falei para você?

Minha mente entra em parafuso enquanto tento me lembrar das palavras exatas, mas a única coisa que me vem é um monte de citações idiotas.

– Agora estou lembrando... O planeta sem sol. Também não foi você quem escreveu isto? – pergunta ele.

Sim. Fui eu.

Ele se senta, acomodando-se como se estivesse prestes a assistir a um de seus filmes favoritos.

– Achei interessante a maneira como você colocou a questão. Quem iria querer continuar vivendo se o sol se apagasse? Mas, Cody, você sabe o que aconteceria se o sol de fato morresse?

– *Não* – respondo com um guincho. Como um camundongo.

– Em uma semana, a temperatura da Terra ficaria abaixo de

zero. Em um ano, estaria em 70 graus negativos. Camadas de gelo começariam a cobrir os oceanos. Não preciso nem dizer que as plantações entrariam em colapso. O gado morreria. As pessoas que não morressem de frio logo morreriam de fome. Um planeta sem sol, que é como você chamou a si mesma, não foi? Ele *já é* um planeta morto. Mesmo que ainda esteja por aí.

Eu sou um planeta sem sol. Já estou fria e morta. É isso que ele está dizendo. Então, eu deveria oficializar logo a coisa.

Mas, se fosse assim, como poderia sentir este calor que se espalha pelo meu corpo como uma corrente elétrica? Calor. O oposto do frio. O oposto da morte.

Ouço um barulho na porta e um garoto entra: espinhas, mochila nas costas e cara emburrada. A primeira coisa que me passa pela cabeça é que Bradford atrai pessoas para cá e que essa é mais uma das vítimas de All_BS. Só que desta vez estou aqui também, e posso salvá-lo. Não é tarde demais.

Mas então Bradford pergunta:

– O que você está fazendo aqui?

– Mamãe disse que você se enganou de novo em relação aos dias – responde o garoto. – Ela ficou puta da vida.

Ele me vê sentada ali e me encara com uma expressão intrigada.

– Vá para o seu quarto, já vou conversar com você – diz Bradford, ríspido.

– Posso usar o seu computador?

Bradford faz um meneio curto de cabeça. O menino desaparece em um corredor. Enquanto o observo ir embora, percebo quanto o apartamento é sem graça. A mesa de madeira com uma pilha de guardanapos no meio. As reproduções de pinturas genéricas penduradas nas paredes. Há também uma estante de livros desgastada; não está cheia de grandes obras filosóficas, mas de romances baratos, do tipo que você encontraria na sala de descanso do trabalho de Tricia. Vejo também um livro grande,

chamado *Bartlett's Familiar Quotations*, uma coletânea de citações, que está deitado de lado, então posso ver todos os *post-its* colados em suas páginas. É *dali* que ele tira as citações?

Ouço o som do computador iniciando, e é como se o meu cérebro estivesse sendo ligado também.

Condomínio ordinário, emprego de merda, cidade deprimente. A vida de Bradford é muito parecida com a minha. Com a exceção de que, todas as noites, ele vai para o computador e brinca de Deus.

– É melhor você ir embora – sugere Bradford.

O tom calmo e provocador desapareceu. Sua voz está gélida, como quando estávamos ao telefone e alguém o pegou de surpresa.

Ouço o filho dele (que deve ter 13, 14 anos, pouco mais novo do que eu) chamá-lo do final do corredor, pedindo um sanduíche.

A voz de Bradford soa tensa enquanto ele promete preparar um de peito de peru e queijo suíço. Ele torna a olhar para mim.

– É melhor você ir andando.

– O que você faria se alguém fizesse com ele o que você fez com Meg?

Por um instante, visualizo a cena: seu próprio filho, que gosta de sanduíches de peito de peru com queijo suíço, morto. Bradford sofrendo como os Garcias sofreram.

Ele se levanta e tenho certeza de que visualizou a cena que acabei de imaginar. Anda em minha direção, a veia do pescoço saltada. Eu deveria sentir medo. Mas não sinto.

Porque não quero que o filho dele morra. Isso não resolveria nada. Seria apenas mais um menino morto. E, de alguma forma, esse é o pensamento que me dá forças para levantar, passar por ele e ir embora.

• • •

Mantenho a compostura enquanto sigo pelo corredor, desço o

caminho de cascalho e passo pelos vizinhos que estão bebendo e, agora, ouvindo clássicos do rock nas alturas. Continuo firme até olhar de volta para o apartamento e imaginar o homem que fez Meg morrer – um monstro, um pai – preparando um sanduíche de peito de peru para o filho.

O choro que sinto chegando vem lá do fundo de mim, como se estivesse crescendo há dias, semanas, meses, ou talvez há muito mais tempo. Não consigo contê-lo, e não posso estar perto daquele homem quando ele chegar. Esse é o perigo.

Então saio correndo.

Corro pelas ruas poeirentas, levantando areia que sobe até o meu nariz. Alguém está vindo em minha direção. A princípio, acho que é uma miragem; tenho visto muitas delas ultimamente. Só que ela não desaparece à medida que me aproximo. Em vez disso, quando me vê chorando, começa a correr também.

– O que houve? – repete ele sem parar, os olhos repletos não só de preocupação, como de medo. – Ele machucou você?

Mesmo se eu conseguisse falar, não saberia o que dizer. Ele era um monstro e uma pessoa. Ele a matou e ela se matou. Eu encontrei Bradford, mas não encontrei nada. Estou engasgando em areia, poeira, ranho e agonia. Ben continua perguntando se ele fez alguma coisa comigo e eu quero tranquilizá-lo dizendo que ele não fez nada, não me machucou, abusou de mim ou nada parecido. O que enfim sai da minha garganta é "*Ele tem um filho*".

Tento explicar. Um filho adolescente. Um filho que ele protegia e amava enquanto convencia Meg a morrer e tentava fazer o mesmo comigo. Só que não consigo botar as palavras para fora. Mas Ben estava comigo ontem em Truckee. Talvez seja por isso que faz sentido para ele. Ou talvez seja porque sempre fizemos sentido um para o outro.

– Ai, Cody, que merda.

E então abre os braços automaticamente, como se fosse normal para ele abraçar as pessoas. E eu me aninho nos braços dele

automaticamente, como se fosse normal para mim ser abraçada. Enquanto ele me abraça, eu choro. Choro por Meg, que partiu para sempre da minha vida. Choro pelos Garcias, que talvez também tenham partido. Choro pelo pai que nunca tive e pela mãe que tive. Choro por Richard Locão e pela família com que ele cresceu. Choro por Ben e pela família com que ele não cresceu. E choro por mim.

38

Depois que me acalmo, vamos andando até um dos passeios à margem do rio. A noite já está caindo, mas lanchas e jet skis continuam zunindo para lá e para cá. O pujante Colorado parece mais um aqueduto pavimentado do que um grande rio. Como tudo nesta viagem, não é como eu esperava. Digo a Ben que não acredito que este é o majestoso rio Colorado.

– Vem cá – diz ele. E eu obedeço, descendo uma rampa até à beira d'água. – Quando eu era criança, tinha um mapa enorme em cima da minha cama. – Ele se ajoelha ao lado da água. – O rio Colorado começa nas montanhas Rochosas, atravessa o Grand Canyon e vai descendo até o golfo do México. Pode não parecer grande coisa aqui – ele se inclina e pega um pouco d'água com as mãos –, mas, quando você pega a água, meio que pega também um pedaço das montanhas Rochosas, do Grand Canyon.

Ele se vira para mim com as mãos ainda unidas em forma de cuia, acima das minhas. Ben separa as dele e a água do rio, que veio de lugares desconhecidos, cheia de histórias não contadas, flui dele para mim.

– Você sempre sabe o que dizer para eu me sentir melhor – comento, tão baixinho que penso que minhas palavras foram engolidas pelo barulho dos jet skis.

Mas ele ouve.

– Você não achava isso quando nos conhecemos.

Não. Ele está enganado. Porque, embora eu o tenha odiado, sempre houve algo em Ben McCallister que fazia com que eu me sentisse melhor. Talvez seja *por isso* que o odiei. Porque eu não deveria me sentir melhor. E certamente não por causa dele.

– Desculpe.

Ele estende a mão, segura meu pulso e eu agarro o dele, minhas próprias mãos ainda molhadas pelas águas do rio misterioso.

Não o solto, e ele tampouco, a água do rio continuando entre nós até voltarmos ao motel, onde, dentro do quarto quente demais, começamos a nos beijar. É um beijo tão sôfrego quanto o primeiro na casa dele, meses atrás, mas é diferente também. Como se estivéssemos nos abrindo para algo. Mais beijos. Minha blusa cai no chão, a de Ben cai em seguida. A sensação da sua pele nua contra a minha é espantosa. Quero mais. Arranco o jeans dele. Abro o zíper da minha saia.

Ben para de me beijar.

– Tem certeza?

Os olhos dele mudaram novamente, azul-escuros como os de um recém-nascido.

Tenho certeza.

Vamos para a cama, braços e pernas enroscados. Sinto na pele quanto ele está quente, duro, mas contido também.

– Você tem camisinha? – pergunto.

Ele se abaixa e tira um pacotinho de papel laminado da carteira.

– Tem certeza? – diz ele outra vez.

Eu o puxo para mim.

Quando acontece, começo a chorar.

– Quer que eu pare? – indaga Ben.

Não quero que ele pare. Embora a dor seja mais forte do que eu esperava, não choro por estar *doendo* tanto. Choro por estar *sentindo* tanto.

39

Depois, Ben pega no sono, prendendo-me na caverna dos seus braços. Deve estar uns 27 graus no quarto, o pobre ar-condicionado incapaz de fazer frente ao calor brutal do deserto. Além disso, o próprio Ben irradia calor como uma fornalha. Mas não saio do lugar, por mais que esteja quente e melada de suor. Quero continuar ali, e logo adormeço também. Acordo várias vezes durante a noite, os braços de Ben ainda ao meu redor.

Então, acordo de manhã e eles não estão mais ali. Sinto frio, embora o quarto, que nunca chegou a refrescar à noite, esteja começando a ficar quente outra vez. Me sento na cama. Não há sinal de Ben, mas as coisas dele estão em uma pilha bem organizada no canto do quarto.

Entro no chuveiro. Estou dolorida entre as pernas, minha virgindade recém-perdida. Meg adorava o fato de eu parecer durona e sexy, mesmo sendo virgem. E agora não sou mais. Se ela estivesse aqui, eu poderia lhe contar isso.

O chuveiro fica gelado, embora isso nada tenha a ver com a temperatura da água: percebo que não poderia contar a ela. Porque perdi a virgindade com *ele*. Com Ben. E ele foi dela primeiro, mesmo que só por uma vez.

Eu trepei com ela, foi o que ele disse.

Mas eu sou diferente. Eu e ele, nós ficamos amigos antes.

Então, me lembro do resto daquela conversa. *Antes de tudo ir pro cacete, nós éramos amigos*. E depois: *Quando você trepa com uma amiga, estraga tudo.*

Não. Nosso caso é diferente.

– Eu sou diferente – digo em voz alta no chuveiro.

Quase caio na gargalhada. Afinal, quantas outras garotas já tentaram se convencer disso sobre Ben McCallister para se sentirem melhor debaixo do chuveiro na manhã seguinte?

Rostos surgem diante de mim. O do meu pai. A expressão de ódio contra ele nos olhos daquela adolescente. A fúria no semblante de Bradford quando eu disse aquilo sobre o filho dele. Os vários níveis de repulsa que vi no rosto de Ben, certamente refletidos pelo meu próprio.

Penso em um dos primeiros e-mails que li dele. O que deu início a toda esta história.

Você precisa me deixar em paz.

Através das paredes finas, ouço a porta se abrir e fechar em seguida. Desligo o chuveiro, constrangida por estar no banheiro com todas as minhas roupas do lado de fora. Enrolo-me no máximo de toalhas que consigo e ando na ponta dos pés até a minha mochila.

– Ei – diz Ben.

Com o rabo do olho, vejo que ele também não está me fitando.

– Ei – respondo, olhando fixamente para a minha pilha de roupas.

Ele começa a dizer algo, mas eu o interrompo:

– Espere um pouco. Deixe eu colocar uma roupa.

– Ah, tudo bem.

No banheiro, visto a saia cortada e a blusa que estão sujas demais até para mim e passo um bom tempo me ajeitando e tentando não pensar em como, depois que eu sair, Ben não vai olhar para mim.

Respiro fundo e abro a porta. Ben está ocupado misturando algum tipo de bebida. Sem erguer os olhos, ele começa a falar super-rápido:

– Eu saí para ver se arranjava um café gelado. Parece que eles têm Starbucks aqui, mas ficam todas dentro dos cassinos e eu não estava a fim de conversa. Nenhum outro lugar tinha café gelado, nem a cafeteria. Então, no fim das contas, consegui um café mais

ou menos fresco e o meu próprio gelo, e parece que está dando certo.

Ele está falando a mil por hora e passa a tagarelar sobre café gelado em um nível de detalhe que eu só tinha ouvido antes de Alice. E ainda não olhou para mim.

– Pedi uma média de café com leite – continua ele. – Não sei por quê, mas gosto do meu café gelado com leite. Me faz lembrar sorvete ou algo assim.

Minha vontade é gritar: *Pare de falar sobre café!* Mas não faço isso. Apenas concordo com a cabeça.

– Quer ir de novo a um daqueles bufês recarregar as baterias antes de pegarmos a estrada ou prefere se separar o quanto antes?

Ontem Ben disse que a diferença entre nós dois é que ele aprendia com os seus erros. Ele tinha razão. E eu sou uma idiota.

– Acho melhor nos separarmos – respondo.

Os olhos de Ben faíscam por um instante, mas então se afastam depressa, como se eu tivesse dado a resposta certa.

– Sem problema. Como você quiser.

Eu quero você. Quero me deitar de volta na cama e sentir os braços dele ao meu redor. Mas sei que não é assim que funciona. Quando você dá para o barman, acabam as bebidas de graça. Aprendi isso com Tricia. Aprendi com Meg. Aprendi com o próprio Ben. Além do mais, ele me falou desde o início quem era; não posso dizer que não sabia.

– Na verdade, preciso ir para casa – digo a Ben.

– É para onde estamos indo. – Ele dobra uma camisa.

– Tipo, agora.

Ele olha para a colcha da cama praticamente feita em que não dormimos na noite passada.

– O carro precisa de gasolina, e provavelmente de óleo. – replica Ben. Sua voz soa mais dura, recuperando um pouco daquele velho grunhido. – Se está com tanta pressa, pode cuidar disso enquanto eu arrumo as coisas.

– Certo – respondo. Os braços dele, o conforto que eles me trouxeram, parecem muito distantes agora. – A gente se encontra no carro?

Ben joga o chaveiro para mim e eu o pego no ar. Ele faz menção de dizer algo, mas depois desiste, então pego minhas coisas e as carrego para fora. Estou botando gasolina quando meu celular toca e eu me apresso a pegá-lo. Ben. Isto é ridículo. Estamos sendo ridículos.

– Cody! Onde você se meteu? Era para você estar em casa dois dias atrás.

Não é ele. É Tricia. Assim que ouço a voz dela, sinto um nó na garganta.

– O que houve? – pergunta ela.

– Mãe?

– Cody, onde você está? – Ouço o medo na voz dela. Porque eu nunca, nunca a chamo de mãe.

– Preciso voltar para casa.

– Você está bem?

– Estou. Mas preciso voltar para casa. Agora.

– Onde você está?

– Em Laughlin.

– E onde fica isso?

– Em Nevada. Por favor… quero voltar para casa. – Estou prestes a desmoronar.

– Ok, querida, não chore. Vou dar um jeito. Laughlin, Nevada. Cody, aguente firme. Vou dar um jeito. Deixe seu telefone ligado.

Não faço ideia de como Tricia vai “dar um jeito”. Ela está tão sem grana quanto eu. Não sabe como usar um computador e não deve nem saber onde fica Nevada, quanto mais Laughlin. Mas, de alguma forma, me sinto melhor.

• • •

Quando volto, Ben já está me esperando no andar de baixo, em frente ao quarto. Pego os óculos escuros e coloco-os para esconder meus olhos vermelhos. Abro o porta-malas e ele acomoda nossa bagagem lá dentro.

– Eu dirijo – falo.

Talvez não seja uma boa ideia. Estou trêmula, mas, se estiver dirigindo, pelo menos terei algo em que me concentrar.

– Ok – resmunga Ben.

– Avise quando quiser parar para comer – digo formalmente.

Ele apenas assente.

No carro, Ben se concentra na música, mas o adaptador do iPod morreu, então só nos resta o rádio, que toca apenas músicas ruins. Ele enfim encontra uma canção dos Guns N' Roses, "Sweet Child o' Mine". Eu costumava gostar dessa música, mas agora, como todo o resto, ela está abrindo uma cratera no meu estômago.

– Minha mãe adorava essa música – comenta Ben.

Apenas meneio a cabeça.

– Ouça, Cody. – Isso soa exatamente como os Garcias e seus *E, Cody*.

Antes que eu possa responder, meu celular toca. Tento pegá-lo e ele cai no chão. Dou uma derrapada.

– Cuidado! – grita Ben.

– Atenda!

Ele pega o telefone, atabalhoado.

– Alô – diz, virando para mim em seguida. – É a sua mãe.

– Tricia – falo, pegando o celular.

– Você não devia dirigir e falar ao telefone ao mesmo tempo – ralha Ben.

Reviro os olhos, mas paro no acostamento.

– Onde você está agora?

Tricia não me pergunta quem atendeu nem por que não estou em Tacoma como falei que estaria. Nunca foi do feitio dela se preocupar com detalhes.

– Não sei. Devo estar a uns 30 quilômetros de Laughlin. Na Rodovia 95.

– Já passou de Las Vegas?

– Não. Ainda estou a 60, 65 quilômetros de lá.

Ouço-a suspirar, aliviada.

– Que bom. Tem um voo da Southwest à uma e meia saindo direto de Vegas para Spokane. Acha que consegue chegar a tempo?

– Acho que sim.

Ouço-a falar alguma coisa e, ao fundo, um monte de vozes.

– Ok, vou reservar o voo para você. Se perder esse, tem outro logo depois, mas com escala em Portland, então você teria que trocar de avião.

Tricia fala como se fosse uma espécie de agente de viagens, como se fizéssemos isso o tempo todo, quando na verdade eu nunca entrei em um avião antes.

– Me ligue assim que entrar no avião para eu saber a que horas devo apanhar você. Parece que eles não deixam mais a gente ficar no portão de desembarque, logo espero você na área de restituição de bagagem.

– Combinado – respondo, como se alguma parte disso fizesse sentido para mim.

– Vou mandar uma mensagem para você com as informações do voo – diz ela, e me sinto imediatamente grata a Raymond por ter lhe apresentado a essa tecnologia. – E nos vemos à tarde. Vou levar você para casa.

– Obrigada.

– Para que servem as mães?

Desligo e olho para Ben, que está me encarando, confuso, embora eu possa ver que ele ouviu os dois lados da conversa.

– Vou ficar em Vegas e fazer o resto da viagem de avião.

– Por quê?

– Vai ser mais fácil e mais rápido para você, que não vai precisar

fazer nenhum desvio.

O trajeto daqui para Seattle passa bem no meio da parte leste de Washington, onde moro, e agora ele vai precisar dirigir mais de 1.500 quilômetros sozinho. Mas *estou* tornando a coisa mais fácil para ele. Essa parte é verdade.

Passamos a próxima hora em silêncio. Chegamos ao aeroporto de Las Vegas por volta do meio-dia. Estaciono na área de carga e descarga, onde os carros estão parados lado a lado em fileiras de dois. Atrás de nós, motoristas buzinam loucamente, tentando nos apressar, como caubóis tocando gado. Pego minhas coisas e Ben sai do banco do carona, me observando.

Eu viro para Ben. Ele está encostado no carro. Sei que devo falar alguma coisa. Agradecer a ele. Libertá-lo. Ou talvez libertá-lo seja justamente a melhor maneira de lhe agradecer. Mas, antes que eu possa dizer algo, ele me pergunta:

– O que você está *fazendo*, Cody?

É doloroso. É muito, muito doloroso. Mas não está certo. Por vários motivos. Então eu lhe digo a mesma coisa que disse todos aqueles meses atrás, mas sem nenhuma petulância. Inclusive, talvez seja o que de melhor você pode desejar para alguém.

– Tenha uma vida boa.

Então, fecho a porta atrás de mim.

40

Tricia me apanha na área de restituição de bagagens, como havia prometido, e me leva para o carro. Assim que coloco o cinto de segurança, ela ordena:

– Desembuche.

Por mais estranho que pareça, não é com a parte sobre Ben que estou preocupada. Contar a Tricia que fugi para Nevada com um cara para quem entreguei de bandeja minha virgindade – isso sai fácil. Ela não fica encantada com a notícia, mas, assim que asseguro que usei proteção da forma adequada, fica aliviada porque não haverá gravidez e deixa o assunto pra lá.

– Mas o que você foi fazer em Laughlin? – pergunta ela.

Isso é que estou com medo de contar. E não pelo motivo que eu vinha dizendo a mim mesma, ou seja, que ela espalharia para a cidade inteira, embora provavelmente vá fazer isso.

Tricia foi comigo à maioria das cerimônias de Meg. Usou seu vestido preto ligeiramente sensual e ficou com os olhos marejados em todas as horas certas. Mas nós quase nunca falamos sobre a morte de Meg. Sobre o fato de Meg ter escolhido morrer. Tivemos apenas aquela conversa no meu quarto algumas semanas atrás. Sempre esteve bem claro que ela não quer falar nisso nem ouvir falar no assunto. Apesar de tudo o que disse sobre como eu e Meg somos diferentes, acho que ela tem medo de que não sejamos.

Quando finalmente lhe conto sobre Bradford e os fóruns do Solução Final, ela não parece tão surpresa.

– A Sra. Banks me disse que havia algo intenso acontecendo entre você e aquele computador.

– A Sra. Banks? Quando você falou com ela?

– Quem você acha que me ajudou a reservar sua passagem?

Então Tricia já estava falando a meu respeito pela cidade. Mas não me sinto mal por isso. Nem um pouco, na verdade. É como se eu tivesse aliados.

– Aliás, como foi seu primeiro voo de avião? – pergunta Tricia.

Passei toda a viagem retraçando mentalmente o caminho que Ben e eu fizemos em nosso trajeto de ida, tentando não pensar nele voltando sozinho.

– Foi ótimo.

Nós pegamos a I-90 e eu começo a falar sobre Bradford. Conto como me tornei uma isca, como ele foi persuasivo e criou uma câmara de ressonância na minha cabeça. Conto tudo o que aconteceu, exceto a minha ida a Truckee. Não sei bem por quê. Talvez para tentar poupá-la, mas não acho que seja isso. Eu perdi muita coisa nos últimos tempos, e quanto ao meu pai... bem, você não pode perder algo que nunca teve.

Fico esperando o tempo todo que Tricia fique furiosa, mas, quando lhe falo sobre algumas coisas que Bradford escreveu para mim, ela parece aterrorizada.

– E você ainda foi até lá confrontar esse sujeito?

Faço que sim com a cabeça.

– Não acredito... – fala ela, deixando a frase no ar. – Ainda bem que você está intacta.

– Desculpe, foi uma idiotice.

– É, foi mesmo. – Ela estende a mão para afagar meu rosto. – Também foi muito corajoso.

Consigo sorrir um pouco.

– Talvez.

Tricia faz o motor roncar e manobra para pegar a via rápida. Então, depois de um tempo, diz:

– Você precisa contar aos Garcias. Sabe disso, não sabe?

A tristeza e a culpa recaem sobre mim, tão rápido quanto um pôr do sol no inverno.

– Vai partir o coração deles.

– O coração deles já está partido – replica Tricia. – Mas talvez isso ajude a curar o seu. A esta altura, todos nos contentaríamos com isso.

• • •

Quando chegamos à cidade, Tricia passa direto pela nossa casa e, embora eu esteja exausta e prestes a me desfazer em um milhão de pedacinhos, deixo que ela me leve aonde quiser.

– Preciso trabalhar – avisa ela, parando em frente à casa dos Garcias. – A gente se vê mais tarde.

– Obrigada – agradeço.

Abraço-a, ainda sentada. Então, pego minha pasta com tudo sobre Meg, Bradford e o Solução Final e vou em direção à porta de entrada.

Scottie é quem atende.

– E aí, Runtmeyer? – falo com ternura.

– E aí, Cody? – diz ele, e parece constrangido, ou talvez feliz, por voltar a ouvir seu apelido. – É a Cody! – grita para dentro de casa.

Sue aparece, secando as mãos em um avental.

– Cody! Você finalmente apareceu para jantar. Posso fazer um prato para você?

– Talvez mais tarde. Preciso conversar com vocês.

O rosto dela fraqueja.

– Entre. Joe, Cody está aqui! Scottie, vá brincar lá em cima.

Scottie me olha com uma expressão contrariada e eu dou de ombros.

Joe e Sue vão para a sala escura, que tem uma mesa de madeira bonita em que costumávamos jantar em família. Agora, está coberta de pilhas de papéis e outros indícios de que não tem

sido usada.

– O que foi, Cody? – pergunta Joe.

– Preciso contar algumas coisas para vocês, sobre Meg. Sobre a morte dela.

Os dois assentem e dão as mãos.

– Sei que ela se matou. Não estou dizendo que não. Mas vocês precisam saber que ela estava envolvida com um certo grupo... Eles se consideram um grupo de apoio para suicidas, mas do tipo que incentiva as pessoas a se matarem, e acho que foi por isso que ela fez o que fez.

Fico observando-os, esperando reações horrorizadas, mas eles continuam serenos, curiosos, esperando que eu prossiga. É então que a ficha cai: isso não é novidade.

– Vocês já sabiam?

– Já – responde Sue, tranquila. – Estava no relatório da polícia.

– Estava?

Sue aquiesce.

– Eles disseram que isso explicava como ela arranjou o veneno. É comum nesses grupos.

– A Solução Final – Joe praticamente cospe as palavras. – Era assim que os nazistas chamavam o Holocausto. Meg sabia disso. Não consigo acreditar que ela tenha entrado para um grupo que usa isso como nome.

– Joe. – Sue pousa a mão no braço dele.

– Então a polícia encontrou os arquivos encriptados? Eles sabem sobre Bradford?

Fico confusa. Bradford não parecia saber nada sobre a morte de Meg.

Agora Joe e Sue também parecem confusos.

– Que arquivos?

– Os arquivos que estavam no computador de Meg. Na lixeira.

– Não sei de nada disso – fala Sue. – Eles apenas disseram ter descoberto provas de que Meg estava envolvida com esse grupo

após analisarem o histórico de pesquisas dela na internet.

– Quem é Bradford? – pergunta Joe.

– Bradford Smith.

Eles me encaram, ainda sem entender.

– É ele, o sujeito dos fóruns. Vocês não disseram que a polícia sabia disso?

– Eles disseram que ela estava envolvida com essa gente doentia que se aproveita de pessoas vulneráveis como Meg, incentivando-as a cometer suicídio – responde Joe.

– Mas vocês não sabem a respeito de Bradford? – Eles balançam a cabeça. – Bradford Smith? Usuário dos fóruns, conhecido como All_BS? – Nem sinal de reconhecimento. – Foi ele que a ajudou, que a coagiu. Era como se fosse o mentor da morte de Meg. Ele a persuadiu, lhe deu conselhos.

Sue torna a assentir.

– Sim. É assim que esses grupos funcionam.

– Mas não foi o grupo. Foi ele.

– Como sabe disso tudo, Cody? – questiona Joe.

Volto atrás para explicar melhor. O arquivo encriptado, que me levou aos fóruns do Solução Final, que me levou ao *nickname* Firefly1021, que me levou a All_BS.

– Passei horas naqueles fóruns, tentando fazê-lo sair da toca. Demorou um pouco, mas consegui. Então, fiz com que o homem acreditasse que eu era como Meg e consegui enganá-lo a ponto de ele telefonar para mim. Ele foi cauteloso: fez a ligação pelo Skype através de um tablet, mas consegui rastrear a chamada e descobri onde o cara trabalha e onde ele mora.

Eles continuam a me encarar.

– Você fez tudo isso sozinha? – pergunta Sue.

– Não exatamente. Harry Kang, o ex-colega de república de Meg, cuidou de toda a parte técnica, e outra pessoa me levou de carro até Laughlin para eu me encontrar com Bradford...

– Você foi encontrar esse homem? – Joe me interrompe.

– É o que estou tentando contar para vocês. Acabo de voltar de lá.

– Cody! – Sue me repreende com o mesmo tom de voz que usaria para repreender Meg e eu por termos voltado tarde demais para casa ou dirigido rápido demais. – Isso foi *muito* perigoso.

Joe e Sue estão me observando agora com preocupação, como se eu fosse filha deles. E, por mais que eu tenha sentido falta disso, muita falta, não quero que eles me olhem assim. Não quero ser a filha de Sue e Joe. Não quero ser o anjo vingador deles!

– Vocês não entendem?! Esse homem é o culpado! Meg não estaria morta se não fosse por ele.

– Ele mandou Meg se matar? – pergunta Joe. – Ele a ajudou a fazer isso?

– Sim! E tentou me ajudar também! Olhem.

Abro minha pasta de arquivos para mostrar os bilhetes, as mensagens. Mas, à medida que leio o que ele escreveu para Meg e para mim, tudo o que vejo é um monte de citações de outras pessoas. Links para outras páginas. Tudo implícito. Ele não mandou Meg usar veneno. Não o comprou para ela. Não me ofereceu nenhum conselho específico além de receitas de remédios caseiros para resfriado. Em nenhum momento disse claramente para mim: "Você deveria se matar."

Nunca falei nada disso para ninguém, ouço-o falar. Ele estava praticamente zombando da minha cara quando perguntou que tipo de conselho específico tinha dado. Lembro que eu quis que Bradford me perguntasse sobre o método que eu havia escolhido, mas ele nunca fez isso.

Mas isso não muda nada. Ele ainda é responsável.

– Foi ele – insisto. – Meg não teria se matado se não fosse por ele. *Ele* foi o motivo.

Joe e Sue se entreolham, depois me encaram. Então Sue me fala exatamente o que Tree disse algumas semanas atrás, quando não lhe dei ouvidos. Há quanto tempo eu vinha me recusando a

ouvir?

– Meg sofria de depressão, Cody – explica Sue. – Ela teve seu primeiro episódio clínico no segundo ano do ensino médio. Teve outro ano passado.

No segundo ano, quando ela ficou o tempo todo de cama.

– A mononucleose?

Sue assente, então balança a cabeça.

– Não foi mononucleose.

– Por quê? Por que ela não me contou?

Sue cutuca o próprio peito.

– Eu venho lutando contra isso há muito, muito tempo. Não só contra a depressão, mas contra o estigma da doença em uma cidade pequena, e eu não queria que ela carregasse esse peso nas costas aos 15 anos. – Sue se detém. – Para ser sincera, o que eu não queria era que ela carregasse nas costas uma doença que recebeu de mim. Então, nós mantivemos segredo.

Joe baixa os olhos para a mesa.

– Achávamos estar fazendo o melhor para ela na época.

– Nós a fizemos tomar antidepressivos, é claro – continua Sue. – E ela melhorou. Tanto que quis parar de tomá-los depois que terminou o ensino médio. Tentamos convencê-la do contrário. Sei como é a depressão; não é algo que você tem uma vez e nunca mais volta.

As alterações de humor de Sue. Os cheiros pela casa. *Depressão. Então é assim que ela é?*

– Percebemos que havia algo de errado assim que ela foi para lá – revela Joe. – Ela dormia o tempo todo, faltava às aulas.

– Tentamos obter ajuda para ela, colocá-la de volta nos trilhos – prosseguiu Sue. – Estávamos pensando em obrigá-la a trancar um período. Conversamos sobre o assunto, ou melhor, brigamos sobre ele, durante todo o recesso de inverno.

– Foi por isso que não chamamos você – explica Joe.

As férias de inverno. *Meus pais estão me deixando louca*.

– Tínhamos decidido impor nossa vontade se ela não tomasse uma atitude. Trazer ela para casa se necessário, mesmo que isso significasse perder a bolsa de estudos. Mas, durante o Ano-Novo, ela pareceu ter uma melhora. Só que não era isso. Ela estava planejando sua fuga.

– Eu não sabia – confesso.

– Nenhum de nós sabia – afirma Sue, começando a chorar.

Ela era minha melhor amiga. Se eu tivesse estado lá, durante o recesso de inverno ou durante o período escolar, poderia ter ficado sabendo. Sobre a depressão dela, sobre como ela estava mal. Poderia ter sido diferente. Talvez ela ainda estivesse aqui.

– *Eu não sabia* – repito, mas desta vez minha voz sai como um uivo lancinante.

E então minha dor arrebenta como um aneurisma, espalhando sangue por todo o lado.

Joe e Sue me veem sangrar e é como se finalmente entendessem.

Joe se estica para pegar minha mão enquanto Sue diz as palavras que tenho ansiado por ouvir:

– Ah, querida, não, não, não. Não foi você. Não é culpa *sua*.

– Eu iria me mudar para Seattle – falo entre soluços. – Nós teríamos uma vida maravilhosa juntas, mas...

Não sei como terminar. Eu não tinha dinheiro. Fiquei com medo. Continuei presa aqui. Então ela foi. E eu fiquei.

– Não! – exclama Joe. – Não foi por isso. Você era tudo para ela. Você era o alicerce dela aqui.

– Mas *foi* por isso. Vocês não entendem? – grito. – Quando ela foi embora, eu fiquei com raiva. Principalmente de mim, mas descontei nela. Eu não estava ao lado de Meg quando ela precisou de mim. Se estivesse, ela recorreria a mim e não a ele.

– Não, Cody – diz Sue. – Ela não teria feito isso.

A voz de Sue é arrasadoramente taxativa. *Ela não teria feito isso*. Meg teria guardado o seu segredo, como sempre o fizera.

Joe pigarreia, o que é sua maneira de conter as lágrimas.

– Eu entendo por que você foi atrás desse sujeito, Cody. Porque, se tivesse sido esse tal de Bradford, outra pessoa a teria matado. Não ela própria. Então talvez pudéssemos sofrer sua perda com um simples coração partido, sem complicações.

Ergo os olhos para Joe. Meu Deus, como eu sinto falta de Meg. Mas sinto muita raiva dela também. Se não consigo perdoá-la, como conseguirei perdoar a mim mesma?

– Se não estivesse doente, Meg não teria caído na teia daquele homem – afirma Sue, encarando Joe com uma expressão suplicante. – Ele não teria tido nenhum poder sobre ela. Olhe para Cody. Ela entrou nos fóruns, se envolveu com aquele homem. Acabamos de ler as mensagens. – Sue se volta para mim. – E você continua aqui.

Não! Eles não entendem. Como ele se enfia na sua cabeça, faz jogos mentais, cutuca todos os seus pontos fracos. Eu também poderia ser outra vítima dele.

Mas então olho ao redor. Estou sentada à mesa de jantar em que comi tantas refeições ao longo dos anos. Meg não está entre nós. Os últimos meses têm sido um inferno. Mas Sue tem razão: eu continuo aqui.

A pasta está aberta, as páginas espalhadas. Tudo pelo que passei para conseguir isso – a toca de coelho em que mergulhei com Bradford. Achava que fosse uma prova da força dele. Mas talvez tenha sido minha própria força sendo testada.

Eu continuo aqui.

Guardo as folhas de volta na pasta e deslizo-a em direção a Joe.

– Acho que para mim já chega. Façam o que acharem melhor com esse material.

Ele pega a pasta.

– Vamos levá-la à polícia amanhã logo cedo.

Faz-se um breve silêncio. Então, Sue diz “E, Cody...”, mas desta vez não sinto raiva.

– ... obrigada – conclui ela.

Sue e Joe se levantam e me abraçam bem forte, e nós três começamos a chorar. Ficamos assim por um longo tempo, até que Sue fala:

– Você está pele e osso, Cody. Vou lhe dar algo para comer.

Me recosto na cadeira estofada. Não estou com fome, mas aceito a comida. Sue vai até a cozinha. Joe continua comigo.

– Você deveria ter nos contado.

– Vocês também – retruco.

Ele assente.

– E Scottie... Vocês deveriam contar – afirmo. – Ele já sabe. Quero dizer, não dos detalhes, mas suspeita que alguém tenha ajudado Meg. Foi ele quem me abriu os olhos.

Joe coça o queixo por alguns instantes, admirado.

– Crianças percebem tudo. Não importa quanto você tente protegê-las. – Ele suspira. – Temos conversado com famílias de outras vítimas de suicídio. Falado às claras sobre o assunto. É a única coisa que parece ajudar. – Ele agarra minha mão com tanta força que o metal da sua aliança deixa uma marca na minha pele. – Vou conversar com Scottie.

Sue volta da cozinha. Coloca um prato cheio na minha frente, uma espécie de cozido.

Provo uma garfada.

– É caseiro – garante Sue.

Então sorri. Deve ser o sorriso mais fraco que já vi na vida, mas está ali.

Dou outra garfada. Estou com fome, no fim das contas.

41

Durmo às nove da noite, sem trocar de roupa, e quando acordo às cinco da madrugada, Tricia está dormindo à mesa da cozinha. Cutuco de leve seu pulso.

– Chegou em casa agora há pouco? – pergunto.

Ela dá de ombros, sonolenta e confusa.

– Estava esperando por mim?

Ela torna a dar de ombros.

– Mais ou menos.

– Pode ir para a cama agora. Estou bem.

– Está? – Ela boceja. – Como foi com Joe e Sue?

– Foi bom. Mais tarde eu conto, quando você estiver semiconsciente.

– Semiconsciente – repete ela, e fica séria: – Mas você está bem?

Faço que sim com a cabeça.

– Estou bem. – Já venho dizendo isso há um bom tempo, mas agora entendo que é verdade.

– Vamos tomar café da manhã daqui a algumas horas. Na lanchonete? – sugere ela.

– Parece ótimo.

Tricia se arrasta até a cama. Desfaço a mala e faço uma pilha com as roupas sujas. Vou ter que dar um pulo na lavanderia hoje ou, quem sabe, pergunto à Sra. Chandler se posso bater uma máquina na casa dela no dia da próxima faxina. As pessoas têm sido bastante generosas nas vezes em que precisei de ajuda. Preparo um bule de café e saio para a varanda da frente enquanto ele fica pronto.

O dia está raiando. As colinas estão rosadas com as primeiras pinceladas de luz matinal, embora uma camada de névoa ainda cubra o solo. Não há quase ninguém na rua a esta hora; nenhum carro, com exceção da caminhonete do entregador de jornais.

Ouço outro veículo ao longe, o ruído familiar do motor, embora não seja do Explorer dos Garcias nem do Camry caquético de Tricia, que se encontra estacionado na entrada. Ele passa batido pelo próximo quarteirão e não consigo acreditar no que estou vendo. Não. Não é possível.

Mas então faz o contorno e volta a descer o quarteirão seguinte, devagar, como se estivesse perdido. Levanto da varanda e ando até a rua. O carro para de repente e fica ali, no meio do asfalto, com o motor ligado, antes de subir o quarteirão de volta de marcha a ré e fazer a curva para a minha rua, parando bem em frente ao meio-fio em que estou de pé.

Ele está um caco. Uma barba de um dia no rosto e quem sabe quantos meses de noites insones que lhe deram olheiras. Talvez ele tivesse ficado nesse estado lastimável durante a viagem e eu não tenha notado porque foi acontecendo aos poucos, mas o Ben que sai do carro é uma versão quase irreconhecível daquele cara bonito que vi grunhir nos palcos alguns meses atrás.

– O que está fazendo aqui? – pergunto.

– O que acha que estou fazendo aqui? – Ele soa tão devastado que é de cortar o coração. – Tendo uma vida boa?

– *Como* você está aqui? São, tipo, 24 horas de viagem. – Calculo quanto tempo faz que o deixei em Las Vegas ontem: há pouco mais de dezessete horas.

– São 24 horas se você parar.

Isso explica tudo. Dirigir a noite inteira sozinho pode fazer você envelhecer um ano em um dia.

– Como você sabia onde me encontrar?

Ele esfrega os olhos com a base das mãos.

– Meg me contou onde morava. A cidade é bem pequena. – Ele

faz uma pausa. – Sempre soube onde encontrar você, Cody.

– Ah.

Ele parece muito exausto. Quero trazê-lo para dentro de casa, deitá-lo na minha cama, botá-lo debaixo dos lençóis e tocar seus cílios antes de eles se fecharem para dormir.

– Por que você fugiu daquele jeito?

Não sei o que dizer. Estava feliz. Estava com medo. Estava chocada. Coloco as mãos no peito, na esperança de que isso seja explicação suficiente.

Ficamos parados ali por alguns instantes.

– Eu estive com os pais de Meg – falo, enfim. – Contei sobre Bradford. Aparentemente, a polícia já havia contado a eles sobre o envolvimento de Meg com as pessoas do Solução Final.

Os olhos pesados de Ben se arregalam de surpresa.

– Eles também me disseram que Meg sofria de depressão. Havia tido um episódio depressivo no ensino médio que eu não percebi, por mais que estivesse ao lado dela e fosse sua melhor amiga. E teve outro logo que se mudou para Tacoma. Antes de conhecer você. – Eu o encaro. Seus olhos, como a pele debaixo deles, parecem feridos. – Então, ao que parece, não foi culpa sua. Nem minha. – Tento dizer essa última parte em um tom irreverente, mas minha voz falha.

– Nunca pensei que tivesse sido culpa sua – afirma Ben com brandura. – Mas percebi com o tempo que também não era culpa minha.

– Mas você disse que a morte dela pesava na sua consciência.

– E pesa. Sempre vai pesar. Mas não acho que eu tivesse tanta importância a ponto de causá-la. Além disso... – Ele deixa a frase no ar.

– Além disso, o quê?

– Não consigo deixar de pensar que, se fosse minha culpa, isso não teria trazido você para a minha vida.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

– Estou apaixonado por você, Cody. Sei que essa história toda é complicada e confusa de um jeito totalmente bizarro. A morte de Meg foi uma tragédia e um desperdício do pior tipo, mas não quero perder você só porque a encontrei desse jeito tão bizarro.

Agora estou chorando.

– Ben McCallister, você não presta. Me faz chorar mais do que praticamente qualquer outra pessoa que eu tenha conhecido – digo, mas vou em direção a ele.

– Eu também derramei algumas lágrimas na noite passada. – Ele se aproxima de mim.

– Aposto que sim. Mais de 1.500 quilômetros sem iPod.

– Pois é. Era a música que estava faltando. – Ele chega um passo mais perto. – Eu não devia ter deixado você ir embora. Devia ter dito alguma coisa ontem, mas foi intenso para mim também, e você me deu medo, Cody. Você me dá bastante medo.

– Isso é porque você é um otário da cidade grande. Otários da cidade grande sempre têm medo.

– Foi o que ouvi dizer.

– Bem, você também me dá medo.

Abro os braços para ele. E, como sempre acontece quando me permito ser eu mesma com Ben McCallister, medo é o oposto do que eu sinto.

Ficamos abraçados no ar matinal. Ele afasta uma mecha de cabelo dos meus olhos, beija a minha têmpora.

– Estou bastante fragilizada agora – aviso. – Tudo está meio que desmoronando ao mesmo tempo.

Ben assente. Para ele também.

– E isto pode ser difícil – continuo. – “Complicado e confuso de um jeito totalmente bizarro”, como você diz.

– Eu sei. Vamos ter que aguentar firme, vaqueira.

– Vamos ter que aguentar firme – repito, descansando a cabeça contra ele. O corpo inteiro dele relaxa. – Quer entrar? Dormir um pouco?

Ele balança a cabeça.

– Talvez mais tarde.

O sol está nascendo e a névoa da madrugada já se dissipou. Pego a mão dele.

– Venha.

– Para onde vamos?

– Dar uma caminhada. Quero mostrar a cidade para você. Tem uma nave espacial muito louca no parque, a vista lá de cima parece não acabar nunca.

Entrelaço meus dedos nos dele e começamos a andar. Rumo ao meu passado. Rumo ao meu futuro.

Epílogo

No ano seguinte à morte de Meg, nós lhe permitimos descansar em paz.

Organizamos uma última cerimônia. Não há velas, nenhum hino de louvor, nem sequer uma autoridade religiosa para celebrá-la. Mas Meg está presente. Joe e Sue decidiram cremá-la, e agora suas cinzas serão espalhadas por vários lugares que ela amava. Eles chegaram a um acordo com o cemitério católico para que ela possa ter um túmulo ali, desde que não haja corpo.

Hoje, vamos jogar parte delas sobre as colinas do Pioneer Park. Os amigos locais de Meg estarão lá, bem como várias pessoas de Seattle e, naturalmente, seus amigos de Cascades.

Alice me pegou no alojamento e veio de carro comigo na noite passada, e Tricia me recebeu em casa como se eu estivesse longe há dois anos, em vez de dois meses. Desde que entrei para a faculdade, ela vem me mandando torpedos quase todos os dias. (Raymond já é coisa do passado, mas o seu legado de torpedos permanece.) Mas ela parece feliz por mim, por eu haver tentado a sorte e me candidatado a (e implorado para) ser admitida no meio do período na Universidade de Washington.

– Não vou poder pedir nenhuma bolsa de estudos, e provavelmente nem muitos subsídios. Vou ter que pegar empréstimos – falei para ela.

– Nós duas vamos pegar empréstimos. Existem coisas piores

para se ter nas costas do que uma dívida.

• • •

Alice está indecisa quanto ao que vestir, arrependida por não ter trazido nada preto, por mais que eu garanta a ela que não é esse tipo de cerimônia. Todos já vestimos preto o suficiente. Até Tricia arranjou um vestido novo numa liquidação; ele é turquesa.

– O que você vai vestir? – pergunta Alice.

– Devo ir de jeans.

– Você não pode ir de jeans!

– Por que não?

Alice não tem resposta para isso.

– Quando o resto do povo vai chegar?

– Richard chegou ontem à noite. Ben saiu hoje de manhã cedo. Ele vai nos encontrar no parque. Disse que Harry vai pegar carona com ele.

– Mal vejo Harry ultimamente. Ele conseguiu um estágio na Microsoft, então nunca está no campus.

– Eu sei. Nós nos falamos semana passada.

Harry me telefonou para avisar que, após ser alvo de tantas investigações, os fóruns do Solução Final foram desativados. Esse foi o único resultado concreto de tudo o que aconteceu. A polícia interrogou Bradford Smith, chegando até a confiscar seu computador. Foi um prazer imaginar sua expressão indignada degenerar em medo quando os policiais bateram à sua porta, quando levaram seus arquivos. Ele deve ter sabido que eu era a pessoa por trás disso, o planeta sem sol que, no fim das contas, ainda tinha alguma luz de sobra.

Mas não houve nenhuma acusação. Bradford foi muito cauteloso e não violou nenhuma lei. Usou palavras de terceiros, links para sites anônimos. Não havia evidências suficientes para incriminá-lo.

Antes de os fóruns serem desativados, cheguei a entrar neles algumas vezes para procurar por All_BS, mas não o encontrei. Ele poderia ter mudado de *nickname* ou trocado de grupo, mas, por algum motivo, não me parecia ser o caso. Pelo menos por ora, acredito que o silenciei.

Joe e Sue consultaram advogados e, segundo eles, talvez eu tivesse reunido evidências suficientes para dar entrada em um processo civil. Os dois estão pensando no assunto, mas Sue acha que não tem estômago para a briga. Isso não vai trazer Meg de volta. Para ela, não precisamos de vingança, mas de perdão. Tenho pensado muito no sermão de Jerry ultimamente. Talvez Sue tenha razão. Embora Bradford Smith não seja a pessoa que nenhum de nós precisa perdoar.

Tricia para em frente à minha porta, toda emperiquitada em seu novo vestido que vai fazê-la morrer de frio, com saltos que ficarão enlameados pelo caminho. Ela está bonita. Olha para Alice, olha para mim, olha para a foto de Meg, para o retrato de nós duas ainda crianças, no rodeio, que resolvi deixar na parede.

– Vamos lá – diz ela.

• • •

Subimos a trilha do Pioneer Park até a pequena clareira no bosque. Consigo ouvir Samson latir ao longe. À beira de uma curva, vejo Joe e Sue conversando com as pessoas que conheceram em seu grupo de apoio para amigos e familiares de suicidas. Músicos de Seattle estão afinando seus instrumentos. Scottie está brincando de fazer embaixadinhas com Richard e Harry. Sharon Devonne e alguns outros conhecidos de Meg da escola estão conversando com a Sra. Banks e seu marido. Alexis e o noivo dela, Ryan, que já está de volta do Afeganistão, seguram as mãos de uma garotinha, Felicity. Fico um pouco surpresa ao ver Tammy Henthoff aqui, sozinha. Ela

cruza olhares comigo e fazemos um cumprimento de cabeça.

Ben está um pouco mais afastado, olhando colina abaixo. Acompanho o olhar dele até a nave espacial e, no mesmo instante, viramos para nos entreolharmos. Não sei dizer como tanta coisa pode ser comunicada com um simples olhar, mas é o que acontece. *Complicado e confuso de um jeito totalmente bizarro* é uma ótima maneira de descrever. Mas talvez o amor seja assim mesmo.

Preparada?, pergunta ele, apenas articulando a palavra.

Faço que sim. Estou preparada. Logo os músicos se juntarão para tocar a canção de Bishop Allen sobre vaga-lumes e perdão, eu farei um elogio fúnebre à minha amiga e nós espalharemos o que restou dela ao vento. E então desceremos a colina, passando pela nave espacial, até chegarmos ao seu túmulo no cemitério, onde uma lápide trará o seguinte epitáfio:

Megan Luisa Garcia
EU ESTIVE AQUI

Nota da autora

Muitos anos atrás, escrevi um artigo sobre suicídio para o qual entrevistei amigos e familiares de jovens mulheres que haviam se matado. Foi então que “conheci” Suzy Gonzales, embora não a tenha conhecido de fato, pois ela já estava morta havia alguns anos. À medida que ouvia amigos e parentes falarem sobre Suzy, muitas vezes eu me esquecia do tema do artigo em que estava trabalhando. O retrato que eles pintavam era de uma jovem de 19 anos inteligente, criativa, carismática e inconformista – o tipo de garota que eu poderia entrevistar por estar publicando seu romance de estreia, lançando seu primeiro álbum ou dirigindo um filme independente dos mais legais. Olhando de fora, ela não me parecia – e nem às pessoas que entrevistei – alguém que pudesse cometer suicídio.

Exceto por um detalhe: como todas as outras jovens cujo perfil tracei naquele artigo, Suzy sofria de depressão. Quando começou a ter pensamentos suicidas, foi ao centro de saúde da universidade em que estudava em busca de ajuda, mas acabou depositando sua confiança em um grupo de “apoio” a suicidas, no qual não só aplaudiram sua iniciativa de se matar, como lhe deram conselhos sobre como fazê-lo.

Nunca consegui parar de pensar em Suzy, no artigo que poderia ter escrito a respeito dela – no livro que ela poderia ter publicado, na banda da qual poderia ter sido a vocalista, no filme que poderia ter

dirigido se ela tivesse obtido o tratamento adequado para a doença. Uma doença que lhe causara tanto sofrimento que a única maneira de aliviar a dor parecia ser dar fim à própria vida.

Mais de uma década depois, Suzy serviu de inspiração para uma personagem: Meg. E, a partir de Meg, veio Cody, a heroína de *Eu estive aqui*. Cody é uma jovem arrasada pela morte da melhor amiga. Em meio à angústia e à dor da perda, só lhe restam a tristeza, a raiva, o arrependimento e perguntas que nunca serão respondidas. Cody e Meg são fictícias, mas isso não me impede de fazer o seguinte questionamento: se Meg soubesse o que seu suicídio causaria à melhor amiga, à família, ela teria se matado assim mesmo? Também me pergunto se, mergulhada nas profundezas de sua depressão, Meg seria capaz de entender a extensão do impacto que causaria.

Infelizmente, nesse cenário, o Brasil tem um lugar de destaque. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é o oitavo país com maior índice de suicídio. De acordo com um estudo de 2014, cerca de 800 mil pessoas morrem vítimas da depressão. Além disso, uma pesquisa do núcleo de epidemiologia psiquiátrica da Universidade de São Paulo concluiu que 9,5% da população urbana brasileira já tiveram pensamentos suicidas e 3,1% atentaram contra a própria vida.

Segundo a Fundação Americana para a Prevenção do Suicídio, a esmagadora maioria das pessoas que cometem suicídio (90% ou mais) sofre de algum distúrbio mental no período que antecede a morte. Entre os suicidas, o mais comum é a depressão, embora o transtorno bipolar e a toxicomania também sejam fatores de risco. Muitas vezes, essas doenças permanecem não diagnosticadas e não tratadas até a morte.

Note que as estou chamando de *doenças*. Da mesma forma que a pneumonia é uma doença. Mas, no caso dos distúrbios mentais, o assunto é mais delicado, pois “é tudo coisa da sua cabeça”. Só que não. Pesquisadores já demonstraram existir relação entre um maior

risco de suicídio e alterações em substâncias químicas do cérebro chamadas neurotransmissores, como a serotonina. Esse problema fisiológico causa reações mentais (e físicas) que podem fazer você se sentir terrivelmente mal e, como a pneumonia, pode levar à morte se não for tratado.

Felizmente, existem tratamentos; o mais comum é uma combinação de terapia e medicamentos reguladores do humor. Recusar tratamento para depressão ou transtorno de humor é como receber um diagnóstico de pneumonia e se recusar a tomar antibióticos. Fazer o que Meg e Suzy fizeram, por sua vez, seria como receber um diagnóstico de pneumonia, entrar na internet e buscar conselhos sobre como fumar um maço de cigarros por dia enquanto se corre debaixo de chuva. Você por acaso faria algo assim?

Nem todas as pessoas que sofrem de depressão cometerão suicídio. A grande maioria, não. E nem todo mundo que se pergunta em algum momento como seria morrer é necessariamente suicida. Acho que Richard tem razão quando diz: “Todo mundo já passou por isso.” Acredito que todos nós temos dias ou semanas tão ruins que às vezes fantasiamos sobre simplesmente não existir. Isso é diferente de ter a mente controlada por pensamentos suicidas, vê-los se transformarem em planos e, por fim, em tentativas concretas. Segundo a OMS, 90% dos suicídios podem ser evitados, e boa parte das pessoas dá indícios de que pensam em cometê-lo.

Como Cody e Richard, eu já passei por isso. Tive meus dias ruins. Mas nunca cogitei seriamente me suicidar. O que não quer dizer que minha vida nunca tenha sido afetada por essa questão. Muito tempo atrás, uma pessoa bastante próxima de mim tentou suicídio. Ele buscou ajuda e teve a oportunidade de levar uma vida longa e feliz. O suicídio é como um espelho de duas faces. No caso de Suzy e Meg, vejo o fantasma da vida que elas não puderam viver. No caso que mencionei, vejo o outro lado: a possibilidade de uma vida plena e feliz.

A vida pode ser difícil, bonita e caótica, mas, com um pouco de sorte, a sua será longa. Se for, você verá que é também imprevisível e que há momentos de escuridão. Mas eles passam, às vezes graças a muito apoio externo, e o túnel se alarga, permitindo que os raios de sol entrem. Se você estiver na escuridão, pode parecer que vai continuar nela para sempre. Tateando às cegas. Sozinho. Mas não vai – e não está sozinho. Há muitas pessoas dispostas a ajudá-lo a voltar à luz. Veja como encontrá-las:

Se você estiver sofrendo e precisando de ajuda, o primeiro passo é contar para alguém. Procure seus pais, irmãos mais velhos, tios, tias ou qualquer adulto de confiança: um pastor ou padre, o psicológo de sua escola, um médico ou profissional da área de saúde, um amigo da família. Esse é o *primeiro* passo, e não o último. Abrir-se com alguém não é suficiente. Depois que você contar seu problema a essa pessoa, ela poderá ajudá-lo a encontrar a ajuda e o apoio de que precisa.

Se não puder buscar a ajuda de um adulto ou se não souber o que fazer em seguida em relação a você mesmo ou a um ente querido, entre em contato com o Centro de Valorização da Vida (http://cvv.org.br/site/divida-com-a-gente.html), uma das ONGs mais antigas do Brasil. Fundado em 1962 por um grupo de voluntários, foi reconhecido como uma organização de utilidade pública federal e é associado ao Befrienders Worldwide, entidade que congrega instituições de apoio emocional e prevenção do suicídio em todo o mundo.

Agradecimentos

Este é o espaço em que os autores costumam agradecer às pessoas que ajudaram na criação de seu livro. Mas acredito que existem dois tipos de agradecimento: aquele em que você demonstra gratidão e aquele em que, além disso, você reconhece a contribuição de outras pessoas. Então gostaria de ressaltar que meu agradecimento se enquadra no segundo tipo, que me parece o mais verdadeiro. Obrigada a todos que me ajudaram a tornar *Eu estive aqui* realidade.

Agradeço a Michael Bourret, cujo apoio, sinceridade e amizade me dão coragem – e fazem com que eu queira me tornar ainda mais corajosa.

Agradeço a toda a equipe do Penguin Young Readers Group. Este é nosso quinto livro, e sétimo ano, juntos. A esta altura, parece mais um casamento, embora com muitas irmãs/esposas (e até alguns maridos): Erin Berger, Nancy Brennan, Danielle Calotta, Kristin Gilson, Anna Jarzab, Eileen Kreit, Jen Loja, Elyse Marshall, Janet Pascal, Emily Romero, Leila Sales, Kaitlin Severini, Alex Ulyett, Don Weisberg e, por último, mas certamente não menos importante, meu editor e amigo, o maravilhoso Ken Wright.

Agradeço a Tamara Glenny, Marjorie Ingall, Stephanie Perkins e Maggie Stiefvater por lerem as versões preliminares do texto em momentos cruciais e oferecerem opiniões valiosas, sensatas e detalhadas.

Agradeço às minhas amigas do grupo Brooklyn Lady Writer™, com as quais trabalho, bebo (geralmente café), faço planos e sonhos: Libba Bray, E. Lockhart e Robin Wasserman. Um alô também para Sandy London, embora ele não seja uma “lady”, e para Rainbow Rowell, Nova Ren Suma e Margaret Stohl, embora elas não estejam no Brooklyn.

Agradeço também a meus amigos não escritores que me ajudam a manter a sanidade: Ann Marie, Brian e Mary Clarke, Kathy Kline, Isabel Kyriacou e Cameron e Jackie Wilson.

Agradeço a Jonathan Steuer por me ajudar a soar minimamente entendida em assuntos de computador.

Agradeço a Justin Rice, Christian Rudder e Corin Tucker por me inspirarem primeiro com suas músicas e depois com sua generosidade.

Agradeço a Lauren Abramo, Deb Shapiro e Dana Spector por me deixarem trabalhar para um público-alvo mais amplo.

Agradeço a Tori Hill por ser uma criatura mágica da noite e que resolve tudo.

Agradeço à comunidade da literatura para jovens adultos como um todo: autores, bibliotecários e livreiros. Citando a grande Lorde: “We’re on each other’s team” (Estamos todos na mesma equipe).

Agradeço a Mike e Mary Gonzales por sua gentileza e generosidade.

Agradeço a Suzy Gonzales, que inspirou este livro. Quem me dera tê-la conhecido, e não a personagem que criei graças a ela. Os pais de Suzy me disseram que, quando viva, ela sempre tentava ajudar as pessoas. Talvez, mesmo agora, continue a fazer isso.

Agradeço a todas as mulheres e homens que lutaram contra a depressão, transtornos de humor, doenças mentais e o suicídio, mas que encontraram uma maneira de lidar com esses problemas e, melhor ainda, os superaram.

Agradeço a todas as mulheres e homens que lutaram contra a depressão, transtornos de humor, doenças mentais e o suicídio,

mas que não encontraram uma maneira de lidar com esses problemas e sucumbiram.

Agradeço à Fundação Americana para a Prevenção do Suicídio por fazer a balança pesar para o lado da superação e por nos ajudar a entender melhor essas doenças tão complexas.

Agradeço a meus pais, irmãos, cunhados e sobrinhos pelas mais variadas formas de apoio.

Agradeço a Willa e Denbele por sua bravura e amor.

Agradeço a Nick por estar aqui, do meu lado.

Sobre a autora

© Dennis Kleiman



Gayle Forman começou sua carreira entre as letras como jornalista, mas, aos 34 anos, ingressou no mundo dos livros. É autora dos best-sellers *Se eu ficar* e *Para onde ela foi*, além de outras obras de sucesso. *Eu estive aqui* já teve os direitos negociados para o cinema. Atualmente, Gayle mora no Brooklyn com o marido e as filhas.

gayleforman.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



A maldição do tigre
COLLEEN HOUCK

Paixão. Destino. Lealdade. Você arriscaria tudo para salvar seu grande amor?

Kelsey Hayes perdeu os pais recentemente e precisa arranjar um emprego para custear a faculdade. Contratada por um circo, ela é arrebatada pela principal atração: um lindo tigre branco.

Kelsey sente uma forte conexão com o misterioso animal de olhos azuis e, tocada por sua solidão, passa a maior parte do seu tempo livre ao lado dele.

O que a jovem órfã ainda não sabe é que seu tigre Ren é na verdade Alagan Dhiren Rajaram, um príncipe indiano que foi amaldiçoado por um mago há mais de 300 anos, e que ela pode ser a única pessoa capaz de ajudá-lo a quebrar esse feitiço.

Determinada a devolver a Ren sua humanidade, Kelsey embarca em uma perigosa jornada pela Índia, onde enfrenta forças sombrias, criaturas imortais e mundos místicos, tentando decifrar uma antiga profecia. Ao mesmo tempo, se apaixona perdidamente tanto pelo tigre quanto pelo homem.

A maldição do tigre é o primeiro volume de uma saga fantástica e épica, que apresenta mitos hindus, lugares exóticos e personagens sedutores. Lançado originalmente como e-book, o livro de estreia de Colleen Houck ficou sete semanas no primeiro lugar da lista de mais vendidos da Amazon, entrando depois na do *The New York Times*.



O resgate do tigre

COLLEEN HOUCK

Fé. Confiança. Desejo. Até onde você iria para libertar a pessoa amada?

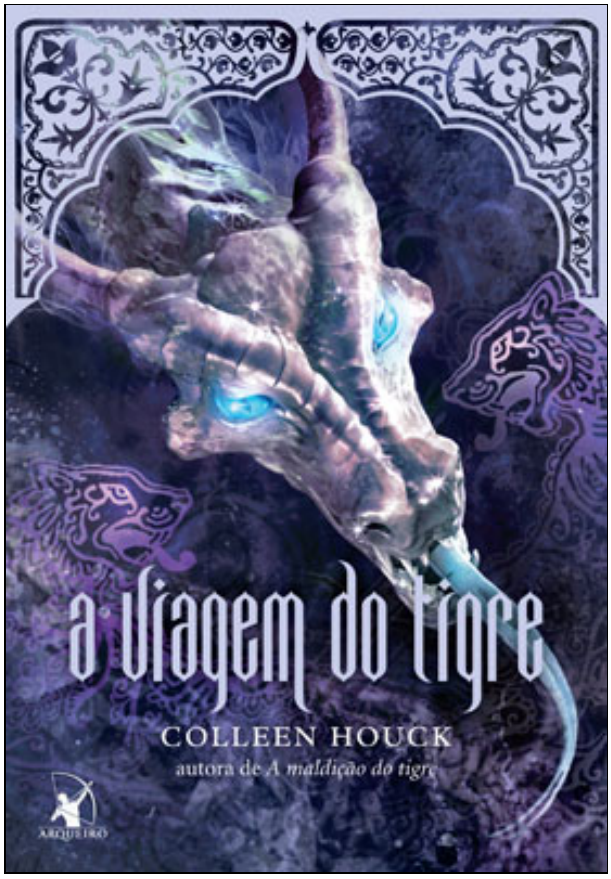
Kelsey Hayes nunca imaginou que seus 18 anos lhe reservassem experiências tão loucas.

Além de lutar contra macacos d'água imortais e se embrenhar pelas selvas indianas, ela se apaixonou por Ren, um príncipe indiano amaldiçoado que já viveu 300 anos.

Agora que ameaças terríveis obrigam Kelsey a encarar uma nova busca – dessa vez com Kishan, o irmão bad boy de Ren –, a dupla improvável começa a questionar seu destino. A vida de Ren está por um fio, assim como a verdade no coração de Kelsey.

Em *O resgate do tigre*, a aguardada sequência de *A maldição do tigre*, os três personagens dão mais um passo para quebrar a antiga profecia que os une. Com o dobro de ação, aventura e romance, este livro oferece a seus leitores uma experiência arrebatadora da primeira à última página.

A épica saga dos tigres já foi lançada em 18 países e ocupou os primeiros lugares na lista dos mais vendidos do *The New York Times*.



A viagem do tigre

Colleen Houck

Perigo. Desolação. Escolhas. A eternidade é tempo demais para esperar pelo verdadeiro amor?

Em sua terceira busca, a jovem Kelsey Hayes e seus tigres precisam vencer desafios incríveis propostos por cinco dragões míticos. O elemento comum é a água, e o cenário de mar aberto obriga Kelsey a enfrentar seus piores temores.

Dessa vez, sua missão é encontrar o Colar de Pérolas Negras de Durga e tentar libertar seu amado Ren tanto da maldição do tigre quanto de sua repentina amnésia. No entanto o irmão dele, Kishan, tem outros planos, e os dois competem por sua afeição, além de afastarem aqueles que planejam frustrar seus objetivos.

Em *A viagem do tigre*, terceiro volume da série *A maldição do tigre*, Kelsey, Ren e Kishan retomam a jornada em direção ao seu verdadeiro destino numa história com muito suspense, criaturas encantadas, corações partidos e ação de primeira.

A épica saga dos tigres já foi lançada em 18 países e ocupou os primeiros lugares na lista dos mais vendidos do *The New York Times*.



O destino do tigre

COLLEEN HOUCK

Honra. Sacrifício. Amor. Poderia o fim de tudo levar a um novo começo?

Kelsey, Ren e Kishan sobreviveram a três aventuras dramáticas e muitas provações. Mas, antes que possam partir na busca pelo último presente da deusa Durga, têm que enfrentar o feiticeiro Lokesh em seu próprio território.

O vilão sequestrou Kelsey e já detém o poder de três amuletos. Ela precisa escapar de suas garras para quebrar a maldição do tigre, libertando seus amados príncipes. Esse, porém, é apenas o início da história em que escolhas difíceis e decisivas devem ser feitas por todos.

O elemento principal agora é o fogo, e em meio a lava, demônios, animais fantásticos e zumbis, o trio enfrenta seu derradeiro desafio. O caminho é arriscado e cheio de reviravoltas potencialmente fatais. Só uma coisa é certa: ninguém pode fugir de seu destino.

A saga dos tigres chega ao auge. Nunca antes Kelsey, Ren e Kishan sofreram tanto, estiveram tão unidos e precisaram lutar contra inimigos com tamanho poder. Emocionante do início ao fim, *O destino do tigre* explica todos os mistérios que unem os personagens e promete surpreender os leitores.



Reconstruindo Amelia

KIMBERLY MCCREIGHT

Você conhece a pessoa que mais ama no mundo?

Kate Baron achava que sim até receber a devastadora notícia de que Amelia, sua filha de 15 anos, cometera suicídio pulando do telhado do colégio particular onde estudava. Poucos dias depois, entretanto, uma mensagem anônima em seu celular revela que a morte de sua filha talvez não tenha acontecido da maneira que as autoridades alegaram.

Amelia pode ter sido assassinada? Como advogada, Kate está determinada a descobrir a verdade e, para isso, mergulha no passado da filha, recolhendo cada fragmento de e-mail, cada linha dos textos do blog, cada atualização de status do Facebook.

Sempre um passo atrás da verdade, ela descobre um lado de Amelia que nunca imaginaria que existisse.

Este impressionante romance de estreia vai além de uma história sobre segredos e mentiras. Narra a busca de uma mãe tentando reunir cada detalhe possível para reivindicar a memória da filha que não pôde salvar.



O doador de memórias
Lois Lowry

Em *O doador de memórias*, a premiada autora Lois Lowry constrói um mundo aparentemente ideal onde não existem dor, desigualdade, guerra nem qualquer tipo de conflito. Por outro lado, também não há amor, desejo nem alegria genuína.

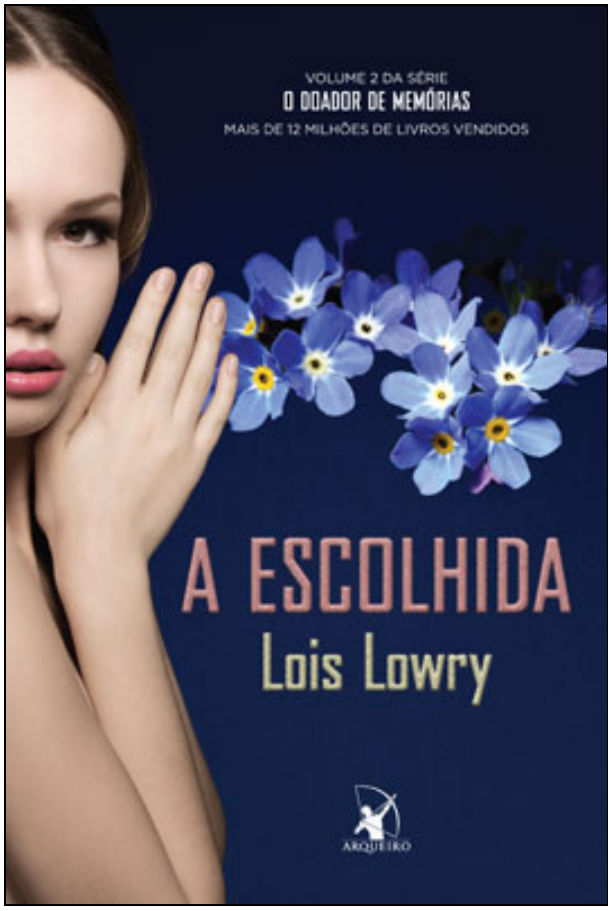
Os habitantes de uma pequena comunidade, satisfeitos com a vida ordenada, pacata e estável que levam, conhecem apenas o presente – o passado e todas as lembranças do antigo mundo lhes foram apagados da mente.

Um único indivíduo é encarregado de ser o guardião dessas memórias, com o objetivo de proteger o povo do sofrimento e, ao mesmo tempo, ter a sabedoria necessária para orientar os

dirigentes da sociedade em momentos difíceis.

Aos 12 anos, idade em que toda criança é designada à profissão que irá seguir, Jonas recebe a honra de se tornar o próximo guardião. Ele é avisado de que precisará passar por um treinamento difícil, que exigirá coragem, disciplina e muita força, mas não faz ideia de que seu mundo nunca mais será o mesmo.

Orientado pelo velho Doador, Jonas descobre pouco a pouco o universo extraordinário que lhe fora roubado. Como uma névoa que vai se dissipando, a terrível realidade por trás daquela utopia começa a se revelar.



A escolhida

Lois Lowry

Órfã e portadora de uma deficiência, Kira precisa enfrentar um futuro assustadoramente incerto. Vivendo em uma civilização que descarta os mais fracos, ela sofre hostilidade dos vizinhos, que a acusam de ser inútil para a comunidade.

Quando é chamada a julgamento pelo Conselho dos Guardiões, Kira se prepara para lutar pela vida. Mas, para sua surpresa, os autoritários chefes já têm outros planos e a encarregam de uma tarefa grandiosa: restaurar os bordados de uma túnica centenária que contam a história do mundo.

Escolhida por seu talento quase mágico para bordar, a jovem fica radiante com a honraria. Quando dá início ao minucioso serviço de

investigação do passado, ela depara com uma série de mistérios nas profundezas do universo que achava conhecer tão bem. Confrontada com uma verdade chocante, Kira precisará tomar decisões que mudarão sua vida e toda a comunidade.

Em *A escolhida*, Lois Lowry traz ao leitor personagens e cenários distintos de *O doador de memórias*, mas que complementam a sensacional distopia e abrem um novo horizonte de reflexão para a tetralogia.



A linguagem das flores
VANESSA DIFFENBAUGH

Um romance de estreia impressionante, comovente e brilhantemente escrito, *A linguagem das flores* mistura passado e presente, criando um retrato vívido de uma mulher inesquecível cujo talento com as flores a ajuda a mudar a vida das pessoas, enquanto luta para superar suas próprias lembranças turbulentas.

Na era vitoriana, as flores eram usadas para expressar emoções: madressilva para devoção, azaleias para paixão, rosas vermelhas para amor. Ainda criança, Victoria Jones aprendeu tudo sobre essa linguagem, mas sempre a usou para comunicar sentimentos como dor, desconfiança e solidão.

Depois de passar a infância em abrigos para menores

abandonados, Victoria não consegue se aproximar de ninguém e sua única conexão com o mundo é por meio das flores e de seus significados.

Agora com 18 anos, se vê sozinha e sem ter para onde ir. Ela dorme numa praça pública, onde cultiva um pequeno jardim particular. Quando uma florista local lhe oferece um emprego, Victoria descobre que tem o dom de ajudar as pessoas por meio das flores que escolhe para elas.

Mas só depois de conhecer um misterioso vendedor do mercado de flores ela entende o que falta em sua vida. E, ao perceber que está se apaixonando por ele, Victoria é obrigada a confrontar um doloroso segredo do passado e decidir se arrisca ou não dar uma segunda chance à felicidade.

A linguagem das flores é um romance emocionante sobre o significado das flores, da família e do amor.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, *Inverno do mundo* e *Eternidade por um fio*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada*, *Fique comigo* e *Seis anos depois*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, *O símbolo perdido*, *O código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma longa jornada, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento*, *À primeira vista* e *O resgate*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva*, *O salmão da dúvida* e *Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e *A nascente*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br
facebook.com/editora.arqueiro
twitter.com/editoraarqueiro
instagram.com/editoraarqueiro
skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32

33
34
35
36
37
38
39
40
41
Epílogo
Sobre a autora
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro